PÔSTER DEEP PURPLE E PRIMAL FEAR • ETERNAL IDOLS PAUL RAYMOND (UFO)

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ESPECIAL

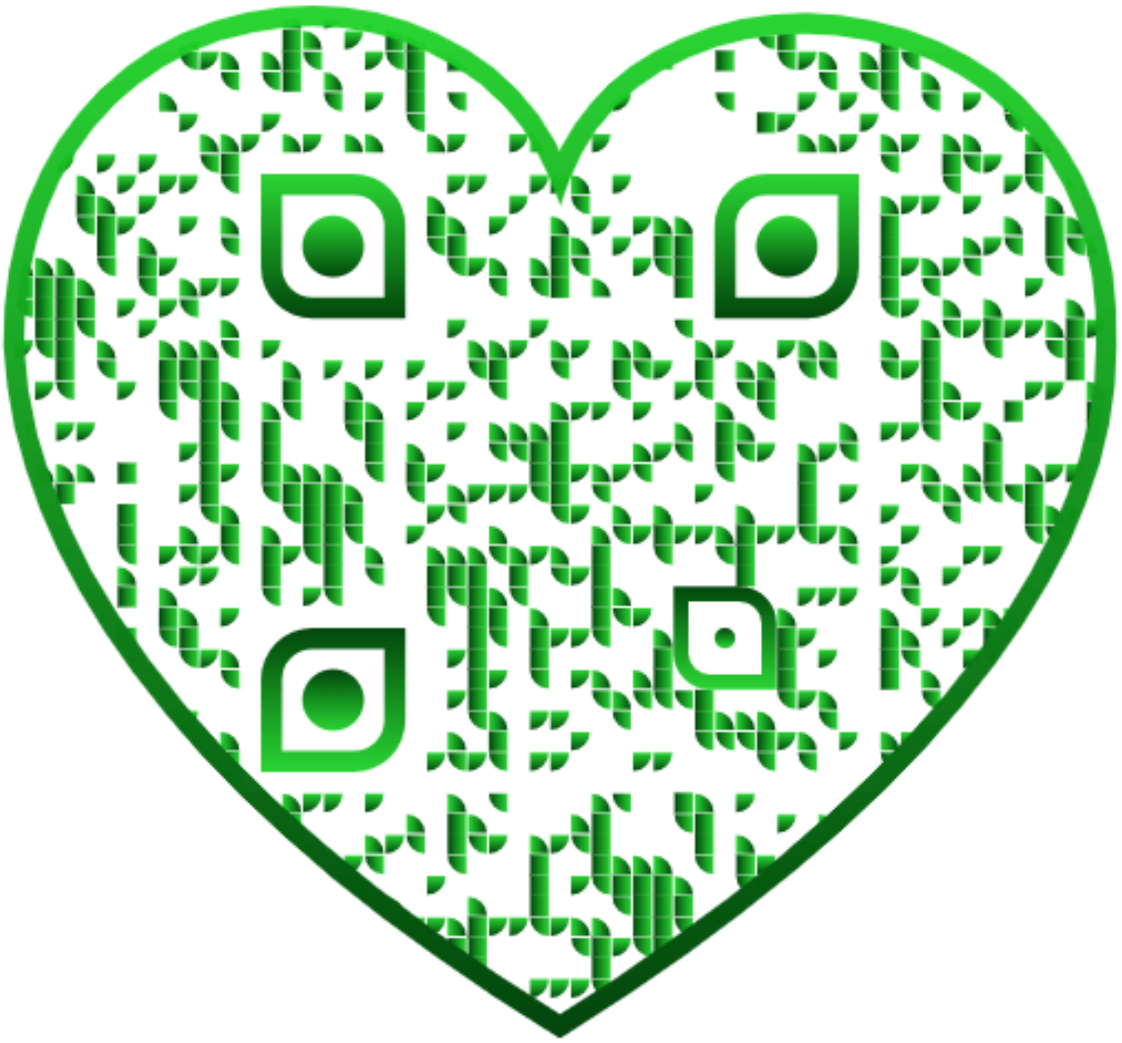
1989

89 DISCOS COMENTADOS

A CENA BRASILEIRA E OS ÁLBUNS MARCANTES DE SEPULTURA, RATOS DE PORÃO E VIPER

ENTREVISTAS

ATTOMICA • INGLORIUS • DORO • WHITERFALL • ALTITUDES & ATTITUDE • TYR



NASCE UM UM NOVO MOVIMENTO NO METAL NACIONAL

Agora o ESTÚDIO FUSÃO VM&T, também é o

SELO FUSÃO RECORDS

Confiram as bandas que já se uniram nessa cooperativa para fazer a diferença na cena.

Estamos mais do que felizes em receber a grata surpresa de que das 16 bandas que participaram da Roadie Collection vol.1, apresentando a mais nova cara do hard metal brasileiro. O Fusão é responsável por 7 produções e são elas:

NOTURNALL
@noturnall

ALÍRIO NETTO
@alirio_netto

BRADO
@officialbrado

MÁQUINA CANIBAL
@maquinacanibal

DAGOR SORHDEAM
@dagorsorhdeam

XAKOL
@xakol

VIOLET
@violet_brasil

E O SELO FUSÃO CONTA COM AS BANDAS:

AFTER BURN
@aburnmetal

ALPHA SIX
@alphasixmetal

ASHBÜRN
@ashburnbrazil

BLACK JACK ROMEO
@blackjack_slz

CASTELLICA
@castellica

DARKSHIP
@darkship_official

DOWN THE WOOD
@downthewood

DIE FOR A REASON
@dieforareason

DISLAZE
@dislaze

EFEITO CATARSE
fb.com/efeitocatarsebanda

ENDIGNA
@endigna

EVE DESIRE
@evedesireband

HAMMATHAZ
@hammathazofficial

HAUNTER
@banda.haunter

IGNITED
@ignited_official

IMORTAL JOE
@imortaljoe

KATHARSIIS
fb.com/katharsiis

KAVLA
fb.com/kavla.br

MEGAPHONIC'S
@megaphonicsofficial

PERFECT ELEMENT
@perfect.element.official

REVANGER
@revanger_rn

SEVENTH SIGN FROM HEAVEN
fb.com/seventhsignfromheave

UNTHOLD
fb.com/unthold

VOCIFER
@vocifer

WARBOAR
@bandawarboar

facebook.com/**estudiofusaovmt** instagram.com/**estudiofusao** spoti.fi/2lLkOoo facebook.com/**noturnalliband** instagram.com/**noturnall**

MAX AND IGGOR
RETURN BENEATH ARISE

SAVATAGE

HORZA

TOCANDO
TIES OF BLOOD
NA ÍNTEGRA

16-06-19
DOMINGO - SÃO PAULO

audio
Av. Francisco Matarazzo, 694
(Ao lado do Metrô Barra Funda) - www.AudioSp.com.br

VENDAS
ticket360
(11) 2027.0777
www.ticket360.com

UMA EXPERIÊNCIA
HONORSOUNDS

ÍNDICE

6 **CENÁRIO**

14 **ROADIE MAIL**

16 **ESPECIAL 1989: INTRODUÇÃO**

20 ESPECIAL 1989: 89 DISCOS COMENTADOS

56 ESPECIAL 1989: OUTROS LANÇAMENTOS DE PESO

58 ESPECIAL 1989: 10 DISCOS AO VIVO

62 ESPECIAL 1989: O CENÁRIO NACIONAL

66 ESPECIAL 1989: RATOS DE PORÃO | SEPULTURA

67 ESPECIAL 1989: VIPER

68 **ATTOMICA**

70 **RELEASES**

78 **DORO**

82 **ETERNAL IDOLS**
PAUL RAYMOND

84 **INGLORIOUS**

88 **WITHERFALL**

90 **ALTITUDES & ATTITUDE**

94 **TYR**

96 **COLUNISTAS**
IT'S ONLY ROCK'N'ROLL / BROTHERHOOD /
A LOOK AT METAL / CAMPO DE BATALHA

98 **PROFILE**
GIOVANI GOMES (TUATHA DE DANANN)

CARTA DO EDITOR

O PRIVILÉGIO DE VIVER UMA VIDA COM ROCK

Já se passaram mais de 60 anos desde que surgiu aquele que poderia ter sido simplesmente mais um gênero musical de existência efêmera, como tantos outros modismos que até hoje passam pela vida da gente sem deixar saudades. Mas com o rock 'n' roll, porém, a coisa sempre foi diferente. Com o passar do tempo foram incorporadas influências de outros estilos musicais, e até mesmo de outras formas de arte, que enriqueceram a experiência de se ouvir música.

O aspecto visual também desempenha papel importante nos espetáculos, com variações que vão desde os mais despojados até os mais extravagantes trajes e cenários. E tem um componente que se firmou como que um símbolo da imagem do rock: os cabelos longos. É uma pena que a natureza nem sempre colabora com a fartura de pelos na cabeça de alguns artistas, até porque muitos atingem uma idade bastante avançada em plena atividade, e vão perdendo os cabelos pelo caminho.

Uma coisa que não se perde nunca quando se tem afinidade com o rock em todas as suas vertentes é um sentimento de prazer carregado de emoção. E isso pode ser provocado por alguma música nova, recém lançada, ou por uma música que você ouve há décadas, mas que não sofre o desgaste do tempo. É impossível explicar com palavras o que passa pela cabeça e pelo coração nesses momentos. O que me levou a escrever este texto foi a realização de um sonho quando, recentemente, tive a oportunidade de assistir ao show de **Mark Farner** em São Paulo, na sua quarta turnê pelo Brasil. Eu simplesmente não me conformava de ter perdido todas as chances anteriores de ver o líder e um dos fundadores do grupo **Grand Funk Railroad** - um vocalista extraordinário, guitarrista, tecladista e compositor de uma das melhores bandas da geração de grupos que começaram a fazer rock realmente pesado. Senti na pele (e nos tímpanos) como se tivesse novamente meus 18 anos de idade..., mas nada de saudade, nem de sentir falta de alguma coisa perdida no tempo, nem de ninguém. Era apenas a paixão pela música. Só pensava em conseguir viver muitos anos mais pela frente, curtindo esse som ao lado dos meus netos.

No caminho de volta para casa ainda tive tempo para refletir sobre o quanto o rock tem sido importante para mim. Acompanhei todas as fases do desenvolvimento e expansão desse estilo musical que, curiosamente, durante algum tempo revelou para o mundo o aparecimento de grandes astros em ciclos que alternavam os nascidos na América com os nascidos na Europa. Assim pioneiros americanos dos anos 1950 como Chuck Berry, Elvis Présley, Buddy Holly, e outros, abriram espaço para a geração europeia do início dos anos 1960 com Beatles, Rolling Stones, Animals... Em seguida o pêndulo voltou para o lado oeste no final da década com Jimi Hendrix, Creedence Clearwater Revival, Grand Funk, Guess Who, etc., e, praticamente emendou com o início de carreira de ingleses como Black Sabbath, Deep Purple e Led Zeppelin, que avançaram pelos anos 1970. E o som ficava cada vez mais pesado. A partir dos anos 1980 é que o mundo todo foi dominado pelo rock de uma forma geral, e em especial pelo heavy metal. Conclusão: isso não vai acabar nunca!

AIRTON DINIZ

ROADIE CRUX EDITORA

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 244
MAIO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Amler e Vinicius Neves

COLABORU NESTA EDIÇÃO:
Alexandre Grunheidt, Alirio Netto, Amilcar Christófaro, Andreas Kisser, Aquiles Priester, Bento Mello, Chris Caffery, Edu Lane, Luis Mariutti, Marcus Siepen, Moyses Kolesne, Murillo Leite, Roger Lombardi, Silvio Lopes e Thiago Bianchi

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-0447
E-mail: redacao@roadiecrew.com

SITE: WWW.ROADIECREW.COM
FACEBOOK/TWITTER: ROADIECREWMAG

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

RÁDIO e TV CORSÁRIO
www.radiocorsario.com

KUNFU!

Apresentam

Direct from New York City...

Living Colour

Performing their Iconic album

vivid

+ Greatest hits

14/JUNHO/2019

Local: Tropical Butantã - São Paulo/SP

Av. Valdemar Ferreira 93 A 200m do Metrô Butantã

Abertura da casa: 20H - Show: 22H

Vendas: www.ticketbrasil.com.br e bilheteria do Tropical

TROPICAL Butantã

THE GOTHS: TRADICIONALISMO METÁLICO A TODA PROVA

Com um nome que traz à memória um dos povos que aterrorizaram o Império Romano no fim da Era Antiga, a banda campineira The Goths chegou arrasando o mundo metálico brasileiro com seu EP de estreia, *The Death*, lançado em 2016. Sempre com os irmãos Felipe (vocal e guitarra) e Lucas Disselli (bateria) à frente, o grupo atravessou quase uma década para ver o seu EP de estreia lançado, amargou um tempo de inatividade e voltou à ativa recentemente, para manter o legado e o bom nome conquistado. Confira nas palavras de Felipe Disselli as razões para apostar suas fichas e seguir os trabalhos.

Tradição e amor pelo metal marcam a música de Will Costa, Lucas Disselli, Felipe Disselli e Felipe Hervoso

O que os motivou a iniciar a banda, e como foi o processo de seleção para os membros do The Goths?

Felipe Disselli: Nós criamos a banda em 2004, e desde lá tivemos muitas modificações. A motivação inicial era apenas tocar rock'n'roll, mas depois começamos a nos apresentar com frequência, o que nos fez querer compor nosso próprio material. Deixamos as coisas fluírem de forma natural para que o som assim também o fosse. Os membros da banda não foram exatamente "escolhidos", nós sempre tivemos amigos e fomos fazendo amizades durante os anos na estrada, e um foi indicando outro até chegarmos onde estamos hoje.

Como historiador, tenho que perguntar: de onde vem o nome The Goths? É uma alusão aos povos germânicos, aos góticos, ou nenhuma das coisas? Como o nome representa a essência da banda?

Felipe: É, sim, um nome originado dos povos bárbaros germânicos. Eu vi o nome Goth em uma linha de guitarras e resolvi pesquisar. A relação com a essência da banda, acho que é mais pela falta de frescura ao fazermos nosso som. Nós sempre tentamos fazer no álbum o que se consegue fazer ao vivo. Somos exigentes nesse ponto, queremos que as pessoas nos ouçam nas apresentações e sintam o mesmo que sentem quando ouvem o álbum.

Muitas bandas iniciam pela simples vontade de tocar a música que amam, dos seus artistas favoritos. Sendo assim, como equilibram o desejo de lembrar a música dos velhos ídolos com o intuito de criar música própria, e não apenas versões de suas canções favoritas?

Felipe: Olha, é uma pergunta ótima. Acredito que tudo que jogamos nas nossas composições é uma maneira de homenagear os ídolos. Eu, particularmente, amo Iron Maiden e Metallica, mas também amo country rock e classic rock, e, na hora de compor, tento trazer coisas de dentro de mim que somam com esses estilos. Às vezes, a gente ainda se diverte fazendo cover de sons de bandas que gostamos em apresentações.

Aliás, ser uma banda autoral já era o intuito do The Goths desde o princípio? Como evoluíram as coisas, da vontade de criar música própria até a criação de um repertório real e pronto para ser registrado?

Felipe: Na verdade, essa vontade veio porque achamos que tínhamos potencial de compor e gravar algo bacana. Foi complicado, pois, no começo, não sabíamos por onde começar. No entanto, fomos fazendo as coisas devagar e resultado foi *The Death*.

Com o repertório pronto para gravar, como foi o processo de escolha do estúdio e profissional para gravação, mixagem e produção? Aliás, o que é mais difícil, criar a sua música ou fazer com que ela soe como você quer na hora de registrar?

Felipe: O processo de busca do estúdio foi por internet, ouvindo material que eles disponibilizam, então na época achamos que o Soul Mix era o que buscávamos. Sobre a parte de compor, acho o começo mais difícil, pois, não se sabe o que de fato vai sair, muito menos se pode imaginar um resultado final. Acho que o "start" da composição é mais complicado.

O primeiro registro de vocês veio há alguns poucos anos, *The Death*. A recepção foi calorosa, com muitas boas resenhas em vários veículos especializados. Obviamente vocês sabiam da qualidade do material, mas essa resposta chegou a impressionar vocês?

Felipe: Sim e muito, positivamente. É um choque e tanto você ser uma banda de garagem que lança um álbum simples e logo de cara ter uma recepção tão boa como tivemos, de fato foi um privilégio estar em todos esses veículos e sermos tão bem avaliados, ficamos honrados com isso.

***The Death* foi descrito como um registro sólido, pesado, intenso, entre outros adjetivos. Apesar disso, comenta-se que a banda deixou de existir por um período após este lançamento. Isto é verdade? O que de fato aconteceu após o lançamento de *The Death*?**

Felipe: Todos nós passamos por momentos difíceis na vida, e, infelizmente, isso fez com que eu desistisse por um tempo de tudo. Eu simplesmente não tinha razões para continuar o trabalho depois de tantas coisas que me aconteceram. Acredite, em certas horas não tem como separar pessoal do profissional, e as coisas simplesmente ficam turvas e sem rumo.

Uma das razões para o louvor que *The Death* recebeu é a mistura de riffs que lembram o metal tradicional, com vocais que às vezes beiram o thrash de bandas como Metallica e Testament. Quando escuta a sua música você também consegue identificar essas referências? Como se define a música criada pelo The Goths?

Felipe: Sim, de fato, identificamos essas referências, mas que saem naturalmente da gente. Eu definiria o som da The Goths como uma simples criação de pessoas que amam heavy metal simples e direto, algo para ouvir e curtir em qualquer lugar.

Vocês chegaram a comentar as letras de *Killing Your Fate* e *Kingdom Of Sorrow* antes, então, por favor, nos ofereça um olhar mais amplo sobre o mundo lírico do The Goths. De onde tiram o plano de fundo para suas letras, e quais são os principais temas abordados?

Felipe: Bom, gostamos de abordar temas específicos, então pesquisamos tudo o que podemos sobre o tema e começamos a escrever. No caso de *The Death*, as músicas vieram primeiro que as letras. A gente fez todas as partes das músicas e as letras foram encaixadas depois.

Com a banda novamente a todo vapor, e com os elogios ainda chegando para *The Death*, quais são os planos para o futuro? Teremos um novo álbum? O que podemos esperar dele, e quando ele deverá ser lançado?

Felipe: Sim, teremos um novo álbum! Estou compondo letras e trabalhando em riffs. Não temos nada concreto ainda, mas adianto que sempre estou usando um gravador no celular para registrar minhas ideias. Em breve vamos começar a maratona para ensaiar as antigas e dar andamento à criação, sem previsão para lançamento ainda, infelizmente. Aproveito o espaço para, em nome da The Goths, agradecer a oportunidade e desejar todo sucesso à ROADIE CREW e equipe. Muito obrigado!

Valtemir Amler

KIKO SHRED: TRABALHO E TALENTO

Não é qualquer um que pode ter "shred" como sobrenome. O guitarrista Kiko Shred pode. Lançando seu terceiro disco solo, intitulado *Royal Art*, ele mostra que técnica e velocidade podem servir para se fazer música agradável e de altíssima qualidade. Incluindo algumas faixas cantadas, o álbum traz o conhecido vocalista Mario Pastore, além da cozinha formada por Will Costa (baixo) e Lucas Tagliari (bateria) e da participação especial de Mike Vescera em uma faixa. Kiko falou com a ROADIE CREW sobre o novo disco e sobre seu trabalho acompanhando cantores internacionais em turnê pelo Brasil.

Kiko Shred: levando a arte de tocar guitarra a outro patamar

Seu álbum anterior, *The Stride*, saiu em 2017 e agora você já lança um novo trabalho. Todo mundo apostando na música digital e você continua fiel ao disco físico. Por que essa opção?

Kiko Shred: Para mim um disco só é lançado de verdade no formato físico. Sei que é até uma besteira nos dias de hoje, mas eu gosto de ter o CD físico, até mesmo para vender nos shows. E tem aquela coisa de curtir a arte da capa, o encarte, a ficha técnica, ou seja, é todo um conjunto. Pode-se dizer que a arte começa com capa, encarte, até chegar na música. Mas é claro que eu também vou disponibilizar no formato digital.

Os dois discos saíram muito perto um do outro. Não é algo contraproducente?

Kiko: No ano de lançamento do *The Stride* eu toquei bastante. Fiz uma tour com o Tim Owens pela América do Sul e vendi muitas cópias do meu disco. Em seguida, fiz minha primeira turnê solo no México, foram umas vinte apresentações entre clínicas e shows, e isso também ajudou muito a vender CD. Então, *The Stride* esgotou muito rápido.

***Royal Art* tem a participação do vocalista Mario Pastore em quatro músicas. Por que você o escolheu e como foi a participação dele?**

Kiko: Eu já conhecia o Pastore de nome, desde a época do projeto Hamlet (N.R.: projeto realizado pela Die Hard Records em 2002 e que reuniu diversos músicos do heavy metal brasileiro interpretando temas baseados na obra de William Shakespeare). Então, eu sabia que era um grande vocalista. No final de 2017, eu chamei o Pastore para um show que a gente fez na abertura da 'Rebirth of Shadows', do Edu Falaschi. E o público gostou muito! Então, eu o convidei para gravar meu CD. Ele teve uma participação fundamental, o resultado ficou incrível. É um dos melhores timbres que eu já escutei e tem um alcance impressionante. Fiquei muito satisfeito com o resultado.

O disco também tem a participação de Mike Vescera na faixa *Straight Ahead*. Vocês já trabalharam juntos antes, certo?

Kiko: Sim, eu trabalho para agência Open the Road, que fez várias turnês de vocalistas internacionais na América do Sul. Assim, toquei com Tim 'Ripper' Owens, Udo, Doogie White, Blaze Bayley e Mike Vescera, que eu acompanhei em 2016 no Brasil e em 2018 no México. A gente pegou bastante amizade, eu o convidei para cantar uma música e ele topou numa boa.

O disco teve produção dos irmãos Andria e Ivan Busic. Que tal trabalhar com eles?

Kiko: Pela primeira vez eu tive um trabalho de produtor mesmo, no sentido de orientação e participação no que eu estava gravando. Não foi um trabalho só de apertar o 'rec' e depois mixar. Principalmente o Andria, que ajudou desde as letras até alguns detalhes e truques de gravação. Isso fez toda a diferença e eu fiquei muito satisfeito com o resultado.

Qual a razão do título *Royal Art*?

Kiko: Esse foi um paralelo que eu fiz entre a música como arte e a alquimia, que é conhecida como a arte real. Eu abordo isso algumas faixas, como *Alchemy's Fire*, *Merlin's Magic* e até *Mortal*, que fala da morte em si e sobre como tudo é passageiro na vida. Então, o disco tem uma temática mais relacionada ao oculto e à espiritualidade.

Queria que você falasse um pouco sobre o significado da arte da capa, que ficou bem legal.

Kiko: Ela foi feita pelo Tristan Greatrex, que já trabalhou com Vinnie Moore, Mike Vescera e fez as sete últimas capas do UFO. E o interessante é que quando eu lancei o clipe da música *I Will Cast No More (Pearls Before the Swine)* recebi uma mensagem dele dizendo que queria fazer a capa. Então, selecionei uma série de imagens relacionadas com esoterismo e espiritualidade e mandei para ele. Disse pra ele criar do jeito que quisesse. Quando eu recebi o resultado fiquei até surpreso, ficou excelente.

***Royal Art* saiu pela Heavy Metal Rock, tradicional loja e selo do interior de São Paulo (N.R.: tanto a HMR como Kiko são da cidade de Americana). Como se deu esse contato?**

Kiko: Eu conheço a Heavy Metal Rock há quase trinta anos, foi lá que eu comprei meus primeiros discos, antes de começar a tocar guitarra. Eu frequento lá desde criança e a loja teve uma influência fortíssima na minha trajetória como músico, na minha escolha pelo heavy metal e pelo hard rock. E a gente já conversava sobre essa possibilidade de lançar o disco pela Heavy Metal Rock há algum tempo. Então, eu procurei fazer uma produção mais elaborada com os Busic, mostrei o resultado para o Wilton (N.R.: proprietário da HMR), ele gostou bastante e resolveu lançar o disco.

Você ainda mantém uma rotina diária de estudos?

Kiko: Toco todo dia! Eu comecei muito novo, tinha entre 9 e 10 anos, então minha motivação não era ficar famoso ou ganhar dinheiro, era porque eu gostava do som da guitarra. A molecada ia jogar bola e eu ia tocar guitarra. Essa era a minha diversão – e é até hoje (risos). Então, o meu horário livre eu toco guitarra, além de ser minha profissão, é minha terapia. Eu adoro tocar guitarra. Quando estou bem sossegado toco uma quatro ou cinco horas direto.

Agora, com o disco lançado, quais seus planos imediatos?

Kiko: Estou negociando com uma gravadora americana para lançar o disco na Europa, na Ásia e nos EUA. Esse é meu principal objetivo no momento, preciso fazer minha música chegar em outros continentes. E pretendo fazer um lyric video de *Alchemy's Fire* justamente para divulgar esse lançamento internacional.

Antonio Carlos Monteiro

CORRAM PARA AS COLINAS: STONER ROCK TURBINADO

Engrossando o sempre louvado cenário paranaense do rock/metal, o Corram Para As Colinas foca em guitarras pesadas e sujas, linhas instrumentais agressivas e andamentos simples e diretos, itens mais do que salutares para aqueles que apreciam o bom e velho stoner rock. Márcio D'avila (vocal e guitarra), Gustavo Slomp (baixo e vocal) e André Wlodarczyk (bateria) ainda mostram em seu EP de estreia, *Desalmado (Do Boquera Até o Largo)*, uma música repleta de referências ao rock clássico, passando pelo metal tradicional e thrash, e até algumas linhas do groove metal típico dos anos 90. Enquanto eles preparam um novo registro, confira o que a banda nos contou sobre sua jornada até aqui.

Stoner rock é a base, mas não a única aposta da música de André Wlodarczyk, Gustavo Slomp e Márcio D'avila

O Corram Para As Colinas surgiu da união de integrantes de bandas conhecidas na cena rock paranaense. O que os motivou a iniciar uma nova banda do zero, em vez de focar ainda mais nas bandas que já estavam dando resultado?

Márcio D'avila: A ideia foi justamente poder ter um novo trabalho que nos permitisse trabalhar sonoridades novas, que não estivessem presentes nos trabalhos anteriores. Por mais que algumas influências estejam presentes, no CPC a gente pode dar vazão a experimentar coisas com mais liberdade.

Musicalmente, o que o Corram Para As Colinas tinha para oferecer que vocês não encontravam nas bandas anteriores? Aliás, como encaram isso, a banda nasceu mais como uma necessidade criativa, ou como desafogo para material que foi nascendo com o passar do tempo?

Márcio: Musicalmente é mais pesado, essa é a grande diferença. Além de ser mais direto ao ponto, digamos, sem preocupações de estar soando como isso ou aquilo. É um trabalho que nos proporciona criar música sem comprometimento direto com algo que não nos agrade. Acho que isso vem muito da maturidade de termos passado por outros trabalhos e, enfim, termos conseguido a medida daquilo que sempre desejamos fazer. Então, neste sentido, o CPC está bem mais para suprir esta necessidade criativa.

Dito isto, como perceberam que a formação estava no ponto ideal para o seu som com o trio André, Marcio e Gustavo? Chegaram a pensar em um formato que não fosse o power trio? Por falar nisso, quais são as vantagens de trabalhar neste formato?

Márcio: A questão do trio também se deu de forma natural. Eu e o André já avinhamos tocando juntos em outras duas bandas, desde 1994. Os projetos chegaram ao fim, mas nossa vontade de tocar juntos não! Nisso, o Márcio, que sempre tocou baixo em outras bandas, topou fazer guitarra com a gente, e, de cara, já percebemos uma grande afinidade musical. Por estarmos muito bem entrosados nesta formação, ficou difícil pensar em algum integrante a mais. Fora algumas vantagens de sermos um trio, são menos cabeças para opinar, as votações nunca dão empate e também acaba sendo mais enxuto para produzir.

Por que optaram por criar suas letras em português? É mais uma questão estética ou tem a ver com a vontade de facilitar a compreensão das letras?

Márcio: É mais pela compreensão das letras, mas também pela questão de estarmos mais à vontade compondo em português. A questão estética no inglês é bem interessante e, por vezes, parece até ser mais fácil encaixar melodias e tal, mas por enquanto seguimos compondo em português mesmo.

O EP *Desalmado (Do Boquera Até o Largo)* foi lançado em 2016 e mostrou uma banda experimentada, com um som firme e direto, que insere o Brasil no stoner e do desert rock, que marcou época em nomes como Kyuss, Karma To Burn, Melvins, Nebula e outros grandes destes gêneros. Essas bandas são uma referência sonora para vocês?

Quais são suas principais referências musicais e como trabalharam para criar sua identidade sonora própria a partir delas?

Márcio: Com certeza estes nomes são uma forte influência, mas a gente curte muita coisa dos anos 90, como Pantera, Faith no More e Helmet, além de coisas 'novas' que também nos fazem a cabeça, como Mastodon, Whores, Russian Circles, etc.

Existiu uma razão especial para incluírem *Rival* e *Porco Vesgo* no EP de estreia?

Márcio: Optamos pelo fato de que estas duas músicas sairam como singles, sem um lançamento mais consistente e são músicas que gostamos bastante. Então, aproveitamos para incluí-las como faixas bônus no nosso primeiro EP.

A música *Dilúvio* recebeu um vídeo bem interessante. Existe um motivo especial para terem escolhido essa música? Existem planos para outros vídeos desse primeiro EP?

Márcio: É uma das músicas que a gente mais gosta do nosso repertório e, inclusive, é a faixa que abre o EP. Tentamos fazer o clipe dela para o primeiro, para ser a música de trabalho, mas diversos fatores internos acabaram impossibilitando isso. Então, acabou sendo o clipe que fecha o ciclo deste nosso EP, pois tivemos esta oportunidade de realizá-lo. Não pensamos duas vezes em fazer!

Como está o processo de criação para o próximo registro de vocês? Já existe uma definição de formato (EP, full-length) e uma data de lançamento?

Márcio: Estamos finalizando as composições e trabalhando pela primeira vez com um produtor – André Nisgoski, do Macumbazilla. A ideia é lançar um full, mas como todo o processo é lento, também vamos lançar alguns singles e clipes ao longo da produção.

Para aqueles que estão lendo esta entrevista e ainda não conhecem o som de vocês, o que diriam que vão encontrar em *Desalmado (Do Boquera Até o Largo)* e no seu sucessor?

Márcio: *Desalmado* traz as nossas primeiras composições, ao longo de praticamente três anos, então, no próprio EP, é possível observar algumas evoluções e uma certa diversidade de estilos nas músicas, mas sem perder a unidade que caracteriza nosso som. O próximo trabalho pretende ser mais coeso e maduro em termos musicais e, com certeza, terá um grande avanço na produção, mas sem deixar de lado nossa essência, peso e letras.

Valtemir Amler

BARONESS

GOLD & GREY TOUR 2019

23/06 SÃO PAULO, Brasil @ Fabrique Club

www.LIBERATIONMC.com

LIBERATION

TURBONEGRO

15/09 SÃO PAULO, BRASIL @ CARIOCA CLUB
17/09 RIO DE JANEIRO, BRASIL @ TEATRO ODISSEIA

LIBERATION

www.LIBERATIONMC.com

ENDUST: O LADO MAIS THRASH DE LEANDRO CAÇOILO

Conhecido e reconhecido na década passada pelos trabalhos com Eterna e SoulSpell, Leandro Caçoilo ostenta atualmente o posto de vocalista de bandas como Viper, Caravellus, Seventh Seal e Hardshine. Em meio a tantos projetos, ele ainda encontrou tempo para uma nova empreitada. Ao unir forças com o guitarrista e baixista Glauco Rezende e o baterista Fernando Arouche, ambos de Jundiaí (SP), surgiu o primeiro rebento do Endust, *All Ends in Dust*, lançado em março deste ano e calcado numa mistura de prog e thrash metal, com elementos do heavy e death melódico. Em conversa com a ROADIE CREW, Caçoilo fala a respeito deste novo disco, revisita sua história de mais de duas décadas dedicadas ao metal e revela seus próximos passos, além de manifestar o anseio em gravar um álbum com o Viper.

Leandro Caçoilo, workaholic e figura itinerante dentro do metal nacional

FOTO: ESTÚDIO VINDOUR

Você já conhecia o Glauco Rezende (guitarra e baixo) e o Fernando Arouche (bateria) bem antes do processo de gravação de *All Ends in Dust*? Como se deu o convite para você se juntar a eles em 2015? E, a partir daí, como foi o período de produção do álbum?

Leandro Caçoilo: Tudo começou quando gravamos um single (referindo-se à música *Only One Will Stand*), numa época em que a banda ainda se chamava Endigma. Glauco me enviou a música, e eu gostei bastante da proposta. Depois de um tempo, ele entrou em contato novamente, perguntando se eu teria interesse em gravar um disco. E eu falei: 'vamos lá, vamos trabalhar'. Começamos então todo o processo de pré-produção, juntamente com a produção. Isso porque a gente fazia a pré-produção de uma música, e depois de uma semana já gravávamos a música em seu estágio final. Toda a comunicação era feita por Skype. Na verdade, eu só fui conhecer pessoalmente o Glauco e o Fernando tempos depois. Conheci Glauco em 2016, e Fernando há mais ou menos um mês (N.R.: a entrevista foi concedida em abril). Eles são de Jundiaí (SP). Achei que a proposta tinha um diferencial e ia agregar aos meus trabalhos. O disco tem uma veia mais thrash, mais prog, naquilo que chamo de um progressivo thrash.

Pode-se dizer que é o trabalho mais pesado da sua carreira?

Caçoilo: Com certeza é o mais pesado. Nesse sentido, talvez o trabalho mais próximo seja o desenvolvido no Seventh Seal. Só que no Seventh Seal há uma veia um pouco mais power, umas intervenções mais progressivas. Já este do Endust é mais direto e mais pesado. *All Ends in Dust* é orientado pela guitarra, ela fica em primeiro plano, e as melodias dos refrãos fazem bem o contraponto.

Quando ouvi o disco, imaginei que ele poderia agradar a fãs de Dream Theater, Nevermore e até de Arch Enemy, exatamente por conta da versatilidade do som da banda. Você também crê que seja possível que o álbum atinja fãs de progressivo, thrash e até death melódico, por exemplo?

Caçoilo: O mais importante é o disco chegar até as pessoas. Hoje em dia está cada vez mais difícil disso ocorrer, diante de tantos lançamentos que vêm surgindo. Não queremos que o disco passe despercebido. Esse trabalho merece uma atenção diferenciada, porque é um disco muito bacana. Não é um disco fácil de ser assimilado logo de cara, é preciso ouvir com calma, sem preconceitos, pois abrange vários estilos. Se a pessoa não gosta tanto de metalzão pesado, pode ir direto na *Beyond the Memories*, que traz uma voz mais limpa, passeia por diversos estilos e é mais progressiva. E se uma pessoa curtir algo mais 'thrashão', vai adorar a *Face the Fight*. É preciso algumas audições para entender o estilo da banda e captar a mensagem musical que queremos passar.

Você acredita que este disco abre possibilidades para outros projetos, inclusive para um próximo disco do Endust?

Caçoilo: Sim, a ideia é de trabalhar em um segundo disco, começar novas composições. Também queremos fazer apresentações ao vivo. Nunca tocamos juntos, e é importante mostrar esse material para o máximo de público possível. No geral, o Endust tem uma grande potência. Todo mundo da banda é muito experiente. Mesmo que este seja o primeiro disco deles (Glauco e Fernando), os dois já tocaram em várias bandas. Só não havia chegado ainda a hora de lançarem um disco. E eu trabalho com música há muito tempo. Vai ser bem fácil ensaiarmos juntos.

Há 20 anos, você deixava o Sacred Sinner e era indicado para um teste no Eterna. Como foi aquele período para você e como foi entrar para o Eterna, que se tornou um nome importante dentro do metal nacional?

Caçoilo: Obrigado pelas palavras. Fiquei muito triste em deixar o Sacred Sinner, estávamos compondo músicas para um segundo disco. Porém, estar em duas bandas naquela época tornou-se algo impossível. Quando entrei no Eterna, mergulhamos no processo de gravação do disco *The Gate* (terceiro álbum do Eterna, o primeiro contando com Caçoilo, lançado em 2001). Naquele momento, então, eu não teria tempo para o Sacred Sinner, o que foi uma pena, porque era uma banda excelente e que acabou depois de um tempo. No Eterna, foi um período muito legal. Quem me indicou à banda foi o Richard Navarro, o organizador do BMU (festival Brasil Metal Union). A partir disso fiz um teste, assim como outras pessoas, e acabei efetivado. Entrei em meio à turnê do *Papyrus* (1999), segundo disco da banda, que é maravilhoso e abriu muitas portas para o Eterna. Tenho muito que agradecer à banda, onde estive por dez anos.

Você também realizou muitos trabalhos com outras bandas e outros projetos até culminar na entrada para o Viper. O que significa integrar esta que é uma das grandes bandas da história do metal nacional?

Caçoilo: Cara, foi um processo incrível estar no Viper. Fui convidado pelo Felipe (Machado, guitarrista) para substituir o Andre (Matos, vocalista) num show de 2017. Peguei uma bucha, tive que tirar 22 músicas em menos de mês. Fui com a cara e a coragem para fazer o show. Três meses depois me efetivaram. Sempre fui fã da banda e substituir o Andre, um grande ícone musical do nosso estilo, é um grande peso, mas algo que encaro com muita alegria e responsabilidade. Vamos ver se um dia lançamos um disco comigo cantando com a banda. Acho que o Viper merece isso, os fãs merecem isso, e eu também mereço isso (risos).

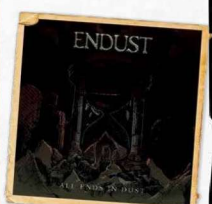
Poderia nos dizer em que pé está seu projeto solo? Você soltou um tira-gosto para os fãs com a música *Reason to Live* em dezembro do ano passado. Qual a previsão de lançamento do disco completo?

Caçoilo: Acho que deve ficar para o ano que vem. Temos músicas em pré-produção, estou trabalhando-as com o Val Santos, que foi guitarrista e baterista do Viper. A ideia é que seja um disco de amigos, em que cada música terá uma participação especial. Vai ser um disco comunitário com amigos e pessoas que me influenciaram, feito com bastante calma. Dependo dos amigos para gravar. Vamos ver como vai nascer esse primeiro disco do Caçoilo (risos).

Você também tem vários projetos em andamento com outras bandas. Qual a receita para administrar tanta coisa?

Caçoilo: Musicalmente estou muito feliz. Os últimos anos vêm sendo excelentes, estou produzindo coisas diferentes e bacanas. Com o Caravellus, estamos começando a gravar um novo disco. O instrumental, inclusive, já está sendo gravado. Devo registrar as vozes em breve. Será um disco conceitual, que a galera deve curtir bastante. Terá uma veia mais progressiva que o Endust. Estamos trabalhando para fazer um disco que entre para a história do metal nacional. Quando você faz a coisa com amor, nada é cansativo. Tenho um pique do caramba, e enquanto essa energia estiver comigo vou estar produzindo e trabalhando.

Thiago Prata



VERTHEBRAL: O VERDADEIRO DEATH METAL SUL-AMERICANO

Poucos gêneros musicais combinam tão perfeitamente com a vida na América do Sul quanto os mais extremos. Se os primeiros passos foram dados na Inglaterra e nos EUA, não demorou para que brasileiros, colombianos (Reencarnación), peruanos (Mortem) e tantos outros impusessem uma cara ainda mais extrema ao metal, fortemente marcada pelas agruras de quem vivia sob situações que, às vezes, beiravam uma distopia da vida real. E a tradição do metal extremo sulamericano está longe de ser abalada, que nos diga o paraguaio Verthebral. Pesado, extremo e fortemente agarrado às bases mais sólidas e tradicionais do estilo, o guitarrista Daniel Larroza conversou conosco, falou sobre a jornada da sua banda e adiantou algumas boas notícias.

Alberto Flores, Gabriel Galeano, Daniel Larroza e Christian Rojas, mantendo a essência do death metal sul-americano

No Brasil, o Paraguai é mais conhecido pelas suas bandas de black metal do que pelas bandas de death metal. Sendo assim, vale a pergunta: como é a cena paraguaia do death metal?

Daniel Larroza: O Paraguai tem muitas bandas de death metal, porém o estilo mais popular aqui é o thrash, e as bandas de black metal estão em igual proporção com o nosso estilo. As primeiras bandas foram o Funeral e o Slow Agony, também tinha o Desincarnated que fazia uma fusão de death metal e grindcore, sendo uma das primeiras bandas sul-americanas de deathgrind. Todas elas surgiram no início dos anos 90. A cena paraguaia é bem underground, as bandas gravam demos ou EPs, algumas conseguem lançar full-lengths, outras acabam prematuramente, tudo é feito com muito esforço e sem muito apoio para divulgar.

Como nasceu o Verthebral? Quer dizer, como reuniram a formação, e como definiram a sonoridade que buscaram trabalhar?

Daniel: O Verthebral nasceu em Ciudad del Este, mais ou menos em junho de 2013, e veio de uma vontade minha de fazer um som extremo que resgatasse o espírito do death metal 'old school'. Procurei as pessoas indicadas para essa empreitada, sofremos algumas mudanças de formação no caminho, mas aqui estamos atualmente com Christian Rojas (vocal e baixo), Daniel Larroza e Alberto Flores (guitarras) e Denis Viveros (bateria). Estamos gravando o segundo álbum, influenciado pelas clássicas bandas dos anos 90, como Deicide, Grave, Benediction, Morbid Angel, Sinister e Monstrosity.

Manter essa sonoridade é uma prioridade de vocês, certo?

Daniel: A ideia principal sempre foi fazer do Verthebral uma banda com a sonoridade clássica do estilo. Não há a menor chance de tentar soar moderno ou atual, simplesmente porque sabemos muito bem onde aponta nossa bússola. Nos sentimos confortáveis com a nossa proposta musical, crescemos ouvindo as bandas da Flórida, européias e também as sul-americanas desse mesmo período. Não está nos planos mudar a sonoridade, nem buscar experimentar com outros estilos. Não somos modistas, não seguimos tendências e acho que estamos satisfeitos no nosso próprio lugar.

O Verthebral estreou oficialmente em 2015 com *Adultery of Soul*. Por que optaram por lançar antes um EP e não um álbum completo?

Daniel: Bom, como toda banda iniciante fomos construindo nossa própria sonoridade. Começamos tocando covers de bandas que gostávamos e depois fomos criando nossas próprias músicas. Para nós, estava claro que o correto seria lançar uma demo e depois um álbum, como a maioria das bandas faziam antigamente, só que fomos trabalhando melhor todos os detalhes. Apesar de ser um tanto cru, o material é consistente e tem uma produção caprichada. Dá para ouvir perfeitamente todos os instrumentos, apresentamos uma arte legal para a capa, tivemos um cuidado especial com a forma de mostrar o material. Então, já não era tão apropriado colocar o título de demo, pois ficou melhor do que esperávamos. Assim, decidimos lançar *Adultery Of Soul* como um EP, totalmente independente. Não foi fácil no começo, pois não temos veículos e mídias especializadas em metal extremo no Paraguai. A divulgação foi na raça mesmo, e nós mesmos fizemos a distribuição, mandamos cópias para o mundo todo.

Então vocês conseguiram atingir os resultados que esperavam com *Adultery of Soul*?

Daniel: A resposta no geral foi muito positiva e superou as nossas expectativas. No início, não imaginávamos que teria esse impacto que teve, pois ainda éramos uma banda muito nova. A princípio, o EP não foi direcionado ao mercado exterior, mas teve uma boa repercussão na América do Sul e em alguns países da Europa. As músicas foram tocadas em várias rádios especializadas, apareceu em vários zines espalhados pelo mundo, saiu até uma entrevista exclusiva para o zine Diovim da Lituânia. Tudo isso serviu para consolidar o nome da banda e dar o passo seguinte, que era lançar o primeiro álbum.

E assim chegou *Regeneration*.

Daniel: Logo após alguns shows que serviram para divulgar *Adultery of Soul*, sentimos que era prioridade compor novas músicas. Então, o processo iniciou nos primeiros meses de 2016, e em menos de um ano finalizamos todas as músicas que fariam parte de *Regeneration*. O propósito da banda é criar músicas pesadas com mensagens fortes. Nesse sentido, as letras são bem pessoais, e todas têm esse lado mais obscuro e indiferente. Não queremos mudar a forma de pensar de ninguém, apenas expressar o nosso ponto de vista sobre determinados temas como religião, agnosticismo, morte, guerra e comportamento humano.

Como conseguiram o contrato com a Satanath Records, e o que isso representou para o Verthebral?

Daniel: O contato com o Aleksey Korolyov, da Satanath Records, já vinha desde a época do lançamento do EP. Nós mandamos uma cópia e, alguns meses, depois recebi um e-mail dele perguntando se tínhamos material novo para algum futuro álbum. Eu respondi que sim e foi tudo rápido, ele já mandou o contrato e em menos de seis meses o álbum já foi lançado na Europa. Isso foi muito importante pra nós, pois foi o pontapé inicial para uma série de relançamentos por diversos selos. Alguns ainda estão por vir. Nós conseguimos lançar na América do Sul através do Filipe, do selo brasileiro Tales From The Pit, de Belo Horizonte/MG. Ele entrou em contato com outros selos do Brasil e fizeram o lançamento de forma conjunta, resultando numa boa distribuição e divulgação. O CD *Regeneration* da versão brasileira ainda traz como bônus o EP *Adultery of Soul*, numa nova versão totalmente remasterizada.

Quais são os planos para novos registros? O que os fãs de death metal podem esperar do Verthebral no futuro?

Daniel: No momento estamos gravando o segundo álbum. São dez músicas do mais puro death metal do jeito que gostamos! A ideia é lançar o segundo álbum no final de 2019. Já temos um título, mas ainda não divulgamos, a arte de capa está sendo feita novamente pelo mestre Marcos Miller. Iremos anunciar futuramente mais detalhes, como data de lançamento ou selos responsáveis pelo lançamento.

Valtemir Amler

EXYLLE: THRASH/DEATH NACIONAL REINVENTADO

Os anos de experiência não são muitos, afinal, o Exylle nasceu apenas em 2014 e começou a desfrutar de uma cara mais séria e profissional em 2015. Apesar do pouco tempo na estrada, a banda já conta com um aclamado EP lançado e se prepara para o lançamento de seu primeiro álbum completo, que deverá chegar ainda em 2019. Para nos contar sobre o presente, passado e futuro do grupo, conversamos com o guitarrista Kevin Vieira, que, ao lado de Johnny Bordignon (guitarra), Victor Hugo (vocal e baixo) e Alex Rodrigues (bateria), levam adiante mais um ótimo nome da cena paranaense.

O Exylle surgiu em 2014, na tradicional cena curitibana de metal. Como é a cena para as bandas que estão iniciando seus trabalhos? Existem boas casas que abrem as portas para o som autoral, com presença de público?

Kevin Vieira: Na época em que começamos a tocar, Curitiba estava passando por uma carência grande de casas de shows. Isso acaba desencorajando as bandas e, como resultado, afetando o público. Essa dificuldade afetou o Exylle. Tivemos de lutar para ganhar nosso espaço entre várias ótimas bandas que já eram reconhecidas e estavam fazendo trabalhos, no mínimo, expressivos. Foi um trabalho árduo, mas moldou nossa forma de compor e tocar.

Na biografia de vocês está escrito que em 2015 a banda de fato se estabeleceu no underground. Vocês poderiam nos dizer quais foram os fatos que proporcionaram este ganho de terreno em 2015?

Kevin: Em 2015, a banda já estava estruturada, com várias composições próprias e rumo ao estúdio para gravar o primeiro EP. Todos esses fatores foram essenciais para a banda se firmar na cena curitibana.

Desde o princípio, o Exylle apostou sua sonoridade no death/thrash metal, uma mistura que parece profundamente enraizada no cenário brasileiro da música pesada. Tentar se destacar em um mundo de gigantes e lendas pode ser desafiador, pois o padrão comparativo pode ser muito alto. Apesar disso, o que faz valer a pena encarar o desafio?

Kevin: Desde o começo nunca foram impostas barreiras nas composições. Então, a atual sonoridade foi desenvolvida de acordo com nossos gostos pessoais e formas de tocar. Nosso maior foco é fazer músicas que gostaríamos de ouvir.

Já que falamos nessa mistura de gêneros, quais foram as primeiras referências sonoras do Exylle? Como trabalharam para manter as referências ao mesmo tempo que buscavam sua própria sonoridade?

Kevin: Nossas primeiras influências como banda foram grandes nomes como Death, Hypocrisy, Obituary, Sepultura, Exhorder e Dark Angel. Com o tempo, acabamos incorporando alguns elementos do hardcore e vertentes. Porém, como disse antes, nunca colocamos barreiras, nem nos prendemos a subgêneros quando estamos compondo.

O que podem nos contar sobre o EP *Dead When Born by the Church*, que marcou a estreia oficial do Exylle em estúdio? Como foi essa primeira experiência e que resultados o EP trouxe para vocês?

Kevin: A gravação desse EP foi uma experiência marcante para nós. Apesar de não ser nossa primeira experiência em estúdio, foi a primeira vez que nos sentimos a vontade para gravar e tentar achar nosso som. Dentro deste trabalho estão as músicas que se tornaram bases para o que viria a ser o som do Exylle. Após o lançamento do EP conquistamos um espaço maior em Curitiba, além de ótimas oportunidades para apresentações dentro e fora da cidade.

O single *Burn Your Leaders* manteve os principais elementos da música do Exylle, mas parece ter acrescido algo de metal tradicional ao caldeirão sonoro.

Kevin Vieira, Victor Hugo, Johnny Bordignon e Alex Rodrigues apostam no tradicional thrash/death, mas não impõem limites à sua música

Essa impressão está correta? Você diria que a sonoridade do Exylle não é um projeto pronto, no sentido de que pode se transformar com o passar do tempo? Como encaram essa questão de fidelidade às raízes e inovação, o que ajuda e o que prejudica na hora de compor novas canções?

Kevin: Após o EP, continuamos em constante transformação e em processo de composição, acabamos nos encontrando pela primeira vez em *Burn Your Leaders*. Depois dessa música acabamos nos desenvolvendo melhor e transitando entre os estilos, mas sem perder a identidade da banda.

O que podem nos contar sobre o aspecto lírico do Exylle? Aliás, falando nisso, vocês poderiam comentar a letra de *Immortal Dies* e de *Dead When Born By The Church*?

Kevin: Na questão lírica, trazemos uma visão romantizada e até filosófica do mundo caótico que vivemos, situações absurdas, acontecimentos surreais, fanatismo, pessoas atacando os direitos das outras, todas essas situações fazem parte do nosso cotidiano, e tudo isso faz parte da visão contida nas letras do Exylle. Referente à letra da *Immortal Dies*, fazemos uma dura crítica ao fanatismo religioso, que cria uma certa imagem falsa e fantasiosa de seus líderes. E já entrando na *Burn Your Leaders*, temos os atos inescrupulosos de vários líderes que apoiam a violência gratuita, o preconceito e ignoram os verdadeiros problemas enquanto se divertem nessa brincadeira. O Exylle repudia a falta de tolerância, a falta de empatia e falta de consciência entre as pessoas, isso inclui fascismo e outras porcarias.

Para aqueles que estão ansiosos, quais são as novidades no horizonte do Exylle? Planos, metas, projetos, o que está adiante no caminho?

Kevin: Temos ótimas notícias, pois estamos em reta final do lançamento do nosso primeiro "full-length", que vai contar com nove músicas repletas de intensidade e agressividade. Mais novidades serão atualizadas em nossa página do Facebook. Estamos ansiosos e bem animados com esse novo trabalho! Além disso, a correria não para e estamos na atividade sempre tocando e dando nosso suor nos palcos.

Valtemir Amler

PLAYLIST ROADIE CREW Heavy Metal & Classic Rock + DEEZER

Playlist do conteúdo da edição #244 da Revista Roadie Crew. Ele abrange bandas entrevistadas, alguns álbuns resenhados e seções internas com os artistas comentados. Acesse o link: http://dzr.fm/roadiecrew244 e nos acompanhe

AREAS
NOVA BANDA DE LOS ANGELES EM SEU SINGLE DE ESTRÉIA
FAR AWAY
LANÇAMENTO MUNDIAL 10/05
EM TODAS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
MUSIC
DEEZER
amazon
TIDAL
napster
Rhapsody
YouTube
Google play
FOTO: RICARDO SALLES
ARTE: GUSTAVO SAZES

THE DIRT

Saudações, galera da melhor revista de música do Brasil. Assisti recentemente ao filme "The Dirt", do Mötley Crüe, e não pude deixar de comentar. Que decepção. Uma das minhas bandas preferidas, uma enorme expectativa ao redor do mundo em relação ao lançamento do filme, para... Nada. Quase duas horas muito mal aproveitadas daquilo que podia ter sido um filme histórico. Gostei bem mais do filme do Def Leppard. Tudo ficou muito pastelão e genérico, beirando a comédia descartável. Cadê a Pamela Anderson? Onde foram parar as saídas de Vince Neil com atrizes pornôs (como a Savannah, por exemplo)? As tretas com o Guns N'Roses? Nada. Assim como Regis Tadeu disse: "Parece que estava assistindo à 'Malhação'". Quentin Tarantino teria sido um ótimo diretor para essa bomba que foi o "The Dirt". Decepcionado. O que vocês acharam do filme? Cadê o Roadie Collection do Heart? Único pecado da revista.

Leandro Oliveira
Por e-mail

E aí, Leandro, beleza? Acredito que você já tenha lido o especial na ed. #243 da ROADIE CREW, inclusive o box sobre as sujeiras que foram esquecidas na cinebiografia, então tentarei não ser repetitivo. Particularmente, gostei bastante de "The Dirt". Claro, o livro é muito melhor – via de regra, diga-se –, mas é preciso entender que um filme como esse visa não apenas ao fã do Mötley Crüe, mas também e, grifo meu, principalmente àquele que vai travar seu primeiro contato com o grupo. Há vacilos? Sim, como em qualquer adaptação. Neste caso, a censura – ou o medo dela, por parte dos produtores – também pode ter desempenhando algum papel, mas os números provam que os caras foram bem-sucedidos. Por exemplo: Pamela Anderson? Muita gente vai conhecer as histórias agora, porque o livro voltou a vender que nem água. Uma parte dessas pessoas talvez corra atrás para saber por que Bobbie Brown foi ignorada até na autobiografia do Tommy Lee, e por aí vai, porque poderíamos ficar horas divagando sobre "The Dirt" – e, veja só, não era isso que eles queriam? Ah, sim! Algo me diz que o Quentin Tarantino seria um diretor um tanto quanto caro... Sobre o Collection com o Heart, a sugestão anotada. Escreva sempre. Abraço! (Daniel Dutra)

REVISTA COM DISCO & MADMAN

A edição com o CD com várias bandas nacionais foi demais. Realmente, uma ação que surpreendeu. Tenho plena consciência de como é difícil em nosso mercado ter uma ação dessas. Parabéns a todos da ROADIE CREW pela iniciativa e que venham mais CDs nas próximas edições. E a capa da edição com o Ozzy foi muito boa também. Uma pena a situação que o nosso Madman tem vivido com vários problemas de saúde, apesar de ser esperado. O cara abusou pacas! Espero ver em breve entrevistas com as bandas Enforcer, Yngwie Malmsteen, Slipknot e Amon Amarth.

Pedro K. Muller
Porto Alegre/RS

Salve, Pedro! Você acertou na mosca! Se fazer uma revista impressa nos dias de hoje não é tarefa fácil, encartar nela um CD como cortesia é mais complicado ainda! Mas acaba sendo uma ótima oportunidade para divulgar novas bandas que estão dando seus primeiros passos, além de reforçar o trabalho daquelas que já têm anos de trajetória. Sobre Ozzy Osbourne, de fato era até certo ponto esperado que os anos de excesso acabassem cobrando seu preço. Mas o Madman é um verdadeiro ninja, certeza que vai sair de mais essa! Suas sugestões foram devidamente registradas. Forte abraço, escreva sempre! (Antonio Carlos Monteiro)

BLIND EAR

Fala galera do metal, beleza? Sou leitor assíduo da revista desde a edição em que o Bruce voltou ao Iron. Sempre tive vontade de lhes escrever e agora surgiu a coragem. Só tenho uma sugestão: que tal se vocês colocassem só bandas nacionais no Blind Ear quando fossem realizados com artistas internacionais. É para verem o quanto do nosso metal eles conhecem. Seria interessante, não acham? Valeu Airton pela carta do editor de fevereiro, dedicada a nós aqui em Minas, apesar da tragédia. E aí, conseguiu descobrir mais sobre o nosso Diniz? Um abraço a todos.

Ivan Lúcio Diniz
Juatuba/MG

Oi Ivan, fazer um Blind Ear apenas com bandas nacionais pode limitar demais os comentários do músico, mas pode ser legal quando fizermos com algum músico que conheça bastante a nossa cena local. O Airton Diniz esteve muitas vezes em Minas Gerais quando trabalhava com o Tuatha de Danann e eu estive mais recentemente em Monte Verde, cidade sensacional. Minas é um estado do país onde se respira rock de uma forma geral. E muita comida boa! Abraço. (Claudio Vicentin)

SUGESTÕES

Saudações pessoal da ROADIE CREW. Primeiro, quero parabenizá-los pela revista a qual acompanho todo mês. Mesmo hoje em dia com a internet, ainda tenho o gosto de folhear uma revista. Gostaria de sugerir uma matéria sobre álbuns e/ou fases obscuras de bandas e/ou músicos, como, por exemplo, o Destruction depois do *Cracked Brain* e antes da volta do Schmier, fase que a banda é até conhecida como Neo Destruction; o Joey Belladonna em carreira solo, entre outras. Na seção Hidden Tracks gostaria de ver Siegrid Ingrid, Lethal Charge, Monster, Collapse NR, Ungodly e Bywar. Só tenho uma pequena crítica a respeito do Meshuggah, pois a banda veio ao Brasil e lançou um álbum no ano retrasado e não vi nenhuma entrevista e resenha na época. No mais é isso, desejo tudo de bom pra todos aí e que a revista continue na ativa por muitos anos.

Ruan Almeida
Caraguatatuba/SP

Oi Ruan. Pode ser uma boa ideia resgatar a atuação dos músicos enquanto fora de suas bandas principais. Vamos pensar a respeito e então podemos criar algum pequeno especial em cima disso. E

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

ENVIE O "ROADIE MAIL" (ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM) COLOCANDO SEUS DADOS (NOME COMPLETO, CIDADE/ESTADO) E O SEU TOP 3. PUBLICAREMOS ALGUNS PREFERIDOS DOS LEITORES A CADA EDIÇÃO!

CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)
Myrath - *Shehili*
Enforcer - *Zenith*
Grand Magus - *Wolf God*

RICARDO BATALHA (REDATOR CHEFE)
Kingdom Come - *In Your Face*
Dan Reed Network - *The Heat*
Gorky Park - *Gorky Park*

VALTEMIR AMLER (COLABORADOR)
Convictors - *Atrocious Perdition*
Musmahhu – *Reign of the Odious*
Diabolical - *Eclipse*

PEDRO K. MULLER (LEITOR)
In Flames – I, The Mask
Dream Theater - Distance Over Time
Fates Warning - A Pleasant Shade of Gray

ALEX SILVA DE BARROS (LEITOR)
Lyria - *Immersion*
Sinaya - *Maze of Madness*
Uriah Heep - *Living the Dream*

JOÃO PAULO KOPROV (LEITOR)
Gojira - *Magma*
In Flames - *I, The Mask*
Parkway Drive - *Reverence*

vale salientar que, independentemente de internet, tudo que você lê na ROADIE CREW não está disponível no online. São matérias exclusivas que não se encontra em nenhum outro lugar. Por isso, a internet não nos afeta. Ah, o Siegrid Ingrid retomou as atividades recentemente e, assim que soltarem algum material novo, certamente você verá em nossas páginas! Obrigado por nos acompanhar. (Claudio Vicentin)

POWERWOLF

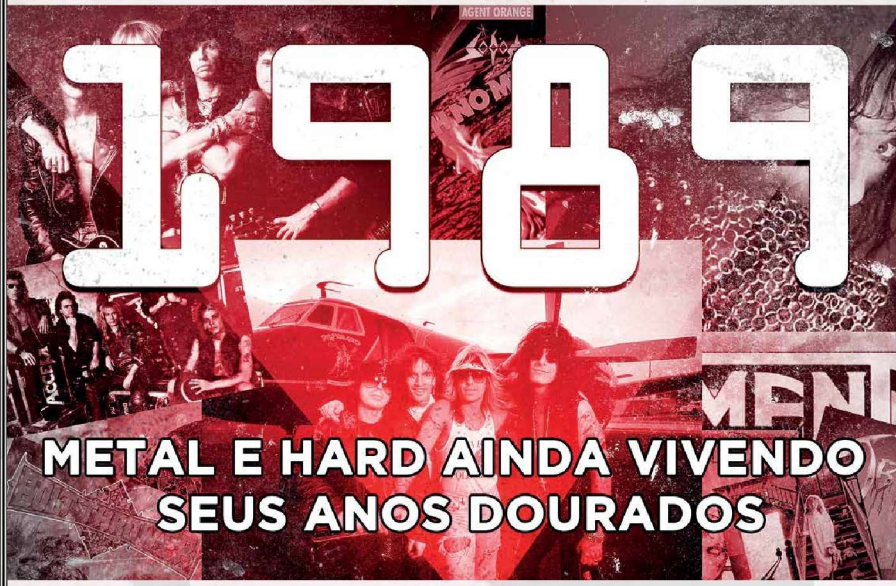
Galera, inicialmente quero parabenizar essa revista que leio desde que recebi um exemplar na saída do Show do Gamma Ray – creio que em 1998 ou 1999. Passou a ser uma referência para alimentar meu vício em heavy metal. Percebe-se que sou da velha guarda. Reportagens e entrevistas mais que abrangentes e completas. Isso é trabalho sério! Mas chega de ser baba ovo (risos). O motivo que decidi escrever é porque fiquei frustrado. Creio que a única vez que fui votar nos melhores de 2018, e cadê o Powerwolf? Você fizeram uma lista fantástica, mas claro que ia aparecer um chato que curte power metal tradicional e ia votar no Powerwolf. Percebi que no Brasil eles ainda são pouco conhecidos, mas é umas minhas bandas preferidas dessa "nova" geração. Será uma das principais bandas do 'Barcelona Rock Fest', que acontece em julho... Todos os meus amigos que apresentei a banda (como fazíamos nos anos 80 e 90...), curtiram pra caramba o *Sacrament of Sin*. Sei que pareço ser o chato que acha um defeito em um trabalho perfeito, mas aproveito para elogiar jornalistas e bangers que fazem um trabalho excelente. Valeu!

Guilherme Marchi
São Paulo/SP

Realmente, Guilherme, e não foi só com o Powerwolf. Mas, veja, se é incontável o número de álbuns resenhados, imagine os que acabam ficando de fora. Recebemos, em média, cinco lançamentos por dia aqui na redação. Portanto, na hora daquela lista final sempre vão passar alguns em branco. Nada, realmente nada contra *The Sacrament of Sin*, do Powerwolf, que, inclusive foi premiado na Metal Hammer (ALE). Só para você ter uma ideia, nesta mesma edição especial de 1989, colocamos 89 discos internacionais e, ainda assim, vários ficaram de fora dentre os comentados. Faz parte. Siga escrevendo e nem se preocupe em "ser chato", porque são os que criticam que nos fazem crescer. Abraço. (Ricardo Batalha)

MEMÓRIA

"Nunca tivemos um empresariamento decente ou alguém para dirigir a banda. Então, perdemos o nosso momento. Nós éramos aclamados pela indústria, mas não houve quem nos levasse a um patamar mais alto. Então, os álbuns que vieram depois de *Long Live the Loud*, quando eu não estava na banda, entre 1985 e 1990, não se saíram tão bem e tudo deu uma parada", John Ricci, guitarrista do Exciter, em entrevista publicada na ed. #145 (fevereiro, 2011).



MÚSICOS DE METAL E HARD ROCK ERAM, EFETIVAMENTE, CELEBRIDADES

POR RICARDO BATALHA

Muito comentado ultimamente pelo filme "The Dirt", o grande destaque de 1989 no segmento rock nas paradas de sucesso foi o Mötley Crüe, com *Dr. Feelgood*, que conquistou a primeira posição da Billboard 200 no dia 14 de outubro – um fato até então inédito para a banda, que dois anos havia chegado bem perto, na segunda posição, com *Girls, Girls, Girls*. Antes de o quinto álbum dos "Santos de Los Angeles" chegar lá, porém, o Guns N'Roses liderou o Top 200 em fevereiro, ainda com *Appetite for Destruction* (1987).

Curiosamente, o ano abriu com o single da balada *Every Rose Has Its Thorn*, gravada pelo Poison em *Open Up and Say... Ahh!* (1988), no Top 100 de singles, onde permaneceu por três semanas no primeiro lugar. E as 'power ballads' de hard seguiam "incomodando" os astros pop, como Madonna, Paula Abdul, Gloria Estefan, Janet Jackson, Roxette, Fine Young Cannibals, New Kids on the Block, Simply Red, Prince, Phil Collins, Richard Marx, Billy Joel e a dupla Milli Vanilli. *I'll Be There for You*, do Bon Jovi, chegou ao topo em maio – a faixa de *New Jersey* (1988) saiu como single em 4 de abril. Meses depois, em setembro, foi a vez de *When I See You Smile*, gravada pelo Bad English em seu álbum homônimo. A balada foi composta por Diane Warren, que também criou faixas para Kiss, Meat Loaf, Scorpions, Michael Bolton e Aerosmith, além de ganhar três prêmios Grammy.

A GAFE DO GRAMMY

Ah, o Grammy, que 30 anos atrás era até transmitido com pompa pela Rede Globo. Coincidentemente, pelos lados da música pesada, aquele foi o ano da gafe mais comentada na 31ª edição da premiação. Pela primeira vez, o chamado "Oscar da música" incluiu a categoria "Melhor performance vocal ou instrumental de hard rock/metal". Disputavam o troféu AC/DC, Iggy Pop, Jane's Addiction, Metallica e Jethro Tull. Veja só, o Metallica, que tocou naquele ano no Brasil pela primeira vez, que tinha lançado seu primeiro videoclipe com *One*, que era o

FOTO: ROBYN VEEFF

Aerosmith: *Pump* colocou três singles no topo da parada Mainstream Rock Tracks, da Billboard

orgulho do underground. A banda americana ainda não estava acostumada a figurar no alto escalão do mainstream.

O rebuliço veio depois que Alice Cooper e Lita Ford abriram aquele envelope e anunciaram o vencedor: Jethro Tull. Muitos dos 14 milhões de espectadores que estavam vendo a transmissão pela televisão podiam não saber o que era Metallica, mas, convenhamos, até o Jethro Tull ficou surpreso. E dá-lhe reclamações, mais até das que você lê diariamente em mídias sociais.

Em resposta às críticas, a gravadora Chrysalis, que ironicamente havia recomendado ao Jethro Tull não comparecer à cerimônia porque não tinha chance de vencer, acabou publicando um anúncio na Billboard, com uma foto de uma flauta e os dizeres: "A flauta é um instrumento de – heavy – metal!". O Metallica rebateu com mais ironia, quando a Elektra colocou um adesivo na nova versão de *...And Justice for All* com os dizeres: "Perdedores do Grammy Award".

MÚSICA EXTREMA E NOVOS SUBGÊNEROS

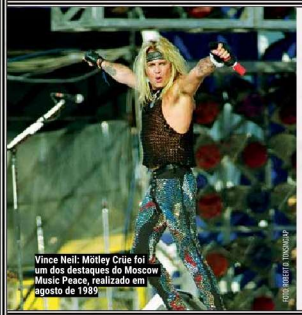
Se a música extrema já era realidade com o thrash metal, àquela altura deixando a rivalidade com os posers para se concentrar em voos maiores no mainstream, ela veio com uma dose ainda maior de agressividade. Assim, o death metal de Morbid Angel, Obituary, Carcass, Pestilence, Terrorizer, Autopsy, Bolt Thrower, Loudblast e outros dava as caras. Era apenas o início da invasão death que viria na década seguinte, já que outros nomes fortes, como Unleashed, Vital Remains, Vomitory, Benediction, Gorefest, Incantation, Sigh e Mortician, surgiram nesta época.

O black metal, caminhando para a sua segunda fase, que iria explodir com a cena norueguesa dos anos 90, também estava saindo dos porões, especialmente pelo trabalho do Mayhem, retratado este ano no filme "Lords of Chaos". Se o pioneiro sueco Bathory iniciara a sua caminhada ao viking metal em 1988, novos grupos iam surgindo no black, entre eles Immortal, Dissection, Von e Beherit, para citar alguns.

Porém, era chegado o momento de novas criações e ousadia. Assim, em meio ao "boom" do chamado funk o' metal, novas variações do rock e metal também começaram a aparecer em profusão em grupos formados naquele ano. E não foram poucos: Falkenbach, Novembers Doom, Bal-Sagoth, The Gathering, Marilyn Manson, Fear Factory, Oomph!, Pitch Shifter, Brujeria, Crowbar, Dark Tranquillity, Sentenced e Stone Temple Pilots, entre outros. Assim, termos como industrial, folk metal, pagan metal, grunge, sludge e death/doom começaram a ser descritos junto à lista dos subgêneros até então conhecidos, como heavy, thrash, hard, AOR, prog, black, death, doom, sleaze... E, não dava mais para resumir e falar "rock".

ALUGAR VÍDEO?

Hoje em dia, alguns nem se dão conta de que comparecer a uma locadora de fitas VHS era um programa corriqueiro. Tudo que está na palma da sua mão com o celular



Vince Neil: Mötley Crüe foi um dos destaques do Moscow Music Peace, realizado em agosto de 1989

FOTO ROBERTO TINOCO/AP

Faith No More estourou mundialmente com seu terceiro álbum, *The Real Thing*

FOTO: GUS STEWART/REDFERNS/GETTY IMAGES

ou a um clique nos serviços de streaming, como Netflix, Now, Amazon Prime Video e outros, era preparado com antecedência para o fim de semana. Trinta anos atrás, não só cinéfilos, mas fãs de rock se reuniam em turma para ver vídeos de shows em VHS. Muitos gravavam depois, com o auxílio de dois aparelhos de videocassete, e ficavam preocupados com a qualidade da imagem – os formatos Pal-M e NTSC diferenciavam sistemas de cores analógico utilizados no Brasil e nos EUA. Seja como for, aquele ritual era sempre uma festa, com direito a várias discussões. O Laserdisc, disco óptico de armazenamento de áudio e vídeo, nunca chegou a ser tão popular e tinha um mercado ainda mais restrito no Brasil.

"Bem que essa videolocadora do bairro poderia começar a colocar mais vídeos de shows de rock para alugar, não acha?", um fã poderia questionar naquele fim de 1989. A resposta seria quase óbvia: "E como! Só este ano saíram vários vídeos legais: *Maiden England*, do Iron Maiden; *A Show of Hands*, do Rush; *Delicate Sound of Thunder*, do Pink Floyd; *Live: in the Round, in Your Face*, do Def Leppard; aquele showzão do Aerosmith gravado em 78, que saiu como *Live Texxas Jam '78*; Yngwie Malmsteen com *Trial by Fire: Live in Leningrad*; o documentário *25×5: the Continuing Adventures of the Rolling Stones*; Queensrÿche e o seu *Video: Mindcrime*; *New Jersey: The Videos*, do Bon Jovi; *Sight for Sore Ears!*, com os clipes do Poison; o *The Videos: Volume One*, do Winger; e até o *Face of Mayhem - Live*, do Mortal Sin."

Algumas, efetivamente, locavam vídeos de shows e não somente musicais. Aí era aquela correria para ver se ainda estava na prateleira para alugar. Estamos falando do período pré-Blockbuster, que só chegou ao Brasil seis anos depois. Entenda, o ritual de alugar VHS pegava tanto que, em 2017, foi tema do documentário "CineMagia: a história das videolocadoras de São Paulo".

O GRANDE EVENTO EM MOSCOU

Se a empolgação era enorme em ver um VHS em televisão convencional de tubo, muito, mas muito longe de algum aparelho 4K, Ultra HD, Led ou similares, imagine ver uma banda na sua frente? Depois de megaeventos como os shows do Queen (1981), Kiss (1983) e o primeiro Rock in Rio (1985), o underground brasileiro fervilhava. Foram grandes shows por aqui em 89: Motörhead, Testament, Uriah Heep, Nuclear Assault, Destruction e Metallica. Dois deles, Motörhead e Uriah Heep, até tiveram transmissão da extinta TV Manchete – com direito à apresentação de Luciana Vendramini no show de Lemmy e cia. no Rio de Janeiro, onde o Maracanãzinho virou palco de guerra numa briga generalizada na pista e nas cadeiras.

Porém, o grande evento no exterior foi o Moscow Music Peace Festival, realizado nos dias 12 e 13 de agosto no Lenin Stadium (hoje, Luzhniki Stadium), em Moscou. Tendo como missão ajudar a promover a paz mundial e estabelecer a cooperação internacional na luta contra as drogas, o cast contou com Gorky Park, Scorpions, Bon Jovi, Mötley Crüe, Skid Row, Cinderella e Ozzy Osbourne. As performances foram filmadas e também saíram posteriormente em VHS. Antes disso, porém, o álbum oficial do festival, *Stairway to Heaven/Highway to Hell*, trouxe as atrações do cast em gravações de bandas que tiveram integrantes vítimas de drogas ou abuso de álcool.

Apesar de o Gorky Park ter ficado conhecido mundialmente e de ter sido o primeiro grupo russo a ter um vídeo na MTV (*Bang*), o Moscow Music Peace Festival não foi capaz de alterar o panorama do cenário interno para as bandas locais. Meses depois, a queda do muro de Berlim, ocorrida em 9 de novembro, foi a grande notícia. O governo da então Alemanha Oriental, comunista, decidira abrir suas fronteiras e destruí-lo, simbolizando o colapso dos regimes do Leste Europeu.

HEADBANGERS BALL

O hard rock e o heavy metal estavam presentes em importantes fatos históricos, mas a sua própria história era contada e promovida por meio do programa Headbangers Ball, da MTV, que, inclusive, cobriu o Moscow Music Peace Festival. No Brasil, a emissora só chegaria em outubro do ano seguinte, mas nos EUA e em diversos outros países o programa, que em 1989 era apresentado por Adam Curry e tinha *United Forces* do S.O.D. como trilha de abertura, chegou ao seu ponto alto. Eram três horas de duração!

Os músicos de metal e hard rock tornaram-se, efetivamente, celebridades. Devido a isso, até o casamento de David Coverdale com a atriz e modelo Tawny Kitaen virou "a fofoca" no meio hard rock. A ex-namorada do saudoso Robbin Crosby (Ratt), que havia aparecido na capa de *Out of the Cellar* (1984) e em clipes do Ratt, acabou sendo a musa dos vídeos do Whitesnake.

A coisa se expandiu tanto que foi criada a "Headbangers Ball Tour". Depois da primeira, ocorrida em 1987, o pacote de 1989 contou com Anthrax, Exodus e Helloween. Também era costume do programa ter músicos como coapresentadores, e muitos deles, inclusive, apresentavam quadros do programa sem a presença do VJ.

AS OBRAS

Resumir e comentar os lançamentos internacionais de 1989 em 89 discos de estúdio e 10 ao vivo (sem contar os VHS) é pouco para o que efetivamente foi ao mercado naquele ano. Muitos discos, até clássicos ou bem conhecidos, dos que não figuram a seguir nas obras comentadas, pelo menos foram lembrados e certamente poderão figurar na seção ClassiCrew. E, claro, ainda falamos sobre o cenário brasileiro, que nos deu muito orgulho e contou com trabalhos que passaram no teste do tempo. Boa viagem...

A **HEAVY METAL ROCK** ORGULHOSAMENTE APRESENTA

Myrkgand

MYRKGAND OLD MYSTICAL TALES

Death/Black Metal melódico brasileiro gravado na Eslováquia, com a produção de **ROLAND GRAPOW** (ex-**HELLOWEEN**, **MASTERPLAN**) e participações de músicos das bandas **BLIND GUARDIAN**, **CRADLE OF FILTH**, **LIV KRISTINE** (ex-**THEATRE OF TRAGEDY**), **NOVEMBERS DOOM**, **TROLLFEST**, **MORTUARY DRAPE**, **IRON ANGEL**, **VULCANO**, **TUATHA DE DANANN**, **MASTERPLAN**, **AT VANCE**, **PATHOLOGIC NOISE**, **MALEFACTOR** Brazil, **KORZUS**, **ONE ARM AWAY**, **ELIZABETHAN WALPURGA** etc.

CD DIGIPACK - LANÇAMENTO EM JUNHO DE 2019

SIGA A HEAVY METAL ROCK NAS MÍDIAS SOCIAIS

INSTAGRAM INSTAGRAM.COM/HEAVYMETALROCK83
FACEBOOK FACEBOOK.COM/HMROCK83
TWITTER TWITTER.COM/HMROCK
YOUTUBE HEAVY METAL ROCK
WHATSAPP (19) 99481-8669

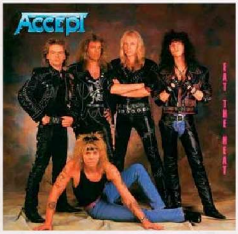
CONFIRA NOSSO CATÁLOGO ONLINE **WWW.HMROCK.COM.BR**
35 ANOS APOIANDO O METAL NACIONAL

HEAVY METAL ROCK

HEAVY METAL ROCK RUA 30 DE JULHO, 244 - AMERICANA/SP - 13.465-500
FONE: (19) 3461-8664 - INFO@HMROCK.COM.BR

01. ACCEPT

EAT THE HEAT



Uma das maiores bandas de heavy metal da história resolveu mudar o foco e fazer hard rock. Tudo bem, desta vez a saída do vocalista Udo Dirkschneider não foi conturbada. Pelo contrário, ele tinha partido para carreira solo e estreou dois anos antes com *Animal House*, que teve as faixas compostas pelos músicos do Accept e pela empresária Gaby "Deafy" Hoffmann. "Peter (Baltes), Wolf (Hoffmann) e eu compusemos o álbum antes mesmo de iniciarmos os trabalhos para *Eat the Heat*", recordou o baterista Stefan Kaufmann, ferrenho crítico ao direcionamento musical e à mudança de vocalista. "Sempre achei que foi uma escolha errada. Peter e Wolf sentiram que tinham que fazer algo diferente. Eu não entendi e nem concordei", esbravejou.

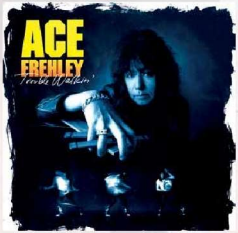
Após testar Rob Armitage (ex-Baby Tuckoo), o posto de Udo acabou ficando com David Reece (ex-Dare Force), que desempenhou um bom papel em estúdio com os alemães. Além de *Chain Reaction*, *Turn the Wheel*, *Hellhammer* e *D-Train*, faixas como *X-T-C* e *Generation Clash* (single e clipe), os destaques do disco, não só foram elogiadas por Dirkschneider como regravadas depois por ele (*X-T-C*) e pelo próprio Accept. "*X-T-C* é a mais forte. É boa para bater cabeça e tem um ótimo riff", afirmou o guitarrista Wolf Hoffmann.

Se *Balls to the Wall* obteve a posição 74 na Billboard 200 e *Metal Heart* a 94ª, *Eat the Heat* acompanhou a derrocada de *Russian Roulette* (114ª) e ficou na 139ª colocação. O Accept hard era legal, mas, como esperado, não vingou.

Ricardo Batalha

02. ACE FREHLEY

TROUBLE WALKIN'



Era hora de mudar. Em seu quarto lançamento pós-Kiss, Ace Frehley virou um artista solo de fato, abandonando a alcunha de Frehley's Comet, e implementou mudanças na banda que o acompanhava: John Regan continuou no baixo, mas o guitarrista e vocalista Tod Howarth deu lugar a Richie Scarlet, que havia integrado o Frehley's Comet em sua fase embrionária, e Jamie Oldaker cedeu o banquinho para o ex-Riot Sandy Slavin – que gravou apenas a faixa-título, uma vez que as baquetas nas nove canções restantes foram comandadas por Anton Fig, velho companheiro do Space Ace. Mas a mudança mais importante foi na sonoridade, que abandonou a veia comercial de *Second Sighting* (1988) para voltar ao hard rock característico do guitarrista.

Claro, o lado mais acessível se encontra nas regravações de *Hide Your Heart* – sim, é a do Kiss – e *Do Ya*, delicioso cover do Electric Light Orchestra, mas *Trouble Walkin'* é um trabalho que faz jus à carreira de Frehley. Tem *Fractured III*, que mantém o tema da série instrumental iniciada em 1978, e canções mais fortes como *Shot Full of Rock*, *Five Card Stud*, *2 Young 2 Die* (cantada por Scarlet), o hard blues *Remember Me* e *Back to School*, que conta com os ótimos gritos de Sebastian Bach nos backing vocals. Aliás, Rachel Bolan e Dave "Snake" Sabo, companheiros do vocalista no Skid Row à época, também aparecem como convidados, mas especial mesmo para os fãs do Kiss foi a participação de Peter Criss na percussão e vocais de apoio.

Daniel Dutra

03. AEROSMITH

PUMP

O início dos anos 80 foi infernal para o Aerosmith. Foi nessa época que a turma se afundou na droga e desavenças culminaram na saída dos guitarristas Joe Perry e Brad Whitford. Também é referente a essa fase o depoimento atribuído a Steven Tyler dizendo que "cheirei meu carro, minha casa, meu avião." Os caras acabaram voltando, gravaram dois discos, *Done With Mirrors* (1985) e *Permanent Vacation* (1987), passaram pelo 'rehab', mas a coisa só engrenou mesmo com *Pump*. Não por acaso, foi o segundo maior sucesso de vendas do quinteto – o principal foi seu sucessor, *Get a Grip* (1993).

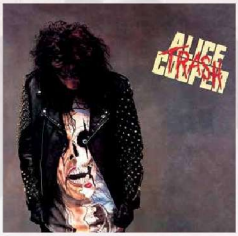
Impulsionado pela MTV (o vídeo de *Janie's Got a Gun* venceu em duas categorias do MTV Video Music Awards), *Pump* emplacou quatro singles nas paradas (*Love in a Elevator*, *What it Takes*, *Janie's Got a Gun* e *The Other Side*). As vendas atingiram sete milhões de cópias nos EUA, enquanto a mesma *Janie's Got a Gun* rendeu à banda seu primeiro Grammy, na categoria Melhor Performance de Rock em Dupla ou Grupo com Vocais. O negócio foi tão bem sucedido que até um vídeo sobre o disco, *The Making of Pump*, saiu no ano seguinte.

Muito desse resultado deve-se à mão certeira do produtor Bruce Fairbairn, que reduziu os intervalos entre as músicas e ainda sugeriu alguns interlúdios entre elas, o que deu enorme dinamismo ao álbum. Somam-se a isso as composições inspiradíssimas, boa parte assinada por Tyler e Perry, e estava sacramentado: o Aerosmith passava a ser grande como nunca havia sido antes.

Antonio Carlos Monteiro

04. ALICE COOPER

TRASH



Pelo jeito, 1989 foi o ano em que os músicos resolveram exorcizar os demônios do passado. Afinal, além do pessoal do Aerosmith, Alice Cooper também atravessou parte dos anos 80 sofrendo das consequências do abuso de álcool e drogas. E ao mesmo tempo em que conseguia deixar de lado as substâncias, também ficava no passado o som experimental que criou na época. E após dois discos mais pesados, a virada veio mesmo com *Trash*: Alice chamou Desmond Child para produzir e ajudar a compor o repertório – Child, pra quem não sabe, é um "hitmaker" que já colaborou com Aerosmith, Bon Jovi, Joan Jett, Kiss e muitos outros.

Além disso, Cooper mostrou que era um sujeito de moral entre seus iguais e convocou um verdadeiro exército de famosos para acompanhá-lo, seja tocando ou compondo. Estão na ficha técnica os nomes do Aerosmith inteiro menos Brad Whitford, Bon Jovi, Richie Sambora, Kip Winger, Steve Lukather e Joan Jett. Isso gerou o disco de maior sucesso da carreira do vocalista. E também o maior hit de sua história: *Poison*, faixa que abre o disco. Era uma transição na temática de suas letras: saía o horror, entrava o sexo. "Para mim, é tudo uma coisa só. E ela se chama ironia", declarou ele à época do lançamento do disco. "Em *Poison* eu falo que amo aquela mulher, que eu a quero, mas que ela é venenosa. É morte certa. E pra mim isso é um negócio muito irônico."

Ironia ou não, *Poison* está nos shows de Alice Cooper até hoje. E levanta multidões.

Antonio Carlos Monteiro

05. ANNIHILATOR

ALICE IN HELL

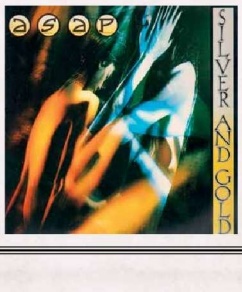
O Annihilator não foi a primeira nem a última banda a estrear com um disco obrigatório para os fãs do estilo. O thrash metal, no caso, mas pode colocar o heavy metal como um todo no pacote, porque *Alice in Hell* é um trabalho para ser escutado também por fãs de hard rock e de metal extremo, por exemplo. Seguindo o caminho de bandas como Rush, Anvil, Exciter e Triumph, que já haviam ultrapassado os limites do Canadá para levar sua música a outros cantos do mundo, a banda levou cinco anos, três demo tapes – *Welcome to Your Death* (1985), *Phantasmagoria* (1986) e *Alison Hell* (1988) – e um sem-número de mudanças de formação até chegar ao primeiro álbum. Sim, desde antes de assinar com a Roadrunner o Annihilator já era Jeff Waters e mais quatro.

Ou mais três, como atualmente, ou mais dois, como no caso de *Alice in Hell*. Ao lado do guitarrista no estúdio estavam apenas Randy Rampage (vocal) e Ray Hartmann (bateria), uma vez que Anthony Greenham (guitarra) e Wayne Darley (baixo) aparecem apenas na foto – Waters gravou todas as seis e quatro cordas, e no mesmo ano Greenham ainda foi trocado por Dave Davis. Resumindo, Waters é o principal responsável por um dos grandes discos da história do thrash metal. Ouça *Crystal All (*instrumental acústica), o hino *Alison Hell* (uma das quatro coescritas com John Bates, primeiro vocalista do grupo), *W.T.Y.D.* (acrônimo para *Welcome to Your Death*), *Burns Like a Buzzsaw Blade* e *Schizos (Are Never Alone) Parts I & II*. Antológicas.

Daniel Dutra

06. ASAP

SILVER AND GOLD



Às vezes nos depararmos com álbuns que não obtiveram ascensão no mercado, mas que foram gravados por gente qualificada. É o caso de *Silver and Gold*, do ASAP (Adrian Smith And Project). Em *Reach Out*, uma das músicas lado B do Iron Maiden, o guitarrista mostrou sua aptidão como vocalista, com boa inclinação ao hard rock e AOR. A canção foi composta para o projeto The Entire Population of Hackney (TEPH), que Adrian formou com Nicko McBrain durante as férias da "World Slavery Tour".

Neste projeto estavam Dave Colwell e o antigo companheiro de Adrian no Urchin, Andy Barnett (guitarra), que foram chamados para o ASAP com o tecladista Dick Young, que também chegou a tocar no Urchin, o baixista Robin Clayton e o baterista Zak Starkey, filho de Ringo Starr. "Todos nós já nos conhecíamos e isso facilitou as coisas. Tivemos alguns contratempos, mas, no geral, foi bem harmonioso!", declarou Adrian à revista Faces.

Silver and Gold mostra o quão boa é a voz rouca de Adrian Smith e até denuncia um pouco de onde partiram algumas ideias de prog em *Somewhere in Time* (1986) e *Seventh Son of a Seventh Son* (1988) da banda de Steve Harris. "Nossa música vai um pouco além do rock melódico, mas possui uma estrutura complexa", observou Smith.

O único álbum do ASAP tem como faixa-título uma música cantada nos shows do TEPH e, apesar de não ter vingado, mostra o quão versátil é o guitarrista. Ele que, meses depois, se despedia do Iron Maiden por divergências musicais com o "patrão".

Leonardo M. Brauna

07. ATOMIC PLAYBOYS

STEVE STEVENS ATOMIC PLAYBOYS

Tudo bem que Steve Stevens vai passar para a eternidade como o músico que acompanhou Billy Idol. Pouco para resumir sua genialidade. Com uma técnica apurada e vivendo um momento em que os guitarristas conseguiam emplacar música instrumental voltada ao rock pesado, mesmo depois do sucesso de *Top Gun Anthem* (1986), composta por Harold Faltermeyer, ele fez o contrário.

Alguns encaram este disco como Steve Stevens solo, mas ele, de fato, montou o Atomic Playboys e se uniu ao vocalista do Warrior, Parramore "Perry" McCarty. Neste seu primeiro voo solo, produzido por Beau Hill (Ratt, Winger e outros), além de registrar as guitarras, Stevens gravou os baixos (o da faixa-título foi gravado por Kasim Sulton) e contou com o auxílio dos bateristas Thommy Price e Anton Fig, além do tecladista Phil Ashley. "Quando cheguei, as músicas estavam compostas. Steve, os produtores e eu trabalhamos juntos em algumas letras e melodias", declarou Perry McCarty.

Entre os destaques estão os singles e clipes *Atomic Playboys* e *Action*, cover do Sweet. Outros pontos altos são *Crackdown*, com as conhecidas incursões 'jazzy' de Stevens e vocais na linha Billy Idol; *Power of Suggestion*, incluída na trilha de 'Ace Ventura: Pet Detective'; a 'sexy' *Evening Eye*; e a acelerada *Soul on Ice*. Bem, o repertório inteiro vale! "Essa experiência foi o ponto alto da minha carreira. Nunca estive ao lado de alguém tão talentoso como Steve Stevens", concluiu McCarty.

Ricardo Batalha

08. AUTOPSY

SEVERED SURVIVAL

O vocalista e baterista Christopher Reifert sempre foi daqueles que gostou muito do seu trabalho. E o dele, você sabe, é fazer barulho, alto, destrutivo e muito intenso. Desde o princípio, ele ajudou a moldar aquilo que hoje chamamos de death metal. Assim, não é estranho saber que Reifert foi o único parceiro do saudoso Chuck Schuldiner na elaboração do clássico *Scream Bloody Gore*, debut do Death, e, muito menos estranho, saber que ele foi uma das mentes doentias que, em 1987, colocou o Autopsy para funcionar.

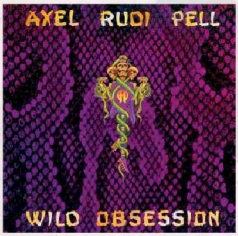
Na nova banda, Reifert assumiu vocal e bateria (o que ainda hoje não é muito comum no death metal), enquanto Eric Cutler e Danny Corales empunharam as guitarras, e o baixo foi, desde sempre, o posto complicado, no qual as trocas iam acontecendo conforme os anos passavam. Assim, dois anos depois, quando o disco de estreia, *Severed Survival*, foi lançado, o Autopsy já tinha assistido a entrada e saída de dois baixistas – primeiro, Eric Eigard e, então, Ken Sorvari.

Como a Peaceville queria aproveitar logo o momento e não poderia esperar por uma reposição, a banda resolveu chamar um amigo para gravar as quatro cordas em seu disco de estreia. E é justamente aí que veio o detalhe que faltava: o amigo era ninguém menos que Steve DiGiorgio, um dos nomes mais importantes na história do instrumento. Além das performances incríveis dos músicos, a criatividade andava em alta. Confira *Service for a Vacant Coffin*, e entenderá a gênese do death metal.

Valtemir Amler

09. AXEL RUDI PELL

WILD OBSESSION



A história do Steeler, criado em 1981, não o credita apenas como uma das raízes do metal germânico, mas também evidencia um de seus fundadores: Axel Rudi Pell. Depois de *Undercover Animal* (1988), o guitarrista deixou a banda.

Produzido por Ulli Pösselt e pelo guitarrista, *Wild Obsession* foi aquilo que Axel queria para o Steeler após *Strike Back* (1986), mas o que se viu no álbum seguinte foi algo voltado às rádios, deixando-o insatisfeito e decidido a seguir em carreira solo. Ao seu lado estavam Charlie Huhn (vocal, ex-Victory, Gary Moore e Ted Nugent), Volker Krawczak (baixo, ex-Steeler), Jörg Michael (bateria, ex-Rage, Mekong Delta e outros) e George Hahn (teclados).

Com velocidade e melodia, como nos primórdios do Steeler, *Wild Obsession* se destacou pelo estilo criativo do guitarrista e serviu de pavimento ao que ele faz hoje. "O ingrediente mais importante para mim é a melodia. Além disso, eu nunca gravaria uma música que tivesse um refrão fraco", afirmou o guitarrista.

Em *Wild Obsession* ainda há marcas de sua antiga banda, como em *Call Her Princess*, que saiu no debut do Steeler, de 1984. O repertório também traz um pouco de speed metal e a grande sacada que Axel se propôs a fazer: valorizar a melodia. "Alguém uma vez disse que uma boa música é quando você pode assobiar a melodia enquanto toma banho. Concordo totalmente com isso", concluiu o guitarrista que, dois anos depois, voltaria com *Nasty Reputation* (1991), tendo Rob Rock nos vocais.

Leonardo M. Brauna

10. BABYLON A.D

BABYLON A.D.

Taí uma banda que realmente começou com tudo! Formada em 1988 por Derek Davis (vocal), Dan De La Rosa e Ron Freschi (guitarras), Robb Reid (baixo) e Jamey Pacheco (bateria) fizeram bonito em seu debut homônimo. O hard bem elaborado, com passagens trabalhadas, riffs bem sacados e, obviamente, baladas bem construídas, fizeram a receita deste que, se não prima por ser original, é viciante, daqueles para ouvir repetidas vezes.

Junto a isso, o que chama a atenção é o clima de alto astral que permeia pela bolachinha. *Bang to the Bells* já mostra a que veio, com aquela veia pegajosa que incendeia o ouvinte. Outros exemplos ficam por conta de *Back in Babylon* e *Sally Danced*, esta última, em especial, tem tudo para agradar fãs de Great White e Cinderella. Calma, que existem outros pontos altos aqui. As guitarras maliciosas de *Sweet Temptation* (alguém disse Mötley Crüe?), a balada *Shot O' Love* e a pesadas e *Marianne*. Por fim, *The Kid Goes Wild*, lançada em videoclipe e presente no filme e no trailer de "RoboCop 2" (1990). E tudo isso veio embalado com uma capa que faz jus ao estilo e uma produção equilibrada de Simon Hanhart.

Babylon A.D. atingiu a posição 88 do Top 200 da Billboard. Combustível que fez a rapaziada seguir com seu legado em *Nothing Sacred* (1992). Após alguns períodos de incerteza, a banda voltou com sua formação clássica (exceto Dan De La Rosa) e lançou *Revelation Highway* (2017), que, apesar da honestidade, passa longe do que fizeram há três décadas.

João Messias Jr.

11. BAD ENGLISH

BAD ENGLISH

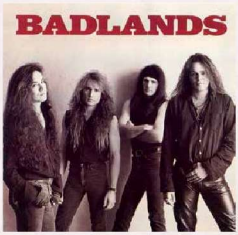
Não dá para dizer que *Bad English* foi o disco certo na hora errada, mas o Bad English foi um daqueles grupos certos no momento errado. O quinteto acabou sendo amor de verão no mercado americano – o fim se deu depois do lançamento do segundo trabalho, *Backlash* (1991) –, mas o álbum de estreia fez barulho. Para começar, chegou ao 21º lugar da Billboard numa época em que era realmente preciso vender bastante para fazer bonito no Top 200, e *Bad English* não economizou: alcançou a marca de um milhão de cópias vendidas, o que garantiu um Disco de Platina para ser pendurado na parede. A expressiva marca muito se deve ao sucesso da balada *When I See You Smile*, que chegou ao mais alto lugar do pódio da parada de singles nos EUA.

Composta pela premiada Diane Warren – sim, a responsável por *I Don't Wanna Miss a Thing*, que o Aerosmith lançou nove anos depois –, *When I See You Smile* foi um dos seis singles do álbum, e outra baladinha também vingou: *Price of Love* ficou na quinta posição na Billboard. E os outros quatro foram bem, obrigado. Especialmente *Forget Me Not*, segundo lugar, e *Best of What I Got*, nono – está, aliás, ainda entrou na trilha sonora do divertido "Tango & Cash", com Sylvester Stallone e Kurt Russell. Justo e ao mesmo tempo pouco para uma banda que tinha Neal Schon (guitarra) e Jonathan Cain (teclados), do Journey; John Waite (vocal) e Ricky Phillips (baixo), que no início dos anos 80 tinham tocado com Cain no The Babys; e o genial Deen Castronovo (bateria).

Daniel Dutra

12. BADLANDS

BADLANDS



Depois de ser dispensado por Ozzy Osbourne, Jake E. Lee arregaçou as mangas e tratou de montar um supergrupo. Chamou o saudoso Ray Gillen, que havia largado o Black Sabbath depois de gravar os vocais de *The Eternal Idol* (1987); o batera Eric Singer (Kiss), que até então tinha no currículo discos e/ou turnês com Lita Ford, Gary Moore, Black Sabbath e Alice Cooper; e o baixista Greg Chaisson, o desconhecido da turma. E que disco maravilhoso esses quatro fizeram! Mas apesar de os anos terem conferido o status de cult e obra-prima a *Badlands*, o álbum acabou naufragando: chegou ao 57º lugar na Billboard, mas nem levou Disco de Ouro. Isso talvez se explique pela expectativa frustrada de muitos fãs, que esperavam heavy metal cheio de virtuosismo, não um hard rock clássico.

Mas vá saber que diabos passou na cabeça de quem ouviu *High Wire*, *Dreams in the Dark*, *Winter's Call*, *Streets Cry Freedom* e *Seasons*, por exemplo, e não se empolgou. Ou a brilhante *Rumblin' Train*, um hard blues com performances sensacionais de Gillen e Lee, que muitos anos depois, numa entrevista, tirou a dúvida deste repórter, que sempre ouviu este notas de *Since I've Been Loving You* naquele solo absurdamente espetacular. "Na verdade, eu tinha em mente os rumores de que Jimi Hendrix e Johnny Winter haviam feito uma jam em algum clube de Nova York. Nunca ouvi nenhuma gravação disso, mas fiquei imaginando como os dois soariam improvisando juntos num blues, então tentei tocar o que acredito que eles teriam feito."

Daniel Dutra

13. BANG TANGO

PSYCHO CAFÉ

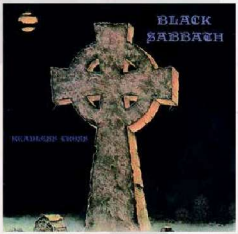
Não é raro escutar pérolas como "ah, Batalha, essas bandas que você fala e curte ninguém conhece." Não é e nunca foi assim. Após um EP ao vivo, *Live Injection*, a estreia do grupo americano Bang Tango chamou a atenção pela faixa *Someone Like You*, que saiu em videoclipe. O "fator MTV" fez seu papel, tanto que Corey Taylor (Slipknot e Stone Sour) declarou, muito tempo depois, ao Teamrock, que esta seria uma das faixas de seu playlist de anos 80. "Fale o que quiser, essa música é ridiculamente incrível. O trabalho de guitarra foi o suficiente para me fazer amar, mas, em seguida, os vocais de Joe Lesté também mais extravagantes e crus. Eu ainda possuo este álbum e o escuto sempre", disse o vocalista.

Agora que aproximamos as gerações, vale lembrar que este disco, produzido por Howard Benson (T.S.O.L, Pretty Boy Floyd, Tuff, Sanctuary, South Gang e outros) e lançado pela gravadora MCA, não se resume somente a *Someone Like You*. A banda de Joe Lesté (vocal), Mark Knight e Kyle Stevens (guitarra), Kyle Kyle (baixo) e Tigg Ketler (bateria) conseguiu ser diferente do que vinha sendo criado na fase do 'glam metal' americano, mas estampou, de fato, a sua marca somente no trabalho seguinte, *Dancin' On Coals* (1991), que seguiu a linha cheia de groove de *Love Injection*, *Do What You're Told* e *Sweet Little Razor*, além, obviamente, do hit *Someone Like You*. Porém, curiosamente, o debut, que obteve a 58ª posição da Billboard, fez mais sucesso comercial. Acontece...

Ricardo Batalha

14. BLACK SABBATH

HEADLESS CROSS



Composto e produzido numa parceria entre o guitarrista Tony Iommi e o saudoso baterista Cozy Powell, o décimo quarto álbum de estúdio do Black Sabbath flerta mais acentuadamente com o hard rock e o AOR, tendências presentes desde *Seventh Star* (1986).

O vocalista Tony Martin, que teve a difícil missão de substituir o saudoso Ray Gillen e regravar os vocais de *The Eternal Idol* (1987), estava novamente presente. Assim, com arranjos mais modernos e preenchidos pelos teclados do também saudoso Geoff Nicholls, *Headless Cross* marca, talvez, a fase mais melódica do Sabbath, no sentido mais semântico e menos 'nórdico' da palavra.

A faixa-título, promovida nas rádios e que saiu em videoclipe, entrega bem a veia hard rock citada. *Devil & Daughter* traz uma levada pulsante e uma interpretação impecável de Martin. Já *When Death Calls* conta com a participação de Brian May (Queen), com um solo simples e curto, mas marcante.

Kill in the Spirit World possui um daqueles solos cheios de feeling e melodia de Iommi. *Call of the Wind* e *Black Moon* mantém a pegada hard/heavy e a marcante balada *Nightwing* fecha o repertório com uma bela performance de Iommi e Powell. *Cloak and Dagger*, a faixa bônus, inicia com um riff sensacional de Iommi, traz um clima bluesy e segue uma tendência AOR.

Mesmo não sendo unanimidade entre fãs das fases Ozzy e Dio, *Headless Cross* possui uma produção primorosa, grandes composições e interpretações, o que o fez alcançar o Top 30 das paradas europeias.

Silvio Lopes (King Bird)

15. BLIND GUARDIAN

FOLLOW THE BLIND

Tempos empolgantes em 1989. Quando começamos a compor para *Follow the Blind* sentimos muita pressão em nossas costas. Para o nosso debut, *Battalions of Fear*, tivemos todo o tempo do mundo para criar músicas, mas, agora, de repente, tivemos que lidar com um cronograma e um prazo muito mais apertado, algo que não estávamos acostumados – e algo que ainda adoramos ignorar hoje em dia.

Além disso, queríamos lançar um álbum que superasse tudo o que havíamos feito até então. Nossa intenção era definir melhor nosso próprio estilo, então, com tudo isso em mente, começamos a trabalhar em novas músicas. O thrash dos anos 80 certamente teve um grande impacto sobre nós e transformou o *Follow the Blind* em nosso álbum mais 'thrashy' até hoje. Mas, por outro lado, também adicionamos mais elementos que se tornariam algumas de nossas marcas registradas, como os corais típicos e arranjos de guitarra harmônica. Além disso, nós também experimentamos colocar guitarras acústicas pela primeira vez, tudo isso para tentar incorporar novos elementos ao nosso som.

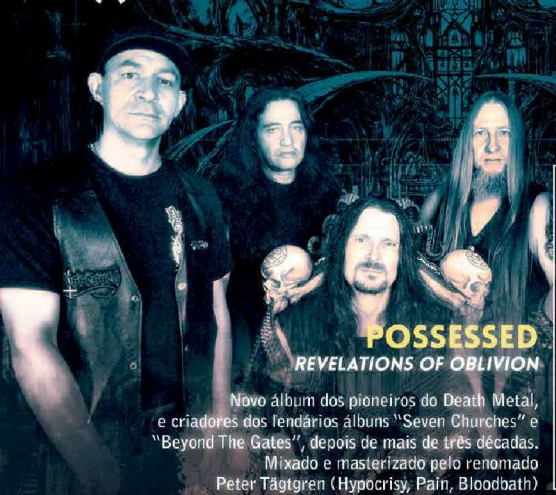
Pouco antes de irmos para o estúdio, percebemos que ainda tínhamos espaço para compor mais uma faixa e, então, criamos, de última hora, uma chamada *Valhalla*. Curiosamente, não estávamos muito felizes com essa música, porque, na época, pensamos que não estava no mesmo nível do restante do material. É, mas quem poderia imaginar que ela se tornaria uma das nossas músicas mais icônicas de todos os tempos?

Marcus Siepen (Blind Guardian)

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami Records
SOUND CITY RECORDS



POSSESSED

REVELATIONS OF OBLIVION

Novo álbum dos pioneiros do Death Metal,
e criadores dos lendários álbuns "Seven Churches" e
"Beyond The Gates", depois de mais de três décadas.
Mixado e masterizado pelo renomado
Peter Tägtgren (Hypocrisy, Pain, Bloodbath)

anúncio: www.**jduartedesign**.com

DEATH ANGEL

HUMANICIDE

O novo álbum da lendária banda de Thrash Metal da Bay Area
Inclui uma faixa bônus

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

SABATON
THE GREAT WAR

MEMORIAM
REQUIEM FOR MANKIND

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 **loja**@shinigamirecords.com

16. BLUE MURDER

BLUE MURDER

O termo supergrupo, usado muitas vezes sem critério, cairia bem ao Blue Murder mesmo se a formação pensada por John Sykes para a sua banda pós-Whitesnake fosse diferente da que gravou este debut. "A versão original seria um quarteto, com Ray Gillen no vocal e Cozy Powell na bateria, mas depois John decidiu cantar e chamou Carmine Appice no lugar de Cozy, que saiu para tocar com o Gary Moore", explicou Eric Singer (Kiss, Badlands, Alice Cooper e outros). "Gosto do vocal de Sykes, mas imagine se ele fizesse um dueto com Gillen", acrescentou o baterista.

"*Blue Murder* virou um álbum lendário, mas, à época, vendeu apenas duzentas mil cópias nos EUA, o que não era nada, afinal, as bandas vendiam cinco milhões", observou o baterista Carmine Appice, que formava a cozinha com o baixista Tony Franklin (The Firm e outros). "Tínhamos um grande disco com grandes músicas, uma boa gravadora e o produtor certo (N.R.: Bob Rock), mas também tínhamos uns empresários de merda", completou.

Não sei qual foi a estratégia da Geffen Records, mas não dá para discordar de Carmine. O repertório indefectível destacou, de cara, as faixas *Jelly Roll* e *Valley of the Kings*, coescrita por Tony Martin, que retornou ao Black Sabbath e não pôde ficar com Sykes.

Lançado em 25 de abril de 1989, o disco ainda trouxe outras grandes composições, como *Riot, Sex Child, Blue Murder, Out of Love, Billy, Ptolomy* e *Black Hearted Woman*. Sim, com Sykes detonando em riffs, solos e nos vocais!

Ricardo Batalha

17. BOLT THROWER

REALM OF CHAOS: SLAVES TO DARKNESS

Um ano depois de estrearem oficialmente com *In Battle There Is No Law!*, os ingleses do Bolt Thrower estavam prontos para seguir adiante em sua batalha pelo death metal. A banda ainda era a mesma: Karl Willetts no vocal; Baz Thomson e Gavin Ward dividindo as guitarras; Jo Bench, mais firme do que nunca no baixo; e a bateria cuspindo fogo como um canhão Krupp 150 nas mãos de Andy Whale.

Se a formação estava intacta, duas mudanças foram fundamentais para que a lenda death de Coventry alcançasse o próximo nível. Primeiro, a mudança de selo, já que *Realm of Chaos* era o primeiro álbum do Bolt Thrower pela Earache, um selo que vinha se tornando gigante no metal extremo. Dessa nova parceria, a segunda mudança, que nada mais era do que a presença do produtor Digby Pearson. Ele que, no ano anterior, tinha marcado seu nome nas obras de Napalm Death e Carcass, e adicionava Morbid Angel e Bolt Thrower ao seu currículo em 1989. Com engenharia de som do fantástico Colin Richardson, então em início de carreira, o quinteto inglês conseguiu uma sonoridade densa, crua e suja, na medida do que pede a música extrema.

Se a sonoridade é muito boa, o repertório é clássico: *Dark Millennium*, *Lost Souls Domain*, *Drowned in Torment* e a faixa-título fizeram por merecer o lugar de que dispõe no rol das mais influentes do gênero. Não são os únicos destaques deste ótimo disco, que serve como um grande aperitivo para *War Master*, um novo clássico que viria dois anos depois.

Valtemir Amler

18. BONFIRE

POINT BLANK

Imagine a cena: você monta uma banda, ostenta o status de líder dela, é o principal compositor por anos... E acaba demitido! Essa realidade nua e crua se aplica a vários artistas no mundo do rock e do metal. Mas neste caso estamos falando do guitarrista Hans Ziller, que, em função de desentendimentos com a gravadora BMG (e a banda), foi desligado do Bonfire durante o processo de criação do terceiro álbum, *Point Blank*.

O grupo alemão de hard rock, nascido nos anos 70 sob a alcunha de Cacumen e que, em meados da década de 80, após firmar contrato com a BMG, foi rebatizado de Bonfire, passou por uma fase de transformação em seu line-up depois dos álbuns *Don't Touch the Light* (1986) e *Fireworks* (1987).

Angel Schleifer ficou responsável pelas seis cordas, enquanto Edgar Patrik assumiu as baquetas. Mesmo com as mudanças, *Point Blank* traz a assinatura de Ziller em dez de suas 17 faixas – ele ainda gravou partes de guitarra em três delas.

Musicalmente, o álbum traz canções certeiras para os fãs de hard/glam rock, como *Bang Down The Door*, *Never Surrender* e a balada *Why Is It Never Enough*, com destaque para o talentoso vocalista Claus Lessmann. Não foi o suficiente para emplacar o tão sonhado sucesso que a gravadora esperava. O disco alcançou um modesto 74° lugar no Reino Unido.

A parceria com a BMG rendeu um quarto trabalho de estúdio, *Knock Out* (1991), antecedendo o retorno de Ziller e a retomada da aliança com Lessmann. Mas aí já é outra história.

Thiago Prata

19. BONHAM

THE DISREGARD OF TIMEKEEPING

Após passar por Airrace e Virginia Wolf, Jason Bonham tocou com Jimmy Page em seu álbum solo, *Outrider* (1988). Autodidata, o filho do saudoso John Bonham aproveitou o que tinha no sangue. "Nunca tive aulas de bateria, aprendi sozinho e muito rápido. Era algo que eu já tinha dentro de mim", revelou o músico à ROADIE CREW.

Com respaldo, Jason quis formar a própria banda e a notícia chegou ao Canadá. "Chris Michaels, de uma rádio local de Barrie, Ontário (CAN), conversou com Brian Howe, então vocalista do Bad Company. Brian me ligou e mencionou que Bonham estava procurando por um vocalista e, tempos depois, lá estava um canadense em uma banda inglesa", disse o vocalista Daniel MacMaster, falecido em 2008. O grupo foi completado por Ian Hatton (guitarra) e John Smithson (baixo).

The Disregard of Timekeeping não foi só produzido por Bob Ezrin (Alice Cooper, Pink Floyd, Kiss e outros), pois o experiente produtor ajudou a compor três das onze faixas do repertório. O guitarrista Trevor Rabin (ex-Yes), que à época produzia seu álbum solo, *Can't Look Away* (1989), com Ezrin, participou em outras três canções.

The Disregard of Timekeeping ficou em 38º lugar nos EUA e em 65º no Canadá. O single *Wait for You* emplacou a 9ª posição no Mainstream Rock Tracks e 55ª no Hot 100 da Billboard. Já *Guilty* figurou em 29º no Mainstream Rock Tracks, em 1990, ano em que o álbum foi certificado com Disco de Ouro pela RIAA. No Brasil, a "bolacha" foi distribuída pela CBS.

Leonardo M. Brauna

20. BRITNY FOX

BOYS IN HEAT

Long Way to Love é uma de minhas músicas preferidas, aquela do tipo que arrepia, me faz cantar, pular e fazer lábios de vocalista de banda poser... No entanto, integra o primeiro álbum do Britny Fox, que antecedeu *Boys in Heat*. Mas por que resgatar uma faixa do disco anterior? Porque, apesar de várias boas composições, como *In Motion*, *Standing in the Shadows*, *Dream On*, *Long Way from Home* e *Angel in My Heart*, *Boys in Heat* não conseguiu alcançar o sucesso debut, que vendeu cerca de 800 mil cópias e garantiu um Disco de Ouro.

Em 1988, o Britny Fox também esteve em turnê com o Poison e, pelo fraterno agradecimento aos membros da banda no encarte deste álbum, os tempos na estrada foram bons. Portanto, em 1989 o grupo americano ainda colhia os frutos da bela estreia, incluindo uma turnê com Ratt. O próprio baterista Johnny Dee contou à ROADIE CREW que eles não queriam gravar o segundo álbum naquela época, mas, por imposição da gravadora, deixaram a estrada e entraram em estúdio. "Aquele foi o primeiro momento de tensão que, de certa forma, fez a bolha estourar. (...) Nós queríamos gravar, mas não naquele momento. Além disso, Dean (Davidson) estava receoso quanto ao glam/hard rock, pois estava vendo de perto o crescimento do The Black Crowes", disse.

Não por acaso, o vocalista "Dizzy" Dean Davidson pediu as contas em 1990 e montou o Blackeyed Susan, pois queria um hard mais "sério". Diante disso, é perfeitamente entendível por que *Boys in Heat* não obteve tanto sucesso.

Ivanei Salgado

21. CANDLEMASS

TALES OF CREATION

Após lançar três álbuns completos, o Candlemass vivia uma situação curiosa em 1989. Por um lado, estava em uma posição privilegiada: seus três primeiros registros tinham ajudado a definir um estilo, e o futuro os provaria como clássicos absolutos. Mas é justamente no bônus que vinha o ônus. Em seu quarto registro, os suecos teriam que fazer valer o bom nome conquistado, o que nem sempre é das tarefas mais simples.

Para tentar manter os bons resultados, Messiah Marcolin (vocal), Mats "Mappe" Björkman e Lars "Lasse" Johansson (guitarras), Leif Edling (baixo) e Jan Lindh (bateria) decidiram apostar alto. A ideia original para *Tales of Creation* era a criação de um álbum conceitual, completamente baseado nas lendas da criação do mundo e de todas as coisas. Embora não tenha realmente assumido esse caráter, o tema está presente na maior parte dos elementos que compõem o material, produzido pela banda ao lado de Mats Lindfors.

Os vocais declamados em *The Prophecy* introduzem a história, que evolui em uma narrativa poética nas vinhetas *Voices in the Wind* e *Dawn*, e ganha ganchos precisos quando combinada com as linhas de guitarra gordurosas de *Dark Reflections*, *The Edge of Heaven*, *Through the Infinitive Halls of Death* e até em *Under the Oak*, regravação de uma música que originalmente apareceu no álbum de estreia, *Epicus Doomicus Metallicus* (1986).

Tales of Creation também marcaria o último registro da banda com Marcolin, até seu retorno no álbum homônimo de 2005.

Valtemir Amler

22. CARCASS

SYMPHONIES OF SICKNESS

Certamente a água que os Beatles beberam não era da mesma fonte que o Carcass bebeu algumas décadas depois, mesmo que ambas tenham nascido em Liverpool (ING). Ninguém teve dúvida disso quando ouviu *Reek of Putrefaction* (1988), álbum que marcou estreia oficial do Carcass após duas demos.

E, para Bill Steer (guitarra), Jeff Walker (baixo) e Ken Owen (bateria), praticamente tudo havia mudado com aquele primeiro álbum. Mesmo fazendo tudo para "desagradar", eles tinham se tornado uma das bandas favoritas do DJ John Peel, que ajudou o trio a lançar o EP *The Peel Sessions* em 1989, o primeiro passo para este lendário segundo álbum da discografia.

Mais que um simples "abre-alas", *The Peel Sessions* foi uma mostra de que as coisas estavam mudando, pois as características percebidas no EP se tornavam evidentes em *Symphonies of Sickness*. Sim, o Carcass era uma banda mais madura! Embora o som continuasse extremo e maldito, agora se mostrava mais bem estruturado e trabalhado, com linhas de guitarra mais envolventes e complexas (às vezes dobradas), vocais que não soavam embrulhados. Além disso, a produção de Colin Richardson permitia compreender o que a banda estava tocando.

O novo som, mais focado no death metal do que no grind puro, exigiu que a banda efetivasse um segundo guitarrista durante a turnê, o sueco Michael Amott. Além de um passo para o que seria no futuro, *Symphonies of Sickness* cravou um dos maiores clássicos do deathgrind: *Exhume to Consume*.

Valtemir Amler

23. CORONER

NO MORE COLOR

A frente do seu tempo, o Coroner sempre trouxe músicas extremamente trabalhadas e elaboradas com estruturas e evoluções inteligentes, complexas e simples ao mesmo tempo, com melodias marcantes, além de pitadas da influência de rock progressivo. Tudo muito bem tocado, dentro da agressividade e a energia características do thrash metal.

Além de excelentes músicos, Ron Broder (Ron Royce) no vocal e baixo, Tommy Vetterli (Tommy T. Baron) na guitarra e Marky Edelmann (Marquis Marky), baterista e letrista, incorporam à sua música todo e qualquer estilo fora do metal que venha a influenciá-los, como jazz, blues, música clássica e o experimentalismo. E o fazem sem qualquer receio.

No More Color, o terceiro da carreira, foi gravado no Sky Trak Studio, em Berlin (ALE), em junho de 1989, tendo a mixagem feita por Scott Burns no emblemático Morrisound Studios, em Tampa/Flórida (EUA). O álbum mantém o amadurecimento nas composições que vinham desde a demo *Death Cult* (1986), passando por *R.I.P.* (1987) e *Punishment for Decadence* (1988).

Se não conhece a banda ao vivo, assista *Live East Berlin* (1990), lançado em VHS na época. O show foi gravado durante a "No More Colour Tour", em um festival com Sabbat, Tankard e Kreator. É incrediblével a excelência do Coroner ao vivo, mostrando o quanto é natural a fidelidade às suas composições, sem deixar de lado a energia verdadeira de sentir a música, por mais complexa que seja. Eterna inspiração.

Amilcar Christófaro (Torture Squad)

24. D.A.D

NO FUEL LEFT FOR THE PILGRIMS

A Escandinávia na década de 1980 não chamou a atenção apenas pela seleção dinamarquesa de futebol. Assim como a seleção capitaneada pelos irmãos Laudrup, um quarteto do mesmo país ganhou o mundo com o lançamento do seu terceiro disco, *No Fuel Left for the Pilgrims*.

Lançado em março de 1989 pela Warner Music, o Disneyland After Dark, ou simplesmente D.A.D, contava com Jesper Binzer (vocal e guitarra), Jacob A. Binzer (guitarra), Stig Petersen (baixo) e Peter I. Jensen (bateria), responsáveis por uma mistura explosiva de hard rock, punk rock e elementos de estilos como surf music e new wave. É, mas esta miscelânea soava homogênea e contagiante.

O hit single *Sleeping My Day Away* abre o disco de forma explosiva, com guitarras pesadas e grudentas e um refrão que levanta até defunto. O que me fez lembrar meus doze anos de idade, época que dava meus primeiros passos no rock, tendo essa como uma das trilhas da adolescência. Outros destaques ficam por conta das viscerais *True Believer* e *Jihad*, ambas com acento punk; a cadenciada *Point of View* e as grudentas *Overmuch* e *Lord of Atlas*.

O disco até foi bem nos EUA, conquistando a posição 116 nos chats. Longe do estrelato conquistado por Bon Jovi, Guns N'Roses, Mötley Crüe e outros, os dinamarqueses deixaram sua bela contribuição no mundo do rock, assim como a seleção de seu país em 1986. Ainda na ativa, a banda segue deixando o seu legado, em especial Jesper Binzer, que possui diversos registros solo.

João Messias Jr.

AGÊNCIA OM

Há 3 anos oferecendo excelentes opções aos festivais e eventos de Rock/Metal, criando ações relevantes na divulgação, crescimento e profissionalização de bandas e eventos.

BOOKING

GESTÃO DE AGENDA DE SHOWS
GERENCIAMENTO DE CARREIRA
ASSESSORIA DE IMPRENSA

Tuatha de Danann
Folk Metal

Project 46
Metalcore

Korzus
Thrash Metal

Attomica
Thrash Metal

Torture Squad
Thrash/Death

Genocídio
Death Metal

Taurus
Thrash Metal

Salário Mínimo
Hard/Heavy

Virus
Heavy Metal

Mutilator
Death Metal

Vandroya
Power Metal

Shotdown
Thrash/Groove

Semblant
Dark/Gothic Metal

Distraught
Thrash Metal

Imago Mortis
Doom Metal

Dysnomia
Death Metal

Melanie Klain
Metal

Desert Dance
Hard Rock

Rest In Chaos
Thrash/Death

Tessalônica
Hardcore

Legacy Of Kain
Metalcore

Insane Driver
Metal

Syn TZ
Heavy Metal

Gestos Grosseiros
Death Metal

Setfire
Thrash/Death

Dancing Flame
Hard/Heavy

Alefla
Metal Melódico

Eve Desire
Simphonic Metal

Final Disaster
Horror Metal

Attractha
Prog Metal

Bella Utopia
Rock/Metal

CONTATOS:

phillmanager@gmail.com / +55 24 99296-6639 / +55 11 93067-6175

@agency.om

25. D.R.I.

THRASH ZONE

A transformação era uma constante na carreira dos texanos do Dirty Rotten Imbeciles. Após o início ferrenho no hardcore punk, a banda enveredou para os lados do crossover, e, desde então, foi adicionando doses cada vez maiores de thrash metal à sua mistura musical. Se o álbum de 1988, *4 of a Kind*, indicava uma banda muito mais metal do que hardcore, o novo deixava as intenções de Kurt Brecht (vocal), Spike Cassidy (guitarra), John Menor (baixo) e Felix Griffin (bateria) claras desde o título: *Thrash Zone*.

E não adiantava nem se fazer de desentendido, pois, ao botar o vinil para rodar, o ouvinte já era recebido pelos riffs rápidos e firmes de *Thrashard*, outra que vinha repleta de 'más intenções' desde o título. Mas, se mesmo assim você quiser fazer corpo mole, o 'breakdown' esmagador de *Beneath the Wheel* vai trazer aquele choque de realidade que só um 'circle pit' vicioso de shows de thrash metal pode oferecer.

Para ajudar a alavancar as vendas – *Thrash Zone* alcançou a posição 140 na Billboard 200, e permanece o mais bem sucedido da banda –, dois vídeos foram produzidos, *Beneath the Wheel* e *Abduction*, que receberam boa acolhida pela então influente MTV.

Produzido e mixado pelo californiano Bill Metoyer (Cirith Ungol, Armored Saint, Dark Angel, Corrosion of Conformity) ao lado do próprio Cassidy, *Thrash Zone* ainda destaca *Labeled Uncurable*, *Gun Control*, *Standing In Line*, e Give *A Hoot*, todas com ótimos riffs e linhas vocais típicas de Brecht.

Valtemir Amler

26. DANGER DANGER

DANGER DANGER

Formado em 1987 no Queens, em Nova York, por Bruno Ravel (baixo) e Steve West (bateria), o Danger Danger estreou em 1989. Porém, nos dois anos que antecederam o trabalho, muita coisa aconteceu com o grupo que, só após a entrada do vocalista Ted Poley, assinou com a Epic Records. Em mais um entra e sai, o guitarrista Tony "Bruno" Rey, que gravou algumas faixas do debut homônimo, cedeu o posto a Andy Timmons, que registrou outras duas do repertório.

Lançado em LP no mercado brasileiro, o disco é repleto de grandes composições, algumas que se tornaram clássicos do hard rock. Produzido por Lance Quinn, o trabalho teve três singles: *Naughty Naughty*, *Bang Bang* e *Don't Walk Away*. Com a boa repercussão alcançada, em poucas semanas ganhou Disco de Ouro e obteve a 88ª posição na Billboard 200.

Um dos grandes destaques é a voz de Ted Poley, que se mostra melódica e forte, se encaixando bem no hard festivo praticado pelo grupo. "Aquela foi uma época especial. Nossos vídeos foram para os primeiros postos na MTV e as músicas para as paradas. O sonho enfim tinha se realizado. Fiquei famoso", diverte-se o bem-humorado Poley.

Outras faixas que ganharam destaque foram *Saturday Nite*, um hard afiado e com ótimas linhas de guitarra; *Rock America*, daquelas que fazem a alegria dos fãs; a marcante *Boys Will Be Boys*, um pouco mais "pesada"; a bela *One Step From Paradise*; e o clima AOR de *Feels Like Love*. Em sua estreia, o Danger Danger mostrou que tinha classe e categoria.

Sergiomar Menezes

27. DARK ANGEL

LEAVE SCARS

O terceiro disco dos norte-americanos, lançado no início de 1989, é o primeiro com o vocalista Ron Rinehart. Trinta anos após o seu lançamento, *Leave Scars* ainda é um dos meus álbuns favoritos em termos de thrash metal. Talvez poucos saibam, mas Gene Hoglan passou por um período como roadie do Slayer e certamente deve ter se inspirado para superar os mestres do thrash metal com sua velocidade e brutalidade. Dotado de um enorme potencial, Hoglan, o chamado "The Atomic Clock", é um baterista implacável, técnico e muito rápido.

Já a dupla das seis cordas também é absurda e apresenta uma parede sonora gigante, com seus riffs penetrantes e extremamente agressivos. Tudo isso somado ao baixo contundente de Mike Gonzales e, claro, ao insano Ron Rinehart, cuspindo letras acidas, doentias e enormes (haja memória!). Juntos, eles atingiram a mescla perfeita de brutalidade e de uma velocidade única, alcançada por poucas bandas, ainda mais em se tratando de anos 80.

Leave Scars é repleto de faixas longas (acima dos 5 minutos) e brutais. Talvez por não terem se vendido ao comercialismo ou cedido a músicas mais lentas e acessíveis, como a maioria das bandas mais conhecidas do estilo fez, vide Metallica, Megadeth e Anthrax, que assolaram a cena no fim dos anos 80, o Dark Angel permanece uma joia rara. Definitivamente, é mandatório para qualquer headbanger. Se estiver procurando thrash metal de verdade, direto dos anos 80, não deixe de ouvir esse clássico!

Edu Lane (Nervochaos)

28. DORO

FORCE MAJEURE

Triumph And Agony chegou às lojas em setembro de 1987 e trazia um Warlock bem diferente do power metal europeu que consagrou a banda alemã. Com os norte-americanos Tommy Bolan (guitarra) e Tommy Henriksen (baixo) substituindo Peter Szigeti e Frank Rittel e o produtor Joey Balin, a linha sonora estava mais voltada ao que o mercado dos EUA consumia.

Como o álbum foi Disco de Ouro na Alemanha e Top 100 na terra do Tio Sam, a tendência era que isso se ampliaria ainda mais em *Force Majeure* dois anos depois. O trabalho, que deveria ser o quinto do Warlock, teve outro destino, mas confirmou as previsões. A vocalista Doro Pesch, além de se ver como única remanescente da formação original, foi forçada a assumir o status de artista solo graças ao embate judicial com o antigo produtor do grupo pela marca Warlock. Em entrevista a Metal Forces Magazine, em 2016, ela afirmou nunca ter tido essa intenção, pois sempre se sentiu uma "jogadora de time".

Outra vez com Balin na condução, Doro teve Henriksen, Jon Levin (guitarras) e o experiente Bobby Rondinelli (Rainbow, Scorpions, Black Sabbath, entre outros) na bateria. O esforço para agradar ouvidos menos radicais se via na abertura do disco com o clássico *A Whiter Shade of Pale*, do Procul Harum, e a balada *Beyond The Trees*. Nem por isso se prive de ouvir estas e *Save My Soul*, *Hellraiser*, *Under The Gun*, *World Gone Wild*, *I Am What I Am* e *Mission Of Mercy*. Sem dúvida, um dos melhores registros do fim da década de 1990.

Alessandro Bonassoli

29. DREAM THEATER

WHEN DREAM AND DAY UNITE

É bem provável que, em uma loja de discos, você passe despercebido pelo debut desses ícones do prog metal. É que na capa de *When Dream and Day Unite*, o Dream Theater aparece escrito com uma fonte que destoa daquela que conhecemos, adotada no próximo álbum. Mas o famoso Majesty Symbol, formado pela união das letras gregas Phi, Mu e Lambda, aparece pela primeira vez. Vale dizer que o mesmo está presente até os dias de hoje.

Pois bem, aqui, os vocais não são de James LaBrie, mas de Charlie Dominici que, ao lado dos fundadores John Petrucci (guitarra) e John Myung (baixo) e o baterista Mike Portnoy, protagonizam uma estreia discreta, mesmo com os singles *Status Seeker* e *Afterlife*, que tiveram certa relevância. Destaques também para *A Fortune in Lies* e a instrumental *Ytse Jam*, considerada hoje um clássico. "Muitas daquelas músicas ficaram marcadas para sempre na mente dos fãs. É uma honra ter feito parte de algo tão grande quanto o Dream Theater e constar na história da banda", declarou Dominici.

Claro que a qualidade técnica dos músicos já chamava atenção, deixando clara a influência de nomes como Rush e Queensrÿche. Porém, os vocais de Dominici passaram a ser um problema após uma rápida turnê pelos EUA. Labrie, que estreava em 1989 com a banda de hard rock Winter Rose, foi recrutado e o resto da história você já sabe.

Em 2004, quando o disco completou 15 anos de lançamento, o Dream Theater revisitou o material no ao vivo *When Dream and Day Reunite*.

Matheus Vieira

30. ENUFF Z'NUFF

ENUFF Z'NUFF

É compreensível o fato de as pessoas dizerem que o Enuff Z'Nuff é uma espécie de Beatles do hard rock, afinal, a banda de Blue Island/Illinois (EUA) tem grande influência dos Fab Four de Liverpool. Entretanto, a similaridade ainda não era evidente no debut gravado pelos líderes Chip Z'Nuff (vocal e baixo) e Donnie Vie (vocal e guitarra), e pelo saudoso Derek Frigo (guitarra, ex-Le Mans) e o talentoso e polêmico baterista Vikki Foxx, primo da atriz Anna Chlumsky (a Vada de "Meu Primeiro Amor", de 1991), que nos bastidores ficou conhecido por roubar equipamentos das bandas em que tocou.

O quarteto entrou na onda do glam rock americano, sonora e visualmente. Apesar da estética psicodélica e cheia de imagens do símbolo do movimento flower power, os músicos carregavam na maquiagem, laquê e roupas multicoloridas – a contragosto de Vie, que não curtia ver o EzN sendo rotulado como "hair metal".

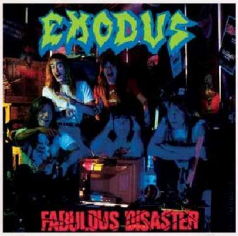
Os clipes *New Thing* e *Fly High Michelle*, até hoje o maior hit do EzN, subiram, respectivamente, para 67° e 47° na Billboard Hot 100. Já *Hot Little Summer Girl* e *I Could Never Be Without You* apareceram nas séries Barrados no Baile e Northern Exposure. Anos depois, o vídeo de *Fly High Michelle* foi alvo do sarcástico desenho Beavis & Butt-head, da MTV.

As demais músicas, *She Wants More*, *In the Groove*, *Little Indian Angel*, *For Now*, *Kiss the Clown* e *Finger on the Trigger* também justificam *Enuff Z'Nuff* ser o álbum mais vendido da banda até hoje.

Leandro Nogueira Coppi

31. EXODUS

FABULOUS DISASTER



Esse é o álbum em que se encontra a música com as rimas mais sensacionais do thrash metal. *Fabulous Disaster* é digna de fazer inveja a qualquer batalha de rappers ou duelo de repentistas. Em seu segundo álbum à frente do Exodus, Steve "Zetro" Souza se saiu muito bem. Afinal, era difícil substituir Paul Baloff, figura ímpar no cenário thrash da Bay Area de São Francisco e que havia potencializado seu status no aclamado *Bonded by Blood* (1985).

Fabulous Disaster dispõe de outras faixas excepcionais, também compostas por Gary Holt (guitarra): *The Last Act of Defiance*, *Toxic Waltz*, *Cajun Hell*, *Like Father, Like Son*, *Corruption*, *Verbal Razors* e *Open Season*. Ou seja, todas elas, sem exceção, incluindo os covers de *Overdose* (AC/DC), perfeito na voz de Zetro; e da divertida e contestada *Low Rider*, da banda funk californiana War, merecem elogios.

Mesmo sem um single, o disco ganhou exposição com a exibição do clipe de *Toxic Waltz* no programa Headbangers Ball, da MTV. E tanto ela quanto *Low Rider* dividiram espaço nas rádios.

Mesmo com tantos predicados, *Fabulous Disaster* é preterido pela maioria dos fãs, que apontam *Bonded By Blood* como o melhor do grupo. No entanto, a segunda maior parcela (me incluo nela) enxerga que esse é o único a bater o debut. Melhor ou não, o fato é que *Fabulous Disaster* chegou ao 82° lugar da Billboard 200. Foi nele também que o exímio baterista Tom Hunting se despediu do Exodus, até retornar em 1997 para o ao vivo *Another Lesson in Violence*.

Leandro Nogueira Coppi

32. EXTREME

EXTREME

Quando lançado, passou batido. Hoje, permanece esquecido. Uma pena. O primeiro álbum do Extreme deveria ter tido mais reconhecimento. *Extreme* não fica atrás do sucessor *Extreme II: Pornograffitti* (1990), que trouxe fama mundial à banda com os hits *Get the Funk Out*, *Hole Hearted*, *Decadence Dance* e, principalmente, *More than Words*, balada que até a sua avó cantarolava.

Extreme aborda muito sobre a ingenuidade da infância, como evidencia os títulos de *Teacher's Pet* e *Big Boys Don't Cry*, e dos singles *Little Girls*, *Kid Ego*, *Mutha (Don't Wanna Go to School Today)* e *Play with Me*, música com introdução de guitarra em referência à Mozart e que tocou em rádios e figurou nas trilhas dos filmes "Bill e Ted: Uma Aventura Fantástica" (1989) e "Um Jurado Muito Louco" (1995).

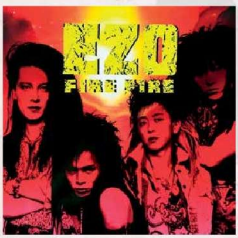
Versátil, *Extreme* exala um hard rock de pegada funkeada, característica que consagrou o grupo de Boston (EUA). Muito de sua qualidade vem da genialidade de Nuno Bettencourt. Tanto que, no DVD *Pornograffitti Live 25: Metal Metaldown* (2016), o guitarrista português ganhou elogios de seu ídolo e amigo Brian May, do Queen. Porém, *Extreme* também se beneficia do groove de Pat Badger (baixo) e Paul Geary (bateria) e do despojamento do frontman Gary Cherone. Traz arranjos com solo de gaita, coral infantil, belas orquestrações, ótimos timbres e influências de Queen e Van Halen que saltam à vista.

Entendeu por que *Extreme* merecia mais do que 300 mil cópias vendidas e um modesto 80° lugar no chart Billboard 200?

Leandro Nogueira Coppi

33. EZO

FIRE FIRE



Depois de chamar a atenção de Gene Simmons (Kiss), que produziu e auxiliou os japoneses no debut, *E-Z-O* (1987), Masaki Yamada (vocal), Shoyo Iida (guitarra), Taro Takahashi (baixo) e Hirotsugu Homma (bateria) se viram sem o apoio do ex-padrinho para o segundo álbum. No Brasil, o disco de estreia tinha saído pela Geffen e fabricado pela BMG Ariola, além de o clipe de *Flashback Heart Attack* ter sido exibido nos programas da época. Porém, com *Fire Fire* tudo foi diferente.

Já sem o 'visual kei', que era utilizado desde quando o grupo atendia por Flatbacker, os japoneses contaram com a ajuda de outro time para compor e gravar *Fire Fire* no Atlantic Studios, de Nova York. Para tal, foram recrutados James Palace (China, Lethal), Jody Gray (Loudness, Lee Seung Chul), David Roach (Dangerous Toys), Chris Gates (Junkyard, Dangerous Toys) e o próprio produtor Stephan Galfas (Meat Loaf, Savatage, Stryper, Saxon, Blackfoot).

Assim, a mescla de hard rock, heavy e speed metal do passado havia dado espaço para o puro hard rock, como comprovam a faixa-título, *Love Junkie*, *Night Crawler*, *Streetwalker* e o maior hit, *Million Miles Away*, que veio totalmente na linha do The Cult de *Sonic Temple*. Curiosamente, tempos depois, o Skid Row regravou *Fire Fire* no EP *United World Rebellion: Chapter One* (2013).

Após a turnê americana, a Geffen alegou que o EZO não estava dando lucro e dispensou o grupo. Assim, o encerramento precoce das atividades se deu oficialmente em julho de 1990.

Ricardo Batalha

34. FAITH NO MORE

THE REAL THING

O Faith no More mostrou-se uma banda promissora desde os primórdios, e a esculhambação promovida às iniciativas de caridade por parte dos artistas (Live Aid, Farm Aid etc.) através da debochada *We Care a Lot* ajudou bastante nisso. A música teve razoável exibição na MTV e ajudou a dar certa visibilidade à banda. Porém, havia um problema: o vocalista Chuck Mosley, a despeito de seu talento, mantinha um comportamento que só prejudicava o grupo. Era hora de achar um substituto. A escolha recaiu sobre Mike Patton, do Mr. Bungle. "A gente ouviu uma fita da banda e Jim (Martin, guitarrista) adorou, porque lembrava Slayer", lembrou o baterista Mike Bordin em recente entrevista. "Ele dizia: 'Esse cara deve ser um gordo pra cantar desse jeito! Vamos contratar o gordo do Mr. Bungle!'"

Patton não era gordo, mas seu talento sempre foi enorme. E sua estreia foi em *The Real Thing*, produzido por Matt Wallace. Boa parte do material já tinha sido composto, mas Patton acabou assinando todas as letras (sendo uma em parceria com Jim Martin e outra com o baixista Bill Gould). Se a banda já era uma usina de estilos, aqui a coisa ficou ainda mais variada. Tem de tudo no disco, de punk a pop, de funk a hip hop, passando por uma versão correta e fiel à original de *War Pigs*, do Black Sabbath.

O disco marcou a ida da banda para a gravadora Reprise e se tornou o maior sucesso de sua carreira, com direito a Disco de Platina e lugar de destaque nas paradas. Epic!

Antonio Carlos Monteiro

35. FASTER PUSSYCAT

WAKE ME WHEN IT'S OVER

Se os integrantes do Pretty Boy Floyd se davam bem na cena glam americana sendo "os reis da Sunset Strip", que é uma famosa avenida de Los Angeles, imagine os do Faster Pussycat então? É, eles eram conhecidos como "os reis do sleaze glam de Hollywood".

Taime Downe (vocal), Brent Muscat e Greg Steele (guitarras), Mark Michals (bateria) e Eric Stacy (baixo) – sucessor de Kelly Nickels, que, após perder a vaga devido a um acidente de moto, se debandou para o L.A. Guns – causaram tanto alvoroço na cena local, que foram contratados pela Elektra Records. Graças a essa parceria, o grupo lançou em 1987 o seu primeiro álbum. A moral do quinteto era tanta naqueles dias, que *Faster Pussycat* vendeu muito bem, a ponto de esgotar nas lojas e bater nada menos do que *Appetite for Destruction*, do Guns N'Roses. Para você ter uma ideia do sucesso que foi, a banda excursionou com David Lee Roth, Alice Cooper e Motörhead.

Dando continuidade à festa, dois anos após o debut o Faster Pussycat lançava mais um belo álbum. Melhor produzido e inspirado em Rolling Stones, *Wake Me When it's Over* contribuiu ainda mais para o sleaze glam com preciosidades como os singles *Where There's a Whip There's a Way*, *Poison Ivy* e a balada *House of Pain*. Além destas, destacam-se *Little Dove*, *Pulling Weeds*, *Slip of the Tongue* e *Ain't No Way Around it*. Resultado? Disco de Ouro! E assim a coroa de "reis do sleaze glam de Hollywood" continuou pertencendo ao Faster Pussycat.

Leandro Nogueira Coppi

36. FATES WARNING

PERFECT SYMMETRY

A primeira vez a gente nunca esquece. No caso do Fates Warning, uma experiência positiva. Ou seja, *Perfect Symmetry* é um disco especial para este repórter, que travou aqui seu primeiro contato com um dos integrantes da santíssima trindade do prog metal – a saber, completada por Queensrÿche e Dream Theater. Três décadas depois, as memórias daquele garoto, então com 15 anos, ainda estão vivas: numa tarde qualquer, dar um pulo na Sub Som – a lendária loja de discos na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro – e voltar para casa com o novo disco de uma banda sobre a qual ele sempre tinha ouvido falar bem. Compra que só foi possível porque a gravadora Eldorado acabara de lançar o vinil no Brasil.

O Fates Warning abriu um novo e maravilhoso mundo depois que agulha percorreu os dois lados do LP. Canções como *Part of the Machine*, *Through Different Eyes*, *At Fates Hands* e *Nothing Left to Say* causaram impacto. Aí foi só descobrir que Ray Alder (vocal) havia estreado no álbum anterior, *No Exit* (1988), mas que *Awaken the Guardian* (1986) também era um disco lindo de morrer; que o som da banda ficou ainda mais intrincado com a entrada do extraordinário Mark Zonder (bateria) justamente em *Perfect Symmetry*; e que Jim Matheos (guitarra) é um gênio – Frank Aresti (guitarra) e Joe DiBiase (baixo) completavam a formação. O disco ainda tinha um Kevin Moore como convidado, mas o Dream Theater só se tornou alguém tempos depois. E há 30 anos o Fates Warning foi amor à primeira audição.

Daniel Dutra

37. FIFTH ANGEL

TIME WILL TELL

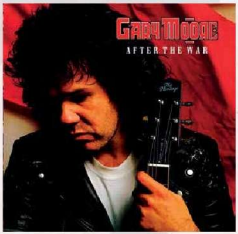
Depois de lançar o autointitulado álbum de estreia pela Shrapnel Records, em 1986, o Fifth Angel tirou a sorte grande ao assinar com a Epic Records, que relançou *Fifth Angel* e colocou nas lojas o segundo trabalho, *Time Will Tell*. A sorte grande, no entanto, teve contornos de Cinderela: durou até a meia-noite dos anos 90, quando inúmeras bandas sucumbiram a mudanças no mercado. Ted Pilot (vocal), Kendall Bechtel e Ed Archer (guitarras), John Macko (baixo) e Ken Mary (bateria) haviam composto e gravado um ótimo disco de heavy rock – aqui no sentido de juntar com excelência o metal ao hard –, mas a gravadora major decidiu largar de mão. Uma pena, porque o disco é um deleite. Que grupo para fazer grandes refrãos! Ouça *Cathedral*, *Seven Hours*, *Wait for Me*, *Angel of Mercy* e *Feel the Heat* e saia cantarolando-as imediatamente.

Quer balada? Fique com *Broken Dreams*. Cover? Tome uma versão honestíssima de *Lights Out*, do UFO. Guitarrista virtuoso? Bechtel é matador em todo álbum, sem esconder a influência de Jake E. Lee – confira o riff de *We Rule* e os solos de *Midnight Love*, porque o cara gastou a agulha do toca-discos com *Bark at the Moon*. Há até referências ao Scorpions na faixa-título e ao Queensrÿche em *So Long* (qualquer semelhança com *I Dream in Infrared* não é mera coincidência). O Fifth Angel voltou de vez à ativa 29 depois de *Time Will Tell* – mas sem Pilot, hoje um cirurgião-dentista, e Bechtel, que já pulou fora –, então é a sua chance de (re)descobrir uma ótima banda.

Daniel Dutra

38. GARY MOORE

AFTER THE WAR



O décimo primeiro disco de Gary Moore foi o seu último de hard rock antes de entrar de cabeça no blues. Nele, o saudoso guitarrista norte-irlandês se juntou a Ozzy Osbourne em *Led Clones*, coescrita pelo tecladista Neil Carter. Trata-se de música propositalmente inspirada em Led Zeppelin – você verá no texto sobre o Kingdom Come que a coisa era mais irônica e pesada com o que vem acontecendo com o Greta Van Fleet.

Por sinal, *After the War* também tem ligação com o Blue Murder, já que muitas faixas tiveram a presença do saudoso Cozy Powell. Ele estaria na versão original da banda de John Sykes, mas saiu para ajudar Moore e depois foi realizar uma turnê com o Black Sabbath – Simon Phillips, Charlie Morgan e Brian Downey foram os outros bateristas convidados.

E no quesito participações especiais esta obra impressiona, pois traz até backing vocals de Andrew Eldritch (The Sisters of Mercy) nas hard'n'heavy *After the War* e *Speak for Yourself*, além de *Blood of Emeralds*, na qual Moore novamente presta homenagem ao seu ex-parceiro Phil Lynott, falecido líder do Thin Lizzy. Já as partes de baixo tiveram Bob Daisley e Laurence Cottle em *The Messiah Will Come Again*, enquanto os teclados ficaram a cargo de Carter e Don Airey.

Com uma boa produção de Peter Collins e um repertório forte, *After the War* ainda destacou *Running from the Storm*, *Livin' on Dreams*, *This Thing Called Love* e *Ready for Love*. Não seria exagero se lhe falassem que é um dos discos mais legais de Moore.

Ricardo Batalha

39. GREAT WHITE

...TWICE SHY

Longe das referências de heavy metal do debut *Great White* (1984) e sem a exagerada verve AOR de *Shot in the Dark* (1986), o Great White deu continuidade ao hard rock de *Once Bitten* (1987) em seu quarto álbum, *...Twice Shy*. Emplacando os hits *Heart the Hunter* e *Mista Bone*, as emotivas *House of Broken Love* e *The Angel Song*, bem como a grudenta *Once Bitten, Twice Shy*, de Ian Hunter, o disco se tornou o maior sucesso da carreira do Great White: 9° lugar na Billboard 200 e certificado Platina Dupla nos EUA e Canadá.

O grupo foi indicado ao Grammy em 1990 na categoria "Melhor Performance de Hard Rock" pela mencionada versão da música do vocalista do Mott the Hoople. "Foi um pouco assustador. Queríamos muito que o Great White fizesse sucesso, mas ele veio mais cedo do que esperávamos. Ficamos felizes com a indicação para o Grammy. Porém, por se tratar de um cover, por vezes não tivemos o devido reconhecimento às nossas composições", relembrou o vocalista Jack Russell à ROADIE CREW.

Também em 1990, a banda apresentou *House of Broken Love*, que foi inspirada em decepções amorosas que Russell e Mark Kendall (guitarra) haviam passado, ao vivo na cerimônia do American Music Awards.

Ah, se quer saber quem são as belas modelos na capa de *...Twice Shy*, uma delas é Bobbie Brown, que também está no clipe de *Once Bitten, Twice Shy* (e de *Cherry Pie*, do Warrant, banda de seu saudoso ex-marido Jane Lani). A outra é Tracy Martinson, estrela da arte do álbum *Once Bitten*.

Leandro Nogueira Coppi

OUTROS TÍTULOS:

KORZUS

LICOR DE XOROMÉ

RESSONÂNCIA MÓRBICA

CEREBRO DE GALINHA

JUKEBOX FROM HELL

EM BREVE:

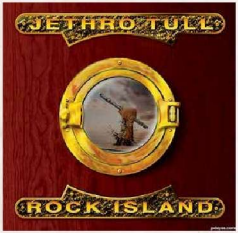
ARMUM
DEMONS OF HATE

COMPRE AGORA! | CONTATO PARA LOJISTAS: (62) 98406-4241 | WWW.LOJAMONSTRO.COM.BR

Sanord MONSTRO

40. JETHRO TULL

ROCK ISLAND



Quer se dar mal? Tente enquadrar o Jethro Tull em algum dos rótulos que são usados para definir gêneros musicais. Missão impossível. Afinal, a banda liderada por Ian Anderson nunca se acomodou em nenhum deles. Lá nos primórdios há toque de progressivo, a coisa se desenvolveu para o folk rock, passou por alguns experimentalismos (até disco com bateria eletrônica a banda gravou), pelo blues e teve uma fase totalmente hard rock. É dela que falaremos aqui.

Essa guinada começou em 1987 com o disco *Crest of a Knave*. Foi esse o álbum que desbancou o Metallica na conhecida controvérsia a respeito do Grammy de 1988 na categoria 'Melhor Performance de hard rock/metal' e que até hoje rende discussões.

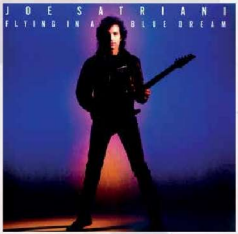
A sequência foi na mesma linha. *Rock Island* trouxe Anderson acompanhando por seu eterno parceiro Martin Barre na guitarra, Dave Pegg no baixo e Doane Perry na bateria. Não havia um tecladista fixo na banda (quem respondera pela função na tour de *Crest of a Knave* foi ninguém menos que Don Airey), então Maartin Allcok (do Fairport Convention) e Peter Vettese se revezaram na função. O resultado foi um disco de hard repleto de melodias, harmonias e arranjos elaborados, sem jamais cair nos clichês do gênero. Chegaram até a pesar a mão em faixas como *Kissing Willie*, que teve videoclipe pouco exibido na TV em função de um suposto "conteúdo sexual".

Não bastasse isso, Ian Anderson ainda provou que flauta é um instrumento que funciona muito bem no hard rock.

Antonio Carlos Monteiro

41. JOE SATRIANI

FLYING IN A BLUE DREAM



A década de 80 foi prolífica para os fãs de guitarristas virtuosos. Nela, surgiu a definição dos 'shredders', com Yngwie Malmsteen, Steve Vai, Jason Becker, entre outros. Porém, havia um guitarrista que seguia um caminho diferente e optava por mais melodia, harmonia, arranjos e uma produção diferente, moderna e inovadora. Não era somente "fritar" a guitarra. Trata-se de Joe Satriani, que em *Not of This Earth* (1986), *Surfing with the Alien* (1987) e *Dreaming No. 11* (EP, 1988) trouxe um grande avanço no mundo da guitarra. Além de ter musicalidade, criatividade e uma identidade absurda, mostrou como fazer discos instrumentais orientados para a guitarra sem ser chato ou pretensioso. Mas eis que, em 1989, saiu o terceiro disco, *Flying in a Blue Dream*.

Seguindo a tendência de *Surfing with the Alien*, este alcançou a posição de número 23 na Billboard 200 dos EUA, além de alcançar o top 40 em outros três países. *Flying in a Blue Dream* também obteve Disco de Ouro e recebeu uma indicação de Melhor Performance Instrumental de rock no Grammy de 1991. Porém, aqui o guitarrista trouxe várias faixas com vocais.

O timbre das guitarras, no entanto, se manteve como um show à parte. Soando bem seco e distorcido, ele usou em alguns 'tracks' de guitarras a gravação direta na mesa com amplis simuladores, que hoje é uma grande febre entre guitarrista virtuosos da nova geração. De fato, Satriani fez muitas pessoas da minha geração se apaixonarem pela guitarra.

Moyses Kolesne (Krisiun)

42. KING DIAMOND

CONSPIRACY

O quarto trabalho da carreira solo de King Diamond traz a continuação da história macabra iniciada em *Them* (1988). Neste caso, passados dezoito anos, o personagem King deixa o hospital psiquiátrico e retorna à 'Casa de Amon' para recuperar seu lugar como herdeiro.

Com AndyLa Rocque e Pete Blakk (guitarras), Hal Patino (baixo) e Mikkey Dee (bateria), King Diamond teve a melhor formação de sua carreira solo. Com músicas bem compostas e gravadas, *Conspiracy*, produzido pelo próprio vocalista, com auxílio de Roberto Falcao e o saudoso Chris Tsangarides, é, em minha opinião, o ponto alto de sua carreira solo.

Os destaques são *Sleepless Night* e *Amon Belongs to Them*. A primeira por seu clima Sabbath e riffs à la Ozzy, além de levadas originais na bateria, solos bem construídos e o baixo consistente de Patino; e a segunda por conter o melhor refrão. Substituído por Snowy Shaw, Dee, que se juntou ao Motörhead em 1992, não participou do clipe de *Sleepless Night*, pois estava trabalhando no disco solo de Don Dokken.

Conspiracy teve duas capas, sendo a primeira mostrando King jogando um caixão para fora da 'Casa de Amon'. Recusada por ele, foi alterada pela foto de seu rosto. Porém, as 800 cópias iniciais hoje são raridades. Outra curiosidade é que *Cremation* fez parte da trilha do game 'Brutal Legend' (2009).

Apesar de ter sido gravado há trinta anos, soa bem e tem uma qualidade comparável aos lançamentos atuais. Trata-se de um clássico que conseguiu ultrapassar gerações!

Luis Mariutti (Shaman)

43. KINGDOM COME

IN YOUR FACE

Você ouve falar todos os dias em Greta Van Fleet, mas não conhece Kingdom Come? Calma, não é só você, pois, inexplicavelmente, muitos jornalistas também se esquecem (ou fazem questão de não lembrar). Porém, o que ocorreu com Lenny Wolf (vocal, ex-Stone Fury), Danny Stag e Rick Steier (guitarras), Johnny B. Frank (baixo) e James Kottak (bateria) foi quase a mesma coisa. "Eles têm seus fãs, mas têm seus detratores, dizendo que estão roubando o Zeppelin, da mesma forma que aconteceu conosco. O Greta Van Fleet mencionou o 'fator Kingdom Come' em algumas de suas entrevistas. Eles nos conhecem e me espantei com isso", disse James Kottak. "A coisa com eles parece estar muito melhor e não foi o mesmo golpe forte que tomamos no passado sobre este assunto", acrescentou.

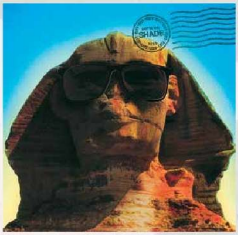
No caso do Kingdom Come, a coisa piorou quando Stag disse em um bar, de forma irônica, para um repórter: "Quem é Jimmy Page?". O tal repórter, que se sairia muito bem no jornalismo atual, pegou apenas esta linha e colocou na manchete: 'Kingdom Come diz que nunca ouviu falar de Jimmy Page'. "Claro que foi sacanagem e a imprensa começou, aos poucos, a nos tratar com ironia", esbravejou Wolf.

Entendeu onde quero chegar? É crime ter Led como referência? Claro que não! Portanto, desfrute do sucessor de *Kingdom Come* (1988), produzido por Wolf e Keith Olsen, e que traz, entre outras, pérolas como os singles *Do You Like It* e *Overrated*, além de *Gotta Go (Can't Wage a War)*, *Highway 6*, *Perfect 'O'* e *Stargazer*.

Ricardo Batalha

44. KISS

HOT IN THE SHADE



Que o Kiss sempre contou com compositores convidados, todos sabem. Sendo assim, o nome Vini Poncia não soa estranho, já que o produtor de *Dynasty* (1979) e *Unmasked* (1980) assina várias faixas de *Hot in the Shade* como coautor, entre elas *Silver Spoon* e *King of Hearts*. Não foram os grandes hits, mas ajudaram a compor o repertório de um disco que obteve a 29ª posição na Billboard 200.

Os destaques foram os singles e clipes *Hide Your Heart* e *Forever*. Ambas tiveram figuras importantes na criação, sendo que Paul Stanley criou *Hide Your Heart* com Desmond Child e Holly Knight. Gravada por Bonnie Tyler no ano anterior, teve outras versões gravadas em 1989 por Molly Hatchet, Ace Frehley e Robin Beck. Já a balada *Forever*, hit no Brasil devido à novela 'Rainha da Sucata' (1990), foi feita por Stanley e Michael Bolton.

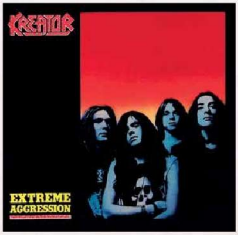
Se Bruce Kulick e Gene Simmons assinaram *Prisoner of Love* e *Boomerang*, o atual guitarrista do Kiss, Tommy Thayer (ex-Black 'N Blue), compôs outras duas com Simmons. Adam Mitchel, outro antigo colaborador do Kiss, assina *Little Caesar* com Simmons e o baterista Eric Carr, que assumiu os vocais desta faixa originada da demo *Ain't That Peculiar*. Já Bob Halligan Jr., conhecido por compor para Judas Priest, KIX, Helix e Icon, auxiliou na 'rapeada' *Read My Body* e *Rise to It*, que chamou atenção pelo clipe mostrando Paul e Gene colocando a velha maquiagem.

No entanto, a marca triste de *Hot in the Shade* foi ter sido o último gravado por Carr, que faleceu de câncer em 1991.

Ricardo Batalha

45. KREATOR

EXTREME AGGRESSION



Tudo conspirava para o Kreator chegar ao topo da cadeia alimentar do thrash metal. O grupo alemão havia mostrado uma evolução sonora em *Terrible Certainty* (1987) e vinha de uma bem-sucedida turnê americana ao lado do D.R.I.. As previsões se confirmaram: lançado em 19 de junho de 1989, *Extreme Aggression* traz um som visceral e técnico, dois hinos – a faixa-título e *Betrayer*, cujo clipe era difundido pelo Headbangers Ball, da MTV – e outros sete petardos. De quebra, a banda passaria a ter o auxílio da major Epic nos EUA e América do Sul.

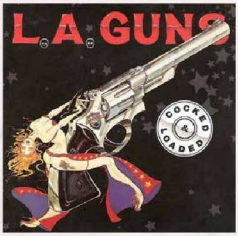
O quarto full-length do Kreator ainda chamava a atenção por suas peculiaridades. Foi o primeiro álbum da banda gravado fora da Alemanha: no Music Grinder, em Hollywood (EUA), sob a tutela do produtor Randy Burns (Megadeth, Dark Angel); e o primeiro sem os vocais do baterista Jürgen "Ventor" Reil. Coube ao guitarrista e também cantor Mille Petrozza vociferar todas as letras, cada vez mais reflexivas.

A capa exibiria um demônio saboreando o crânio de um ser humano, mas acabou censurada, dando lugar a uma foto do quarteto – completado por Rob Fioretti (baixo) e Jörg "Tritze" Trzebiatowski (guitarra). Tritze, aliás, não chegou a gravar linhas de guitarra e, na turnê, foi substituído por Frank Gosdzik (Sodom). O poder de fogo dessa formação pode ser conferido em *Live at East Berlin* (1990), relançado em 2008 em DVD/CD – ah, o Kreator foi a primeira banda de metal a tocar na extinta Alemanha Oriental após a queda do Muro de Berlim.

Thiago Prata

46. L.A. GUNS

COCKED & LOADED



Talvez não seja novidade, mas o "guns" do Guns N'Roses veio do sobrenome do mentor do L.A. Guns, o senhor Tracii Guns. Isso lá nos meados da década de 80, onde todos se conheciam na purpurinada meca dos posers: Los Angeles. Porém, ao contrário da banda de Axl Rose, o L.A. Guns não atingiu o status de megabanda.

Cocked & Loaded, o segundo da carreira, rendeu um Disco de Ouro ao atingir 500 mil cópias vendidas em menos de um ano. Algumas músicas contribuíram muito para o impacto positivo, entre elas, o single *The Ballad of Jayne*. A balada atingiu a 33ª posição na Billboard no mesmo período em que *Step By Step* do New Kids On The Block conquistou a primeira. Porém, o single ficou na frente de outras músicas de hard rock, incluindo *Don't Go Away Mad (Just Go Away)* do Mötley Crüe.

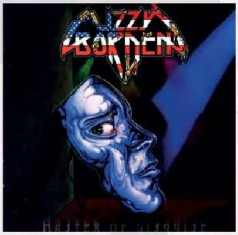
Outras que arrasaram foram *Rip and Tear* e *Malaria*, ambas com clipes veiculados nas telinhas. No entanto, *Magdalaine* é citada em duas ocasiões por membros da banda. O baixista Kelly Nickels a coloca como a sua preferida e, em 2018, na promoção de *The Missing Peace* (2017), o vocalista Phil Lewis sugeriu que ela sinalizou que o L.A. Guns não seria para sempre uma banda de carros, garotas e drogas.

O álbum foi regravado e relançado em 2000 com outra capa. E, apesar dos caminhos opostos entre Lewis e Guns na primeira década do novo milênio, *The Devil You Know* (2019) mostra que ainda há uma boa vibe para o grupo. "Você quer uma música de amor? Foda-se e ouça Journey", sentenciou Lewis.

Ivanei Salgado

47. LIZZY BORDEN

MASTER OF DISGUISE



Escrever sobre o hard e heavy metal dos anos 80 e não citar o Lizzy Borden seria um sacrilégio enorme. O grupo americano pode até ter atingindo uma boa colocação nos charts da Billboard 200 com este lançamento (alcançou a 133º colocação), mas, no geral, não obteve o mesmo sucesso que seus conterrâneos do W.A.S.P. e Twisted Sister. Entretanto, o fã mais ardoroso daquele heavy metal com pique hard rock/glam certamente tem algum disco do Lizzy em sua coleção.

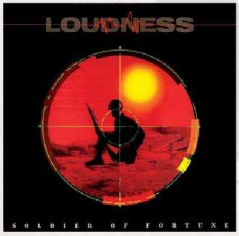
Master of Disguise teve a complicada tarefa de suceder o estrondoso *Visual Lies*. Assim, coube aos membros originais, o folclórico vocalista Lizzy Borden e seu irmão, o baterista Joey Scott Harges, e, ainda, o baixista Mike Davis, a tarefa de criar um substituto à altura com os novos guitarristas, Ronnie Jude e David Michael Philips. A missão foi dada e cumprida com sucesso. As doze faixas transbordam aquela sonoridade clássica, forjada no âmago do metal americano, com riffs cortantes, melodias grudentas e arranjos soberbos.

A teatralidade se faz presente em faixas quase operísticas como *Love Is a Crime*, *Phantoms* e *Be One of Us*, enquanto *Roll Over and Play Dead* agradará os fãs de material rápido e pesado. O uso de uma orquestra nas gravações deixou o material ainda mais pomposo, e, aliado ao fato de Lizzy Borden ter adotado o uso de harmonias vocais em camadas, acabou deixando a banda com outra cara. Um novo álbum viria a surgir apenas onze anos depois, o ótimo *Deal with the Devil*.

Maicon Leite

48. LOUDNESS

SOLDIER OF FORTUNE



O mercado americano foi o sonho de muitos na década de 1980. Táticas, planejamentos e estratégias eram as armas que gravadoras possuíam para que suas "crias" tivessem uma fatia nesse enorme bolo. A ambição atraia grupos de todos os cantos do planeta, inclusive do Japão. Além do EZO, outro exemplo, claro, fica para o Loudness, que vinha numa crescente. Além disso, ia "polvilhando" seu metal com doses generosas de hard, especialmente em *Thunder in the East* (1985), *Lightning Strikes* (1986) e *Hurricane Eyes* (1987). Porém, o passo seguinte foi ousado: substituir Minoru Niihara pelo americano Michael Vescera. A ousadia gerou *Soldier of Fortune*, lançado pela Warner Music.

Produzido por Max Norman, a bolachinha consiste numa mescla de hard/heavy e baladas bem arranjadas e pesadas. A trinca inicial é de tirar o fôlego e bater cabeça, com a faixa-título, *You Shook* Me (conhecida pelo clipe) e a lenta *Danger of Love*, que destacam os riffs inspirados de Akira Takasaki, a batida precisa do subestimado e saudoso Munetaka Higuchi e, claro, a voz de Vescera, que se mostrou apropriada ao que os japas se propuseram a fazer.

Outros pontos altos ficam por conta da contagiante *Red Light Shooter*, a pesada *Demon Disease* e a balada *Lost Without Your Love*. Apesar de não ter tido bem nas paradas americanas, esta formação lançou um dos discos mais inspirados da banda mas, após *On the Prowl* (1991), Vescera foi para a banda de Yngwie Malmsteen e os nipônicos chamaram Mazaki Yamada (EZO).

João Messias Jr.

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records
SOUND CITY RECORDS

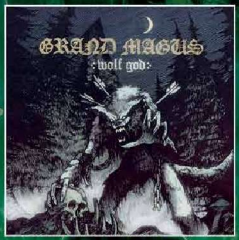
ENFORCER
ZENITH

Bandas suecas não falham!
A mistura perfeita de heavy metal clássico com thrash metal.

CD DUPLO

HELLOWEEN
KEEPER OF THE SEVEN KEYS: THE LEGACY (RE-ISSUE)

Relançamento de um dos maiores clássicos dos alemães. Versão inédita com 2 faixas bônus!



GRAND MAGUS
WOLF GOD

Álbum de 2019 desta que é uma das maiores revelações do cenário Stoner Metal! Um som correto, diversificado e ao mesmo tempo realista que envolve o verdadeiro poder do power trio.

CHILDREN OF BODOM
HEXED

Progressivo, gótico e cativante! O guitarrista ALEXI LAIHO em mais uma performance arrebatadora!

IN FLAMES
I, THE MASK

Um dos criadores do "Gotemburgo Sound" em mais um clássico! Enorme sonoridade, refrãos marcantes e muito peso.

OVERKILL
THE WINGS OF WAR

Agressivo, melódico e honesto! THRASH METAL!

AVANTASIA
MOONGLOW

Convidados da vez: Hansi Kürsch (BLIND GUARDIAN), Mille Petrozza (KREATOR), Michael Kiske (HELLOWEEN), Jorn Lande (ex-MASTERPLAN), Eric Martin (MR. BIG), entre outros. Sombrio, arrepiante e com influências de Tim Burton.

anúncio: www.jbarte.design.com

49. MARILLION

SEASONS END

Sabe quando aquela banda que está no coração troca de vocalista, fazendo com que o fã arme um beicinho e bata o pé em reprovação? Pior ainda é quando, em represália, o fã demora a dar uma chance ao novo integrante e o material com ele. Foi o que aconteceu comigo na saída de Fish para a entrada de Steve Hogarth, e só escutei *Seasons End* porque o Marillion iria se apresentar no Hollywood Rock, em janeiro de 1990. Foram apenas três meses de atraso, mas tempo demais quando percebi quão maravilhoso é o quinto álbum da banda inglesa – completada por Steve Rothery (guitarra), Pete Trewavas (baixo), Mark Kelly (teclados) e Ian Mosley (bateria). *The King of Sunset Town*, *Easter* (com um dos solos de guitarra mais bonitos que você vai ouvir em toda a vida), *Seasons End*, *Berlin* e *The Space*... são verdadeiras obras-primas.

E Hogarth? Um vocalista excepcional que matou a pau no festival, provando ser um grande frontman. E foi para ele mesmo que contei como aquele adolescente que não sabia o que estava fazendo três décadas atrás, assim como hoje há fãs que ainda se comportam como garotos ao se recusar a ouvir a fase com o ele. Ao mesmo tempo em que se divertiu com a história, o vocalista foi elegante na resposta: "Sabe, é uma questão de gosto pessoal. Todos nós somos assim, então tudo bem. Há pessoas que escutam Britney Spears o dia inteiro, outras gostam mais de Ella Fitzgerald, B.B. King ou Massive Attack. E algumas preferem o Fish! (risos) Sinceramente, não tenho problema com isso."

Daniel Dutra

50. METAL CHURCH

BLESSING IN DISGUISE

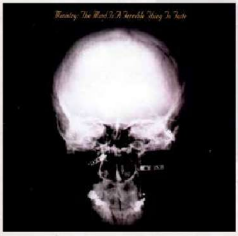
Dois discos clássicos, *Metal Church* (1984) e *The Dark* (1986), com um vocalista carismático, David Wayne. De repente, o guitarrista e principal compositor, Kurdt Vanderhoof, decide sair, e logo em seguida o grupo também fica sem seu frontman. Mas o que poderia abalar o Metal Church acabou resultando no fantástico *Blessing in Disguise*, com o cara que se tornou a voz definitiva da banda, Mike Howe. "Depois que fizemos *The Dark*, no qual trabalhamos pela primeira vez com um produtor de verdade (N.R.: Mark Dodson), fiquei fascinado com os detalhes que envolvem a gravação de um disco. Quis aprender a produzir e a fazer engenharia de som, então decidi trabalhar apenas nos bastidores. Montei meu próprio estúdio e comecei a estudar", contou Vanderhoof a este repórter, em novembro de 2018.

Em sua nova empreitada, ele acabou produzindo *Breaking Point* (1988), álbum de estreia do Heretic, cujo vocalista era... Mike Howe! "Foi assim que conheci o Mike e nos tornamos amigos. Depois de trabalharmos juntos no Heretic, o Metal Church começou a procurar um novo vocalista, então ele pediu que eu o colocasse em contato com a banda para fazer uma audição. E tudo funcionou muito bem (risos)." E como! Com Howe, John Marshall e Craig Wells (guitarras), Duke Erickson (baixo) e Kirk Arrington (bateria), o grupo forjou outra obra indispensável do heavy metal. De clássicos como *Fake Healer* e *Badlands* a petardos como *The Spell Can't Be Broken* e *The Powers That Be*, obrigatório!

Daniel Dutra

51. MINISTRY

THE MIND IS A TERRIBLE THING TO TASTE



All Jourgensen e seu Ministry possuem uma história curiosa. O começo se deu com um álbum inteiramente synth pop e hoje é praticamente uma banda de metal com aquele tempero extra. No meio do caminho, porém, o grupo teve seu auge. Se no segundo álbum o Ministry já trouxe um pouco do que seria sua sonoridade mais característica, foi apenas no terceiro, *The Land of Rape and Honey*, que encontrou o equilíbrio ideal, o industrial mais agressivo e ríspido. Já aqui, o começo com *Thieves* dá a mostra da fórmula que consagraria a banda de Jourgensen: batidas industriais, samples de filmes, vocais gritados e riffs pesados repetidos à exaustão, de forma quase hipnótica.

Ainda que o apogeu dessa receita musical tenha sido com *Psalm 69: The Way to Succeed and the Way to Suck Eggs* (1992), foi aqui que o grupo encontrou finalmente sua identidade aliada a uma produção de primeiro nível. *Burning Inside*, *Never Believe*, *Cannibal Song*, *Breathe*, *So What*, *Test*, *Faith Collapsing* e o final onírico com *Dream Song* completam um dos discos mais importantes desse gênero industrial.

Paul Barker ainda era um membro importante e sua saída talvez demonstre o quanto havia de sua contribuição na estética do grupo. Seja como for, a trinca com *The Land of Rape and Honey*, *The Mind is a Terrible Thing to Taste* e *Psalm 69* dificilmente será repetida. Curiosidade: a produção ficou a cargo do próprio Jourgensen e Barker sob os hilários pseudônimos Hypo Luxa e Hermes Pan.

Roger Lombardi (Goatlove)

52. MORBID ANGEL

ALTARS OF MADNESS

Em 1986, Trey Azagthoth (guitarra), John Ortega (baixo), Richard Brunelle (guitarra) e Mike Browning (bateria e vocal) se reuniram com o então produtor David Vincent para registrar aquele que seria o debut do Morbid Angel, *Abominations of Desolation*. O resultado foi satisfatório e a banda chegou até a divulgar o trabalho, mas uma discussão acalorada entre Azagthoth e Browning, que abandonou a banda, resultou no engavetamento do material. Sem baterista e vocalista, o Morbid Angel precisava mudar para seguir adiante.

O novo vocalista já estava em casa: David Vincent assumiu os vocais (e também o baixo), e a bateria seria ocupada em 1988 pelo lendário Pete Sandoval, então desiludido com a falta de perspectiva para sua banda, o Terrorizer. "O Morbid Angel estava buscando um baterista, e eles falaram com Jesse Pintado, pois queriam alguém que tocasse como eu. Jesse deu o meu telefone, pois o Terrorizer na época estava parado", contou Sandoval em entrevista recente para a ROADIE CREW. "Eles me enviaram uma cópia da demo *Thy Kingdom Come*. Aquilo era incrível! Era a banda que qualquer músico de metal extremo queria fazer", acrescentou.

Com a formação oficializada em Brunelle, Vincent, Azagthoth e Sandoval, o Morbid Angel foi até o lendário estúdio Morrisound, de onde saíram com *Altars of Madness*. Dentre antigas ideias recicladas e novos petardos, destaques para *Maze of Torment*, *Chapel of Ghouls* e *Immortal Rites*. Clássico absoluto.

Valtemir Amler

53. MORDRED

FOOL'S GAME

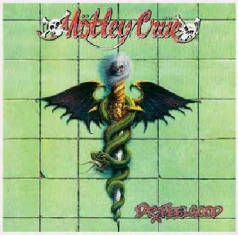
Uma banda à frente do seu tempo? Má sorte? Erro do destino? Desde 1990, quando ouvi o Mordred pela primeira vez faço estas questões. Eles surgiram na mitológica Bay Area de San Francisco; fizeram tours com Nuclear Assault e Overkill, por exemplo, na efervescência da cena Thrash dos Estados Unidos; ousaram misturar a música pesada com o ritmo dos guetos daquele país e lançaram *Fool's Game* no mesmo ano que o Faith No More tomou o mundo de assalto com o clássico *The Real Thing*. Mas não deu certo.

Scott Holderby (voz), Arthur Liboon (baixo), Danny White e Jim Taffer (guitarras) e Gannon Hall (bateria) foram pioneiros do instigante, porém fugaz Funk Metal. Músicos de qualidade, criaram composições pesadas e de pura técnica como em *State Of Mind* e *Spectacle Of Fear* ou com a pancadaria de *Spellbound* e *The Artist*, que nada deixavam a desejar se comparadas com o que era produzido à época por Anthrax, Testament ou Metallica. Mas os radicais não engoliram os arranjos funkeados e a presença do DJ Aaron Vaugh, que mais tarde viria a ser membro fixo do grupo, em *Every Day's A Holiday* ou o ótimo cover para *Super Freak*, mega hit funk de Rick James. Apesar da resposta positiva na Inglaterra e na Alemanha, *In This Life* (1991), o EP *Vision* (1982) e *The Next Room* (1984) não abriram portas suficientes para que o Mordred desse o passo necessário ao sucesso e o fim aconteceu. Em 2013 eles voltaram à ativa e estão agora finalizando um novo álbum. Tomara que o destino injusto se corrija.

Alessandro Bonassoli

54. MÖTLEY CRÜE

DR. FEELGOOD



Curtiu The Dirt, filme biográfico exibido na Netflix? Bem, agora rebobine sua memória para 1989, pois você precisa saber mais a respeito do aclamado *Dr. Feelgood*. O objetivo de Nikki Sixx, Vince Neil, Tommy Lee e Mick Mars era não poupar esforços para que seu quinto disco fosse o melhor do Mötley Crüe. Para tanto, aterrissaram em Vancouver (CAN), convidaram Steven Tyler (Aerosmith), Jack Blades (Night Ranger), Robin Zander e Rick Nielsen (Cheap Trick), Bryan Adams e o pessoal do Skid Row, e contrataram Bob Rock.

Perfeccionista, Bob fez a produção soar poderosa. Já os ilustres convidados colaboraram para dar ainda mais sofisticação às músicas. Com tais trunfos, o grupo saiu do Little Mountain Sound Studios com um trabalho bombástico.

Nomeado *Dr. Feelgood*, seu título deriva de uma gíria para heroína, substância que levou Sixx a uma overdose em 1987, o que o fez ser declarado clinicamente morto antes de os paramédicos o reanimarem com injeções de adrenalina.

Dr. Feelgood, *Slice of Your Pie*, *Rattlesnake Shake*, *Kickstart My Heart*, *Same Ol' Situation (S.O.S.)*, *She Goes Down* e *Sticky Sweet* eram explosivas, enquanto *Without You*, *Time For Change* e *Don't Go Away Mad (Just Go Away)* amenizavam a adrenalina com um toque de beleza. Resultado: seis Discos de Platina e 1° lugar no Top 200 da Billboard.

Até Lars Ulrich se rendeu a *Dr. Feelgood*, ordenando a admissão de Bob Rock para a produção de *Metallica* (1991), que também foi sucesso imediato.

Leandro Nogueira Coppi

55. MR. BIG

MR. BIG

O fim da década de 80 deu vida a supergrupos de hard rock, e alguns deles estão nas páginas deste especial, mas o Mr. Big foi o único a construir uma carreira longeva e bem-sucedida. Curiosamente, com uma estética sonora diferente da que permeava o estilo à época nos Estados Unidos. Enquanto o Bad English seguiu o caminho do hard melódico/AOR, e o Blue Murder tentou manter a base de fãs de John Sykes ao se aproximar de *Whitesnake* (1987), o Mr. Big se voltou ao classic rock, assim como fez o Badlands, mas com uma diferença: adicionou altas doses de virtuosismo. A voz de Eric Martin tinha apelo comercial, mas também o feeling ideal para beber na fonte dos anos 70, intenção comprovada com a regravação de *30 Days in the Hole*, do Humble Pie, e a escolha do nome do quarteto – *Mr. Big* é uma música do Free.

Mas o instrumental... O quarteto tinha no saudoso Pat Torpey um baterista de técnica e criatividade incríveis, mas a dupla de cordas foi o que primeiro chamou a atenção: Billy Sheehan (baixo) vinha de estripulias com Steve Vai na banda de David Lee Roth, e Paul Gilbert (guitarra) tinha no currículo o Racer X, grupo com o aviso "não tente fazer isso em casa" estampado. O resultado da soma de todos esses mundos foi um homônimo álbum de estreia repleto de grandes canções – *Addicted to That Rush*, *Wind Me Up*, *Merciless*, *Blame It on My Youth*, *Take a Walk*, *Rock & Roll Over*... – e que faturou Disco de Ouro. Um aperitivo antes do que aconteceria dois anos depois, com *Lean Into It*.

Daniel Dutra

56. NUCLEAR ASSAULT

HANDLE WITH CARE

Quando John Connelly (vocal e guitarra), Anthony Bramante (guitarra), Dan Lilker (baixo e vocal de apoio) e Glenn Evans (bateria) lançaram *Survive* (1988), segundo álbum do Nuclear Assault, eles tiveram que lidar com um "problema": havia muito dinheiro disponível para a produção, e pouco tempo hábil para, de fato, 'produzir' alguma coisa. Assim, embora o repertório de *Survive* agradasse, o quarteto tinha suas reservas quanto a sonoridade do seu segundo disco, e ia com algumas ideias em mente para a gravação de *Handle With Care*, o próximo passo na jornada.

Na biografia Conversão Perpétua, de Dave Hofer, Lilker recordou: "*Handle With Care* foi o último álbum que gravamos com Randy Burns e Casey McMackin no Music Grinder, em Los Angeles. Randy havia se tornado bem apático e gravamos o disco apenas com o Casey, o engenheiro de som. Randy não ficava na sala, só aparecia de vez em quando."

O fato é que o grupo estava tão experimentado por conta da experiência anterior, que a apatia de Randy Burns acabou não causando nada além de transtorno. Lilker e seus comparsas sabiam a sonoridade que queriam obter, e tinham em McMackin um aliado disposto, o que garantiu o ótimo resultado de *Handle With Care*.

Trinta anos depois, ainda tomamos um choque ao receber os riffs de *Critical Mass*, *Search and Seizure*, *F# (Wake Up)* e *Torture Tactics* na cara, e invejamos os felizardos que assistiram, em maio de 1989, a estreia da banda no Brasil, no extinto Dama Xoc (SP).

Valtemir Amler

57. OBITUARY

SLOWLY WE ROT

Mesmo que baseasse a sua sonoridade na trilogia Venom, Celtic Frost e Possessed, influências de dez entre dez bandas extremas nos anos 80, o Xecutioner desde cedo mostrou ser uma formação diferente, obra, principalmente, da mente dos criadores: os irmãos Donald (bateria) e John Tardy (vocal) e o guitarrista Trevor Peres. Isso é tão verdade que uma sucessão incrível de acontecimentos foi tomando forma, e, em 1987, a banda já havia assinado contrato com a Roadrunner (com o próprio Monte Conner), tinha deixado toda a redação da revista RAW completamente alucinada, e recebeu até comentários de Ozzy Osborne, que acabou ouvindo uma demo da banda enquanto era entrevistado pela RAW. "Esses filhos da mãe são malucos", declarou o Madman durante aquela conversa.

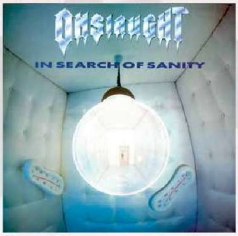
Embora o nome Xecutioner já fosse bastante conhecido em todo o mundo, os garotos, que completavam o time com o baixista Daniel Tucker e o guitarrista Allen West, decidiram jogar pesado e mudaram o nome para Obituary. E isso aconteceu quando a arte da capa já estava pronta com a logo do Xecutioner, o que obrigou o artista (Rob Mayworth) a refazer o trabalho. No fim, eles mostraram que estavam certos em todas as suas decisões.

A mistura de música extrema com climas cadavéricos era o que fixava *Slowly We Rot*, *'Til Death*, *Godly Beings* e as demais na cabeça, assim como a produção (em oito canais!) do então estreante Scott Burns, que, assim como o Obituary, se tornaria uma lenda do death metal.

Valtemir Amler

58. ONSLAUGHT

IN SEARCH OF SANITY



Se o Onslaught já era bem conhecido no underground brasileiro pelos álbuns *Power from Hell* (1985) e *The Force* (1986), lançados pela Woodstock Discos, *In Search of Sanity* foi apreciado, inicialmente, somente pelos tape traders.

Buscando aumentar a popularidade da banda, a London Records rejeitou os vocais de Sy Keeler. Assim, o ex-Grim Reaper Steve Grimmett foi chamado e, de fato, elevou o espectro do thrash metal dos ingleses. O álbum, que não foi lançado no Brasil, foi bem aceito pelos antigos fãs que entenderam sua concepção. Contando com produção de Stephan Galfas (Saxon, EZO, Stryper e outros), o disco veio mais polido e técnico, mas ainda agressivo. "As coisas tomaram outro rumo. Depois de muita dedicação e estudo, melhorei minha habilidade na guitarra. Descobri novas escalas, acordes e, claro, tive um parceiro pela primeira vez para compor comigo: Rob Trotman. Então, invariavelmente, as coisas seriam diferentes", analisou o guitarrista Nige Rockett.

Com faixas de longa duração, os destaques recaíram para a faixa-título, *Shellshock*, *Lightning War*, o cover de *Let There Be Rock* (AC/DC) e a intensa balada *Welcome to Dying*.

Curiosamente, quando a banda estava mixando o disco no Atlantic Studios, em Nova York, quem os visitou foi ninguém menos que Keith Richards. "Fiquei atônito! Ele disse para mim: 'Está soando legal, cara, bom trabalho!' Então, sorriu e saiu da sala. Nunca me esquecerei daquele momento", confessou Nige. Um elogio e tanto, realmente.

Ricardo Batalha

59. OVERKILL

THE YEARS OF DECAY

Bobby "Blitz" Ellsworth comentou em 2013 para o website Invisible Oranges que *The Years of Decay* fecha a primeira parte da carreira do Overkill. De fato, ali começou uma ligeira mudança nas composições, dando corpo final ao estilo que o grupo de Nova Jersey nos brinda até hoje.

Não que *Feel The Fire* (1985), *Taking Over* (1987) e *Under de Influence* (1988) sejam álbuns de qualidade menor, ao contrário, são clássicos. Mas o nível de criatividade ficou mais acentuado. Bobby Gustafson, que registraria sua última participação como guitarrista, reconhece Blitz, estava muito bem, tanto que foi o responsável por praticamente todas as composições. O vocalista também nunca escondeu que foi nesta maravilha que passou a compor melhor.

Não se pode esquecer que a presença de Terry Date (Pantera, Metal Church, Slayer, entre muitos outros) na produção também foi decisiva para a qualidade de faixas como *Evil Never Dies*, *Playing With Spiders/ Skullcrusher*, *Evil Never Dies*, *I Hate* e *Elimination*, cujo clipe rodou consideravelmente na MTV. Não só pela genialidade, mas pelo jeito tranquilo do lendário produtor, Blitz, Gustafson, D.D. Verni (baixo) e Sid Falck (bateria) tiveram as melhores condições para trabalhar. O resultado foi um 155º lugar na Billboard nos Estados Unidos, um espaço na lista dos "14 álbuns de thrash metal que você precisa" ter segundo a revista Revolver e um 10º lugar na lista dos discos não lançados pelo Big Four segundo a Loudwire.

Alessandro Bonassoli

60. PESTILENCE

CONSUMING IMPULSE

Após estrearem com *Malleus Maleficarum* no ano anterior, os holandeses do Pestilence já dispunham de um bom nome no underground. Além disso, tinha um grande prestígio entre os fãs de metal extremo, especialmente das alas mais extremas do thrash metal, na qual Sadus, Sepultura, Slayer e os três gigantes alemães (Kreator, Destruction e Sodom) faziam as honras.

O Pestilence já era o maior nome do thrash metal dos Países Baixos, mas, com o fim da década de 80 e o crescimento da cena death metal, o impulso de mudança não demorou para surgir. Levando isso em consideração, e lembrando que a banda ainda tinha um contrato firme com a Roadrunner, então uma gravadora especializada em death metal, era natural que o Pestilence pendesse para os lados do metal da morte. E foi exatamente isso que ouvimos em *Consuming Impulse*.

A primeira mudança de formação aconteceu com a troca do guitarrista Randy Meinhard, que decidiu seguir no thrash metal com o Sacrosanct. Para o seu lugar veio o talentoso Patrick Uterwijk, que se juntou a Marco Foddis (bateria), Patrick Mameli (guitarra) e Martin van Drunen (vocal) numa das formações mais desafiadoras que o metal já viu.

Eternamente marcado por clássicos como *Echoes of Death*, *The Trauma* (muito Asphyx), *The Process of Suffocation* e *Deify The Master*, *Consuming Impulse* também ficaria marcado como o último com Martin van Drunen, que seguiria explorando sua voz em atos como Hail Of Bullets, Bolt Thrower, e claro, o lendário Asphyx.

Valtemir Amler

61. PINK CREAM 69

PINK CREAM 69

Sim, o Pink Cream 69 é muito mais que a banda que revelou o vocalista Andi Deris (Helloween) para o mundo. Porém, é impossível não citá-lo quando revivemos a trajetória destas lendas do hard rock europeu. Afinal, foi lá em 1984, aos 19 anos, que Deris montou o Kymera, grupo que tempos depois viria a ser o Pink Cream 69.

Em 1988, empolgado pela conquista de um prêmio da revista Metal Hammer alemã, o grupo preparava-se para o seu debut. E ele veio em grande estilo, com um contrato assinado com a CBS (atualmente a Sony Music). A capa, ligeiramente provocativa, também chamou atenção. Assim, Deris, Alfred Koffler (guitarra), Dennis Ward (baixo) e Kosta Zafiriou (bateria e teclado) faziam uma boa estreia num disco de hard rock cru, bem tocado e, ao mesmo tempo, diferente daquela sonoridade mais "farofa" que era feita nos EUA.

Faixas como *Take Those Tears*, *Party Maker* e *One Step into Paradise* são alguns dos pontos altos. A balada *Close Your Eyes* e seu clima Whitesnake também merece uma ressalva. Na Alemanha, a recepção de *Pink Cream 69* foi muito boa, fato que condicionou os jovens a uma turnê ao lado do White Lion, como atração de abertura. Em 1994, após *One Size Fits All* (1991) e *Games People Play* (1993), Andi Deris deixaria a banda para mergulhar sua carreira no metal melódico, abrindo espaço britânico David Readman. E foi dessa maneira que o Pink Cream 69 continuou a trilhar seu caminho, mantendo-se na ativa até hoje e sempre lançando bons discos.

Matheus Vieira

62. PRETTY BOY FLOYD

LEATHER BOYZ WITH ELECTRIC TOYZ

Eles decretaram que visual era mesmo importante para uma banda ser atrativa. Eles não deram a mínima para quem os ridicularizou por usarem maquiagem, esmalte, laquê, botas e roupas justas de vinil. Eles eram canastrões. Eles soavam sujos. Eles mostraram o que é ser e viver o sleaze glam. Para eles, era tudo sobre sexo, drogas e rock'n'roll. "Eles" eram Steve "Sex" Summers (vocal), Kristy "Krash" Majors (guitarra), Vinnie Chas (baixo) e Kari Kane (bateria). Sim, estou falando dos "reis da Sunset Strip": Pretty Boy Floyd!

"O que sempre me fascinou foi aquela coisa toda combinada: o som, o visual e a intensidade dos shows", atestou Summers à ROADIE CREW. Foi com esse foco que o Pretty Boy Floyd surgiu em 1987, na glamorosa Hollywood. Os shows que fez por todo o circuito de Los Angeles chamaram a atenção da MCA Records, que ofereceu um contrato. O resultado foi *Leather Boyz with Electric Toyz*, álbum que, com o reforço dos clipes de *Rock & Roll (Is Gonna Set the Night on Fire)* e da balada *I Wanna Be with You*, fez com que o P.B.F. figurasse na programação da MTV e atingisse o 130° lugar da Billboard.

Além destas, as eletrizantes *Leather Boyz with Electric Toyz*, *48 Hours*, *Rock and Roll Outlaws*, *Your Mama won't Know*, além do cover do Mötley Crüe para *Toast of the Town*, justificam a afirmação de Summers: "Ainda adoro este disco e acho que ele pode figurar na lista dos cinco melhores de glam de todos os tempos." Pode apostar nisso, Summers!

Leandro Nogueira Coppi

63. QUEEN

THE MIRACLE

O Queen sempre foi uma banda multifacetas, já que é natural perceber que os ingleses fizeram ou flertaram com vários estilos musicais em sua carreira. O começo, mais experimental nos anos 70, deu lugar a uma pegada um pouco mais pop nos 80. Porém, nem por isso a banda perdeu sua essência. Na verdade, essa versatilidade é uma das coisas que transformam a obra do Queen como algo atemporal, com capacidade de se reinventar e conquistar novas gerações de fãs a cada década. *The Miracle* talvez seja um dos discos mais legais desse Queen pop/anos 80.

De fato, foi uma época um pouco conturbada na vida do quarteto, que já não se apresentava mais ao vivo. Freddie Mercury já convivia com a AIDS e Brian May também estava enfrentando dificuldades em sua vida pessoal. Todavia, nem por isso *The Miracle* deixou de ser brilhante.

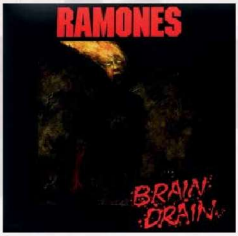
I Want It All, *Invisible Man* e *The Miracle*, que, em minha opinião, tem um dos clipes mais legais do Queen e conta com os sósias mirin s dos músicos, fazem de *The Miracle* o equilíbrio perfeito entre estilos musicais diferentes. Além disso, dá para perceber um John Deacon mais presente.

Os clipes extraídos foram praticamente os últimos gravados na carreira dos ingleses – *These Are the Days of Our Lives*, de *Innuendo* (1991), foi o último. Primeiro posto das paradas em vários países, entre eles a Áustria, Alemanha, Holanda e Reino Unido, essencial para fãs e aos que têm curiosidade de descobrir o quão completa era a banda.

Alirio Netto (Queen Extravaganza, ex-Khallice e Age of Artemis)

64. RAMONES

BRAIN DRAIN



O maior sucesso comercial dos Ramones também os levou, mais uma vez, a sérias mudanças de formação. Os problemas internos sempre existiram, mas foram acentuados nas gravações de *Brain Drain*, sobretudo para Dee Dee Ramone, que em sua biografia, 'Coração Envenenado: Sobrevivendo com os Ramones', contou que nem queria tocar no álbum, pois "todos na banda tinham problemas – com a namorada, com dinheiro e mentais." Embora Dee Dee tenha dividido a autoria de meia dúzia de composições, nenhuma linha de baixo foi gravada por ele, mas por músicos de estúdio, restando apenas sua tradicional participação nos vocais principais de *Punishment Fits the Crime*.

Já Johnny Ramone contou em sua biografia, 'Commando', que *Brain Drain* era um dos álbuns que ele menos gostava, "mas que tem alguns pontos luminosos", citando *I Believe in Miracles* e *Punishment Fits the Crime*. Se por um lado havia problemas que os afetavam, a volta do baterista Marky Ramone solucionava outros, após um período conturbado com Richie Ramone.

Produzido por Jean Beauvoir, Bill Laswell e Daniel Rey, *Brain Drain* traz uma sonoridade mais pesada que o habitual. *Pet Cemetary*, que fez parte da trilha do filme homônimo de Stephen King, é um dos hits, enquanto o cover de *Palisades Park*, de Freddy Cannon, brilha como se fosse deles próprios. *Merry Christmas (I Don't Want to Fight Tonight)*, composta por Joey Ramone, também se tornou um hit, vindo a fazer parte da trilha do filme 'Um Natal Muito, Muito Louco'.

Maicon Leite

65. RED HOT CHILI PEPPERS

MOTHER'S MILK

O Red Hot Chili Peppers era um antes de *Mother's Milk* e se transformou em outro durante o processo e posteriormente. O grupo californiano vinha em crescimento desde o debut homônimo, de 1984. Se *Freaky Styley* (1985) trouxe avanço, *The Uplift Mofo Party Plan* (1987) os levou ao patamar de primeiro escalão entre as bandas ditas "alternativas". E *Mother's Milk* fez o salto para o mainstream, principalmente pela entrada de John Frusciante.

Aliás, foram duas as mudanças – Hillel Slovak, guitarrista original, morreu de overdose um ano antes. O baterista Jack Irons não suportou a perda e saiu, deixando a bola com Anthony Kiedis (vocal) e Flea (baixo). Com seu estilo vigoroso, Chad Smith sentou na bateria e dominou o instrumento desde então.

Só que a principal e sutil mudança veio na guitarra. Nenhum Red Hot original era versado em música, apesar do talento e estilo único de Flea. Frusciante, fã do Red Hot, era conhecedor de harmonias, melodias e estruturas musicais. Por meio dele, a banda ultrapassou a singularidade 'rap-funk-rock' e ganhou versatilidade para estender os tentáculos para além de um som baseado no groove.

Good Time Boys não é o melhor exemplo, pois é a mais grooveada do disco. Já o single *Higher Ground*, cover de Stevie Wonder, mostra bem do que eles se tornaram capazes. *Knock Me Down*, homenagem a Slovak, é outro bom cartão de visitas do Red Hot, que se tornaria um dos maiores do mundo em *Blood Sugar Sex Magik*. Mas essa é outra história.

Luiz Cesar Pimentel

66. ROLLING STONES

STEEL WHEELS

O coisa não andou nada bem entre Mick Jagger e Keith Richards nos anos 80. Jagger lançou um disco solo, Keith não gostou e soltou o seu. *Dirty Work*, disco dos Stones que saiu em 86, só aumentou a rusga. Mal recebido por público e crítica, Mick resolveu que não iria ter turnê de divulgação. Richards queria ir pra estrada de qualquer jeito. "Nossa saúde estava péssima", diria o vocalista tempos depois para a revista Rolling Stone. "A gente não conseguia nem atravessar a Champs Elysées (famosa avenida de Paris), imagina fazer uma tour!"

Porém, em maio de 1988 os dois se reuniram. Não para discutir quem estava certo ou errado, mas para botar tudo de lado e focar no mais importante: os Stones. Resolveram fazer um disco e uma turnê.

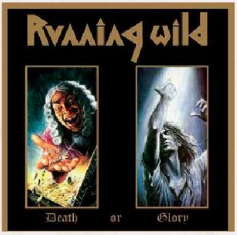
Steel Wheels, o disco que saiu dessa reconciliação, mostrou também a volta do quinteto ao rock mais básico que lhe rendeu fama mundial. Sob o comando do produtor Chris Kimsey, que já havia trabalhado com a banda em *Undercover* (1983), os Stones entraram em estúdio num clima totalmente harmonioso após a reconciliação da dupla. Tinham mais de cinquenta músicas prontas, o que resultou num repertório acima da média, com hits do calibre de *Mixed Emotions*, *Sad Sad Sad* e *Rock and a Hard Place*. A tour que se seguiu durou um ano e deu aos Rolling Stones enfim o status de megabanda.

Esses foram o último disco e a última turnê com o baixista Bill Wyman, que resolveu se aposentar. Para fúria de Keith. Sim, para ele os Stones estão sempre acima de tudo.

Antonio Carlos Monteiro

67. RUNNING WILD

DEATH OR GLORY



O quinto álbum da máquina alemã de fazer heavy metal, Running Wild, pode ser apontado como um dos melhores de sua discografia. Lançado a 8 de novembro de 1989, *Death or Glory* traz músicas com ótimo trabalho de guitarras e uma pegada que até chega a superar *Port Royal* (1988). Sete das 11 faixas foram compostas por Rock'n'Rolf Kasparek (vocal e guitarra) e Iain Finlay (bateria). No entanto, Finlay acabou sendo demitido e, para o término da turnê, Jörg Michael foi recrutado. Ele, no entanto, cedeu o posto para AC (Rüdiger Dreffein). "Como Jörg não ficaria por causa de seus projetos paralelos, AC, que era roadie dele, acabou assumindo", recordou Rolf.

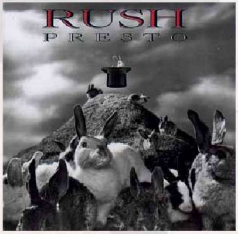
Seja como for, o repertório traz faixas primorosas, como *Renegade* e *Evilution*, com as guitarras de Kasparek e Majk Moti em perfeita sintonia; *Highland Glory (The Eternal Fight)* e *Marooned*, uma daquelas "tipicamente Running Wild". E tem mais: o single/clipe da clássica *Bad to the Bone*, *Tortuga Bay*, a faixa-título e a épica *Battle of Waterloo*, esta última alinhando, de forma perfeita, música a uma letra tratando da batalha que marcou o fim do governo de Napoleão Bonaparte.

O trabalho ainda rendeu o vídeo "Death or Glory Tour" (1990), que mostrava o poderio dos alemães ao vivo. "Tivemos um enorme sucesso, com shows lotados. Foi um período que deu tudo certo", comemorou Kasparek. Assim, *Death or Glory* ajudou a mostrar que o Running Wild não era apenas mais uma boa banda alemã, mas um dos maiores nomes do heavy metal.

Sergiomar Menezes

68. RUSH

PRESTO



A primeira vez que ouvi *Presto*, décimo terceiro de estúdio do Rush, o que mais me chamou atenção foi o som refinado e diferenciado da bateria. A mixagem, bastante aguda, ajudou na definição de cada instrumento e todas as frequências do baixo, guitarra e sintetizadores, foram preservadas. Tudo o que caracteriza Neil Peart e o Rush estão bem representados nesse lançamento, produzido pelo grupo ao lado de Rupert Hine. Neste disco, a abordagem do trio, completado por Geddy Lee (vocal, baixo e teclado) e Alex Lifeson (guitarra), continua indo em direção do rock progressivo, com leves pitadas de pop rock.

Entrando no mérito das canções, *Show Don't Tell*, *Hand over Fist* e *Chain Lightning* são as minhas preferidas, mas a letra de *The Pass* é um divisor de águas em tudo que Peart tinha escrito até então, e isso é citado em vários documentários da banda. Além destas, *Superconductor* e a faixa-título saíram como singles, ajudando a banda a obter altas posições nas paradas, como a 16ª na Billboard 200 e a 27ª no Reino Unido. Três singles também tiveram videoclipes: *Show Don't Tell*, com direção de Doug Freel (Def Leppard, Europe, Anthrax, Kiss); *The Pass*, dirigido por Matt Mahurin (Queensrÿche, Metallica, U2); e *Superconductor*, com Gerald Casale, do Devo, como diretor.

Esta fase me agrada muito, mas *Roll the Bones*, lançado após *Presto*, em 1991, continua sendo o meu preferido da discografia e define muito bem o que o Rush representa para mim.

Aquiles Priester (Hangar, Edu Falaschi e outros)

69. SAVATAGE

GUTTER BALLET

Gutter Ballet é um disco importante não só na minha carreira, mas na história do Savatage e do heavy metal. Foi a minha primeira oportunidade de tocar com a banda como integrante oficial depois da turnê de *Hall of the Mountain King* (1987).

A música ainda era agressiva, mas continha elementos que mudariam o Savatage e o metal para sempre. A adição do piano em *When the Crowds are Gone* foi o "nascimento" desse instrumento no metal. Muitas bandas usaram, mas, além do Queen, ninguém o colocou como instrumento principal. Isso levou à criação de *Streets* como uma ópera rock. Além disso, houve a adição de orquestra em outros momentos, como na faixa-título, que saiu em clipe. Assim, nas décadas seguintes, muitas bandas de metal seguiram com a adição do piano e da música clássica.

Outra lembrança marcante foi o incrível trabalho de guitarra, o melhor de Criss Oliva, em minha opinião. Ele realmente estava inspirado e é um dos destaques, especialmente em *Temptation Revelation* e *Silk and Steel*. Adicione isso ao incrível trabalho do vocal clássico de Jon Oliva com aquele som característico do Savatage de Criss, Johnny Lee e Steve Wacholz e, pronto: temos clássico!

Gutter Ballet foi o segundo álbum com Paul O'Neill como produtor. O primeiro em que suas letras trouxeram o elemento humano pessoal para o Savatage, como em *Summers Rain* e *When the Crowds are Gone*. Suas letras conectaram, emocionalmente, a banda aos seus fãs em todo o mundo.

Chris Caffery (Savatage, Trans-Siberian Orchestra)

70. SHOTGUN MESSIAH

SHOTGUN MESSIAH

O álbum tinha a ver com ter atitude, esse lado sleaze, mas também mostrar um bom instrumental", declarou o vocalista Zinny J. Zan, que iniciou à carreira com o Easy Action, primeiro grupo sueco a assinar um contrato mundial e revelou o guitarrista Kee Marcello, que fez fama no Europe.

A estreia do Shotgun Messiah, no entanto, se deu por causa da segunda banda que Zinny integrou: Kingpin. Criado por Harry K. Cody (guitarra), Tim Skold (baixo) e Stixx Galore (bateria), estreou em 1988 com *Welcome to Bop City*. O material foi regravado e relançado pela Relativity Records, em 1989, já como Shotgun Messiah. Àquela altura, os suecos tinham se mudado para Los Angeles, precisamente para a cena da Sunset Strip. "Era o lugar certo! Aquela foi a época da guinada do Mötley Crüe, a chegada do Skid Row, o retorno triunfal do Aerosmith com *Pump*, o The Cult com *Sonic Temple*... Estava todo mundo detonando", analisou o vocalista ao extinto programa de TV Maloik.

E o Shotgun Messiah conseguiu vender quase 500 mil cópias de seu debut, tendo como destaques o single e clipe *Don't Care 'bout Nothin'*, *Shout It Out*, *Bop City*, *Nervous* e a instrumental *The Explorer*. "*Shout It Out* começava com um 'Fu..Fu..Fuck You', mas não podíamos mantê-la assim nos EUA. Então, mudamos para 'Scrrrrreaming Guitar'", recordou Zinny, que deixou a banda e abriu espaço para que Skold, que depois fez fama no KMFDM e Marylin Manson, ficasse responsável pelos vocais a partir de *Second Coming* (1991).

Ricardo Batalha

71. SKID ROW

SKID ROW

Em 1989, a MTV ia a pleno vapor, a indústria do show business se reinventava e dos redutos de Los Angeles um "monstro" chamado Guns N'Roses virava realidade. Pronto, nascia uma nova era. Como nos EUA, quase tudo, pelo menos no show business, gira em torno do eixo Califórnia-Nova York, era hora da região de NY voltar a contra-atacar com sua mais nova e poderosa pérola do glam metal vinda de Nova Jérsei: Skid Row!

Trazendo um som pulsante, refrãos majestosos, uma produção forte e robusta, a banda contava com um grande vocal, que era a personificação do mais puro frontman. Sebastian Bach, substituto de Matt Fallon, que registrou demos de algumas faixas de *Skid Row*, tinha domínio, interpretação, drive nos agudos e era boa pinta mesmo... Surreal!

Ainda por cima, ele apareceu cantando faixas do calibre de *I Remember You*, *18 and Life*, *Youth Gone Wild* e até mesmo fazendo a linha mais Motley Crüe com a "alegre" *Sweet Little Sister*. Não tinha como ficar indiferente. De fato, poucos conseguiam chegar perto das habilidades de nosso amigo "Tião". Eu mesmo até o entrevistei uma vez, a pedido de um site americano, e falamos sobre seus discos recentes serem voltados para o rock mais pesado, menos técnicas vocais e aqueles gritos limpos (mesmo sendo sujos e agressivos). Ele confidenciou que não conseguia mais fazer o que fazia quando jovem. Tudo bem, o trabalho dele ao lado de Scotti Hill e Dave Sabo (guitarras), Rachel Bolan (baixo) e Rob Affuso (bateria) atravessou gerações.

Thiago Bianchi (Noturnall)

72. SODOM

AGENT ORANGE

O Sepultura foi quem acompanhou o Sodom em sua primeira grande tour em 1989. O clássico álbum *Agent Orange* era um grande sucesso, o maior momento da banda alemã na sua história. A turnê era para ter acontecido em julho daquele ano, mas a saída do guitarrista Frank Blackfire, que acabou indo para o Kreator, atrasou tudo. Assim, a tour acabou ficando para o mês de outubro e contou com Uwe Baltrusch (Mekong Delta), que temporariamente substituiu Frank Blackfire – depois, o posto foi oficialmente preenchido por Michael Hoffmann (Assássin). Lembro que ficamos muito frustrados com o adiamento, mas, com paciência, esperamos o momento chegar e, finalmente, depois estávamos na Europa pela primeira vez!

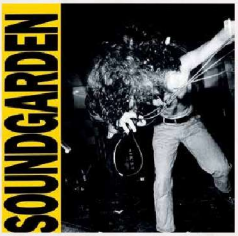
Agent Orange, que figurou nas paradas da Alemanha, é um grande disco, muito bem produzido por Harris Johns no estúdio Musiclab. E muito bem tocado, também, pois todos os músicos estavam em seu auge. Ainda hoje é um álbum poderoso de se ouvir e que traz muita atitude.

A faixa-título e *Ausgebombt* ("bombardeado"), que saiu em single e videoclipe, são as minhas preferidas. O disco, que também destacou *Tired and Red*, *Incest*, *Remember the Fallen* e *Magic Dragon*, trouxe letras falando de guerras, especialmente a do Vietnã, retratada na arte de capa de Andreas Marschall. De fato, foi um privilégio fazer parte desta história, acompanhar tudo de perto e ainda ter a amizade e respeito do vocalista e baixista Tom Angelripper. Longa vida ao *Agent Orange*!

Andreas Kisser (Sepultura)

73. SOUNDGARDEN

LOUDER THAN LOVE



No começo, nossos fãs vinham do punk. Então, quando assinamos com uma gravadora major eles nos abandonaram." Essas palavras são do guitarrista Kim Thayill e contam o que aconteceu quando, após lançar o disco de estreia *Ultramega OK* (1988), o Soundgarden foi procurado e assinou com a A&M Records. Sim, não só os tempos atuais são estranhos...

De todo modo, foi a partir de *Louder than Love* que o grupo começou a caminhada que o levaria ao status de uma das maiores bandas do rock dos anos 90 – e nome emblemático do grunge. Porém, o disco marcou também a primeira crise no Soundgarden: frustrado por acreditar que seu material não estava sendo aproveitado como deveria, o baixista Hiro Yamamoto saiu logo após a gravação. Por causa desse problema, o vocalista Chris Cornell acabou assinando sete das doze faixas do álbum.

Louder than Love acabou ganhando o infame selo Parental Advisory por conta da faixa *Big Dumb Sex*, que traz a palavra 'fuck' diversas vezes em sua letra. O álbum marcou também a estreia da banda no Billboard 200 ao atingir o 108º posto na parada.

A crítica se rendeu à banda, não economizando elogios ao disco. A revista Rolling Stone, por exemplo, chegou a definir Thayill como um "The Edge (U2) com atitude". Já Kirk Hammett, do Metallica, confessou ter se inspirado no disco ao compor o riff de *Enter Sandman*.

Ao lançamento de *Louder than Love* seguiram-se longas turnês por EUA e Europa, o que consolidou de vez o nome do Soundgarden junto ao público.

Antonio Carlos Monteiro

74. STEVE JONES

FIRE & GASOLINE

Após estrear dois anos antes com *Mercy*, que teve ampla promoção no mercado americano, Steve Jones, ex-guitarrista do Sex Pistols, se rodeou de boas companhias para gravar o seu segundo disco solo. *Fire & Gasoline* foi produzido pelo engenheiro de som Mark Dearnley (AC/DC, Uriah Heep, Angel Witch, Krokus, Dogs D'Amour e outros) e coproduzido pelo vocalista do The Cult, Ian Astbury. Se não é difícil sentir influências de AC/DC e The Cult, ainda temos um solo do próprio Billy Duffy em *Get Ready*. Além disso, quem gravou a bateria foi Mickey Curry (Hall & Oates, Bryan Adams) que, coincidentemente, também se uniu ao The Cult naquele ano substituindo Les Warner, com o platinado álbum *Sonic Temple*.

Outra figura conhecida em *Fire & Gasoline* é Nikki Sixx (Mötley Crüe), criador da letra de *We're Not Saints*, com coautoria de Jones e do baixista Terry Nails (Tommy Tutone). Já a versão de *I Did U No Wrong* (Sex Pistols) traz a presença de Axl Rose (Guns N'Roses)

"É uma abordagem totalmente diferente, muito mais quente. Era quando a Sunset Strip estava no auge, mas eu poderia ter sido um pouco mais ousado. Não gosto da minha voz nesse disco", analisou o sincero Jones. E ele está certo, porque se em *Fire & Gasoline* apresentou algo mais áspero e com drive, em *Mercy* suas linhas vieram mais limpas e próximas da escola Iggy Pop. Ainda assim, além das citadas, dá para se divertir ouvindo *Freedom Fighter*, *Hold On*, *Wild Wheels*, *Gimme Love* e *Trouble Maker*.

Ricardo Batalha

75. SUICIDAL TENDENCIES

CONTROLLED BY HATRED/FEEL LIKE SHIT...DÉJÀ VU

Lançado em vinil no Brasil, *Controlled By Hatred/Feel Like Shit... Déjà Vu* pode ser considerado o quarto trabalho de estúdio do Suicidal Tendencies, embora se trate, na realidade, da junção de dois EPs. O lado A do repertório, intitulado *Controlled By Hatred*, traz uma versão editada para a clássica *How Will I Laugh Tomorrow*, faixa-título do álbum anterior (1988), além de *Just Another Love Song*, retirada das sessões de gravação do mesmo trabalho. As outras duas, a excelente *Master of No Mercy* e *Waking the Dead*, são músicas que o guitarrista Mike Clark compôs para sua banda anterior, No Mercy.

Quatro faixas que por si já valeriam o investimento. No entanto, as cinco restantes do lado B, nomeado *Feel Like Shit... Déjà Vu*, não ficam para trás, pois a pesada *Controlled by Hatred* e *Choosing My Own Way of Life*, também composições da banda No Mercy, se mostram perfeitas no padrão Suicidal. Além delas, *Feel Like Shit*, única realmente inédita aqui presente; *It's Not Easy*, composta entre 1984/1985 pelo vocalista Mike Muir para sua banda Los Cycos; e uma 'heavy emotion version' para *How Will I Laugh Tomorrow*, completam o álbum.

Com uma repercussão abaixo da expectativa, já que o álbum figurou apenas na posição 150 da Billboard 200, exceto por *How Will I Laugh Tomorrow*, as demais do disco raramente são lembradas pelo grupo. Mesmo se tratando de algo "menor" em sua discografia, traz ótimas faixas, que representam bem a música do SxTx.

Sergiomar Menezes

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

MYRATH
SHEHILI

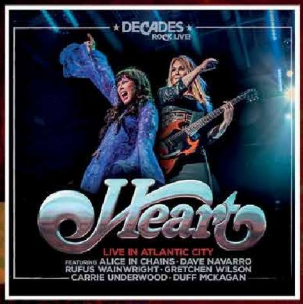
Épico metal progressivo tunisiano!
Uma das bandas mais fascinantes do metal internacional.
Myrath tem tocado com grandes nomes da cena como Symphony X e Dream Theater!

CD Duplo
DVD Duplo

MARILLION
LIVE AT THE ROYAL ALBERT HALL

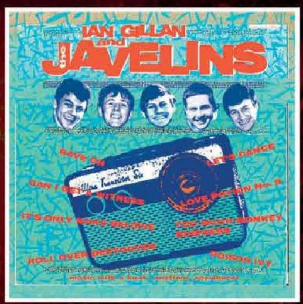
Primeiro show no Royal Albert Hall e esgotado em uma fração de segundo!
São duas partes, "All One Tonight" apresenta o aclamado álbum "F E A R" na íntegra.
A segunda metade introduz "In Praise Of Folly" e convidados!

CD + DVD



HEART
LIVE IN ATLANTIC CITY

Ann e Nancy Wilson mostraram ao mundo que as mulheres
podem tocar Rock! Invadiram as paradas nos anos 70!
"Live In Atlantic City" presta homenagem e celebra o legado da banda!
Uma noite que reuniu várias estrelas. Este show está na memória
dos fãs desde então e agora finalmente é lançado em CD e DVD.



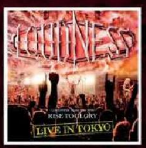
IAN GILLAN AND THE JAVELINS
RAVING WITH IAN GILLAN AND THE JAVELINS

Previamente disponibilizada para o fã-clube, o debut há muito esquecido
"Raving With Ian Gillan & The Javelins" inclui 14 versões cover
de clássicos pop dos anos 60, todas feitas no estilo Javelins.
A banda que pavimentou o caminho para o vocalista Ian Gillan, que apenas
alguns anos depois escreveu a história da música com o Deep Purple!

grupo de www.eduardodesign.com

HOLLYWOOD VAMPIRES
RISE

GENERATION AXE
THE GUITARS THAT DESTROYED THE WORLD: LIVE IN CHINA



LOUDNESS
LIVE IN TOKYO

PAICE ASHTON LORD
MALICE IN WONDERLAND

76. TERRORIZER

WORLD DOWNFALL

Embora as coisas estivessem caminhando em passos largos para o metal na década de 80, as coisas não eram tão rápidas para o metal extremo, que ia avançando aos trancos e barrancos, geralmente impulsionado pela teimosia e coragem de alguns visionários. Relembrando aquela época, quando o Terrorizer lançava o seu clássico debut, o baterista Pete Sandoval falou recentemente para a ROADIE CREW: "A coisa para mim com o Terrorizer e até mesmo com o grindcore, eu nem sabia que isso existia, ninguém conhecia, era algo muito underground, sabe? Ninguém sabia o que era isso, a não ser quem vivia neste nicho do underground."

Assim, pode-se imaginar o quão complicado foi para Sandoval, Jesse Pintado (guitarra) e Oscar Garcia (vocal) – David Vincent, do Morbid Angel, aparecia na ficha técnica como baixista convidado – entrar no Morrisound, de Tampa, ao lado de Vincent (produtor) e Scott Burns (engenharia de som) para registrar seu clássico debut.

Mesmo com as 16 faixas do álbum registradas, as coisas não se tornaram mais fáceis. Talvez tenham ficado até mais difíceis, já que, quando o material foi lançado em novembro de 1989, a banda já estava separada. Pintado partiu para o Napalm Death, Óscar Garcia se firmou de vez com o Nausea, e Sandoval fez história com o Morbid Angel. Porém, olhando para trás, o baterista ainda sente orgulho. "Grindcore, death metal, essas coisas estavam nascendo naquela época. Foi fantástico ser parte da história disso tudo", concluiu.

Valtemir Amler

77. TESLA

THE GREAT RADIO CONTROVERSY

Lembro-me como se fosse hoje de estar mexendo na antiga coleção de discos do meu pai, onde havia discos do gosto pessoal dele e muitas coisas enviadas pela Warner (distribuidora da Geffen Records no Brasil), que era a gravadora dele (Titãs) durante os anos 80 e 90. Entre muitas coisas que não me chamaram a atenção, vi aquela capa do menino com o fone e o aparelho de rádio, e logo virei para a contracapa e já imaginei que era coisa boa. Para um moleque de 12 para 13 anos de idade que só queria saber de Guns N'Roses, encontrar uma banda parceira de gravadora e com o mesmo 'naipe' foi como tirar a sorte grande.

A sonoridade do sucessor de *Mechanical Resonance* (1986) é impecável e o repertório é uma porrada atrás da outra: *Hang Tough*, *Lady Luck*, *Heaven's Trail (No Way Out)*, *Be a Man*, *Lazy Days*, *Crazy Nights* e por aí vai. Até o momento mais 'leve' do disco é espetacular, pois *Love Song* é uma das melhores baladas que o hard rock oitentista produziu. Impressionante como os guitarristas Frank Hannon e Tommy Skeoch se completavam e como o timbre de cada um é reconhecível nos discos clássicos do Tesla, que se apresentou no Brasil pela primeira vez em dezembro de 2017.

Produzido por Steve Thompson (Guns N'Roses, Metallica) e Michael Barbiero (Metallica, Guns N'Roses, Cinderella, Scorpions, Alice Cooper e outros), *The Great Radio Controversy* obteve a 18ª posição no Top 200 da Billboard e chegou à marca de dois Discos de Ouro em julho de 1998.

Bento Mello (Sioux 66)

78. TESTAMENT

PRACTICE WHAT YOU PREACH

Não é um primor, porém gosto da produção crua do terceiro álbum do Testament. Vocal na medida certa, guitarras sujas, bateria alta e baixo idem, soando "estaladão" - Greg Christian martelando as quatro cordas, no nível de D.D. Verni (Overkill) e Dan Lilker (Nuclear Assault). "Nessa época deixamos de trabalhar com Perialas e decidimos fazê-lo em casa. Havia um estúdio chamado Fantasy Studios que, provavelmente, era um dos mais famosos da Bay Area, e fomos gravar lá. O produtor foi Michael Rose, mas Alex Perialas também foi até a Bay Area para nos ajudar", contou o vocalista Chuck Billy à ROADIE CREW.

Billy, Christian, Louie Clemente (bateria), Alex Skolnick e Eric Peterson (guitarras) pretendiam dar um salto maior com o Testament: "Naquele ponto de nossas carreiras estávamos trabalhando com a Atlantic Records e achávamos que viríamos a ser grandes 'rockstars', e que ficaríamos milionários, assim como qualquer banda naquela posição iria pensar. Esse álbum foi muito importante para nós e, naquele momento, começamos a ficar um pouco mais comerciais", revelou Billy.

Dinâmico, o álbum conta com o peso de joias como *Sins of Omission*, *Practice What You Preach*, *Time is Coming*, *Greehouse Effect* e *Nightmare (Coming Back to You)*, a versatilidade da instrumental *Confusion Fusion* e a beleza de *The Ballad*. "Começamos a mudar um pouco nosso estilo. Estávamos mais para uma banda de heavy metal do que uma de thrash metal propriamente dita", concluiu o vocalista.

Leandro Nogueira Coppi

79. THE CULT

SONIC TEMPLE

O que você faz depois de lançar um disco de sucesso? Tenta repetir a dose, certo? Isso é o que todo mundo tenta e a grande maioria acaba falhando miseravelmente. Mas não foi o que aconteceu com o Cult.

O quarteto liderado por Ian Astbury e Billy Duffy conseguiu razoável projeção trabalhando na linha gothic, mas estourou mesmo quando caiu de cara no hard rock com *Electric* (1987). A banda mudou de patamar e, claro, queria se manter ali. Gravou *Sonic Temple* e conseguiu.

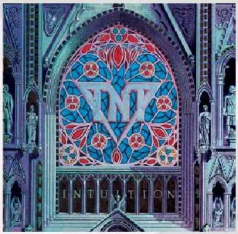
O segredo? Manter a mesma sonoridade, mas incluindo alguns elementos novos aqui e ali, além de contar com uma produção mais, digamos, "sofisticada" – saiu Rick Rubin e entrou Bob Rock, o que fez toda diferença. E isso se estendeu também para o repertório. Arranjos mais apurados, mas sem abrir mão do rock, dos riffs de Duffy e dos refrãos grudentos de Astbury, acabaram fazendo de *Sonic Temple* sucesso de público e crítica. Rocks como *Soul Sister* e *Fire Woman*, dupla que abre o disco, são prova clara disso. Os arranjos vocais ganharam destaque em *Sweet Soul Sister* e ainda há a balada *Edie (Ciao Baby)*, inspirada em Edie Sedgwick, modelo e atriz que trabalhou com Andy Wahrol e morreu de overdose aos 28 anos. "Estávamos em Nova York e estando lá você se envolve com a cidade", declarou Billy sobre o lugar em que Edie se tornou conhecida e morreu. "É um lugar muito especial e a canção acaba refletindo isso."

Sonic Temple é até hoje o maior sucesso do The Cult tanto em vendas como nas paradas de sucesso.

Antonio Carlos Monteiro

80. TNT

INTUITION



Mesmo cheio de personalidade e facilmente identificável, o grupo norueguês TNT tinha a missão nada fácil de superar *Tell No Tales* (1987). Era quase que uma cartada final, pois esse quarto trabalho definiria o futuro de Tony Harnell (vocal), Ronni Le Tekrø (guitarra), Morty Black (baixo) e Kenneth Odiin (bateria), que entrou no posto de Diesel Dahl. A tendência natural era seguir compondo faixas mais acessíveis. "Assim que finalizamos as gravações, eu estava em Los Angeles e pude notar que as coisas estavam tomando outro rumo. A música estava mais pesada e com uma pegada diferente, como todos viram com o Guns N'Roses, que estava se tornando grande. Aí, pensei comigo: 'Hum, não fizemos um disco tão pesado'", contou o vocalista americano Harnell. "O TNT era capaz de soar bem pesado, mas fomos para um lado mais pop. Mesmo assim, não posso falar mal de nada sobre *Intuition*, que foi single número 1 no Japão e entrou no Top 10 da Suécia", acrescentou.

De fato, a meta foi atingida em duas das dez faixas do repertório, com os singles e clipes *Intuition* e *Tonight I'm Falling*. Afora estas, o material destacou *Forever Shine On*, *Caught Between the Tigers*, *Learn to Love* e *Take Me Down (Fallen Angel)*. O álbum, que trouxe Kjetil Bjerkestrand no teclado e Joe Lynn Turner (Rainbow, Deep Purple) nos vocais de apoio, ainda traz um clima de cabaré na voz de Le Tekrø na curta *Ordinary Lover*. Realmente, a 115ª posição na Billboard foi pouco para exprimir todo o potencial de *Intuition*.

Ricardo Batalha

81. TREAT

ORGANIZED CRIME

Engraçado que quando escutei *Life's a Bitch*, faixa de abertura do debut dos americanos do Hardline, *Doube Eclipse* (1992), a primeira coisa que veio à mente foi *Ready For The Taking*, que abre *Organized Crime*, do Treat. Semelhanças à parte, à época o grupo sueco vinha de mudanças, com a demissão do guitarrista Leif "Lillen" Liljegren e a saída do baixista Kenneth Siwertsson. Robert Ernlund (vocal), Anders "Gary" Wikström (guitarra e teclado) e Jamie Borger (bateria) então recrutaram Joakim "Joe" Larsson (baixo, ex-Six Feet Under – não é aquele que você pensou) e o tecladista Patrick "Green" Appelgren (ex-Power).

O resultado foi *Organized Crime*, produzido por Peter Hauke e Andy Lunn, e que trouxe a regravação de *Get You on the Run*, do debut *Scratch and Bite* (1985), que chegou a ser lançado no Brasil em vinil. Porém, o repertório do sucessor de *Dreamhunter* (1987) vai além e traz várias "pérolas escondidas", especialmente para quem curte hard rock com pitadas de AOR e blues.

Com boas performances individuais, bons riffs e refrãos, e uma interessante variação do hard anos 70 e 80, principalmente nos teclados de Appelgren, o material destaca a hard'n'heavy e AOR *Conspiracy*, a marcante *Gimme One Mare Night*, com um refrão difícil de esquecer, e a melódica *Hunger*. Além destas, vale conferir *Party All Over*, *Keep Your Hands To Yourself* e *Mr. Heartache*. O Treat não se tornou tão grande quanto o Europe, mas tem seu lugar garantido no primeiro escalão do rock sueco.

Ricardo Batalha

82. U.D.O.

MEAN MACHINE

Udo Dirkschneider foi o primeiro vocalista do Accept e, apesar da crescente carreira da banda alemã entre 1979 e 1986, seus parceiros resolveram demiti-lo, pois buscavam um som mais acessível voltado ao mercado dos Estados Unidos. Como você viu aqui neste especial, o álbum *Eat the Rich*, com David Reece nos vocais, era bom, mas não era o Accept clássico. Resultado: foi um fracasso comercial.

Antes disso, para compensar Udo, a banda gravou em 1987 *Animal House*, primeiro da vitoriosa carreira solo do baixinho. Um ótimo início, sem dúvida. Porém, era necessário mostrar que ele conseguiria continuar sem a sombra dos antigos companheiros. E, dois anos depois, surgiu *Mean Machine*, com o qual ele mostrou que não precisava do Accept.

Em 2015, em entrevista ao site Burning Ambulance, ele lembraria que não teve dificuldade para o feito, pois já estava na estrada com os guitarristas Mathias Dieth e Andy Susemihl sempre compondo há um ano e meio. Mas, independentemente de quem o acompanhe, Udo sempre será uma fonte espetacular para a criação de música pesada.

No álbum, *Don't Look Back* e *Break the Rules* abriam o trabalho já certificando que para o carismático vocalista não havia risco de derrapadas. Era o metal que o consagrou e que é mantido até hoje em dia. *Lost Passion*, *Dirty Boys*, a faixa-título e *We're History* são outras que tranquilizaram o público. Aproveite essa dica, faça um favor a si mesmo e dedique um bom número de horas para ouvir *Mean Machine*.

Alessandro Bonassoli

83. URIAH HEEP

RAGING SILENCE

Em meados da década de 80, o Uriah Heep era uma instituição em processo de reforma. "A CBS fez um trabalho terrível de promoção do disco", dizia o guitarrista Mick Box, elegendo o selo como responsável direto para as vendas ruins de *Equator* (1985). Verdade seja dita, o álbum também tinha qualidade duvidosa, não agradando nem à crítica nem aos fãs. Alegando problemas em sua voz, Peter Goalby se desligou do grupo britânico. John Sinclair também debandou, ao ser recrutado por Ozzy Osbourne.

A solução do Heep foi convocar o canadense Bernie Shaw (Grand Prix, Stratus) e Phil Lanzon (Grand Prix) para os postos deixados por Goalby e Sinclair, respectivamente. A estreia da dupla – que se juntou a Box, ao baixista Trevor Bolder e ao baterista Lee Kerslake – se deu com ao vivo *Live in Moscow* (1988). Mas foi em 1989 que veio o primeiro álbum de estúdio com a nova formação. *Raging Silence* – cujo título e capa faziam alusão a *The Roaring Silence* (1976), de Manfred Mann –, saiu pela gravadora Legacy e trazia dez temas guiados pelo hard rock, estilo que imperava naquela década.

Sete faixas eram de autoria da banda (com Lanzon colaborando em quatro delas), incluindo as venenosas *Blood Red Roses* (escrita por Goalby), *Bad Bad Man* e *Cry Freedom*. O disco era completado por três releituras: *Hold Your Head Up*, do Argent, a balada *When The War Is Over*, do Cold Chisel, e a melodiosa *Lifeline*, de LeRoux. A turnê, que passou pelo Brasil, rendeu o VHS *Raging Through the Silence*.

Thiago Prata

84. VENOM

PRIME EVIL

Mantas, Cronos e Abaddon já tinham gravado quatro lendários álbuns completos de estúdio quando as coisas começaram a mudar para o Venom. Em 1987, o trio mais famoso de Newcastle tinha mudado muito a sua forma para o lançamento de *Calm Before The Storm*, seu quinto álbum: Mantas estava fora do time, e, ao lado de Cronos (vocal e baixo) e Abaddon (bateria) aparecia a nova dupla de guitarristas, Michael Hickey e Jimmy Clare, o que transformava o Venom em um quarteto.

Não deu nem tempo para ferver a água do miojo, e logo o Venom voltava a ser um trio. Mantas estava novamente ao lado de Abaddon, enquanto Cronos, Michael e Jimmy estavam fora, trabalhando juntos no debut da banda Cronos. Ao lado dos dois fundadores, o novo vocalista e baixista do Venom, Tony "Demolition Man" Dolan, um nome comum na época apenas para os fãs do Atomkraft.

O grande impacto de *Prime Evil* se deu principalmente por dois fatores: primeiro, *Calm Before The Storm* tinha decepcionado os fãs mais 'linha-dura' do Venom, por conta de seu som mais melódico. Segundo, ninguém sabia ao certo o que esperar de Dolan, e o sujeito era (e ainda é) um vocalista sensacional. Com um repertório muito acima da média, no qual a faixa-título rouba o protagonismo, seguida de perto por pedradas como *Parasite*, *Blackened are the Priests* e *Carnivorous*, o 'novo' Venom derrubava a resistência dos fãs que tinham ficado desiludidos com o álbum anterior. Além disso, se firmava como uma grande potência para a década seguinte.

Valtemir Amler

METAL SUL-AMERICANO

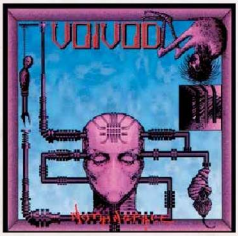
DA MELHOR QUALIDADE

CONTATO PARA SHOWS E ASSESSORIA DE IMPRENSA:
contato@sanguefrioproducoes.com | 45 98838.7204
WWW.SANGUEFRIOPRODUCOES.COM

SANGUE FRIO
PRODUÇÕES

85. VOIVOD

NOTHINGFACE



Lançado em outubro de 1989, o álbum mais bem-sucedido dos canadenses do Voivod, *Nothingface*, é uma obra de sonoridade ampla e que possibilitou a banda atingir o patamar máximo de progressividade em seu som. Prova disso é o cover do Pink Floyd para *Astronomy Domine*, composta pelo fundador Syd Barrett e lançada em *The Piper at the Gates of Dawn* (1967). A versão irrepreensível, que saiu em videoclipe, conseguiu imprimir a característica única do Voivod, sendo considerada por muitos como o ponto alto do repertório do sucessor de *Dimension Hatröss* (1988).

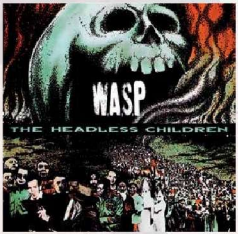
Realmente, trata-se de mais um puro ato do já conhecido vanguardismo do Voivod, que, ao longo de sua discografia, sempre lançou mão de ideias pouco convencionais e repletas de criatividade. Temas como a urgente *The Unknown Knows*, a enigmática faixa-título e a bela *Into My Hypercube* são, juntamente com o citado cover, os grandes destaques do quinto álbum de estúdio desta banda canadense, cuja carreira iniciou-se em 1982.

Produzido por Glen Robinson (Ramones, The Beach Boys, GWAR) no país natal de Snake (vocal), do saudoso Piggy (guitarra) e de Blacky (baixo) e Away (bateria), *Nothingface* permanece atemporal trinta anos após o seu lançamento, tendo influenciado bandas diversas ao redor do mundo. Inclusive, a que faço parte, Genocidio, que bebeu muito nesta fonte para conceber seu primeiro full-length, *Depression* (1990), no qual os riffs dissonantes e as batidas tribais marcaram relevante presença nas composições.

Murillo Leite (Genocidio)

86. W.A.S.P.

THE HEADLESS CHILDREN



Esqueçam os travesseiros, a caveira com sangue, as maquiagens pesadas e o Circo! Se comparado com seus três álbuns anteriores, *The Headless Children* mostra o W.A.S.P em um novo nível de maturidade.

Política e questões sociais agora eram os temas em quase todo o álbum. A arte da capa mostra uma série de figuras históricas, incluindo Stalin, Hitler, Mussolini, Charles Manson, Al Capone e até a Ku Klux Klan. É em *The Headless Children* que o baterista do Quiet Riot, Frankie Banali, aparece pela primeira vez, além da participação de Ken Hensley (Uriah Heep, Blackfoot) nos teclados.

A versão para *The Real Me* (do The Who) foi escolhida como primeiro single, mas são canções como *The Heretic (The Lost Child)*, a faixa-título e *Thunderhead* que mostram a nova cara do W.A.S.P.. Porém, nem tudo é seriedade em *The Headless Children*. Há momentos mais 'rock'n'roll', como em *Mean Man*, que poderia estar em *The Last Command* e fala sobre o estilo de vida do guitarrista Chris Holmes – ele, ironicamente, deixou a banda logo após o lançamento do álbum –, *Maneater* (sobre motocicletas) e *Forever Free*, balada típica dessa época do hard/heavy metal.

Outro assunto pesado vem em *The Neutron Bomber*, que descreve o poder que Ronald Regan e a América tinham sobre o mundo. O álbum encerra com a energética *Rebel in the F.D.G. (Fucking Decadent Generation)*. É, Blackie Lawless não imaginava que estava prevendo com exatidão o que estava por vir pelos próximos 30 anos, não é?

Alexandre Grunheidt (Ancesttral)

87. WHITE LION

BIG GAME

Sempre vou bater na tecla de que se Mike Tramp tivesse mais garra na voz e soasse menos meloso, o White Lion teria voado na carreira. Bem, ao menos o frontman dinamarquês da banda americana tinha 'sex appeal', algo que ajudava a tornar o hard rock ainda mais atrativo aos olhares de fãs e dos engravatados da indústria musical. Os magnatas das grandes gravadoras sabiam injetar dinheiro em seus cofres explorando o lado comercial das bandas, um negócio dos mais rentáveis.

Porém, é claro que o White Lion chegou onde chegou porque, principalmente em *Pride* (1987), *Big Game* (1989) e *Mane Attraction* (1991) – os únicos lançados pela Atlantic Records –, destacou-se pela qualidade musical. A maestria instrumental de James LoMenzo (baixo), Greg D'Angelo (bateria, ex-Anthrax) e do genial (e hoje recluso) Vito Bratta, guitarrista altamente influenciado por Eddie Van Halen, era notável.

E um dos grandes feitos do "Leão Branco" foi *Big Game*. Nele, brilhou com as 'hardonas' *Goin' Home Tonight*, *Dirty Woman* e *Let's Get Crazy* (quase plágio de *Hot for Teacher*, do Van Halen), a versátil *Baby Be Mine*, a amena *Cry for Freedom* e a balada *Broken Home*. E mais ainda nas ótimas *Little Fighter*, *Living on the Edge*, na pesada *If My Mind is Evil* e no cover de *Radar Love*, dos holandeses do Golden Earring.

Big Game foi tão bem que não só chegou ao 19° lugar na Billboard 200, como acabou conquistando Disco de Ouro nos EUA, além de altas posições nas paradas de outros países.

Leandro Nogueira Coppi

88. WHITE ZOMBIE

MAKE THEM DIE SLOWLY

O cinquentão Rob Zombie é um artista ímpar. Sucesso na sétima arte por criar um tempero próprio aos seus filmes de horror, o americano goza também de um status de destaque no meio da música. E esse caminho começou a ser trilhado com a banda que ele mesmo criou, ainda na época de colégio, em 1985. Batizado White Zombie, o grupo debutou dois anos depois, com *Soul Crusher*.

À época, o disco foi rotulado como noise rock, uma mistura de punk com rock alternativo. Mas esta não seria a sonoridade predominante na carreira do White Zombie. Afinal, o metal batia a porta de Rob Zombie que, em entrevistas, disse que por ouvir muito o álbum *Ride the Lightning* (1982), do Metallica, no fim da década de 90, acabou sendo influenciado a compor de maneira mais agressiva, marca que se tornaria a tônica de seus trabalhos seguintes. Toda essa mudança está explicita em *Make Them Die Slowly*.

John Ricci fazia sua estreia como guitarrista no lugar de Tom Guay. Porém, saiu no final das gravações por conta de um câncer. Mesmo não sendo um clássico, o material traz bons momentos com *Acid Flesh* e *Godslayer*. E a "pegada mais metal" acabou se tornando a base do trabalho do White Zombie, melhor desenvolvido tempos depois. Eis que em uma entrevista em 1998, Rob Zombie declara: "O White Zombie fez um monte de coisas legais, mas era hora de parar". Depois disso, ele mergulhou em uma carreira solo muito bem sucedida, consolidando seu nome como um dos expoentes máximos do rock industrial.

Matheus Vieira

89. WHITESNAKE

SLIP OF THE TONGUE

David Coverdale que me desculpe, mas, ao contrário do que diz, nem de longe *Slip of the Tongue* é um dos álbuns mais fracos do Whitesnake. Forma meu Top 3 com *Slide it In* (1984) e *1987* (1987). Afinal, um line-up com Coverdale, Steve Vai (guitarra), Rudy Sarzo (baixo) e Tommy Aldridge (bateria), mais convidados como Glenn Hughes (vocal), Don Airey e David Rosenthal (teclados) e outros, não teria como dar errado. A marca de um milhão de cópias vendidas, seguida de Disco de Platina nos EUA, Ouro na Inglaterra, 10° lugar no Top 200 da Billboard e mais o sucesso de *Fool for Your Loving*, *Judgement Day*, *Now You're Gone* e as baladas *The Deeper the Love* e *Sailing Ships* atestam minha convicção.

Exceto pela ótima regravação de *Ready an' Willing* (1980), *Fool for Your Loving*, que é de autoria de Coverdale e de seus ex-guitarristas, Bernie Marsden e Micky Moody, o oitavo álbum de estúdio do Whitesnake foi todo composto pelo vocalista em parceria com Adrian Vandenberg. Porém, apesar de creditado, o guitarrista holandês ficou fora das gravações, conforme recordou Coverdale à ROADIE CREW: "Apesar de eu e Adrian termos composto aqueles grandes temas, ele não pôde gravá-los porque teve um problema sério num nervo do pulso".

Assim que retornou à banda, Vandenberg se tornou competitivo em relação a Vai. Mesmo assim, tudo fluiu bem para o Whitesnake, que, além de uma grande turnê mundial, em 1990 foi headliner do Monsters of Rock da Inglaterra.

Leandro Nogueira Coppi

OUTROS LANÇAMENTOS DE PESO DE 1989

Bastará uma rápida olhada na extensa lista de outros lançamentos de trinta anos atrás para perceber que, entre os 89 discos comentados, poderiam estar vários outros. Um fã mais atento do Iron Maiden, por exemplo, lembrará que Blaze Bayley fez sua estreia em 1989, com *Live Fast, Die Fast*, do Wolfsbane. O vocalista, hoje em carreira solo, saiu de Tamworth, na Inglaterra, para trabalhar em Los Angeles ao lado do produtor Rick Rubin. "Quando estava no Wolfsbane eu era meio ingênuo demais e acabava sendo autodestrutivo. No Maiden, aprendi o lado profissional", confessou.

Além dele, vários outros guitarristas, hoje muito conhecidos, se lançaram em carreira solo e soltaram discos instrumentais. É o caso de Richie Kotzen, mais uma entre as tantas "descobertas" da Shrapnel Records, de Mike Varney. Em seu primeiro solo, homônimo, Kotzen, que tinha apenas 19 anos de idade, estava ao lado de Stuart Hamm (baixo) e Steve Smith (bateria, Journey). Fez tanto barulho com sua técnica apurada que, dois anos depois, foi recrutado para integrar o Poison.

Não se espante com a lista a seguir porque, provavelmente, algum disco que você tem entre os seus favoritos poderá constar nela. Outros, entretanto, precisam ser revistos ou descobertos para entrar na sua prateleira ou em alguma playlist de sua plataforma de streaming.

- 24-7 Spyz - Harder Than You
- Acid Reign - The Fear
- Alex Masi - Attack of the Neon Shark
- Angelica - Angelica
- Anthem - Hunting Time
- Bad Brains - Quickness
- Bad Habit - After Hours
- Bam Bam Boys - Bam Bam Boys
- Bang Tango - Live Injection (EP ao vivo)
- Banshee - Race against Time
- Baron Rojo - Obstinato
- Barren Cross - State of Control
- Beau Nasty - Dirty, But Well Dressed
- Believer - Extraction from Mortality
- Billy Sheehan - The Talas Years
- Bitch - A Rose by Any Other Name (EP)
- Blacksmith - Fire from Within
- Blues Saraceno - Never Look Back
- Bride - Silence Is Madness
- Carcass - The Peel Sessions (EP)
- Cats In Boots - Kicked and Klawed
- Cher - Heart of Stone
- China - Sign in the Sky
- Circus of Power - Still Alive...
- Cloven Hoof - A Sultan's Ransom
- Cro-Mags - Best Wishes
- Crossbones - Crossbones
- Cry Wolf - Cry Wolf
- Da Vinci - Back in Business
- Dalton - Injection
- Dan Reed Network - Slam
- Dangerous Toys - Dangerous Toys
- Dare Force - Firepower
- Deadringer - Electrocution of the Heart
- Devastation - Signs of Life
- Diamond Rexx - Rated Rexx
- Dirty Blonde - Passion
- Dirty Looks - Turn of the Screw
- Diving for Pearls - Diving for Pearls
- Doc Holliday - Song for the Outlaw (ao vivo)
- Domain - Before the Storm
- Drive She Said - Drive She Said
- Earthshaker - Treachery
- Electric Boys - Funk-O-Metal Carpet Ride
- Evildead - Annihilation of Civilization
- Excel - The Joke's on You
- Fahrenheit - Talking 'Bout Love
- Fiona - Heart Like a Gun
- FM - Tough it Out
- Forced Entry - Uncertain Future
- Gary Hughes - Big Bad Wolf
- Giant - Last of the Runaways
- Glory - Danger in This Game
- Godflesh - Streetcleaner
- Golden Earring - Keeper of the Flame
- Gorky Park - Gorky Park
- Grinder - Dead End
- Gringos Locos - Punch Drunk
- Guardian - First Watch
- GUN - Taking on the World
- Heavy Pettin' - Big Bang
- Heir Apparent - One Small Voice
- Helstar - Nosferatu
- Holy Moses - The New Machine of Lichtenstein
- Honeymoon Suite - The Singles
- Howe II - High Gear
- Icon - Right Between the Eyes
- Jack Starr's Burning Starr - Jack Starr's Burning Starr
- Jailhouse - Alive in a Mad World (EP)
- Junkyard - Junkyard
- Keel - Larger than Live
- Kill for Thrills - Commercial Suicide (EP)
- King's X - Gretchen Goes to Nebraska
- Laz Rockit - Annihilation Principle
- Last Crack - Sinister Funkhouse #17
- Leather - Shock Waves
- Leatherwolf - Street Ready
- Lee Aaron - Bodyrock
- Lillian Axe - Love and War
- Lion - Trouble in Angel City
- Little Angels - Don't Pray For Me
- Little Caesar - Name Your Poison (EP)
- Living Death - Worlds Neuroses
- Lou Gramm - Long Hard Look
- Loudblast - Sensorial Treatment
- Macabre - Gloom
- Magnum - Invasion Live (ao vivo)
- Marshall Law - Marshall Law
- McAuley Schenker Group - Save Yourself
- Mekong Delta - The Principle of Doubt
- Mercy - King Doom
- Meshuggah - Psykisk Testbild (EP)
- Michael Monroe - Not Fakin' It
- Midas Touch - Presage to Disaster
- Molly Hatchet - Lightning Strikes Twice
- Morgoth - Resurrection Absurd (EP)
- Mortal Sin - Face of Despair
- Nasty Idols - Gigolos on Parole
- Nasty Savage - Penetration Point
- Nazareth - Snakes 'N' Ladders
- Neal Schon - Late Nite
- Nirvana - Bleach
- Nitro - O.F.R.
- Paradox - Heresy
- Pariah - Blaze of Obscurity
- Paul Raymond Project - Under the Rising Sun
- Phantom Blue - Phantom Blue
- Poltergeist - Depression
- Rage - Secrets in a Weird World
- Repulsion - Horrified
- Reverend - Reverend (EP)
- Richie Kotzen - Richie Kotzen
- Rigor Mortis - Freaks (EP)
- Riot - Riot Live (EP ao vivo)
- Robin Beck - Trouble or Nothin'
- Rollins Band - Hard Volume
- Rotting Christ | Sound Pollution - The Other Side of Life (split EP)
- Sabbat - Dreamweaver (Reflections of Our Yesterdays)
- Sacred Warrior - Master's Command
- Sacrilege - Turn Back Trilobite
- Saga - The Beginner's Guide to Throwing Shapes
- Saraya - Saraya
- Shakin' Street - Live and Raw!
- Shark Island - Law of the Order
- Shok Paris - Concrete Killers
- Show Ya - Outerlimits
- Signal - Loud and Clear
- Silent Rage - Don't Touch Me There
- Stairway to Heaven/Highway to Hell (Coletânea)
- Starship - Love Among the Cannibals
- Starz - Live in Action (ao vivo)
- Status Quo - Perfect Remedy
- Steve Lukather - Lukather
- Steve Morse - High Tension Wires
- Stormwitch - Live in Budapest (ao vivo)
- Strangeways - Walk in the Fire
- Stratovarius - Fright Night
- Streetheart - Over 60 Minutes With....
- Stuart Hamm - Kings of Sleep
- Swedish Erotica - Swedish Erotica
- T.T. Quick - Sloppy Seconds
- Tangier - Four Winds
- The Dan Reed Network - Slam
- The Dogs D'Amour - Errol Flynn
- The Georgia Satellites - In the Land of Salvation and Sin
- Titan Force - Titan Force
- Tokyo Blade - No Remorse
- Tony Carey - The Story So Far
- Tora Tora - Surprise Attack
- Torino - Rock It
- Toxik - Think This
- Trance - Back In Trance
- Trans Am - Fasten Seatbelts
- Trevor Rabin - Can't Look Away
- Unseen Terror - The Peel Sessions (EP)
- Vain - No Respect
- Vengeance - Arabia
- Victory - Culture Killed the Native
- Voodoo X - Vol.1 the Awakening
- Watchtower - Control and Resistance
- Whiplash - Insult to Injury
- Whitecross - Triumphant Return
- Winter Rose - Winter Rose
- Wolfsbane - Live Fast Die Fast...
- Wrathchild - Delirium
- Wrathchild America - Climbin' the Walls
- X Japan - Blue Blood
- Xentrix - Shattered Existence
- XYZ - XYZ
- Zed Yago - Pilgrimage

ROADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Excelência e qualidade em assessoria de imprensa, confira algumas das bandas de nosso cast. Todo o conteúdo está disponível nas principais plataformas digitais e nas redes sociais dos artistas. Conheça nosso trabalho, venha você também para o Cast Roadie Metal. Entre em contato pelo e-mail: gleisonjunior@roadie-metal.com

www.roadie-metal.com
roadie-metal.com/press

www.facebook.com/RoadieMetal
www.facebook.com/roadiemetalassessoria

Macumbazilla - Curitiba / PR
Estilo: Stoner Metal
Álbuns: Macumbazilla (2014)
Videos: The Ritual
Rede Sociais:
Formação: André Nigoski – vocal/guitarra
Carlos "Piu" Schner – baixo / Júlio Goss - bateria

Seventh Sign From Heaven - Picus / PI
Estilo: Hard Rock
Álbuns: Judgement of Egypt (2017)
Rede Sociais:
Formação: Mark Neiva: Vocal/Guitarra / Álvaro Mkbrian: Guitarra / Filim Nascimento: Bateria / Zinha Soares: Baixo

Mofo - Brazilia / DF
Estilo: Thrash Metal
Álbuns: Empire of Self – Reggard (2017)
Rede Sociais:
Formação: Emiliano Gomes – vocal / Arthur Colonna – guitarra / Rodrigo "Shakal" – guitarra / Pedro Dinis – baixo João Paulo "Mancha" – bateria

Lacuna - São Paulo / SP
Estilo: Modern Metal
Álbuns: Doce Ilusão (2018)
Rede Sociais:
Formação: Denny França – vocal, guitarra
Lucas Corral – guitarra, backing vocal
Willy França – baixo, vocal / Renato Reish – bateria

Escola Alemã – Goiânia/GO
Estilo: War Metal
Álbuns: Back to the Front (2018)
Rede Sociais:
Formação: Allan Paulino – Vocais / Carlos D'boa – Guitarras / Cláudio Bezzera – Guitarras / Breno Pessoa – Baixo / Alcir Júnior - Bateria

Feios Sujos e Malvados – Marabá/PA
Estilo: Crossover/Thrash Metal
Álbuns: Tortura (2017)
Rede Sociais:
Formação: Noriel Biscoito – vocal / Geraldo Capilé – guitarra / Mauro Cavera baixo / Carlos Cerqueira – bateria

Magnética – Bebedouro/SP
Estilo: Rock And Roll / Grunge
Rede Sociais:
Formação: Rafael Musa: Guitarra e voz / Marcos Ribeiro: Bateria / Anderson Pavan: Contrabaixo

Profetika – Macapá/AP
Estilo: Thrash Metal
Rede Sociais:
Formação: Michel Lawrence – Vocal / Sergiomar Junior – Guitarra / Jaime Lopes – Guitarra / Felippe Kaleb – Baixo / Tato Silva – Bateria

Terrorsphere – Londrina/PR
Estilo: Death Metal
Rede Sociais:
Formação: Werner Lauer – vocais, contrabaixo / Francisco Neves – guitarras / Victor Oliveira – bateria

April 21st – Belo Horizonte/MG
Estilo: Metalcore
Rede Sociais:
Formação: Herbert – Guitarra / August Nery – Bateria

01. AGNOSTIC FRONT

LIVE AT THE CBGB

Os anos 80 nos legaram, entre outros gêneros, o chamado hardcore novaiorquino, formado por bandas surgidas entre o final dos anos 70 e o começo da década seguinte e que acabaram criando não apenas uma nova sonoridade, mas até ditando o comportamento da época. Ajudou nisso o famoso clube CBGB, que a partir dos anos 80 abriu um espaço aos domingos à tarde para apresentações do gênero.

Surgido também em 1980, o Agnostic Front já era nome consolidado e com três discos lançados em 1989 e o CBGB era como uma segunda casa para a banda. "Minha filha mais velha praticamente cresceu lá", disse o vocalista cubano Roger Miret em entrevista ao Ox Fanzine (ALE). Então, nada mais natural que o primeiro disco ao vivo do Agnostic Front fosse gravado na casa. Isso aconteceu em 21 de agosto de 1988.

O resultado é avassalador como se poderia imaginar. Peso, velocidade, urgência se digladiam em 19 músicas socadas em menos de 33 minutos – coisas que o só o hardcore faz por você... No repertório, temas dos três discos de estúdio e do EP *United Blood* (1983), trabalho de estreia da banda.

Esse passo adiante foi interrompido pela prisão de Miret logo após o lançamento do disco por tráfico de drogas. Ele alegou estar vivendo em condição de pobreza e que sua namorada estava grávida. Não colou. Ficou quase dois anos pensando na vida e de lá para cá, além de continuar à frente do Agnostic Front, tornou-se ativista de várias causas, como a PETA, organização de defesa dos animais.

Antonio Carlos Monteiro

02. ANVIL

PAST AND PRESENT - LIVE AND CONCERT

O primeiro disco ao vivo dos canadenses do Anvil acabou ficando marcado para a história por ter sido o último com a presença do guitarrista Dave Allison. Na realidade, Steve "Lips" Kudlow (vocal e guitarra), Ian Dickson (baixo) e Robb Reiner (bateria) já estavam desde o final de 1988 na estrada, tocando nos EUA e no Canadá ao lado do Liege Lord. Logo nos primeiros shows, Allison já deixava claro sua intenção de deixar o grupo. Ele tinha chegado ao seu limite e, assim, a primeira baixa do line-up foi confirmada em abril, com a entrada do guitarrista Sebastian Marino.

Antes, porém, o quarteto conseguiu registrar a performance durante a "Rubber Glove Tour", que por pouco não foi cancelada. A gravadora Metal Blade tinha prometido que ajudaria a banda na promoção, mas acabou pulando fora e os músicos foram atrás do governo canadense, que lhes concedeu fundos para o aluguel da van e do engate para os equipamentos. Bem, se você acha que isso foi um problemão para eles, assista ao documentário "Anvil: The Story of Anvil" (2008), dirigido por Sacha Gervasi, e entenda o significado da palavra perrengue.

Past And Present – Live In Concert, produzido por Paul Lachapelle, foi gravado em um show em San Pedro/CA (EUA). O repertório traz o set list básico da turnê de *Pound for Pound* (1988): *Concrete Jungle*, *Toe Jam*, *Motormount*, *Forged in Fire*, *Blood on the Ice*, *March of the Crabs*, *Jackhammer*, *Metal on Metal*; *Winged Assassins*, *666* e *Mothra*.

Ricardo Batalha

03. DESTRUCTION

LIVE WITHOUT SENSE

A mudança de formação, com a saída do baterista Tommy Sandmann, substituído por Olli Kaiser, e a entrada de Harry Wilkens, que se tornou parceiro de Mike Sifringer nas seis cordas, a partir do EP *Mad Butcher* (1987), tinha deixado o Destruction mais técnico. *Release from Agony*, lançado em 1988, foi a maior prova. E foi justamente na turnê de promoção deste terceiro full-length que o primeiro ao vivo da banda alemã de thrash metal foi registrado. "Estávamos entrosados e não tivemos receio de fazer algo mais ousado e técnico. Colocamos o lado técnico sem deixar para trás as raízes", explicou Schmier (vocal e baixo) à ROADIE CREW sobre a evolução musical.

A captação do engenheiro de som Herwig Ursin não foi baseada em um show específico, mas de várias apresentações da "Release From Agony Tour 87/88", em que o Destruction passou pelo Brasil pela primeira vez, tocando em São Paulo (SP) em agosto de 1989.

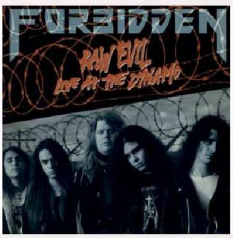
Já a arte de capa, a cargo de Martin Knauerhase, trouxe, claro, a figura do açougueiro sanguinário Mad Butcher. "Não planejamos nada, os fãs gostaram da cara feia que ele tem. Parece algo como Eddie, do Iron Maiden", observou Schmier. Ele que, pouco tempo depois, foi substituído pelo vocalista André Grieder, do Poltergeist, que debutou em 1989 com *Depression*. Assim, para *Cracked Brain* (1990), os baixos foram gravados por Mike e Harry.

Felizmente, a situação interna não influenciou na performance dos músicos. Por isso, *Live Without Sense* se mostrou relevante.

Ricardo Batalha

04. FORBIDDEN

RAW EVIL (LIVE AT THE DYNAMO)



Fundado em 1985 como Forbidden Evil pelo vocalista Russ Anderson e o guitarrista Craig Locicero, a banda rapidamente ganhou novos integrantes, experiência e um contrato com a Combat Records. Para o lançamento do seu debut em 1988, o grupo optou por usar *Forbidden Evil* como título do álbum, passando a se chamar simplesmente Forbidden. Difícil dizer se esta estratégia do quinteto surtiu efeito, mas o fato é que, naqueles dias, uma banda talentosa como essa tinha o direito de conquistar alguns minutos sob os holofotes.

Em plena era de ebulição do thrash metal californiano, o Forbidden garantiu a sua primeira turnê mundial, dividindo palcos com gente como Holy Moses, Voivod, Death Angel, Dark Angel, Testament, Sacred Reich e Exodus, apenas para citar os mais importantes. Claro que isso valia um registro, e foi justamente o que a gravadora Combat fez quando a banda foi confirmada como uma das atrações do festival holandês Dynamo. Assim, a curta (menos de meia hora) apresentação dos californianos em Eindhoven, em 15 de maio de 1989, teve o áudio capturado e lançado em vinil, CD e K7, como mandava o ritual para as grandes apostas.

Embora não tenha se tornado um assombro de vendas, o disco traz Locicero, Anderson, Matt Camacho (baixo) Glen Alvelais (guitarra) e Paul Bostaph (bateria) em seu auge de forma e vigor, e com uma plateia realmente empolgada. Ah, e ainda tem uma das melhores versões para *Victim of Changes* (Judas Priest) que você ouvirá.

Valtemir Amler

05. HELLOWEEN

LIVE IN THE U.K.

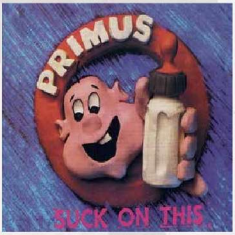
Temos um set especial para vocês hoje à noite, com um pouco de tudo. Canções rápidas, lentas, cadenciadas, entediantes, interessantes... Quase tudo. Deve ser o certo para vocês, OK?", diz Michael Kiske antes de *Dr. Stein*, segunda faixa de *Live in the U.K.*, o primeiro trabalho ao vivo do Helloween. O vocalista, no entanto, errou numa coisa: não há um momento sequer de tédio em pouco mais de 47 minutos de música. Na verdade, o único defeito é ter apenas sete pérolas daqueles primeiros anos da banda alemã – se considerarmos a versão americana, batizada de *I Want Out Live*, são apenas seis, porque *Rise and Fall* foi limada. Não deixa de ser uma pena, uma vez que o quinteto estava voando com as duas partes de *Keeper of the Seven Keys*.

De qualquer maneira, o disco é uma excelente amostra do poder de fogo da formação com Kiske, Kai Hansen e Michael Weikath (guitarras), Markus Grosskopf (baixo) e Ingo Schwichtenberg (bateria), que contavam com os préstimos do tecladista Jörn Ellerbrock nos shows. Não há um destaque absoluto em *Live in the U.K.* – que, diga-se, marcou a despedida de Hansen até a sua volta em 2016, para a turnê Pumpkins United –, mas vale mencionar *Future World*, cuja participação da plateia é enriquecida por um rápido improviso de *All Shook Up*, de Elvis Presley; *We Got the Right*, por causa da inspiração do saudoso Schwichtenberg e da performance soberba de Kiske; e a versão arrasadora de *How Many Tears* na voz de um garoto então com apenas 20 aninhos.

Daniel Dutra

06. PRIMUS

SUCK ON THIS



Houve uma época em que o rock alternativo tinha boa entrada no heavy metal, digamos assim, mas isso porque esse rock alternativo era formado por bandas como o Primus. Mas descontando as óbvias relações – o guitarrista Larry LaLonde havia gravado três discos com o Possessed (*Seven Churches*, 1985; *Beyond the Gates*, 1986; e *The Eyes of Horror*, 1987), e o baixista Les Claypool chegou a fazer audição para ocupar o lugar deixado por Cliff Burton no Metallica –, a verdade é que o trio californiano foi uma das melhores e mais criativas bandas surgidas na década de 80. Padrões foram invertidos – o baixo virou instrumento solo, enquanto a guitarra faz base em boa parte do tempo – num instrumental que ainda conta com o excelente Tim Alexander (bateria).

E está aí a explicação para a zoeira com o lema "Primus sucks", que Claypool não se esquece durante os dois shows que deram origem ao primeiro álbum do grupo – um humor peculiar que fazia o baixista pedir ao público para chamar LaLonde de "bastardo". Mas impressionante mesmo é escutar *Suck on This* e lembrar que os três haviam ensaiado apenas dois meses para tocar com precisão um material com tamanho nível de complexidade. Todas as nove faixas são sensacionais, e sete delas se tornaram clássicos definitivos nos três primeiros discos de estúdio: *John the Fisherman*, *Groundhog's Day*, *Frizzle Fry*, *Pudding Time* e *Harold of the Rocks* em *Frizzle Fry* (1990); *Tommy the Cat* em *Sailing the Seas of Cheese* (1991); e *Pressman* em *Pork Soda* (1993).

Daniel Dutra

07. RUSH

A SHOW OF HANDS

O Rush já tinha mais de dez discos de estúdio quando chegou a este que seria seu terceiro trabalho ao vivo. Ou seja, era uma banda mais que consagrada, envolta em tours mundiais e shows elaborados. E assim foram as apresentações que resultaram em *A Show of Hands*.

Gravado em apresentações realizadas em três cidades americanas e em Birmingham (ING) durante a tour de *Hold Your Fire*, de 1987 (duas faixas vieram de um show em Nova Jersey da turnê anterior, de 1986), o disco duplo (em vinil) começa com o famoso tema dos Três Patetas, que foi usada pelo trio durante boa parte de seus shows nos anos 80. Já o repertório baseou-se, sobretudo, nos dois álbuns anteriores, *Power Windows* (1985) e o já citado *Hold Your Fire*, mas evidentemente que não ficaram de fora clássicos como *Closer to the Heart*, que inclusive fecha o disco.

Também está no álbum o famoso solo de bateria de Neil Peart, mas muito mais curto do que costuma ser. "Não havia tempo no disco para o solo completo", disse ele à Modern Drummer em entrevista concedida em 1989, "e me perguntaram o que eu preferia fazer. Falei que deixassem o solo de fora e colocassem outra música. E saí para uma viagem de moto. Quando voltei, recebi uma ligação da gravadora para ir lá ajudar a editar o solo porque ele ia entrar. Acabou ficando algo diferente para o fã."

A Show of Hands chegou ao segundo lugar na parada americana e também foi lançado em vídeo, mas contendo apenas músicas do show de Birmingham.

Antonio Carlos Monteiro

08. SACRED REICH

ALIVE AT THE DYNAMO

Dois EPs ao vivo de bandas americanas de thrash metal contemplaram apresentações no "Dynamo Open Air", em Eindhoven (HOL): Forbidden e Sacred Reich. No caso deste, gravado no dia 15 de maio de 1989 e lançado após o clássico EP *Surf Nicaragua*, foi para cumprir obrigações contratuais. "O ao vivo saiu pela Roadracer porque eles faziam a distribuição da Metal Blade na Europa. Depois do lançamento de *Surf Nicaragua*, a Warner Bros. entrou em contanto querendo fechar conosco, mas a Metal Blade, na época, trabalhava com a Capitol/Enigma, sendo que a Enigma queria um disco com a gente", explicou Phil Rind. "Como não queríamos ir para os tribunais, optamos por lançar um disco com eles. Com isso finalizado, a Hollywood Records nos fez uma oferta. Aceitamos, mas logo a gravadora trocou de presidente", acrescentou o vocalista e baixista, então acompanhado por Jason Rainey e Wiley Arnett (guitarras) e Greg Hall (bateria).

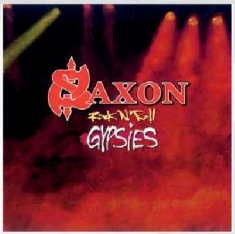
Apesar dos imbróglios, Rind sempre declarou que estar no palco de um evento de renome como o "Dynamo Open Air" foi um dos pontos altos de sua carreira. "No início, o ponto alto foi quando conseguimos um contrato. Fazer um álbum também foi. Depois, a primeira turnê europeia e, então, tocar no 'Dynamo' em 1989, o primeiro festival que participamos."

Uma pena que se trate de um EP, pois das dez músicas apresentadas no show, somente quatro foram selecionadas: *Surf Nicaragua*, *Violent Solutions*, *Death Squad* e o cover de *War Pigs* (Black Sabbath).

Ricardo Batalha

09. SAXON

ROCK 'N' ROLL GYPSIES



O Saxon tem tantos lançamentos ao vivo, em vídeo (VHS, DVD ou Blu-ray) e em áudio, que fica até complicado para seus fãs. Em todo caso, se *Rock 'n' Roll Gypsies* não tem o mesmo impacto de *The Eagle Has Landed – Live* (1982), marcou a entrada do baixista Tim Nibbs Carter, que substituiu Paul Johnson. A formação era completada por Biff Byford (vocal), Paul Quinn e Graham Oliver (guitarras) e Nigel Glockler (bateria).

O repertório de dez faixas foi gravado no Budapest Sports Hall (HUN) e em outras partes do Leste Europeu. Na realidade, *Rock 'N' Roll Gypsies* inicialmente foi um lançamento voltado ao mercado americano, apenas para cumprir contrato com a gravadora Roadrunner. "Gravamos alguns shows durante a turnê de *Destiny* e ele só saiu na América devido a obrigações contratuais. E esta foi a última coisa que fizemos. Àquela altura, eu estava um tanto desiludido e precisava de um tempo", confessou Byford.

Antes, porém, foi agendada uma nova turnê pela Alemanha, ao lado Manowar, que culminou com o licenciamento de *Rock 'N' Roll Gypsies* para o mercado europeu. O período de descanso não veio.

Após a turnê, a banda foi direto para o estúdio, mas interrompeu as gravações para outro giro pela Europa na chamada "Tenth Anniversary Tour". Esta acabou originando mais um vídeo ao vivo, *Greatest Hits Live! – 10 Years* (1990), que também saiu em LP duplo e CD. Na volta ao estúdio, retomam as gravações e finalizam, no final de 1990, o álbum *Solid Ball of Rock*. Descanso?

Ricardo Batalha

10. YNGWIE MALMSTEEN

TRIAL BY FIRE: LIVE IN LENINGRAD

Cinco anos depois de escrever um novo capítulo na história da guitarra, com *Rising Force*, Yngwie J. Malmsteen aproveitou o bom momento comercial, gerado pela parceria com Joe Lynn Turner em *Odyssey* (1988), para lançar seu primeiro álbum ao vivo. Ao contrário do vídeo *Live '85* (1985), gravado no Japão, o sueco escolheu um país menos óbvio: a antiga União Soviética, que começava a abrir as portas para shows de rock – no mesmo ano, abrigou o Moscow Music Peace Festival, com Bon Jovi, Cinderella, Mötley Crüe, Ozzy Osbourne, Scorpions, Skid Row e o anfitrião Gorky Park. E Malmsteen fugiu novamente do lugar-comum: em vez de escolher a capital da hoje Rússia, fez história no SSK Stadium de Leningrado, cidade que voltou a se chamar São Petersburgo depois do colapso da URSS em 1991.

O disco é um pedaço da história também para o guitarrista. É o último com os irmãos Jens (teclados, Stratovarius e Rainbow) e Anders Johansson (bateria, Manowar), e também o canto dos cisnes de Turner, que substituiu Jeff Scott Soto e Mark Boals com personalidade – o baixista Barry Dunaway completava a formação. Entre os ótimos momentos estão *Queen in Love*, *Heaven Tonight*, *Dreaming (Tell Me)*, *Black Star* e *You Don't Remember, I'll Never Forget*, esta com direito a uma inserção do clássico duelo entre guitarra e voz de *Strange Kind of Woman*, do Deep Purple. Dois anos depois, *Trial By Fire: Live in Leningrad* saiu em VHS com cinco músicas a mais.

Daniel Dutra

APÓS ANOS DE LUTA, O ROCK E O METAL BRASILEIRO FINALMENTE SE AFIRMAM

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

O ano de 1989 começou no Brasil com um olho no passado e outro no futuro. Pelo menos no esporte foi assim. Afinal, no ano anterior Ayrton Senna havia conquistado o campeonato mundial de Fórmula 1 com uma vitória espetacular no Japão. Já no futebol, o país se preparava para disputar as eliminatórias para a Copa do Mundo que se realizaria na Itália, no ano seguinte – e que terminariam com o vexame protagonizado pelo goleiro chileno Rojas no episódio que ficou conhecido como "Fogueteira do Maracanã".

Na política, o país se preparava para a realização da primeira eleição presidencial direta em quase trinta anos (a última havia sido em 1960) e havia mais de vinte candidatos ao cargo. O Brasil ainda vivia o início da abertura política após o regime ditatorial implantado em 1964, mas as coisas não andavam exatamente bem por aqui, principalmente na área econômica. A inflação galopava e em fevereiro de 89 implantou-se o Plano Verão, ainda no governo de José Sarney. Deu em nada. Em junho ela já batia de novo nos 30%.

E O ROCK?

No entanto, no que se refere a rock e metal, o Brasil ia muito bem. A despeito das instabilidades econômicas, várias atrações internacionais visitaram o país, nossas bandas se tornaram conhecidas lá fora e o mercado local se mostrava aquecido, com muito shows e lançamentos de discos acontecendo.

E esta também foi uma época marcante para o hard brasileiro. O Anjos da Noite, que tinha na formação Edu Ardanuy e seu irmão e também guitarrista Átila Ardanuy, lançou seu primeiro álbum, autointitulado. Por sua vez, o Golpe de Estado assinava com a gravadora Eldorado, um dos nomes fortes do mercado fonográfico da época, e lançou o excelente *Nem Polícia, Nem Bandido*.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL FELIPE MACHADO

Viper: há trinta anos, flerte com a música clássica deu resultado

Outro grupo que estreou em 1989 foi o Taffo, banda solo do saudoso guitarrista Wander Taffo. Para acompanhá-lo no álbum que se chamaria simplesmente *Wander Taffo*, foram chamados Ivan (bateria) e Andria Busic (vocal e baixo). Ivan lembra que ele e seu irmão foram indicados por Edu Ardanuy. Wander então foi conferi-los em ação no Woodstock Bar e, acabado o show, falou: "E aí, vamos pra Los Angeles?" Ivan define esse episódio como "uma emoção enorme." Ele conta que foi feita uma apurada pré-produção do disco, que foi gravado no Rio, no estúdio Nas Nuvens, como produção de Liminha. "Foi uma das melhores experiências gravar esse disco", define ele. "E o som que o Liminha tirou até hoje é assustador. Fomos pra Los Angeles mixar, ou seja, foi um processo mágico num momento mágico."

Enquanto uns começavam, outros davam os passos finais na carreira: 1989 marcou também o capítulo final de uma das mais saudadas e saudosas bandas do hard brasileiro, A Chave do Sol. Num momento de incerteza que acabou culminando com sua dissolução, soltou ainda o disco *A New Revolution!* com o nome "The Key" na capa e contando apenas com o baixista Luiz Domingues da formação original – o guitarrista era Edu Ardanuy. Luiz, que estava de saída da banda, lembra que a gravação foi tranquila graças "ao respaldo muito bom que a banda teve do produtor fonográfico, Chicão, então dono do selo Devil's Discos." Ele garante que suas memórias musicais do ano de 1989 "não coadunam-se em nada com o universo em que A Chave / The Key transitava naquela época." Segundo ele, seus ouvidos estavam voltados "para uma certa cena que revitalizava a Soul Music britânica e também para o emergente movimento grunge de Seattle. E, claro, para os discos dos meus dinossauros de estimação."

THRASH EM ALTA

Um fato interessante dessa época é que as bandas nacionais conseguiam espaço em casas de shows de renome e não apenas em bares de rock. Assim, eram comuns apresentações de grupos brasileiros em lugares como Centro Cultural (SP), Dama Xoc (SP), Projeto SP (SP) e Canecão (RJ). E sempre com bom público.

A cena thrash também vivia um momento de alta naqueles dias. Enquanto o Antítese lançava seu único e autointitulado disco, o Attomica chegava ao seu segundo trabalho, *Limits of Insanity*, assim como o MX, que soltou *Mental Slavery*. O processo de gravação foi "corrido", na definição do baterista Alexandre Cunha. "Gravamos em Belo Horizonte, no estúdio JG, muito renomado na época." Ele lembra que "não tínhamos tempo para voltar e regravar. A bateria, por exemplo, foi de uma vez. Tivemos apenas oito horas pra subir o som da batera e gravar. Mas o resultado foi satisfatório mesmo

A união entre Ratos de Porão e Sepultura em uma fase em que os dois grupos soltaram álbuns de destaque

FOTO: ANA BRAGUES

assim." O resultado só não foi melhor para o MX porque a banda deu uma parada logo após o lançamento do disco, antes mesmo de iniciar a tour. Mesmo assim, Alexandre considera esse "um dos melhores anos do metal nacional. Fizemos shows maiores, a banda já tinha um nome muito mais forte na cena brasileira."

O Korzus, por sua vez, fez uma mudança determinante em sua carreira justamente em 1989: gravou *Pay for Your Lies*, primeiro disco com letras em inglês. "Foi uma gravação totalmente orgânica, em fita de rolo, sem edição. Parada feita na unha, sem toda a tecnologia de hoje", comenta o baixista Dick Siebert. Segundo ele, a mudança no idioma das letras tinha por objetivo "cruzar novas fronteiras."

Dick tinha razão. Nos anos 80 as bandas brasileiras começaram a perceber que o aeroporto era uma boa saída e vários grupos já arriscavam tours no exterior, como Sepultura e Ratos de Porão.

E ele lembra que o metal nacional também tem história pra contar: "Tocamos no festival Forrock, no Espírito Santo. Fizemos a maior zona na cidade e a polícia ficou na rodoviária para pegar os cabeludos. Nos escondemos na casa de um headbanger e embarcamos na madruga. Depois ficamos sabendo que a polícia prendeu a rapaziada do Dorsal Atlântica na estrada pensando que era a gente." (muitos risos)

PROFISSIONALIZANDO

Na época começava também uma maior profissionalização de todo o esquema do rock nacional. "Na época era uma tendência o lançamento de EPs para quebrar uma rotina e mesmo a sonoridade (vide o Anthrax)", lembra o baixista André Cagni, o popular Pomba, do Vodu, que lançou naquele ano o EP *No Way*, com duas faixas instrumentais, o cover de *Should I Stay or Should I Go*, do The Clash, e duas músicas ao vivo. "Era uma tentativa de dar um gás para um futuro material, mais do que uma expectativa comercial. Até porque o Vodu nunca fui um grande vendedor de álbuns por não seguir as tendências musicais da época", confessa ele.

Porém, o fato mais marcante na trajetória do Vodu em 1989 não foi esse: foi a abertura do show do Motörhead no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. "O equipamento deles estava retido na alfândega em Campinas e, devido ao atraso, Lemmy chegou a testar seu baixo no meu ampli Giannini Duovox, envenenado pelo saudoso Hélcio Aguirra." No fim das contas, o Vodu teve que esticar o show de abertura e o equipamento chegou com Lemmy & Cia. já no palco. "Imagine a dificuldade de contato sem celulares na época", diverte-se ele.

Esse foi outro fenômeno que começou a ficar cada vez mais comum por aqui: turnês mundiais de grandes bandas passaram a incluir o Brasil no roteiro. Além das primeiras passagens por aqui de Motörhead e Metallica, em 1989 os fãs puderam assistir a shows de nomes como Nuclear Assault, Testament, Destruction, Uriah Heep e até John Mayall entre vários outros.

E enquanto o hardcore marcava presença com discos novos de Psychic Possessor (*Nós Somos a América do Sul*) e Lobotomia (*Nada É como Parece*), para os lados do Rio de Janeiro a cena também era movimentada. Enquanto o Taurus soltava seu terceiro disco, *Pornography*, o X-Rated dava seus primeiros passos com *Shaking Like a Bad Machine*. "As bandas que cantavam em português estavam perdendo espaço", lembra Marcos Dantas, "e formamos o X-Rated em 1989 visando o mercado externo. Como gostamos muito de hard rock, principalmente dos anos 70, adotamos este estilo, o que nos diferenciava na cena."

METAL DE NORTE A SUL

O heavy se disseminava por todo o país em 1989. No Piauí surgiu o Avalon, que, após se mudar para São Paulo, lançou o split *Stop the Fire / Technodeath* com seus conterrâneos do Megahertz.

Em 1989 ainda tivemos a lamentar a morte de Raul Seixas, um dos maiores nomes do rock brasileiro e que faleceu em 21 de agosto vítima de complicações decorrentes do alcoolismo.

Já o sempre profícuo metal mineiro não deixou por menos. Várias bandas soltaram álbuns em 89, como Overdose (*You're Really Big!*), Sarcófago (o EP *Rotting*), Sextrash (o EP *XXX*) e The Mist, que estreava com *Phantasmagoria*. Vladmir Korg, vocalista da banda e ex-Chakal, lembra que a gravação do disco foi "tensa, no bom sentido. Ninguém sabia o que realmente sairia." Segundo ele, "tínhamos uma ideia que seria um disco de thrash metal, com certeza, mas os elementos de teclados e violões foram chegando e somando." O resultado ele acredita que foi positivo: "Implodimos uma banda que já tinha nome na cena para construir outra do nada. Conseguimos e fizemos shows muito bons."

Talvez após chegar até aqui você esteja dando falta de algumas informações importantes sobre três discos seminais lançados por bandas brasileiras em 1989. Não, nós não nos esquecemos de Viper, Sepultura e Ratos de Porão. É só continuar sua leitura e conferir no texto sempre certeiro de Ricardo Batalha.

Tom Brasil

Apresenta

@tombrasilshows
@grupotombrasil
#tombrasil

COMEMORANDO O DIA DO ROCK!

16 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS

SEPULTURA

"DUAS TRINCAS CONCERT"

12/07 - SEXTA

Banda de Abertura

KISSER CLAN

Patrocínio: Heineken; Coca-Cola Sinta o Sabor

Mídia Partner: UOL

Apoio: Estanplaza Hotels; shift Mobilidade Corporativa; Consigaz; ingresso rápido

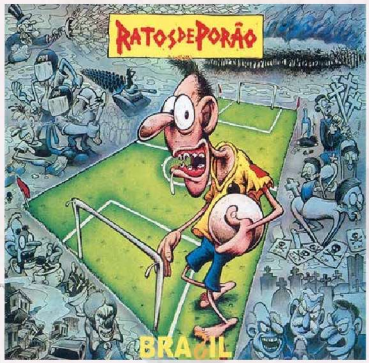
Programa: TudoAzul

Realização: grupo Tom Brasil

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo conforme LEI N° 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. **Capacidade máxima = 4.000 pessoas**
Alvará Prefeitura: 2019/01713-00 Val: 01/02/2020 | Alvará Corpo de Bombeiros: nº 381113 Val: 21/10/2019. R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5648.2120

01. RATOS DE PORÃO

BRASIL



A gente mora no Brasil, um puta país bizarro, cheio de ladrão. O Ratos de Porão é uma puta banda bizarra, e eu também sou um puta cara bizarro", afirmou certa vez o vocalista João Gordo à ROADIE CREW. Pode até ser, mas sua visão premonitória de 30 anos atrás faz sentido. Em *Brasil*, Gordo, então acompanhado por Jão (guitarra), Jabá (baixo) e Spaghetti (bateria), tinha consciência de que estava falando mal do país. "Desde a capa até a última música", segundo ele. Entretanto, muitas frases contidas nas letras nos fazem ver que a situação não foi alterada. Infelizmente, registre-se. Ou alguém não se identificaria com uma letra que fala "Misérias, queimadas, devastação / Por que ninguém faz nada para os deter? / Cuidado! / Senão, Amazônia nunca mais!"?

Ou você acharia que alguém que escreveu a letra de *Crianças Sem Futuro* o fez com orgulho ou indignação? Ela diz: "Temos crianças mortas para exportação / Umas morrem de doença, outras de inanição / Agora a Etiópia está com inveja do Brasil / Ganhamos em pobreza e mortalidade infantil". Soa estranho ou real para você?

Gordo afirmou em *Farsa Nacionalista* que "violência e estupidez aqui sempre existiu; aqui ninguém tem culpa; se o país está na merda, você está deixando isso aqui muito pior". Pense na abrangência destas linhas.

Contudo, pouco adiantaria se *Brasil*, sucessor de *Cada Dia Mais Sujo e Agressivo* (1987), não apresentasse um repertório forte no aspecto musical. E trata-se de crossover de respeito. Primeiro trabalho da banda gravado no exterior, contou com produção do alemão Harris Johns, que havia trabalhado com Sodom, Voivod, Tankard, Coroner, Assassin, entre muitos outros. "Nós chegamos a ir para a Europa (gravar) antes do Sepultura. Tínhamos conseguido um contrato com a Eldorado, e o Sepultura, com a Roadrunner. O Sepultura gravou *Beneath the Remains* no Rio, e o Ratos gravou em Berlim. Depois de gravar, fizemos uns shows em alguns clubinhos punks da Itália e da Holanda", recordou Gordo, que aponta *Beneath the Remains* como um de seus álbuns preferidos.

O repertório de *Brasil* foi traduzido para o inglês, fato que sempre desagradou o vocalista. "Não tem jeito, Ratos de Porão tem que ser em português." Tem, para que todos entendam as linhas contidas neste clássico: "Minha terra tem ladrões / Que aprendem a roubar / Na escola do poder / Honestos não entram, não! / Segue a vida, pé no chão / Dentes podres, ilusão / Que o Brasil vai melhorar / Mas eu acho que não vai!"... Não melhorou mesmo.

Ricardo Batalha

02. SEPULTURA

BENEATH THE REMAINS

Não seria exagero afirmar que *Beneath the Remains*, um dos discos preferidos de Max Kolesne (Krisiun) e de várias outras figuras ilustres do metal, foi um divisor de águas. Não só da carreira do Sepultura, mas do heavy metal brasileiro. Após obter reconhecimento com *Schizophrenia* (1987), que marcou a estreia do guitarrista Andreas Kisser ao lado de Max Cavalera (vocal e guitarra), Paulo Jr. (baixo) e Igor Cavalera (bateria), veio a assinatura do contrato com a Roadrunner e esse foi o primeiro resultado.

A gravação, realizada em dezembro de 1988, foi feita no estúdio Nas Nuvens Studio (RJ) ao lado do produtor americano Scott Burns, que se tornou especialista em death metal. "A gravação foi muito boa, rápida e com equipamento de primeira. Era impressionante o som que havíamos conseguido. Parecia banda 'gringa'", analisou Kisser.

Já a arte de capa também foi assinada por um artista que tem seu nome ligado ao death metal: Michael Whelan. Excepcionalmente neste caso, ela não foi feita exclusivamente para o Sepultura. "A Roadrunner lançou o disco sem as letras, com uma capa que hoje eu gosto, mas que a gente não queria na época. Queríamos a que ficou para o *Cause of Death* do Obituary", recordou o guitarrista.

No entanto, diversas artes posteriores foram criações exclusivas para os brasileiros. "*Chaos A.D.* foi a que mais me diverti fazendo, mas acho difícil escolher 'a melhor'", disse Whelan à ROADIE CREW.

O hit imediato, *Inner Self*, teve um clipe trazendo cenas ao vivo em um show no extinto Projeto SP. Apesar de simples e com pouca produção, o vídeo também rompeu barreiras. "Assisti a esse vídeo na época em que andava de skate, quando era garoto. Eu não escutava muito metal nesses tempos, mas já achava legal", lembrou Nergal (Behemoth) à ROADIE CREW.

Se Slaves of Pain conectava Kisser à sua antiga banda Pestilence, *Mass Hypnosis* trouxe um diferencial que se tornou uma de suas marcas. "Eu estava começando a mexer com ideias dissonantes na guitarra, algo que ficou uma marca registrada da música do Sepultura. Queria fugir um pouco dos solos tradicionais e procurava coisas percussivas", explicou.

Stronger Than Hate, por sua vez, apresentou uma parceira na criação da letra, feita por Kelly Shaefer (Atheist). O forte repertório ainda trouxe a faixa-título, *Sarcastic Existence*, *Lobotomy*, *Hungry* e *Primitive Future*.

Guarde esta data: 7 de abril de 1989, o dia do lançamento do terceiro full-length do Sepultura, que, a partir daí, efetivamente começou sua jornada ao estrelato internacional.

Ricardo Batalha

03. VIPER

THEATRE OF FATE

O começo de carreira do Viper foi fulminante. Três discos relevantes em sequência, estilisticamente um diferente do outro. *Theatre of Fate*, o segundo, trouxe a primeira incursão do vocalista e tecladista Andre Matos pela música clássica. "Pit (Passarell) disse que queria um lado para ele. Como o lado B ficou aberto, cheguei com *Moonlight*, meu primeiro flerte com a música clássica misturada com o rock pesado. Foi um grande laboratório para o que viria a seguir", contou Matos em relação à sequência de carreira com o Angra.

O disco, porém, abre com a 'intro' *Illusions*, sugerida pelo produtor inglês Roy Rowland, que havia trabalhado com Blind Fury, Kreator, Testament e Satan, entre outros. Curiosa, e pouco mencionada, é a referência que linhas de *Back Inside*, que consta em *Out of Reach* (1985), do citado Blind Fury, exercem no hit *Living for the Night*. "Inicialmente ela não tinha a introdução pela qual ficou famosa. Era rápida do início ao fim. Nunca imaginaríamos que viria a se tornar a nossa música mais conhecida", relevou o guitarrista Felipe Machado.

Outra considerada clássica é *A Cry from the Edge*, que o baterista Sergio Facci (Vodu, Volkana) afirmou ter sido a mais difícil para gravar. "Com o pouco entrosamento, algumas passagens e convenções foram mais complicadas. Naquela época, quando não acertava tinha que voltar do começo; não existia Pro Tools", confidenciou Facci, que estava substituindo Val Santos, trocado por sugestão de Rowland. – "Val foi responsável por muitos dos arranjos das batidas. Ele participou de todo o processo de ensaios", salientou Machado.

Entretanto, nas fotos quem aparece é Guilherme Martin, que vinha do Megaton, com o qual participara da coletânea *Metal Brigade*, lançada pela Rock Brigade Records, de Antonio Pirani, então empresário do Viper.

Já *At Least a Chance*, que inicialmente tinha *At Least the Time* como título, mostrou a ambição dos jovens – Matos tinha 17 anos de idade; Machado, 18; Yves Passarell, 19; e Pit, 20. "Ela trazia riffs inspirados por melodias típicas da música erudita. Esses elementos foram trazidos pelo Pit, não pelo Andre Matos", explicou Machado.

Outras com títulos alterados foram *To Live Again*, que atendia por *Vanguard*; *Prelude to Oblivion* era *Prelude to Nowhere*; e a faixa-título se chamava *End of a Fate*. O "teatro do destino" não só manteve o Viper em evidência como comprovou a evolução musical dos chamados "menudos do metal", um time obstinado em criar algo diferente.

Ricardo Batalha

EAST OF STEVEN MUSIC
INCRÍVEL COLEÇÃO DE PALHETAS À VENDA DE STEVE ROSEN
Eu montei um pequeno espaço chamado
THE PICKS OF ROCK AND ROLL
Isso inclui tesouros que eu recebi de Billy Gibbons, Ritchie Blackmore, Frank Zappa, Rory Gallagher, Eric Clapton, Janick Gers, James Hetfield, Reb Beach, etc.
Para adquirir acesse
www.ebay.com/usr/spiritnation
STEVE ROSEN
PICK SELLER
scrosen@sbcglobal.net 1854 Jewett Drive, West Hollywood, CA 90046
QUEM ENTRAR EM CONTATO COM STEVEN E MENCIONAR QUE VIU O ANÚNCIO NA ROADIE CREW TERÁ FRETE GRÁTIS.

Marcelo Souza, André Rod e Argos Danckas: thrash metal à moda antiga no novo álbum

A NOVA CARTADA DE UM ÁS DO THRASH

APÓS SEIS ANOS DE MUITO TRABALHO, UM DOS PIONEIROS DO THRASH METAL BRASILEIRO APRESENTA SEU NOVO ÁLBUM, *THE TRICK*

POR VALTEMIR AMLER

Quem acompanha o metal nacional já ouviu o nome Attomica sendo comentado. De maneira geral, a menção ao nome da banda de São José dos Campos (SP) costuma vir acompanhada de alguns adjetivos que ajudam a caracterizar e a definir a trajetória dessa lenda do underground paulista. Batalhadores, guerreiros, heróis da fúria e do peso em uma época em que o metal dava seus primeiros passos na América do Sul, basta dizer isso para imaginar que o caminho não poderia ser facilmente trilhado, e nem sem algumas baixas. Se o percurso jogou duro com o Attomica, André Rod sempre teve ao seu lado os companheiros certos para revidar à altura, e com eles criar álbuns que se tornaram referência não apenas para o cenário nacional. O tempo, a vida e a nossa trajetória às vezes jogam duro conosco, e precisamos saber revidar. O Attomica sempre revidou à altura, e ninguém estranha o fato de seus três primeiros discos, *Attomica* (1987), *Limits of Insanity* (1989) e *Disturbing the*

Noise (1991) tenham se tornado clássicos do estilo. Apenas estranhamos que o álbum 4 tenha demorado mais de duas décadas para sair, e o novo *The Trick*, demandou outros seis anos. Estranhamos, mas sabemos que tudo tem um motivo e uma razão, e, ao menos no caso deste grupo, tudo parece acontecer no momento certo. Com seu novo e arrasador quinto álbum lançado, *The Trick*, o baixista e hoje também vocalista falou com a ROADIE CREW e ofereceu a sua visão sobre os acontecimentos que trouxeram o Attomica até aqui. Longe de truques e golpes de sorte, eis aqui as palavras de um dos pioneiros do thrash brasileiro.

Fundado em 1985, não é errado considerar o Attomica como um dos pioneiros do thrash metal. Como tem sido essa jornada para vocês e qual é a sensação de ver uma carreira tão sólida construída?

André Rod: O Attomica tem uma história de muita luta, que hoje me faz ter a sensação de ter que manter essa chama acesa a todo custo. Em cada conquista me sinto cumprindo um dever e faço isso com muito orgulho. E sempre grato demais com o reconhecimento da nossa carreira.

Ao longo dos anos muita coisa mudou, e todos aprendemos muito com a experiência. O que vocês aprenderam nas últimas décadas e acham que o fã poderá perceber ao ouvir *The Trick*?

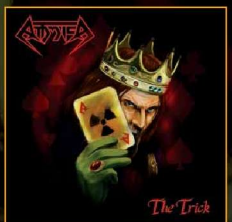
André: Tenho dito que o artista, de modo geral, tem que ser livre para colocar suas ideias em prática e essa atitude, no caso da música, pode trazer composições com traços diferenciados que devem chamar a atenção do ouvinte, com detalhes nem sempre tão usados nos dias de hoje. Essa liberdade é conquistada só com o tempo, e *The Trick* foi moldado dessa forma.

Qual é a chave para encontrar o equilíbrio entre inovar e evoluir sem perder contato com a sua essência original, sem descaracterizar a sua música?

André: O Attomica tem uma característica que é base principal para suas composições, as palhetadas com muito peso. Me identifico muito com isso e acho difícil mesmo inovando perder essa essência.

Fiz a pergunta anterior por um motivo simples: ao longo das décadas muitas bandas de thrash metal transformaram seu som com base em uma 'evolução' que é difícil compreender. Muitas delas até hoje não soam como seus fãs apreciam. Foi uma preocupação de vocês se manter crescendo, evoluindo, mas sem abandonar suas raízes?

André: Sim, essa preocupação sempre existiu e acho que não conseguiria fazer diferente.



THE TRICK
MARQUEE-NAC

Quando perceberam que era o momento certo para aparecer com novas músicas?

André: Comecei compor a parte instrumental das músicas *The Trick* e *Land of Giants* em 2013; *Mistery* foi composta em 2014, e foi quando Alex Rangel gravou os vocais. No final de 2015, gravamos o videoclipe da música *The Last Samurai*. De meados de 2014 para frente passamos por uma reestruturação, que atrapalhou o curso das coisas; se não fosse isso, *The Trick* ficaria pronto antes.

***The Trick* conta com guitarras afiadas, inspiradas, riffs que parecem ameaçar esmagar o ouvinte. Falando especificamente das guitarras, como vocês compõem os riffs? Eles costumam ser o primeiro elemento das canções ou algo assim?**

André: Sim. Começo sempre com um riff com que me identifico, e a partir deste, outros vêm surgindo naturalmente. Componho em minha casa em um violão e no contrabaixo. Não tenho a menor afinidade com guitarras elétricas. Monto o mapa da música com todas as bases e levo para ensaio, já com a ideia do andamento e alguns arranjos. Lá, com o tempo, fazemos os ajustes finais e alteramos algo se necessário. Assim, evitamos gastar tempo em estúdio compondo. Acho o processo mais rápido.

Todos sabemos da fatalidade que atingiu a banda em 2015. Na época da morte de Alex Rangel vocês já pensavam em um disco novo? Como foi reunir forças para seguir em frente após um abalo tão forte, e como surgiu a ideia de homenageá-lo com a inclusão de *Mistery* no álbum?

André: Como disse antes, se não fosse pelos problemas enfrentados acredito que o álbum teria ficado pronto em 2016/2017. Perder um grande amigo é sempre muito difícil, Alex era um grande profissional e muito competente. Às vezes somos pegos de surpresa com situações desse tipo, uma fatalidade, mas o trabalho tem que continuar. O álbum *The Trick* foi dedicado a Alex Rangel, e nada mais justo em ter sua última participação na banda inclusa no álbum como homenagem.

Com a forçada reformulação, você retornou aos vocais, após mais de duas décadas. Para os fãs, isso soou como um sonho realizado, mas como foi reassumir esse posto e essa responsabilidade?

André: Já passei por situação parecida antes, quando tive que substituir Fabio Moreira meio que às pressas e gravar o álbum *Limits of Insanity*. Então, encarar mais essa não foi tão difícil assim. Uma adaptação aqui e outra ali, e conseguimos montar um repertório com músicas de todos os álbuns para os shows.

E quanto ao desempenho? Como você analisa a sua performance vocal em *The Trick*?

André: Fiz o que pude fazer, acho que tenho progredido de tempos para cá e prometo melhorar para o próximo álbum.

***The Trick* recebeu ótimas críticas ao redor do mundo, e parece ter recolocado o Attomica no lugar de destaque que sempre mereceu. Olhando para esse reconhecimento, e para todas as quase quatro décadas que se passaram, você diria que estão vivendo um novo auge?**

André: Sem dúvidas, meu amigo. O Attomica sempre teve em sua formação grandes músicos que infelizmente não puderam seguir em frente, e hoje acredito que vivemos um momento muito especial de superação, reconhecimento e trabalho com meus parceiros de estrada, os músicos Marcelo Souza e Argos Danckas. Nessa última década também tive a felicidade de poder ter ao nosso lado pessoas competentes e focadas na área de produção e assessoria. Obrigado ao nosso atual produtor e Tour Manager Phill Lima (Agência OM) e ao recém-chegado Gleison Junior (Roadie Metal), responsável pela assessoria de comunicação da banda.

E quanto ao futuro? O que podemos esperar do Attomica daqui em diante?

André: Temos um DVD que está sendo preparado e deve sair em breve; composições em fase de construção para o novo álbum; e a segunda parte da tour de divulgação de *The Trick*, que começa em maio pelo sul do Brasil e passará pelo Paraguai, Argentina e Chile. Podem esperar o Attomica sempre trabalhando duro para honrar o metal 'brazuca'.

AMON AMARTH

9,0

BERSERKER
METAL BLADE - IMP.

Poucos meses atrás, aqui mesmo nas páginas da ROADIE CREW, você leu a resenha e a entrevista sobre *The Pursuit of Vikings: 25 Years in the Eye of the Storm*, o 'pacotão' especial que os suecos do Amon Amarth prepararam para celebrar seus 25 anos de jornada junto aos seus fãs. Pois bem, já naqueles dias tinhamos conhecimento que a banda se preparava para lançar seu 11º álbum de estúdio: *Berserker*. E trata-se de um trabalho que finalmente segue de onde a banda parou em *Jomsviking*, de 2016. E quando digo que este novo disco segue de onde seu antecessor parou, quero dizer exatamente o que isso pressupõe. O Amon Amarth segue em frente, permanece claramente evidenciando sua transformação sonora. Assim, como já se sentia em *Jomsviking* (e em menor escala mesmo antes dele), a banda, que um dia já foi o orgulho do death metal melódico sueco, vai aos poucos aposentando a parte 'death metal' de sua música, restando apenas alguns poucos elementos (especialmente a voz de Johan Hegg) que remetem ao seu estilo de origem. Mas, acalme-se, constatar o óbvio não é o mesmo que criticar a postura, apontar o dedo para os 'erros', ou pior, desmerecer o trabalho que está sendo feito.

Assim como tantas outras bandas que transformaram seu som e foram bem sucedidas (e os também suecos do Opeth são um bom exemplo), o Amon Amarth consegue um ótimo resultado em suas novas composições, que, se não forçam a atenção com a densidade sonora de velhos hinos (como *Death In Fire* ou *Bleed For Ancient Gods*), ganham a atenção e a apreciação do ouvinte por conta das ótimas melodias, arranjos ricos, e, principalmente, pela qualidade do todo, da fusão dos elementos que formam a música e a identidade única e absoluta do Amon Amarth.

Berserker já começa evidenciando esse 'novo' Amon Amarth no dedilhado que abre o disco, em *Fafner's Gold*. A música ganha em peso e intensidade, usa e abusa dos vocais inimitáveis de Hegg, e prepara o terreno para os petardos seguintes, *Crack The Sky* (com um refrão maravilhoso), e *Mjölner, Hammer of Thor*, cujas linhas de guitarra poderiam facilmente ter sido criadas por Brian Tatler nos anos de glória do Diamond Head. Nascida talvez com a premissa de se tornar um novo hino, *Raven's Flight* tem aquela cara típica das grandes canções da banda, andamento alternado, linhas de guitarra características, Hegg gritando 'war,' e todo o mais que fez do Amon Amarth um destaque no cenário.

Aliás, falando em 'war', a temática lírica da banda continua sendo um destaque. Embora tenham optado não repetir o caminho de um disco temático, como aconteceu em *Jomsviking*, eles se mantêm fiéis à temática nórdica, e se você um dia gostou deles por conta disso, prepare seu bolso, você vai gastar seu suado dinheirinho nesse novo álbum mais uma vez. E, aliás, será um dinheiro muito bem gasto. Eles estão diferentes, mais leves. Mas continuam ótimos.

Valtemir Amler

ARKEN

ARKEN
INDEPENDENTE - NAC.

6,5

A banda paulistana de heavy metal Arken faz a sua estreia com este EP, que carrega o nome da banda e abre justamente com a faixa-título. Bem, se tivesse mais algo que pudesse carregar o nome da banda, certamente carregaria. Porém, esta marca para por aí. Assim, quando os músicos plugam seus instrumentos e começam a tocar, mostram do que realmente são capazes. Veja, por exemplo, as boas linhas de guitarra em *Fast Dog (Bites Hard)*. Mesclando palhetadas rápidas com acordes mais estendidos e 'licks' rápidos, a canção ganha o ouvinte. As linhas vocais, embora sem grandes variações, não chegam a incomodar, mas talvez seja o caso de buscar uma variação em um 'full-length', onde a audição é mais longa e demorada. Enfim, uma primeira mostra com pontos fortes e também pequenos detalhes que demandam atenção. Ah, *The Pieces Of My Life* merece ser ouvida no 'repeat'.

Valtemir Amler

MARK MORTON

ANESTHETIC
SPINEFARM - IMP.

7,0

Em seu primeiro disco solo, Mark Morton provou que tem mesmo uma mão direita de respeito, uma vez que as dez faixas são uma caixa de ótimos riffs, e fugiu razoavelmente bem de soar como Lamb of God em sua aventura longe da banda. *Anesthetic* traz apenas duas remissões: *The Never*, que tem Chuck Billy (Testament), e em *The Truth Is Dead*, com Randy Blythe (a voz do Lamb of God) e Alissa White-Gluz (Arch Enemy). Ironicamente, duas das três melhores faixas do site – a segunda, então, tem duetos sensacionais, tanto limpos quanto guturais. A que se junta a elas no pódio é a belíssima *Reveal*, jazzy e com o baita vocal de Naeemah Maddox. E à exceção da confusa *Axis* (com Mark Lanegan, ex-Screaming Trees) e da medonha *Back from the Dead* (que performance horrorosa de Josh Todd, do Buckcherry), há canções legais, como *Imaginary Days*, na qual o próprio Morton se arrisca e manda bem no microfone, e *Save Defiance*, com Myles Kennedy (Alter Bridge, Slash), e outros convidados interessantes: Marc Ford e Steve Gorman (ex-The Black Crowes), Mike Inez (Alice in Chains), David Ellefson (Megadeth), Roy Mayorga (Stone Sour), Ray Luzier (Korn)...

Daniel Dutra

ANAAL NATHRAKH

A NEW KIND OF HORROR
METAL BLADE - IMP.

9,0

Para o nosso êxtase, é possível afirmar com certeza que algumas bandas ainda mantêm a música extrema como algo desafiante e assustador. A aposta sonora do duo inglês Anaal Nathrakh, repleta de elementos que vão do grindcore, death e black metal ao industrial/eletrônico, ainda é uma música absolutamente desafiadora. Basta ouvir os primeiros segundos da intro *The Road To...* para sentir aquele frio na espinha que apenas música extrema é capaz de causar. Dentre os destaques dessa obra de insanidade, a incrível *The Reek of Fear* (King Diamond, é você aqui?), a mistura de fuzis e música extrema em *Forward!*, e *The Apocalypse Is About You!*, que soa como o Pato Donald cantando 'O Barbeiro de Sevilha' durante um banho gelado em meio à Batalha de Stalingrado. Se conseguiu imaginar a cena que acabei de narrar, vá sem medo, você já está no estado mental adequado para curtir todos os detalhes desta obra desafiadora e maldita, como o metal sempre deveria ser.

Valtemir Amler

AGONY VOICES

MANKIND'S GLORY
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Formada em Blumenau/SC em 2005, o Agony Voices já fez muito para estar entre os grandes do death/doom metal nacional, um cenário que tem crescido nos últimos anos. Se o debut, *The Sin* (2011), já mostrava uma banda segura dos seus pontos de vista musicais, *Mankind's Glory* soa como uma confirmação de força e poder, um cântico mórbido e agourento de seres sempre conscientes de seu fim inevitável. Embora a tristeza seja o sentimento guia nas dez composições que preenchem o álbum, o ouvinte não deverá esperar por muitos estereótipos do estilo, já que as músicas não são excessivamente longas, e os climas vão se alternando ao longo da audição, gerando ótimas experiências em *Mankind Glory*, com um acento melódico evidente; *A New Beggining*, que beira o black metal; *Desire For Pain*, na cola do gótico oitentista; e *Mysteries Of Fear*, que vai de The Sisters Of Mercy a Paradise Lost em uma reta única. Aliás, única é a experiência que temos ao ouvir este incrível *Mankind's Glory*. Que venha logo o sucessor!

Valtemir Amler

GREAT VAST FOREST

FROM THE DARK TIMES TO THE BLACK METAL LEGIONS
MUTILATION - NAC.

9,5

Em 2002, o Great Vast Forest lançou o debut *Battletales and Songs of Steel*. Lembro que, logo na primeira audição, percebi que havia algo de especial naquela estreia e também que fiquei me perguntando se um dia eles seriam capazes de gravar um álbum como aquele novamente. Demorou, e muito, já que foram cerca de quinze anos de espera, mas, finalmente, veio a resposta! Talvez o título, *From the Dark Times to the Black Metal Legions*, faça alguma referência aos longos anos sem novo material de estúdio, mas o certo é que este álbum é um novo clássico para o black metal nacional. Sim, ele detém e até amplifica todas as qualidades que eram evidentes no debut, e tudo isso com aquela aura de batalha, sangue e morte, que faz tão bem ao som épico e extremo do grupo. Dentre as dez faixas do repertório, no qual até a introdução e o encerramento se destacam, peço uma atenção especial do ouvinte para *Brave Blood Hero*, *In the Deep Forests of Transylvania* e *Memories of the Fire and Ice*. Imperdível!

Valtemir Amler

HERETIC

BARBARISM
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Com um passado que remonta à época em que tocavam covers do Death, uma história de quase uma década e um ímpeto de criação musical que não reconhece estilos ou limites, o Heretic é, para este que vos escreve, um dos nomes fundamentais da atual cena metálica nacional. Mesmo sabendo que 'esperar o inesperável' é critério básico para a audição dos trabalhos da banda, confesso que não fiquei muito 'empolgado' ao ouvir a versão para o hit pop *Careless Whisper* (George Michael), mas a riqueza dos arranjos arrancou aplausos do músico que ainda vive em mim. Mas, até chegar aí, muita coisa boa já tinha sido ouvida, e convido o leitor a testemunhar a riqueza musical de *Jihad*, *Hammer Falls Again*, *Demonicide* e *Hellfire*, quatro mostras nada discretas do potencial desta banda. Se você curte música desafiadora, repleta de elementos extremos e referências abundantes à música do Oriente Médio, é muito provável que o Heretic assuma posto permanente entre suas favoritas. Ouça de mente aberta, e sinta-se desafiado.

Valtemir Amler

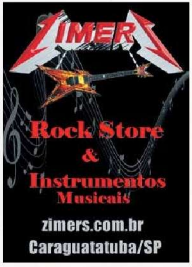
IMPERADOR BELIAL

CURSE OF BELIAL
NARCOLEPTICA - IMP.

9,0

O Imperador Belial não é novidade para os fãs de black metal, já que os mais de vinte anos de banda demonstram uma resistência teimosa e férrea ao estilo mais extremo do metal, mesmo durante épocas em que o estilo não estava em seus melhores dias. Apesar disso, *Curse of Belial* é apenas o segundo álbum da horda carioca, e chega ao mercado exatamente cinco anos depois de seu antecessor, o elogiado *Morbid Rites*. Se você gostou do debut, fique tranquilo, este aqui mantém muito da essência obscura e maldita de *Morbid Rites*. Porém, como o mundo não gira enquanto não elegemos alguns destaques, vamos direto àquela que penso que representa o álbum de forma mais completa: *Deicidio*. Acredite se quiser, o título é a coisa menos extrema que esta canção apresenta. Dona de um ritmo avassalador em sua parte principal, ela ganha um breakdown furioso aos dois minutos, algo de deixar muitas bandas de thrash metal por aí constrangidas. *Infernal Disaster* e *Emperor Belial* também exigem uma audição cuidadosa.

Valtemir Amler



CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

MARCELO COUTINHO
(NECROMANCER, ABSOLEM)

Slayer - *Hell Awaits*
Kreator - *Pleasure to Kill*
Sodom - *Obsessed by Cruelty*
Metallica - *Ride the Lightning*
Exodus - *Bonded by Blood*

CARLOS DIGGER
(MAKINÁRIA ROCK)

Iron Maiden - *Powerslave*
Helloween - *Walls of Jericho*
Grave Digger - *Tunes of War*
AC/DC - *Back in Black*
Motörhead - *Inferno*

DIAMOND HEAD

8,5

THE COFFIN TRAIN
SL MUSIC/SHINIGAMI - NAC.

A lenda inglesa Diamond Head abre o seu oitavo álbum com uma faixa furiosa, acelerada e com a pegada da NWOBHM de seus primórdios. A animação de se ouvir *Belly of the Beast*, que, inclusive, saiu em videoclipe, e a seguinte, *The Messenger*, já pressupõe que estamos diante de um trabalho superior a *What's In Your Head?* (2007) e *Diamond Head* (2016). Aqui, o guitarrista original, Brian Tatler, e seus companheiros atuais – Rasmus Bom Andersen (vocal), Andy "Abbz" Abberley (guitarra), Dean Ashton (baixo) e Karl Wilcox (bateria) – não deixaram o peso e as palhetadas abafadas de lado. Felizmente, porque aquela linha "hard setentão", que se fez presente no álbum anterior, deu lugar a temas mais ligados ao heavy metal tradicional. Em sentido amplo, é aquele sentimento que fez o pessoal do Metallica se apaixonar pelos ingleses e regravar várias de suas músicas – *Am I Evil?*, *The Prince*, *It's Electric*, *Helpless* e *Sucking My Love* (em demo-tape). Em *The Coffin Train*, até a melancólica e longa faixa-título, *Shades of Black*, *Serrated Love* e o lado mais épico de *The Sleeper* vêm um quê de Black Sabbath da fase Tony Martin. Individualmente, o destaque vai para a performance vocal de Andersen, que se mostra potente e versátil. O restante do repertório ainda traz uma leve lembrança ao Iron Maiden e ao Metallica em *Death by Design*, e a interessante e bem construída *The Phoenix*, com tempos criativos da seção rítmica. Agora sim, o velho Diamond Head está de volta!

Ricardo Batalha

BRADO

WE ARE
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Em seu release, a banda paulistana Brado enfatiza o significado de sua alcunha: "Grito, voz que se propaga de modo intenso e forte e que pode ser ouvida por longas distâncias". Com base naquilo que está presente nas dez faixas de seu disco de estreia, *We Are*, percebe-se o quanto o grupo tem potencial e talento para ser ouvido pelos quatro cantos do país e também do exterior. E conta com uma voz fortíssima para obter êxito. Impressiona neste play a potência de Eric Bruce, que iniciou sua trajetória profissional aos 15 anos como frontman do Harppia. Neste trabalho, ele também empunha uma guitarra e, ao lado de Charlles Pazin (guitarra e backing vocals), Kiyo Ishikawa (baixo) e Rick Koba (bateria), desfila competência e bom gosto em faixas tão diversas, como a pesada *Gimme a Reason*, que flerta com aquela atmosfera de Pantera e Machine Head, até a veia mais hard rock, evidenciada em temas como *Everything... Is Pain* e *Calling You*. A produção, mixagem e masterização assinadas por Thiago Bianchi deixaram ainda mais cristalino um som difícil de rotular, mas fácil de se apreciar.

Thiago Prata

NECROFOBIA

MEMBERSHIP
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Desde o lançamento do bom *Dead Soul* em 2004, muito se esperava do Necrofobia, nome que vem assombrando os fãs de thrash metal brasileiros desde meados da década de 1990. Como sempre, percalços no caminho vieram para alternar completamente o ritmo dos trabalhos, e chega a ser inacreditável que uma banda com esta qualidade esteja lançando apenas o seu segundo álbum. Mas, falando-se estritamente de música, *Membership* chegou no momento certo. *Silent Protest* já mostra que a banda não parou no tempo e continuou evoluindo musicalmente, embora a proposta se mantenha fiel àquele thrash repleto de groove que o Sepultura sempre fez tão bem. Aliás, falando em Sepultura, os vocais de Romulo Felício chegam a arrepiar os fãs de Max Cavalera, dada a semelhança de timbre e potência. E isso, aliado a riffs inspirados, bateria rápida e direta, e momentos que alternam velocidade e groove, criam um ambiente musical que é impossível não apreciar. Candidato a álbum de thrash do ano!

Valtemir Amler

SULDUSK

LUNAR FALLS
NORTHERN SILENCE - IMP.

9,5

Com influências que vão de Christ Dismembered e Greytomb até Opeth, Agalloch e Alcest, fica fácil imaginar qual é a sonoridade que o Suldusk apresenta. No entanto, esta mescla não chega a ser uma surpresa, pois a multi-instrumentista australiana Emily Highfield surpreende pela qualidade desse primeiro registro. E é isso mesmo que você está pensando, o Suldusk é uma 'one-woman-band', que tem foco em uma mistura equilibrada de elementos que vão do black metal, passando pelo doom até o shoegaze, e faz isso tudo com uma habilidade e qualidade invejável. Enquanto *The Elm*, com uma performance vocal absolutamente encantadora de Emily, que faz lembrar os tempos de Amalie Bruun (Myrkur) como vocalista do Ex-Cops, poderia estrelar qualquer disco pop de bom gosto, *Aphasia* tem uma aura folk macabra e densa, que por vezes deixa o black metal subentendido. *Catacombs* é uma música emocionante, assim como a folk *Nazaré* e *Sovran Shrines*. Se gosta de boa música, independentemente de rótulos e tendências, vá atrás.

Valtemir Amler

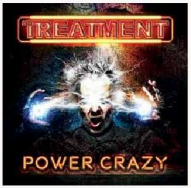
VELHO BUFFALO RUFFUS

TERROR
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Em certas bandas, as más intenções ficam evidentes desde a escolha do nome, como é o caso do Velho Buffalo Ruffus. Sério, o que você espera de uma banda com este nome? Uma sonoridade delicadamente elaborada, com nuances de gêneros distintos, e um viés progressivo que contrasta com a beleza psicodélica de canções nascidas sob a luz de uma mente brilhante? Se for isso, você vai se decepcionar quando a voz embargada de velho bêbado do vocalista Saulo Rocha entrar pelos seus ouvidos em *Você Não Sabe Aonde Estou*, faixa de abertura. Em contrapartida, se tudo o que espera é uma banda que toca rock cru e direto, com guitarras gordas e distorcidas, totalmente devotada a alma do velho rock de boteco, eis um belo primeiro registro para acompanhar. E é isso mesmo, sem muito segredo, já que a própria banda denomina sua música como 'power drunk rock'. Então, deixe este mix de Motörhead com stoner rock fazer sua cabeça, confira *Brasilerdo* e *Coragem dos Covardes*, e espere por novidades!

Valtemir Amler



THE TREATMENT
POWER CRAZY
FRONTIERS MUSIC · IMP.

7,5

A demo *Culto Primitivo à Morte* anteTrês anos após *Generation Me*, os ingleses do The Treatment apresentam seu novo trabalho, que abre trazendo as conhecidas influências explícitas de AC/DC em *Let's Get Dirty* e na acelerada *Rising Power* (veja o título). O lado mais bluesy chega com *On The Money* e *Luck of the Draw*, ambas com bom desempenho do vocalista Tom Rampton, o terceiro que passa pela banda e substituiu Mitchel Emms. Sua voz lembra um misto de Bon Scott com Jeff Keith (Tesla). Uma das mais legais é a empolgante *Hang Them High*, com um bom trabalho das guitarras de Tagore Grey e Tao Grey – é, tínhamos os irmãos Young e aqui são os Grey. Confesso que o disco que mais curto dos ingleses é *Running With the Dogs* (2014), mas este vai lhe garantir ótimos momentos de diversão. Afinal, música serve para isso, né?

Ricardo Batalha

THE QUIREBOYS
AMAZING DISGRACE
OFF YER ROCKA RECORDINGS · IMP.

7,5

O The Quireboys está completando 35 anos de carreira em plena ebulição criativa: seis álbuns lançados nos últimos sete anos! Em todos, o grupo inglês mantém a fidelidade às suas raízes, ainda soando como uma junção entre Rolling Stones e o ex-Faces Rod Stewart, devido à voz rouca de Spike. *Amazing Disgrace* foi gravado no famoso Rockfield Studios, que já recebeu a nata do rock britânico, nomes como Queen, Motörhead, Black Sabbath e Judas Priest, além de gigantes estrangeiros como Rush, Sepultura e muitos outros. Não por seu título, mas por percalços como roubo de instrumentos, merchandising e itens pessoais, e também transtornos que fizeram o The Quireboys desistir do crowdfunding da Pledge Music, quase *Amazing Disgrace* se transformou em um disco amaldiçoado. Felizmente, apesar de tudo, ele foi lançado. Destaque para *Original Block Eyes Son*, um 'rockão' com piano, sax e backings femininos, e as contagiantes *Sinner Serenade* e *Slave #1*. De enjoativo, apenas as baladas *Eve of the Summertime*,*This is It* e *Dancing in Paris*.

Leandro Nogueira Coppi

THE END MACHINE
THE END MACHINE
FRONTIERS MUSIC · IMP.

7,5

The End Machine é essencialmente o Dokken com o vocalista que gravou o segundo álbum do Lynch Mob, Robert Mason (atual Warrant). E, afora os solos do mestre Lynch, é justamente Mason quem mais se destaca neste trabalho de estreia do projeto. Claro que o baixo e os vocais de apoio de Jeff Pilson são sempre bem executados, mesmo porque o som aqui se aproxima mais do projeto Lynch/Pilson em *Wicked Underground* (2003) do que o próprio Dokken. Ou seja, não são aqueles riffs de hard rock anos 1980, pois a coisa aqui é mais "simplista" – ouça *No Game* e *Hard Road*, por exemplo. O clima vai desde os anos 70 e até certa melancolia dos anos 90, mas é o hard que se faz presente mesmo. Talvez a acelerada *Ride It* seja a única realmente com aquela veia Dokken dos tempos de *Tooth and Nail* (1984). Destaques para *Line of Division* e *Life Is Love Is Music*, que poderiam constar no álbum homônimo do Lynch Mob de 1992.

Ricardo Batalha

FRONT COVER
POR MARCELO VASCO*

IMMORTAL
ALL SHALL FALL

A ilustração deste disco, lançado há dez anos, é tão expressiva que permitiu ap Immortal ousar e não usar o logo e nem o título na capa. Isto, comercialmente falando, poderia ser um enorme tiro no pé. E, obviamente, foi uma decisão endossada pela também corajosa Nuclear Blast, responsável pelo lançamento mundial de *All Shall Fall*, oitavo registro de estúdio da banda norueguesa de black metal. O resultado disso? Um grande sucesso!

O artista, "culpado" por essa linda arte, foi o sueco e muito talentoso Pär Olofsson, que já assinou trabalhos para bandas como Exodus (*Blood In, Blood Out*), Aborted (*Terrorvision*), The Faceless (*Planetary Duality*), Immolation (*Atonement*), apenas para citar algumas de suas obras. Entretanto, sem dúvida a capa de *All Shall Fall* é tão única e incrivelmente popular, que, para mim, entra na lista de uma das mais icônicas do black metal pós-anos 2000. E, olha, senão do metal em geral. Um resultado muito raro de se obter, quando houve, nas últimas duas décadas, tanta informação, bandas, capas e estímulos nos bombardeando por todos os lados. É por isso que enxergo esta ilustração como um trabalho tão primoroso.

Olofsson captou muito bem a essência do Immortal, com simplicidade e classe, tanto que a imagem não só virou referência, como se tornou uma espécie de símbolo eterno da banda. Vale lembrar que Olofsson tem dezenas de outros trabalhos fantásticos feitos para bandas menos conhecidas. Arrisco dizer que são justamente nesses "trabalhos menores" que consegue mostrar extrair o seu melhor. Claro, excluindo a capa da qual falamos aqui, que é seu maior destaque.

O estilo artístico de Olofsson tem uma pegada Gore e Sci-Fi, me remetendo a um "híbrido" do mestre Dan Seagrave com Ed Repka. Nada mal, não é mesmo? Vale lembrar que ele trabalha majoritariamente com desenho digital, mas ultimamente parece ter retornado ao velho papel. E, curiosamente, Olofsson também cria capas para softwares musicais, especialmente ligados ao metal, como os produtos da companhia, também sueca, Toontrack.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

CORRAM PARA AS COLINAS
DESALMADO (DO BOQUERA ATÉ O LARGO)
INDEPENDENTE · NAC.

7,5

Embora o nome da banda faça qualquer fã de heavy metal criar uma ligação mental instantânea com uma banda britânica liderada por um baixista torcedor do West Ham, o Iron Maiden, não é uma das principais referências musicais dos paranaenses do Corram Para As Colinas. Ao colocar o disco para rolar, você é surpreendido pelo peso sujo e agressivo da música *Dilúvio*, repleta de 'groove', como manda o manual. *Pedras* inicia com uma pegada que você jura ter ouvido em algum lugar antes, mas que cativa de primeira. As letras, todas em português, as guitarras pesadas e cortantes, os andamentos que vão do groove metal ao hardcore... Vários são os elementos que podem remeter o ouvinte aos melhores anos do Raimundos, mas aqui com uma dose extra de metal correndo pelas veias. *Vida Torta* acrescenta bocados de stoner rock à mistura, *A Marcha* é cativante e traz elementos de rock de garagem, e o todo torna essa uma banda impossível de rotular. E impossível não curtir.

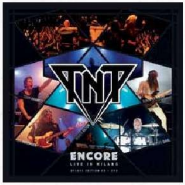
Valtemir Amler

EINHERJER
NORRØNE SPOR
INDIE RECORDINGS · IMP.

9,5

O Einherjer está na ativa desde 1993, chega aos oito álbuns completos de estúdio, seu disco de estreia, *Dragons of the North* (1996) é considerado um clássico, e a banda sempre fez valer a postura de uma das melhores e mais criativas bandas da Noruega. É, mas o reconhecimento nunca foi à altura. Sim, o mundo é injusto. Embora seja infantilidade pensar que *Norrøne Spor* mudará o status do Einherjer no mundo da música, é certo dizer que eles mantêm o alto nível de sua discografia, talvez até elevando um pouco a régua da qualidade. Ouvir uma música como *Mot Vest* chega a ser um deleite, com todos aqueles velhos elementos do folk europeu aliado à música pesada característica do grupo, que, neste caso específico, não aposta em caminhos extremos. Mas, se você espreita justamente pela extremidade, *Spre Vingene* (com um belo solo) pode ser a sua praia, mas não espere arrombos de fúria, não é esse o caso aqui. *Mine Våpen Mine Ord*, *Fra Konge Te Narr* e *Døden Tar Ingen Fangar* merecem também lugar de destaque.

Valtemir Amler



TNT
ENCORE LIVE IN MILANO
FRONTIERS MUSIC · IMP.

8,0

No ano passado, os noruegueses do TNT lançaram o mediano *XIII*, primeiro com o vocalista Baol Bardot Bulsara. No entanto, deixaram registrada a performance no festival italiano "Frontiers Rock", realizado em Milão a 30 de abril de 2017, marcando mais uma despedida do americano Tony Harnell, que fez história ao lado do guitarrista Ronni Le Tekrø. Este quarto ao vivo da extensa discografia da banda com Harnell, incluindo *30th Anniversary 1982-2012 Live In Concert With Trondheim Symphony Orchestra*, traz um repertório até que bem balanceado, com direito a antigos clássicos, como *Seven Seas*, *Intuition*, *Tonight I'm Falling*, *Forever Shine On*, *10.000 Lovers*, *Everyone's A Star* e *Desperate Night*. Além destas, o set trouxe, felizmente, músicas do último disco relevante do TNT e que realmente mereceu acolhida dos fãs, *My Religion* (2004), entre elas *Give Me a Sign*, *She Needs Me* e *Invisible Noise* – até poderiam ter tocado *Everybody's Got a Secret* ou *Everything U R*. Vale mais por ter sido o último com Harnell. Bem, depois de tantas idas e vindas, nem sei se será mesmo o derradeiro com ele.

Ricardo Batalha

ENDUST
ALL ENDS IN DUST
INDEPENDENTE · NAC.

9,0

Quem acompanha a trajetória do paulista Leandro Caçoilo (Viper, Hardshine, Caravellus) sabe que o vocalista se notabilizou pela veia melódica, tendo o heavy e o power metal como fio condutor de vários de seus trabalhos, como aqueles registrados com Eterna e SoulSpell. Só que a coisa soa diferente nesta inflamada estreia do Endust. Idealizado pelo guitarrista Glauco Rezende e o baterista Fernando Arouche, em 2009, em Jundiaí (SP), o projeto começou a germinar quando Caçoilo se juntou à dupla em 2015. Lançado em março deste ano, *All Ends in Dust* traz oito petardos que transitam por diversas vertentes do metal, do progressivo ao thrash, com pitadas de death melódico. Mas isso não significa que Caçoilo passou a entoar vocais guturais. Pelo contrário: o contraste de sua voz caiu como uma luva à proposta do grupo, dando um colorido a mais aos riffs intrincados de Glauco – que também gravou o baixo – e à versatilidade de Arouche. O poder de fogo se faz notório na faixa-título, na meia-balada *Beyond the Memories* e em *Face the Fight* – esta com riffs à la Exodus e Testament. Aprecie sem moderação!

Thiago Prata

HALF BRIDGE
ENTRE O INFERNO E A UTOPIA
INDEPENDENTE · NAC.

7,0

Já faz algum tempo que o deathcore não é mais o temido 'patinho-feio desvirtuador dos reais valores do metal', mas ainda tem muita gente que torce o nariz antes mesmo de tentar uma audição de materiais cunhados sob o rótulo. Sim, é uma pena, mas um dia foi assim para todos os subgêneros, e mesmo o death metal e o thrash metal foram entendidos como uma 'promiscuidade ao verdadeiro e genuíno metal'. Pois bem, o Half Bridge, que não tem nada a ver com isso e só quer seguir adiante fazendo a sua música, lançou recentemente *Entre o Inferno e a Utopia*, um disco que é deathcore na alma, na essência e em cada fibra de seu ser. Sob essa premissa básica, o peso estonteante e o 'groove' destruidor de *O Regresso* atravessam a cabeça como uma bigorna movida por uma tartaruga (isso mesmo, sem velocidade, mas com muito peso), e fazem de músicas como *Utopia* (essa bem mais rápida) e *Lies* se tornem grandes destaques.

Valtemir Amler

WHITECHAPEL
THE VALLEY
CENTURY MEDIA · IMP.

9,0

Sendo uma música essencialmente conectada a emoções e vibrações, o metal sempre é fortemente afetado quando um artista ou intérprete cria uma obra intrinsicamente ligada ao seu próprio passado e às emoções que o conectam com essas memórias. Em *The Valley*, o vocalista Phil Bozeman mergulhou profundamente em alguns dos capítulos mais dolorosos de sua jornada e criou letras ímpares, impactantes e, até certo ponto dolorosas, já que todos conseguimos nos conectar com alguns subniveis das experiências que ele relata da sua infância. Porém, nada disso teria o mesmo impacto sem o trabalho coeso e extremo da música, que apoia cada uma das emoções aqui evocadas. Ouvir os versos de *Forgiveness is Weakness*, sabendo que os sentimentos retratados são reais, é uma sensação esmagadora. A sequência, com *Brimstone* e *Hickory Creek*, é sensacional e completa, mostrando, além de tudo, que Bozeman se superou como vocalista. No fim, este novo trabalho do Whitechapel não é apenas um grande retorno à forma, mas um forte candidato a favorito dos fãs.

Valtemir Amler

DEAD OR ALIVE

UNHOLINESS
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Completando uma década de existência e já preparando seu quinto álbum, que levará o título de *Monster*, o trio Dead Or Alive apresenta *Unholiness*, um EP de cinco faixas (contando com uma "intro"). A sonoridade, fortemente baseada no stoner rock, recebe, sem nenhum tipo de preconceito, muito de southern e hard rock. Além disso, traz um conceito bem interessante, abordando o ocultismo e seus mais variados recortes. Assim, cada faixa representa um mistério, interligado pela incompreensão, a escuridão e o sacramento. Com a mesma formação desde seu início, a banda mostra muita classe em faixas como *Total Darkness*, com a guitarra de Charlie Nelson mostrando forte influência do mestre Tony Iommi. O baterista e vocalista Billie The Willie possui um timbre interessante, que se encaixa perfeitamente na proposta musical, como fica claro em *Lucky Charm*, em que o baixista Matthew Daniels também mostra sua capacidade criativa. Já *Devil Doll* tem uma linha mais pesada, enquanto *Jim Jones* traz um vocal com forte referência de Ozzy Osbourne. Como se viu, é claro que este grupo nada tem a ver com o homônimo britânico, do falecido Pete Burns, que fez muito sucesso nos anos 80.

Sergiomar Menezes

MIKE TRAMP

STRAY FROM THE FLOCK
TARGET · IMP.

6,0

Mais um álbum solo de baladas, quarto seguido com Mike Tramp e uma motocicleta na capa. A falta de criatividade chegou e parou no vocalista dinamarquês, que até hoje é lembrado com saudosismo pelos fãs de White Lion. Quem conhece o trabalho solo de Tramp, sabe que quase nada tem a ver com sua ex-banda ou mesmo com o Freak of Nature, que ele montou nos anos 1990. O vocalista continua se valendo de baladas pop, e as desse seu décimo primeiro álbum remetem às de Bryan Adams, Live, R.E.M. e afins. Ruins? Não, algumas são bonitas, emocionais e tal – a melhor é *Homesick*, que tem piano e corais. Enjoativas? Muitas! Porém, o problema maior é: será que sozinho Mike Tramp só se interessa por esse tipo de sonoridade manjada? Até tem uns 'rockezinhos' no meio pra dar um refresco diet para quem tem diabetes: *You ain't Free Anymore*, *Live it Out* e as duas melhores: *One Last Mission* e *Best Days of My Life*. Para não dizer que estou sendo chato, em *Stray From the Flock* a voz de Tramp está melhor e não soa tão melosa como sempre foi.

Leandro Nogueira Coppi

OVERHEAD

NA MADRUGADA DE BAR EM BAR
INDEPENDENTE · NAC.

7,0

Criar música focada em gêneros que são explorados há décadas sempre pode ser uma via de mão dupla. Por um lado, existe o fato de que tais sonoridades já possuem um séquito garantido, o que é meio caminho andado para o sucesso. Por outro, existe o risco de soar derivativo e nada original, o que pode ser meio caminho para o fracasso. Neste *Na Madrugada De Bar Em Bar*, os paulistas do Overhead encararam os riscos de apostar todas as suas fixas no rock clássico e no hard rock setentista. E conseguiu um resultado muito bom! Em primeiro lugar, eles foram inteligentes em escolher trabalhar com músicas curtas e diretas, o que garante a fluidez do material. Sem tempo para o ouvinte descansar (ou se cansar), músicas como *O Diabo na Garrafa* (um blues de dar gosto!), *Cartaz da Morte* (rock básico), *Entre Espelhos* (hard rock), *Na Contramão* (cadenciada, quase balada) e *BR da Morte* chegam, dão o seu recado e vão embora, sem tempo para conversas ou rodeios.

Valtemir Amler

RON KEEL BAND

FIGHT LIKE A BAND
EMP · IMP.

9,0

Road Ready abre com um arranjo melódico, tendo os teclados de "Dakota" Scott Schmitt e as guitarras acústicas de Dave "DC" Cothern e do mentor da obra, Ron Keel. No entanto, a música de abertura de *Fight Like a Band*, que traz uma letra autobiográfica e saiu em lyric video, logo descamba no hard rock, naquele padrão que o vocalista, compositor, guitarrista, produtor americano e conhecido por ser o líder do Keel, tão bem sabe fazer. Suas vocalizações são sempre fortes e intensas, mas ele se mostra bem nas partes melódicas, com aquele quê de Michael Sweet (Stryper), como em *Fight Like a Band* e na "country" *Long Way Down*. Nesta última, assim como em *Fire in the Rain*, *Just a Cowboy* e *Hey Man*, ele faz jus ao apelido "Metal Cowboy". Já *Rock N' Roll Guitar* tem um bom desempenho da seção rítmica, com Geno "El Diablo" Arce (baixo, Keel) e Jeff "The Rev" Koller (bateria), enquanto *Hearts Gone Wild* vem em formato melodic rock... E agrada! Destaques ainda para as rockers *Girls Like Me* e *Old School*, além das regravações de clássicos do Keel – a balada *Tears of Fire* e o hino *The Right to Rock*. Não perca!

Ricardo Batalha

THE METAL CLUB

Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

www.themetalclub.com

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
PRIMAL FEAR	ENFORCER	GRAND MAGUS	CHILDREN OF BODOM	YNGWIE MALMSTEEN
APOCALYPSE	ZENITH	WOLF GOD	HEXEN	BLUE LIGHTNING

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE)

WITHIN TEMPTATION

RESIST
SPINEFARM · IMP.

8,0

Os sinais estavam na cara para quem quisesse perceber. Depois do álbum anterior, *Hydra* (2014), e de My Indigo, o projeto de Sharon den Adel que lançou seu autointitulado disco de estreia no ano passado, *Resist* não pode pegar de surpresa nenhum fã do Within Temptation – completado por Robert Westerholt (desde 2011, apenas em estúdio), Ruud Jolie e Stefan Helleblad (guitarras), Jeroen van Veen (baixo), Martijn Spierenburg (teclados) e Mike Coolen (bateria). Ao romper completamente com o passado, o novo trabalho do grupo holandês pode incomodar os mais radicais, inclusive em seu conceito lírico, caso o conservadorismo seja não apenas musical, mas também de extrema-direita. Mais um ponto para a banda, diga-se. O Within Temptation soube ser relevante ao modernizar seu som, como provam a contagiante *Supernova*; a dançante *Mad World*; a ótima *Holy Ground*, que conta com grande performance de Sharon, enriquecendo os vocais rapeados; e *Trophy Hunter*, que junta em seis minutos todos os elementos da nova fase. Mas é preciso destacar ainda as ótimas *The Reckoning* e *Raise Your Banner*, com participações de Jacoby Shaddix (Papa Roach) e Anders Fridén (In Flames), respectivamente; as pop *Endless War* e *Mercy Mirror*; e *In Vain*, talvez a canção que mais se aproxime do passado. Muito bem feito e arranjado, *Resist* é um álbum para mentes abertas. Se este é o seu caso, parabéns.
Daniel Dutra

FEIOS, SUJOS E MALVADOS

TORTURA
INDEPENDENTE · NAC.

9,0

Isso é algo que já disse antes, mas que não canso de repetir: poucas coisas combinam tanto com o nosso idioma e com a agrura da vida dos brasileiros quanto uma bela porrada na forma do crossover/thrash. E, quando você tem uma banda desse gênero, que canta em português, e carrega o nome Feios, Sujos e Malvados, bem, você já sabe o que esperar, certo? Porrada, podreira, feiura musical e uma overdose de riffs certeiros. É isso que *Tortura* apresenta para os ouvintes incautos. Claro que vale a referência a bandas como Ratos de Porão, D.F.C., e até nomes de outras paragens, como o D.R.I. e o S.O.D., mas existe algo na música dessa banda que torna a audição prazerosa, independentemente de termos comparativos. Se quiser uma rápida introdução no mundo feio e sujo deste grupo, comece por *Justiceiro Ceifador*, volte para *O Contrato*, avance até *Castração Química*, e siga adiante com *O Feio*. Sim, faça a bagunça que quiser, isto aqui é ouro puro! Vista a camisa, ouça o disco, vá ao show. Banda incrível!
Valtemir Amler

WINDHAND

ETERNAL RETURN
RELAPSE · IMP.

9,5

Trilhando os gordurosos caminhos do doom metal desde 2008, os americanos de Richmond/Virgínia chegam ao seu quarto, e melhor, álbum de estúdio. *Eternal Return* começa a mostrar suas qualidades logo na longa faixa de abertura, *Halcyon*, dona de riffs densos e arrastados, melodia vocal forte e cativante, e aquele clima de 'nuvem de fumaça' tão amado pelos fãs de Sleep e congêneres. Outra longa, *Grey Garden*, dá sequência ao trabalho, e mantém as coisas em seus devidos lugares. Embora mantenha todas as qualidades anteriormente destacadas, essa ainda amplia o efeito entorpecedor com uma grande dose de sentimento, algo que convenhamos, sempre fez parte do universo do doom metal. Das curtas, *Pilgrim's Rest* (que enfeitiça o ouvinte já na primeira audição) é a melhor, mas é nas longas que o grupo brilha mais. Ouça os onze minutos de *Eyeshine* e os mais de treze minutos de *Feather* sem preocupações, apenas coloque os fones e se permita viajar por algum tempo. Que venha logo o próximo.
Valtemir Amler

TESTEMUNHA

MARTYR
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Antes de mais nada, um aviso: estamos aqui falando de uma banda cristã. Portanto, suas letras falam de fé, de religião e, mais especificamente, dos mártires da igreja católica, como indica o nome do álbum. E se isso não for um problema para você (e tomara que não seja), pode ir frente porque vai se deparar com um belo disco de prog metal com letras em português. Beto White (vocal), Renato Souza (guitarra e vocal), Márcio Cavalieri (guitarra), Marcelo Carboni (baixo e teclado) e Vinicius Picolli (bateria) são, antes de tudo, excelentes músicos e compositores. Isso já garante que você não vai perder seu tempo ouvindo o disco. Pra melhorar, os caras foram atrás de ninguém menos que Marcello Pompeu e Heros Trench para a produção, o que garante uma sonoridade de primeiro mundo a *Martyr*. E se alguns detalhes do encarte ficaram sofríveis (leia-se: ilegíveis), este é um dos problemas mais fáceis de resolver. De vez em quando, aparecem alguns discos que a gente fica com vontade de ouvir de novo – é raro, mas acontece. *Martyr* é um deles.
Antonio Carlos Monteiro

SICK DAMNATION

DAMNOCRACY
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

Recado aos 'thrashers' de plantão: vale muito a pena conferir o álbum de estreia do Sick DamNation. Batizado de *Damnøcracy*, o disco é uma ode a obras clássicas de grupos como Heathen, Anthrax e Forbidden. Em linhas gerais, as nove faixas reúnem ótimos riffs e solos, com algumas referências ao heavy tradicional, de Junior Sagster e Lucas Pelarin, o baixo pujante de Paulo Pedraza e a bateria técnica de Thiago Rosa. Além disso, há a versatilidade do vocalista de JV Landi, 'herdeiro' de Joey Belladonna (Anthrax) e Dave White (Heathen). Embora invista sobretudo em vocais limpos e melódicos, Landi também transita pelos campos do gutural e rasgado, como em *Grey Skies* e *Craving for Illusion*. Outro destaque está na participação de Vitor Rodrigues (Victorizer, ex-Torture Squad e Voodoo-priest), num belíssimo duelo com Landi, tendo a rifferama do thrash como pano de fundo. O disco conta com a produção musical de Renan Brito, do Erean Sound Music Studio, e a capa a cargo do mestre Alexandre Jubran, famoso pelos serviços prestados à Marvel Comics. Em suma, thrasheira honesta e visceral.
Thiago Prata

LEGION OF THE DAMNED

SLAVES OF THE SHADOW REALM

NAPALM - IMP.

8,5

Quando se trata de mesclar uma base fortemente fixada no thrash metal alemão com doses 'gentis' de death e black metal, os holandeses do Legion of the Damned têm uma história das mais invejáveis. E neste seu sétimo álbum de estúdio, o que eles fazem é revitalizar e dar novo gás para essa fusão, com canções que extrapolam em velocidade, fúria e poder de fogo. Para começar, os vocais na linha 'Schmier' de Maurice Swinkels logo na abertura, com *The Widow's Breed*, arrancam o ouvinte do marasmo e o enviam para um mundo bem conhecido dos fãs de thrash teutônico. Esse sentimento perdura por toda essa obra maldita, mas ganha capítulos especialmente malignos na 'midtempo' *Slaves of the Southern Cross*, na corrida *Warhounds of Hades*, e na fenomenal *Shadow Realm of the Demonic Mind*, que leva um tempo para engrenar, mas se transforma em uma das melhores do o álbum. O guitarrista Twan van Geel ainda reserva ótimas surpresas em *Palace of Sin* e *Charnel Confession*, então, pode correr atrás do seu sem reservas.

Valtemir Amler

JETBOY

BORN TO FLY

FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Olha aí o Jetboy de volta! Esse veterano grupo americano ganhou certa fama com o debut *Feel the Shake* (1988), que alcançou o 135° lugar no chart Billboard 200 e teve três músicas no filme The 'Burbs (estrelado por Tom Hanks) e duas em She's Out of Control, ambos de 1989. A banda, que no passado teve o requisitado Sami Yaffa (Hanoi Rocks, New York Dolls, Michael Monroe, Joan Jett) no baixo, também foi notícia em 1987 quando seu antecessor, Todd Crew, morreu de overdose no quarto de hotel em que Slash (Guns N'Roses) estava hospedado. Agora, quase dez anos após o EP *Off Your Racker*, Mickey Finn (vocal), Billy Rowe e Fernie Rod (guitarras) dão as boas vindas a Eric Stacy (baixo, ex-Faster Pussycat) e a Al Serrato (bateria) e nos brindam com esse ótimo álbum. Você viciará em *Beating the Odds*, *Born to Fly*, *Brokenhearted Daydream*, *Inspiration from Desperation*, *She*, *A Little Bit Easy* e *Party Time!* e curtirá a balada *The Way that You Move Me* e a veia Hanoi Rocks de *The Old New Tricks*. *Born to Fly* faz frente a *Feel the Shake* e periga ser o melhor do Jetboy.

Leandro Nogueira Coppi

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

JUDAS PRIEST

UNLEASHED IN THE EAST

Ao vivo em estúdio? Overdub? Fotomontagem na capa?... Você já se deparou com tais questões, mas, seja como for, trata-se de um clássico do final dos anos 70. "Lembro que tinha *Sad Wings of Destiny*, *Sin After Sin* e *Stained Class*, mas quando saiu o ao vivo eu fiquei maluco. *Unleashed in the East* se tornou um dos meus preferidos em todos os tempos", declarou Mark Tornillo (Accept, ex-T.T. Quick).

O forte repertório do platinado álbum, gravado em Tóquio (JAP) em fevereiro de 1979 na 'Hell Bent for Leather Tour', foi "retocado" e finalizado pelo produtor Tom Allom. Muitas faixas gravadas anteriormente em estúdio ganharam um poder de fogo absurdo, casos de *The Green Manalishi (With the Two-Pronged Crown)*, *Tyrant*, *Diamonds and Rust*, *Sinner* e *Victim of Changes*. Já a versão japonesa, intitulada *Priest In The East: Live In Japan*, traz *Hell Bent for Leather*, *Starbreaker*, *Rock Forever* e *Delivering the Goods* como bônus.

A despedida do baterista Les Binks, que não aparece na montagem da foto de capa tirada por Fin Costello, foi em grande estilo. Não só a performance dele, mas as de Rob Halford (vocal), Glenn Tipton e K. K. Downing (guitarras) e Ian Hill (baixo) garantiram o selo de clássico ao primeiro 'live' do Priest.

Airton Diniz (editor): **8,0**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **9,5**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,0**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (colaborador): **7,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Fernando Pires (diretor de arte): **8,5**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **7,5**
Heverton Souza (colaborador): **8,5**
Ivanei Salgado (colaborador): **10**
João Messias Jr. (colaborador): **7,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,0**
Maicon Leite (colaborador): **10**
Matheus Vieira (colaborador): **8,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **10**
Sergiomar Menezes (colaborador): **9,0**
Valtemir Amler (colaborador): **9,0**

MÉDIA FINAL: 8,65

GRANDE FASE DA RAINHA DO METAL

Aproveitando o bom momento, vocalista alemã anuncia o EP *Backstage To Heaven* e o ressurgimento do Warlock

POR CHRIS ALO

Em 2018, Doro Pesch resolveu celebrar 30 anos de carreira de uma maneira audaciosa para os dias atuais: o lançamento de um álbum duplo. Decidida em seu objetivo, a simpática cantora alemã convenceu a Nuclear Blast e, no dia 17 de agosto, lançou *Forever Warrior Forever United*. O álbum dividiu a opinião dos fãs, porém deixou a vocalista orgulhosa. Feliz com seu atual momento, a rainha do metal não perdeu tempo e, no último dia 8 de março, lançou o EP *Backstage to Heaven*. Na verdade, o que os fãs mais queriam era que ela preparasse algo para comemorar os 30 anos de seu ótimo primeiro álbum solo, *Force Majeure*. Embora nada ainda tenha sido comunicado a esse respeito, os fãs foram pegos de surpresa com uma notícia que os fez comemorar: Doro Pesch anunciou o retorno do Warlock, que desde 1989 estava longe dos palcos. E tem mais: seu lendário grupo presenteará os devotos fãs com o lançamento de um novo álbum ao vivo. Saiba mais na entrevista com a sempre radiante Doro Pesch.

BACKSTAGE TO HEAVEN
NUCLEAR BLAST · IMP

O que a fez querer criar um álbum duplo de todo seu novo material?

Doro Pesch: De alguma forma, o tempo estava clamando por um pacote como esse. Eu estava compondo e, então, muitas músicas começaram a surgir, mas isso não foi planejado. Acho que eu tinha em torno de 45 composições e pensei: 'Uau, quantas posso lançar?'. Liguei para a Nuclear Blast e disse: 'Tenho um monte de músicas realmente boas. Posso fazer um álbum duplo?'. Eles disseram: 'Atualmente não há tantos artistas fazendo isso'. Respondi: 'Sim, mas é meu aniversário!' (N.R.: Doro se refere aos seus 30 anos de carreira solo). Então, a Nuclear Blast concordou.

Sabendo que estava fazendo um álbum duplo, você sentiu que tinha mais liberdade para fazer o que queria? Há algumas músicas soando no estilo tradicional de Doro/Warlock, mas você também se guiou por outras áreas.

Doro: Sim. Quando eu tive o aval (N.R.: da gravadora), quis inserir algumas músicas que normalmente não usaria, como, por exemplo, *Caruso*, que é em italiano, o que é algo diferente. Ou mesmo *Bring My Hero Back Home Again*, que é da trilha sonora de um filme (N.R: 'Anuk III – Die Dunkle Flut/The Dark Flood'). Imaginei que dessa vez eu teria espaço suficiente para algo assim. Eu tinha várias músicas que eram realmente fortes, como *All for Metal* e *Living Life to the Fullest*, que foi a primeira que compus para o álbum e era uma homenagem a Lemmy, o grande herói. Fui até o funeral dele devastada, de coração partido. A melodia e o refrão simplesmente surgiram em minha cabeça, estava pronta. Pensei: 'Quero fazer uma demo disso, imediatamente!' Foi quando tudo começou. Achei que deveria iniciar e terminar com uma canção sobre Lemmy.

Achei a escolha para o cover do Motörhead, já que *Lost in the Ozone* não é uma faixa típica ou, digamos, um clássico da banda.

Doro: Essa é uma grande música. Muitas pessoas esquecem que Lemmy era um ótimo letrista. Eu amo todas as faixas pesadas, como *Ace of Spades*, mas ele tinha ótimas canções comoventes e, quando estávamos em estúdio, achei que essa seria incrível. Desde que conheci Lemmy, há muito tempo, me sentia sortuda por conhecê-lo. Ele era um cara de uma alma muito profunda, com um grande coração, e, então, achei que essa música realmente funcionaria.

Também gostei muito de seu cover do Whitesnake para *Don't Break My Heart Again*. Por que a escolheu?

Doro: Essa é outra razão pela qual amei fazer o álbum. Tive liberdade para inserir alguns covers, coisa que normalmente não tenho espaço. Meu primeiro show de metal foi do Whitesnake, em 1980. Eu era tão fã que minha primeira banda se chamava Snakebite. Éramos todos grandes fãs de Whitesnake! Fomos ver o Whitesnake ao vivo e foi inacreditável, David Coverdale era um Deus. A formação da banda era lendária, ótima. Sempre amei essa música. A testamos de várias formas e achamos que estava legal. Me diverti muito cantando-a. Sempre gostei de músicas de artistas que me inspiraram. Gostei dos meus covers de *Egypt (The Chains Are On)*, de Ronnie James Dio, ou mesmo do Motörhead, e achei que iria gostar de fazer *Don't Break My Heart Again*. Me senti tão bem. Ouvi dizer que o Whitesnake tem um novo álbum saindo (N.R.: *Flesh & Blood*, lançado em 10 de maio) e espero um dia desses poder dar o meu para Coverdale.

Espero que você cruze com David Coverdale em um festival ou algo assim, para que possa fazer isto. Voltando ao disco, como você recrutou todas as estrelas convidadas para a música *All for Metal*? No vídeo parecia que você estava em festivais com algumas delas.

Doro: Sim, a primeira coisa que tínhamos era uma demo dela. Fui convidada no último álbum do Amon Amarth (N.R.: *Jomsviking*, de 2016) e gravei a música *A Dream that Cannot Be*. O Amón estava fazendo um grande show no Wacken e eles me perguntaram se eu poderia ir até lá. Amo o Wacken e toquei muitas vezes lá. Eu aceitei, disse que adoraria. Fui, cantei a música e ficou realmente ótima. Como eu não tinha a pressão de fazer um show inteiro tive tempo de curtir tudo. Enquanto andava pelos bastidores, corria para falar com todos os meus amigos. Encontrei Jeff Waters, do Annihilator, e ficamos conversando. Geralmente, quando se tem um show não converso com ninguém, porque você precisa de foco para poupar sua voz. Contei a Jeff sobre a música *All for Metal*, perguntei se ele queria ouvi-la e a toquei para ele. Peguei a filmadora e o gravei ali mesmo em seu camarim. Achei que ficou incrível e foi muito divertido. Ao lado de seu camarim estava Warrel Dane, do Nevermore. Warrel foi meu amigo por muitos anos, ele estava em minha primeira grande turnê na América quando o Warlock excursionou com Megadeth e Sanctuary, em 1988. Ficamos amigos ao longo dos anos. Pedi a Warrel e a Johan (Hegg) do Amon Amarth e eles toparam. Teve outro festival naquele ano, no Summer Breeze Festival, em que novamente cantei com o Amon. Lá corri até Mille (Petrozza), do Kreator. Ele também cantou. Tive tantos grandes amigos que vi no backstage dos festivais. Enviei a música pra alguns dos meus outros amigos, como o Sabaton. Quando eu estava trabalhando nela, pensei: 'Sim, isso está mesmo me lembrando *All We Are*'. Quando você canta, uma vez que está assobiando isso o dia todo, é muito cativante, então achei que essa música, definitivamente, engrandeceria o álbum. A tocamos na primeira perna da turnê de *Forever Warriors, Forever United* e as pessoas curtiram bastante.

Você excursionará em breve na América do Norte (de abril a maio e novamente em outubro), como coheadliner de uma turnê com o Metal Church. O que tem sido interessante é que você está sendo promovida como 'Doro, ex-voca-

lista do Warlock', com ênfase no nome e no logo do Warlock nos anúncios. Não me lembro de você ser promovida desse jeito desde que se tornou artista solo.

Doro: Sim, meu antigo guitarrista do *Triumph and Agony* (N.R.: quarto álbum do Warlock, lançado em 1987), estará comigo nessa próxima turnê. Ele já tem feito shows comigo e estamos planejando gravar o álbum *Triumph and Agony Live*. Já gravamos alguns shows, como fizemos com o 'Sweden Rock' e tocamos o *Triumph and Agony* por inteiro. Algumas músicas nós nunca tínhamos tocado antes, como a balada *Make Time for Love*, e ficou muito boa ao vivo. Ficava sempre na sombra de *Für Immer*, mas era incrível. Foi aí então que nasceu a ideia de fazer *Triumph and Agony* como um álbum ao vivo. Quando você vê Tommy no palco ele é um animal. Parece que estamos revivendo os tempos de *Triumph and Agony* nos anos 80. É como se nunca tivéssemos dado uma pausa. Os promotores me perguntaram se podíamos usar o nome Warlock e eu pensei: 'Sim, vamos fazer isso!'. O Warlock era muito popular nos Estados Unidos, especialmente por *Triumph and Agony*. Foi quando todos os problemas começaram. Nunca planejei fazer carreira solo sob o nome Doro.

Eu sei que é difícil responder, mas em 1989 você foi forçada a abandonar o nome Warlock e a começar a usar Doro. Quão diferente você acha que teria sido sua carreira se pudesse continuar usando Warlock?

Doro: Bem, isso é muito difícil dizer. Teríamos sido tão grandes. Mas os tempos mudaram nos anos 90, o grunge se tornou grande. O metal estava ficando menor, então não sei. Foi comovente, porque muitos álbuns não foram mais lançados nos Estados Unidos. Apesar de o grunge ser grande na Europa, os álbuns ainda eram lançados, sem problema. Podíamos estar em turnê e isso ainda era ótimo. Porém, nos Estados Unidos não podíamos lançá-los e isso foi um efeito dominó, porque não podíamos nem fazer turnê e não havia festivais. Sempre pensei que deveríamos tirar o melhor proveito de tudo com o tempo que temos. Lembro-me de todas as bandas de metal perdendo ofertas de gravação. Foi um período difícil para tentar sobreviver. Algumas pessoas disseram: 'Doro é mais neutra, não é como o metal 'old school''. Às vezes, tínhamos Doro na rádio, onde não teríamos chance com o Warlock. Mas é duro, eu amava o nome Warlock. Eu sei que os fãs 'die-hard' queriam que eu o usasse, mas estava tão feliz em conseguir o nome de volta. Porém, demorei vinte anos. Tem sido bom agora e muitos promotores nos pediram para usar o logo do Warlock. E é por isso que estamos fazendo isso!

Além da turnê pela América do Norte, que tal tocar na América do Sul?

Doro: Não temos estado lá ultimamente, mas temos alguns novos promotores que nos contataram recentemente a respeito disso. Tem sido tratado, estamos planejando. Gostaríamos de ir até os grandes países que já tocamos, como Brasil, México, Peru, Colômbia e Argentina, além de alguns novos. Nunca tocamos no Chile e em outros lugares. Não sei exatamente quando, mas com o novo álbum muitas pessoas estão animadas para irmos. E, sim, definitivamente estamos trabalhando para isso. No último DVD, *Strong and Proud – 30 Years of Rock and Metal* (2016), temos coisas do Brasil. Tocar na América do Sul é sempre um prazer, as pessoas de lá vivem e morrem pelo metal. Isso me lembra quando começamos nos anos 80. Eles têm fãs fieis e mal posso esperar para estar lá novamente.

Quando você estava trabalhando nesses dois álbuns também trabalhava em uma autobiografia, certo? Então, ao invés de trabalhar em um livro você passou a trabalhar em dois?

Doro: Sim, um seria como um livro normal. O outro seria mais denso, para pessoas que têm estômago forte. Foi bem complicado e nada divertido. Havia livros muito bons do Mötley Crüe e do Lemmy, mas esse foi muito intenso. Quando comecei o livro foi demais pra mim, tive que parar. Eu queria mantê-lo positivo e continuar, então foi aí que voltei a trabalhar nas músicas, para permanecer positiva. Com os livros eu não conseguia dormir à noite, isso me afetou. Foi tão problemático, apenas coisas comoventes. Não consegui lidar com isso, não consegui dormir por duas semanas e, então, decidi que não poderia fazer esses livros agora. Talvez eu faça daqui a alguns anos.

Recentemente, você foi indicada ao Hall of Heavy Metal History. Como foi?

Doro: Foi ótimo! Ganhei o prêmio e foi incrível! Este ano eu apresentei a premiação da Lita Ford no Hall of Heavy Metal History, o que foi ótimo de fazer. Lita e eu começamos a conversar sobre algumas ideias que temos, então, talvez tenhamos algo que possamos fazer musicalmente, ou mesmo um show juntas. Somos velhas amigas e seria maravilhoso fazer algo especial com ela, mas isso seria depois de todos os festivais e turnês.

Para esta turnê você está lançando um novo EP, *Backstage to Heaven*...

Doro: Sim, é um EP de quatro músicas. Tem uma ao vivo com Johan Hegg, *If I Can't Have You No One Will*. Há também outra ao vivo, *Blood Sweat and Rock and Roll*, e tenho certeza de que a tocaremos na próxima turnê. O guitarrista Doug Aldrich (The Dead Daisies, Burning Rain), que tocava no Whitesnake e no Dio, tem uma música no EP chamada *Heartbroken*. Doug fez um solo fantástico nela – quem ama solos de guitarra irá adorar essa música! Estou tão animada em ver todo mundo na turnê, pois tocaremos músicas dos dois novos álbuns, que ainda são novos para mim, e todas as coisas antigas, como *All We Are* e *Burning the Witches*. Quero agradecer os fãs por todo o apoio, amo todos eles. Quero fazer isso até o dia que eu morrer. Quero viver a vida ao máximo!

ROD ROSSI USA:

TELEFUNKEN

Xvive

REC/ROLL

E CONVIDADOS ESPECIAIS:

PEDRO TINELLO MARCELO BARBOSA FELIPE ANDREOLI

PRÓXIMA DATA:

02.06 - ESPAÇO DAS AMERICAS - SAO PAULO

C/ SHAMAN

&

AVANTASIA

FREE PASS METAL FESTIVAL III

FACEBOOK.COM/RODRIGOROSSIOFICIAL INSTAGRAM.COM/ROD.ROSSI YOUTUBE.COM/RODROSSI

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

PAUL RAYMOND

★16/11/1945 †13/04/2019

Nascido no dia 16 de novembro de 1945 em St. Albans, Hertfordshire (ING), Paul Martin Raymond desde cedo se interessou pela música. No início, entretanto, sua paixão era pelo jazz. "Comecei a tocar com vários músicos diferentes e assim me aprimorei", lembrou ele tempos depois. Passou a fazer parte do Ian Bird Quintet e logo se tornou conhecido no circuito do jazz britânico.

Era 1964 quando se uniu ao quinteto pop Plastic Penny como tecladista e vocalista, com o qual gravou dois discos. Em seguida, juntou-se Chicken Shack substituindo uma ainda desconhecida Christine Perfect, que se casaria com John McVie, adotaria seu sobrenome e faria fama no Fleetwood Mac. No Chicken Shack gravaria mais dois álbuns.

Sua entrada no rock se deu através do Savoy Brown, ao qual se juntou em 1971. Assumiu as funções de tecladista e guitarrista e permaneceu até 1976, tendo gravado meia dúzia de álbuns.

Num show em que o UFO abria para o Savoy Brown (Nazareth era o headliner), Paul conheceu o baixista Pete Way que o convidou a se unir à banda. Aí teria início a primeira de quatro passagens de Raymond pelo grupo. Ao longo desses primeiros anos, mais precisamente de 77 a 79, o UFO teria aquela que muitos consideram sua formação clássica, com Way, Raymond, Phil Mogg (vocal), Michael Schenker (guitarra) e Andy Parker (bateria). Já sem o temperamental Schenker, a banda gravaria em 1980 o álbum *No Place to Run* com produção do icônico George Martin.

Em 1981, Schenker convidou Raymond a se unir ao seu MSG e ele topou: "Queria muito tocar com Cozy Powell", justificou ele. Gravou um disco de estúdio e outro ao vivo com a banda, mas logo teve atritos com o problemático Schenker e deixou o MSG.

Em 1983, Pete Way formou o Waysted e levou Paul para tocar consigo, mas não demorou para que ele se juntasse novamente ao UFO. Foi uma passagem curta e que rendeu apenas um disco.

No final dos anos 80, mudou-se para o Japão para acompanhar a namorada da época, nascida naquele país. Lá montou seu Paul Raymond Project, que contava com o ex-Loudness Masayoshi Yamashita (baixo) e gravou um EP.

De volta ao Ocidente, adivinha quem recrutou Paul? Claro, o UFO! Dessa vez foi um período mais longo, de 1993 a 1998, mas que não acabou nada bem. Culpa de quem? Michael Schenker, sem dúvida alguma! A gota d'água foi quando o guitarrista abandonou um show em Tóquio diante de três mil pessoas, deixando a Pete e Paul a tarefa de se desculpar e acalmar o público.

Paul desanimou de vez. "Nunca consegui entender porque ele fez aquilo, foi muito constrangedor", afirmou. Desiludido, largou mão do rock e voltou aos primórdios: vendeu todo seu equipamento e começou a tocar no piano bar de um hotel em Londres. No repertório, clássicos do jazz e da música popular.

"Mas um dia recebi de novo aquele telefonema", conta ele. "Que tal voltar ao UFO, dessa vez sem Michael?" Era o ano de 2003 e começava aí seu período mais longo na banda, que rendeu seis discos de estúdio. Em paralelo às atividades com outros grupos, Paul ainda lançou quatro discos do Paul Raymond Project entre 1997 e 2013. Em 2015, comemorando cinquenta anos de atividades profissionais, soltou o disco solo *Rewind 50*, um apanhado dos principais momentos de sua carreira.

2019 começou intenso para ele. Em fevereiro lançou mais um trabalho de seu projeto solo, *High Definition*, em que apresenta releituras de temas dos mais variados estilos, desde clássicos do blues a músicas de David Bowie e AC/DC. Ao mesmo tempo, caíra mais uma vez na estrada com o UFO, já que a banda começara sua anunciada tour de despedida, intitulada "Last Orders: 50th Anniversary".

Porém, no dia 13 de abril uma sentida mensagem de Sandra, esposa de Paul, informava que ele havia morrido por conta de um ataque cardíaco. "Os médicos conseguiram reanimá-lo num primeiro momento, mas depois ele parou novamente e não havia mais nada que pudessem fazer". O rock perdia um de seus músicos mais íntegros, discretos e eficientes.

CHICKEN SHACK
100 TON CHICKEN
(1969)

SAVOY BROWN
STREET CORNER TALKING
(1971)

UFO
LIGHTS OUT
(1977)

UFO
OBSESSION
(1978)

MSG
ONE NIGHT AT BUDOKAN
(1982)

Shinigami Records

NUCLEAR BLAST, a nº1 em música extrema

NUCLEAR BLAST

ELUVEITIE
SLANIA

BURNING WITCHES
HEXENHAMMER

FIFTH ANGEL
THE THIRD SECRET

DIE APOKALYPTISCHEN REITER
DER ROTE REITER

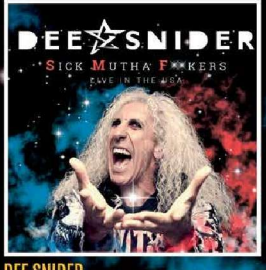
SABATON
PRIMO VICTORIA (RE-ARMED)

AVATARIUM
THE GIRL WITH THE RAVEN MASK

THE VINTAGE CARAVAN
VOYAGE

DESTRUCTION
METAL DISCHARGE

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com



Shinigami Records

e-a-r MUSIC

SOUND CITY RECORDS

DEE SNIDER
SICK MUTHA FUCKERS – LIVE IN THE USA
Este poderoso álbum ao vivo inclui clássicos como "We're Not Gonna Take It", "I Wanna Rock" e muitos mais.

TAMBÉM DISPONÍVEL

DEE SNIDER
WE ARE THE ONES
Inclui umas belíssima versão de "We're Not Gonna Take It"

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

Phil Beaver, Vinnie Colla, Nathan James, Dan Stevens e Danny Dela Cruz: o Inglorious 2.0 pronto para seguir viagem

INGLORIOUS III

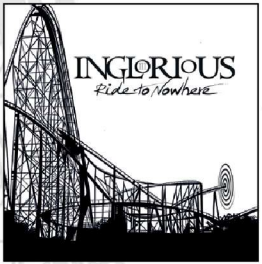
Ride to Nowhere

APERTEM OS CINTOS

POR DANIEL DUTRA

MUDANÇAS DE FORMAÇÃO ANTES DO LANÇAMENTO DO NOVO ÁLBUM, A CONSTRUÇÃO DE UMA SONORIDADE PRÓPRIA... O INGLORIOUS 2019 NA VOZ DE NATHAN JAMES

Nada é tão bom que não possa melhorar, mesmo que em meio a uma polêmica. Um dos melhores nomes do hard rock nos anos 2010, o Inglorious sofreu uma debandada antes mesmo de o terceiro álbum, *Ride to Nowhere*, ser lançado. Os guitarristas Andreas Eriksson e Drew Lowe e o baixista Colin Parkinson abandonaram a banda inglesa, que ficou apenas com Nathan James (vocal) e Phil Beaver (bateria). Enquanto os substitutos iam chegando – Danny Dela Cruz e Dan Stevens (guitarras) e o brasileiro Vinnie Colla (baixo) –, Parkinson abriu o verbo contra o líder James, que respondeu pesado com um vídeo nas redes sociais (posteriormente apagado pelo vocalista). A lavagem de roupa suja não ofuscou o alto nível da banda inglesa, felizmente, e James, apesar do desconforto com o assunto em nova entrevista para a ROADIE CREW, não guardou entusiasmo ao falar da nova formação, do disco e da história que o Inglorious está construindo. Confira o papo e o som do quinteto, porque vale muito a pena.



RIDE TO NOWHERE
FRONTIERS · IMP.

Os últimos dois meses foram uma montanha-russa de emoções para você, não?

Nathan James: Foi um período muito difícil, principalmente por causa da saída de três integrantes. Eu tive de correr imediatamente atrás de substitutos, porque temos uma turnê agendada no Reino Unido, com shows em arenas, o que obviamente é muito importante para a banda (N.R.: foram dez datas, de 28 de janeiro a 8 de fevereiro). Foi uma situação que me pegou de surpresa, realmente... (N.R.: James faz uma pausa) Agora, eu quero apenas colocar a nova banda na estrada e mostrar a todos o que podemos fazer e como estamos entusiasmados com o novo disco.

Honestamente, foi uma surpresa também para mim. O Inglorious é uma das melhores bandas de rock surgidas nesta década, com um álbum já pronto para ser lançado (N.R.: a entrevista aconteceu no dia 15 de janeiro, e *Ride to Nowhere* foi lançado dez dias depois), e aí acontece essa debandada pouco amigável de Lowe, Parkinson e Eriksson.

Nathan: Mas agora está tudo bem com o Inglorious. Os novos integrantes são maravilhosos, as apresentações estão confirmadas, e estamos olhando para frente. Já temos participação confirmada em 11 festivais de verão, então a saída deles não afetou em nada a nossa programação, o agendamento de shows e a promoção do álbum. Foi uma situação desagradável, e não deixa de ser estranho seguir em frente dessa maneira, mas os rapazes estão verdadeiramente ansiosos para tocar o novo material, ou seja, compartilhar com os fãs as músicas que compus com os caras da formação anterior.

Então vamos falar desse sangue novo. Como você chegou até Danny e Dan?

Nathan: Encontrei o Danny no YouTube! Com 16 anos, ele gravou um vídeo tocando *Until I Die*, de nosso primeiro disco (N.R.: *Inglorious*, de 2016), e mostrou que, mesmo tão novo, já era especial. Parecia um Slash mais jovem! (risos) Danny toca com um sentimento e uma compreensão incríveis, e posso dizer com sinceridade que sempre quis tê-lo na banda. É um guitarrista espetacular, realmente espetacular. Eu o conheci pessoalmente há dois anos, e viramos grandes amigos. Ele foi a escolha perfeita para substituir o Andreas, até porque foi seu técnico de guitarra nas últimas duas turnês, esteve no palco conosco durante todo o ano passado. Ou seja, o mais legal é que agora está tocando em vez de apenas ficar testando o equipamento e os amplificadores (risos). E Dan é um amigo do Danny, mas eu já o tinha visto tocar algumas vezes com o Metalworks em Camden, nos arredores de Londres. É uma famosa banda de covers que revelou Richie Faulkner, que hoje está no Judas Priest. Dan também é um ótimo guitarrista, e como ele e Danny são melhores amigos, a química é imbatível no palco.

São dois guitarristas ingleses, mas o Inglorious agora tem também um brasileiro na banda...

Nathan: Sim, o Vinícius! Eu cheguei até Vinnie através de um amigo em comum, para quem disse que precisava de um grande baixista de rock'n'roll, mas que conseguisse tocar qualquer coisa e entendesse muito de música. Ele me passou o nome do Vinnie, e soube que era o cara certo assim que comecei a assistir a um vídeo dele. Estava diante de um músico de jazz fenomenal, mas que também conhece muito de rock. Se você pode tocar todas aquelas coisas mais complicadas e técnicas do jazz, se respeita a música o suficiente para aprender esse estilo, então pode dar conta de qualquer outro. Vinny é assim. Um músico maravilhoso, mas também um sujeito muito legal, o que descobri quando ensaiamos pela primeira vez. Aí tive certeza de havia feito a melhor escolha.

Pelo seu entusiasmo, acredito que eles se encaixaram muito bem no Inglorious, que resgatou muito bem os grandes nomes do classic rock dos anos 70. Mas apesar de todas as influências, *Ride to Nowhere* me deu a impressão de que a banda começou a construir uma identidade própria.

Nathan: Isso é um grande elogio! Quando se está numa banda, a verdade é que você não quer ser eternamente comparado a seus ídolos. Obviamente, é legal ouvir que a sua música remete aos heróis que você cresceu admirando, mas ouvir que a sua banda está soando como ela mesma é o melhor elogio de todos. Então, muito obrigado! Sempre quisemos soar como Inglorious, mas ao mesmo tempo sendo honestos em relação ao que amamos. A razão de nossa música estar tomando essa forma única é também por causa de nomes como Whitesnake, Bad Company e Led Zeppelin, só que também adoramos grupos como Mr. Big, Dream Theater e Black Sabbath. Nossas influências são diversas, e decidimos mostrar isso no novo álbum. É uma abordagem mais abrangente do que sempre gostamos, do que estamos ouvindo e do que nos faz ser os músicos que somos hoje.

E isso explica por que *Where Are You Now?* e *Queen*, por exemplo, passam essa ideia. Talvez sejam suas melodias vocais e estruturas, mas são músicas nas quais se identifica o Inglorious e nada mais.

Nathan: Muito obrigado! E sabe o que é mais interessante? São as canções mais fáceis de compor. *Where Are You Now?* ficou pronta rapidamente e tem uma letra cujo assunto é bom de falar, a relação com alguém que fazia parte dos negócios da banda. Fica mais fácil até mesmo para escrever sobre assuntos pessoais, porque em *Queen* eu falo da minha mãe. Nossas principais músicas versam sobre momentos assim, e acredito que isso não mudou tanto com o novo material.

Você mencionou anteriormente o Black Sabbath, e não deixa de ser curioso que a faixa-título do novo disco seja

a mais pesada da banda até agora.

Nathan: Sim, é mesmo! E nós adoramos isso. Temos tocado em festivais nos últimos quatro ou cinco anos, então aprendemos o que é bom ao vivo, quer dizer, o que mexe com as pessoas em shows desse porte. Por isso quisemos, em *Ride to Nowhere*, compor músicas que funcionassem bem em arenas, e essas músicas são sempre as mais pesadas. Elas fazem o público se mexer, levar os punhos ao ar e gritar, então buscamos fazer um álbum mais pesado. Eu posso comparar com as letras, porque não quero ficar sempre cantando sobre as mesmas coisas. Há coisas diferentes que posso abordar, e o mesmo vale para a música.

Mas há outra coisa que sempre funciona bem em arenas: refrãos pegajosos. O Inglorious sempre foi bom nesse quesito, e músicas novas como *Tomorrow* e *While She Sleeps* grudam mais que chiclete em cabelo.

Nathan: (rindo bastante) E a simplicidade é o ingrediente principal. Minhas melodias são muito simples de ouvir e... Bom, talvez não sejam simples de cantar, já que uso tons muito altos (risos), mas elas são fáceis para o público cantar nos shows porque dá para aprendê-las ou lembrar-se delas instantaneamente. Isso é algo que me deixa orgulhoso, ou seja, escrever melodias que você pode cantar no chuveiro ou no carro. Elas grudam na sua cabeça, apesar de ser algo que eu não tento fazer sempre de maneira consciente. Muitas vezes, elas surgem como mágica, como aconteceu em alguns momentos em *Ride to Nowhere*.

Essa simplicidade significa também incluir uma melodia mais funky numa música como *Time to Go*, que tem um groove no instrumental?

Nathan: Isso tem muito a ver com algumas das minhas influências como vocalista. Nomes como Glenn Hughes, David Coverdale, Paul Rodgers, Freddie Mercury e Steven Tyler, porque todos eles têm algo em comum: música soul. Por causa desses caras, eu comecei a cantar soul antes mesmo do rock, então ficou mais fácil colocar um lado bluesy ou suingado em cima de um riff de guitarra. Mas tem um detalhe importante: é preciso ter uma banda com grandes músicos para adicionar groove ao som, porque ele não surge de nada. É preciso que alguém guie a canção nesse sentido, porque assim eu fico mais confortável para criar esse tipo de melodia que você falou.

Nós falamos sobre a construção de uma identidade própria, mas é claro que o Inglorious não abandonou suas referências. *Never Alone*, por exemplo, tem algo de Led Zeppelin, não?

Nathan: Sim, você está certo. Tem aquele lado mais folk do Led Zeppelin, justamente por causa do violão. É algo mais simples, não há nenhuma loucura, e posso dizer a você que sempre achei que *Never Alone* também tem um pouco de Nickelback, porque é pegajosa, fácil de cantar e, principalmente, porque não canto no meu registro mais alto. Aliás, em *Ride to Nowhere* eu procurei cantar usando menos o meu alcance vocal, busquei tons mais graves em vez de gritos e agudos (risos). É um disco mais diversificado em relação a letras, canções e minha própria performance.

Bom, e ao falar em performance e referências, é impressionante como a sua voz lembra a de Glenn Hughes no início de *I Don't Know You*.

> SEMPRE QUISEMOS SOAR COMO INGLORIOUS, MAS AO MESMO TEMPO SENDO HONESTOS EM RELAÇÃO AO QUE AMAMOS

Nathan: (rindo) Esse é o maior elogio que um vocalista pode receber, então, obrigado mais uma vez! (risos) Eu amo essa música, que foi escrita pelo Andreas, nosso antigo guitarrista, e minha melhor amiga, Heather Leoni (N.R.: vocalista do Gypsy Heart), que acabou gravando os backing vocals. Na verdade, eu gostei tanto que pedi para cantá-la, então apenas mexi em algumas melodias e mudei o tom para que funcionasse na minha voz. Depois que a gravamos, vi que ficou maravilhosa, e o melhor foi que Heather pôde fazer um dueto comigo na versão acústica que virou bônus da edição japonesa. Fico feliz porque as pessoas poderão ouvir a linda voz que ela tem. Nós nos conhecemos desde os 17 anos, e já são 14 anos de amizade, então foi incrível poder contar a sua história ao cantar a letra que ela escreveu, sobre coisas pelas quais estava passando. Sou muito grato a Andreas e Heather por terem composto uma música como *I Don't Know You*.

Eu iria mesmo lhe perguntar sobre a versão acústica, que ficou tão incrível como *Glory Days*.

Nathan: *Glory Days* é bem pessoal, porque fala do fim do relacionamento com uma pessoa pela qual eu estava apaixonado. Pensei que tivesse achado a minha alma gêmea, mas vi que não era depois de ter tentado fazer com que desse certo. É o momento em que você se lembra dos sentimentos no início do relacionamento, quando acha que é maravilhoso, mas na verdade está mentindo para si mesmo. Ao perceber o quanto estava infeliz, você começa a questionar por que não é mais perfeito, se teve alguma culpa no rompimento ou mesmo se chegou a ser perfeito. É uma canção muito triste, porque foi algo que realmente aconteceu comigo, mas que me deixou feliz por poder tê-la gravado. Vou lhe contar uma coisa: no estúdio, eu chorei enquanto gravava o terceiro take, e é possível escutar na música, especialmente no 'outro'. Mas tenho muito orgulho de *Glory Days* porque tem a minha letra mais honesta e, provavelmente, meu momento mais vulnerável num disco. Espero que as pessoas gostem, pois é especial para mim.

Ou seja, não apenas por causa da troca de integrantes, mas *Ride to Nowhere* é realmente um disco muito pessoal.

Nathan: Sim, é mesmo. Além da música para a minha mãe e as outras sobre as quais conversamos, *Never Alone* fala de um grande amigo que faleceu. No geral, escrevi sobre pessoas próximas, tanto as que amo quanto as que não gosto. No contexto lírico, é realmente sobre minhas emoções, e fui capaz de transformar em canções os riffs que recebi e as partes que trabalhamos juntos. Mais do que isso, vejo com prazer o fato de que cada álbum do Inglorious soa diferente um do outro.

O formato acústico não é novidade para o Inglorious, que publicou uma série de vídeos na internet com as músicas de uma sessão no YouTube Space de Londres. E não sei por que vocês não lançaram isso oficialmente...

Nathan: Nós queríamos, mas o YouTube não deixou que lançássemos. Foi decepcionante, mas nós vamos gravar um DVD acústico, uma vez que estamos planejando uma turnê com esse formato no Reino Unido, para o fim do ano, provavelmente contando com uma orquestra em algumas apresentações. Então, é algo para os fãs ficarem de olho.

MANIFESTO
25 ANOS
40 YEARS
HEAVY METAL EARS
16-06-19
DOMINGO - 18H
picture
18-08-19
DOMINGO - 18H
TANK
MANIFESTO BAR - Rua Iguatemi 36- Itaim Bibi - São Paulo
INGRESSOS ONLINE: www.ticketbrasil.com.br
PONTOS DE VENDA: MANIFESTO (Sem taxa de conveniência) e
pontos conveniados TICKET BRASIL (Sujeito a taxa de conveniência)
www. manifestobar.com.br
TAMA
santo angelo
audio-technica
LINE 6
EVANS
SABIAN
ORANGE
WALDMAN
ASE
arte: www.jduarte.design.com

Joseph Michael, Anthony Crawford, Steve Bolognese, Jake Dreyer e Fili Bibiano homenageiam o falecido baterista Adam Sagan em *A Prelude to Sorrow*

MÚSICA COM PAIXÃO E SUPERAÇÃO

JAKE DREYER E JOSEPH MICHAEL FALAM SOBRE MÚSICA, NEGÓCIOS E CAMINHOS QUE A BANDA PRECISA TRILHAR PARA CONQUISTAR SEU ESPAÇO

POR VALTEMIR AMLER

O mundo da música sempre foi um ambiente um tanto quanto hostil para os novatos. A competição é incessante, a pressão é quase inumana, e diariamente você precisa provar quem é, e essa última questão não se aplica apenas aos novatos. Jake Dreyer é conhecido dos fãs, seja pelo Iced Earth ou pela passagem no White Wizzard, e dispensa apresentações. Seu ex-colega de White Wizzard, o vocalista Joseph Michael, também não é um novato, o que garante um olhar único sobre as questões mais 'cascudas' que envolvem o mundo do showbiz. Nessa conversa, a dupla fala sobre música e superação de dificuldades, tudo embalado pela música de seu novo álbum, *A Prellude to Sorrow*.

Esta é a primeira vez que temos o Witherfall nas nossas páginas, então, o que podem nos contar sobre o surgimento do grupo?

Jake Dreyer: Bem, eu e Joseph (Michael, vocalista) já nos conhecíamos há algum tempo, tocávamos em uma banda de Los Angeles (N.R.: White Wizzard), e também acabamos saindo daquela banda na mesma época. Se eu me lembro corretamente, era o ano de 2013 e nós estávamos em turnê pela Europa, mas aquilo estava sendo absolutamente terrível. No entanto, Joseph e eu compartilhávamos de uma mesma paixão e, desde o nosso primeiro contato, percebemos que ambos éramos fanáticos pelas músicas do King Diamond e pelas composições típicas do metal que hoje consideramos clássico. Quando estávamos passando pelo sul da Inglaterra com a banda, decidimos que montaríamos a nossa, e pensamos que queríamos algo que fosse como o Queen. Quer dizer, algo sem um estilo muito definido, sem limites ou barreiras. Enfim, uma banda na qual pudéssemos trabalhar em qualquer música que decidíssemos fazer, sem pressão alguma pela busca de uma fórmula ou estilo. Chegando em casa, era só descansar e tirar os planos do papel.

Certo, vocês tinham um nome no cenário metal, já não eram desconhecidos, mas o Witherfall era completamente novo. Qual foi o primeiro grande desafio que enfrentaram com a banda?

Jake: Certamente foi a necessidade de 'adquirir' turnês, sabe? Eu não sei se os fãs têm a real noção de como as coisas funcionam por aí, mas tenho certeza que

alguns desconfiam. Bem, deixe-me explicar melhor: quando você está começando uma banda, não é difícil surgir oportunidades de tocar em turnês conjuntas, especialmente quando já tem um nome um pouco conhecido na cena. O problema é que, sendo a sua uma banda novata, o convite para sair em uma turnê conjunta com uma maior geralmente vem acompanhado de uma 'oferta'. É algo meio que 'ah, vocês têm uma ótima banda aqui, soa muito bem, gostaríamos muito de sair em turnê com vocês; então, se puderem nos adiantar uns cinco mil dólares, podemos ajeitar as coisas para acontecer.' Então, essa é a razão de você não ouvir falar sobre muitas turnês do Witherfall, simplesmente porque não aceitamos a oferta para 'comprar' a nossa presença em uma turnê. Se você não aceita fazer isso, fica bem mais complicado conseguir uma turnê.

Joseph Michael: E a situação ainda é pior do que você pensa, pois seria pelos menos algo mais compreensível se estivéssemos falando apenas de bandas profissionais, mas, na maior parte do tempo, eles aceitam qualquer um desde que tenha o dinheiro na mão. Qualquer banda local que começou ontem, nem ensaiou direito, que nem tem um repertório próprio, acaba conseguindo sair em turnê e fechar um pacote de shows simplesmente porque o papai tem dinheiro e pode bancar a apresentação. Você vê isso todos os dias. Quando vê a programação de uma turnê e verifica que tem lá uma banda que nunca ouviu falar, eles compraram o seu espaço. É assim. Nós não aceitamos isso, é ofensivo, degradante e não aceitamos que seja dessa forma.

Então, o que vocês fazem para superar esse obstáculo e seguir adiante?

Jake: Bem, como você pode imaginar, não é uma situação fácil de driblar. Na verdade, é bem complicado. O que fazemos é nos preparar, ficar de olho no que está rolando e se manter pronto para agir. E, claro, ter essa atitude que nós temos é também visto como uma atitude de caráter por muitas outras bandas e demais envolvidos com a cena musical. Nós não aceitamos participar desse jogo degradante do 'quem tem mais dinheiro toca mais'. Cada porta que se fecha hoje para nós abre os olhos de alguém que pode nos ajudar, que se importa realmente com a nossa música. Com uma atitude simples, vamos ganhando o 'status' de banda profissional perante os olhos daqueles que estão nesse mundo há muito mais tempo, e isso é muito importante. Nós recusamos pagar para tocar, e isso faz com que apareçam ofertas mais sérias e dignas para a nossa banda.

Joseph: Exatamente. Não é como se todas as portas se fechassem ao mesmo tempo, também existe gente séria nesse mundo. Tocamos no Japão com o Kamelot, na Europa com o Sonata Arctica, e não compramos a nossa participação nessas turnês, nós fomos convidados. Se você vende muitos discos e ingressos, isso acaba se viabilizando também, é uma questão complicada de se pensar. Como tudo na indústria musical hoje em dia, é assim que as coisas são.

É um jeito diferente de fazer as coisas funcionarem.

Joseph: Sim, e também muda de companhia para companhia. Veja, a venda de discos e o agendamento de shows são geralmente assuntos lidados por grupos diferentes da companhia, pois precisam de outra abordagem, organização e modo de operação. Mas a banda precisa fazer um bom show, isso nunca muda. Você tem

A PRELUDE TO SORROW
CENTURY MEDIA - IMP.

que ser capaz de levantar o público, de emocionar a audiência. Foi assim desde que a música era tocada por bardos em vilarejos, nas câmaras renascentistas, com os Beatles e é assim hoje. Nunca acredite no que muitas bocas estão dizendo, a indústria musical não está morrendo. O negócio de algumas pessoas está morrendo, alguns não se adaptam e somem, mas a indústria musical continua existindo.

Jake: Também vejo dessa forma. Aliás, se eu precisasse dar um conselho para as bandas que estão começando e que, porventura, estejam lendo essa entrevista é: não desistam, mas não fiquem parados esperando tudo acontecer. Não paguem para conseguir shows, invistam esse dinheiro na busca de um show que as pessoas queiram pagar para ver. Busquem o profissionalismo, esse é o caminho hoje em dia!

Certo, e quanto à sua busca por uma banda livre de amarras musicais, você vê que conquistaram esse objetivo?

Joseph: Sim, e é até engraçado, pois no primeiro álbum (N.R: *Nocturnes and Requiems*, 2017) muitas pessoas viram a capa e pensaram que éramos uma banda de death metal melódico (risos). Depois viram que a capa era de Chris "Zeuss" e pensaram que éramos black metal; o título parecia algo gótico e, na verdade, não estamos muito para nenhum desses lados.

Jake: Talvez tenhamos um pouco disso tudo, principalmente do gótico. Não estritamente no sentido musical, mas tem um pouco do sentimento da música gótica na forma como compomos e organizamos, e, claro, existe uma tristeza ali que não é escondida. Claro, não é nada como o Bauhaus, não é isso que quero dizer, mas tem um pé no sentimento do gótico, e sou muito fã do Type O Negative, que tem um lado gótico bem forte.

É fácil compreender de onde vem parte dessa tristeza que emana das músicas.

Jake: Sim. Primeiro, no *Nocturnes and Requiems* nós trabalhamos em um conceito lírico que não faz dele exatamente um disco conceitual, não nos termos do que é o *Operation: Mindcrime* (Queensrÿche, 1988), por exemplo. É mais como uma ideia que se passa na mente de uma única pessoa, uma série de imagens e de sonhos que tem certa distopia. E a coisa foi evoluindo em seguida.

Joseph: A coisa foi ficando séria, pois o nosso baterista, Adam Sagan, estava morrendo durante o processo de composição das músicas. (N.R.: Adam faleceu em 7 de dezembro de 2016, vítima de um linfoma). Com isso, o nosso novo álbum, *A Prelude to Sorrow*, ganhou uma textura muito mais lúgubre, densa e triste. E, sim, desta vez eu diria que temos um álbum conceitual. Ele é dedicado à memória do nosso amigo, é uma homenagem para ele.

E quanto às incursões de música espanhola, quem no Witherfall é o fã de castanholas e da dança do xale?

Jake: Acho que tenho que tomar essa culpa para mim (rindo muito). Cara, o que posso dizer, eu realmente amo muito essa coisa que é meio latina e meio cigana que a música espanhola tem, principalmente quando se fala de guitarra espanhola, poucas coisas são tão bonitas. Sou muito fã de Paco de Lucía, Carlos Montoya e Al Di Meola, e penso que a guitarra do flamenco cai muito bem no heavy metal.

Concordo.

Jake: Sim, até porque o seu sobrenome é tão latino quanto o meu (risos gerais). Mas, é lindo e cai bem com a nossa música; então, por que não deveríamos tentar? Bem, começamos a banda para poder fazer essas coisas. Então, acho que estamos conquistando o que queríamos.

David Ellefson e Frank Bello tiveram a ideia do projeto em 2010, quando fizeram clínicas de baixo para a marca de amplificadores Hartke

BAIXISTAS NO COMANDO

DAVE ELLEFSON FALA SOBRE SEU PROJETO COM FRANK BELLO, O DISCO NOVO, OS CONVIDADOS E, CLARO, SOBRE O MEGADETH

POR STEVEN ROSEN

Altitudes & Attitude é uma banda que reúne dois consagrados baixistas, Dave Ellefson (Megadeth) e Frank Bello (Anthrax). O projeto teve início nas clínicas que ambos fizeram na época da Big 4 Tour. "Tudo começou quando sugeri a Frank que gravássemos algumas 'backing tracks' para as clínicas que fizemos pela Europa", diz Ellefson. "Depois de gravarmos umas três músicas, *Here Again* estava pronta. Éramos nós compondo 'backing tracks' que acabaram se tornando um repertório novo... Esse foi o começo do disco. Nós resolvemos seguir em frente, fazer mais algumas músicas e ver o que acontecia." O resultado foi o disco *Get it Out*, que não só mostra um lado mais melódico dos baixistas, mas também a estreia de Frank Bello como vocalista. A música da dupla está muito longe da sonoridade que ambos criaram em suas bandas mais famosas. Um disco repleto de peso e riffs de contrabaixo seria muito previsível. Dave explica: "O bom de trabalhar com Frank é que eu posso criar linhas no baixo porque, como somos dois baixistas, o entendimento fica muito mais fácil. Ao mesmo tempo, pude apresentar diferentes ideias de letras e linhas harmônicas mais simples." Nessa conversa, Ellefson fala sobre a criação de *Get It Out*, sobre Ace Frehley e sobre o Megadeth.

Então, foi assim que tudo começou...

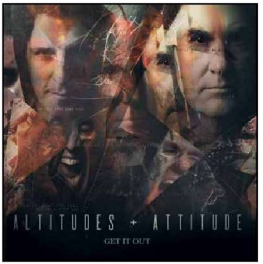
Dave Ellefson: Exato. Depois Frank me mostrou *Tell the World* e *Booze and Cigarettes* e eu adorei as duas. Ele estava meio hesitante porque era a primeira vez que apresentava algo como vocalista. Porque é aquela história: se você não gostar do timbre do meu baixo eu posso mudar. Mas se você não gostar da minha voz não há muito que eu possa fazer a respeito.

E o que você achou quando ouviu a voz dele pela primeira vez?

Dave: Assim que ouvi falei: 'Você tem uma voz incrível!' E as músicas soavam muito bem na voz dele, porque ele estava praticamente narrando o que tinha escrito e tudo casava muito bem com as estruturas de acordes que tinha criado. Eram melodias muito fáceis de assimilar.

Foi a partir daí que vocês definiram a linha que o trabalho deveria seguir?

Dave: Sim, eu adorei aquelas músicas. E foi por isso que resolvemos lançar o EP com três músicas (em 2014). Aí foi o início de tudo e que acabou culminando no disco.



GET IT OUT

MEGAFORCE · IMP.

Como foram as sessões de gravação?

Dave: Tivemos umas quatro ou cinco sessões apenas. Frank trouxe algumas músicas, como *Late*, *Cold* e *Slip*. Algumas nós trabalhamos juntos, como *Get it Out* e *Out Here*. E *Leviathan* partiu de um riff de baixo que eu tinha pensado para o Megadeth.

Ela nunca chegou a ser usada?

Dave: Eu estava pensando em algo na linha de *Dawn Patrol* (N.T.: música de Ellefson que está em *Rust in Peace*, de 1990), mas acho que não tinha a ver com o disco que estávamos fazendo (risos). Mas como eu gostei do riff, guardei para usar em algum outro trabalho. Então, Frank gostou e eu achei perfeito para um disco que teria dois baixistas. Para completar, chamamos Satchel (guitarrista do Steel Panther, ex-Fight) e ele fez um excelente trabalho, levou a música a outro nível.

Você disse que a música não foi aproveitada pelo Megadeth, mas, pelo que consta, se Dave Mustaine estivesse em outro estado de espírito ela poderia ter funcionado, não é mesmo?

Dave: (rindo) Exatamente.

Porém, imagino que o material do Altitudes & Attitude não funcionaria no Megadeth. Você concorda?

Dave: No thrash metal, a maior parte das músicas é escrita a partir de um riff. Começa com o riff, depois surge a linha vocal e em seguida parte-se para o complemento. É uma técnica muito específica. E acredito que Frank e eu, por assim dizer, nos liberamos dessa fórmula. Nós trabalhamos de uma forma muito mais aberta em termos de letras e de linhas vocais. Aquilo que normalmente fica em segundo plano veio para a frente nesse disco.

Você inclusive usou baixo de oito cordas nesse disco.

Dave: Creio que isso foi influência direta de Tom Petersson (Cheap Trick). Eu tenho um Hamer de doze cordas, mas o braço está empenado então pedi para Frank conseguir um com a ESP. Eles mandaram, eu testei e imediatamente peguei meu cartão de crédito, liguei para eles e comprei. Eu adoro quando testo um instrumento e dá aquela sensação de 'oh, meu deus, eu preciso ter isso!'

Você coleciona baixos?

Dave: Não sou um nerd dos equipamentos, nem um colecionador de instrumentos vintage. Eu compro aquilo que pode me ajudar a fazer minha música, pouco importa se são caros ou baratos. Não ligo pra isso. Se aquele instrumento tem a música em si, eu quero para mim.

Quais músicas você gravou com o baixo de oito cordas?

Dave: O início de *Out Here* sou eu tocando o ESP de oito cordas. Também uso em *Leviathan* e em *Part of Me*. Os licks de *Here Again* somos eu e Frank usando instrumentos de oito cordas. Nesse caso, foi um Jackson porque eu me dei conta que, caso um dia toquemos isso ao vivo, precisaria de um instrumento deles. Foi a Jackson que me forneceu meu primeiro baixo de dez cordas.

A sonoridade do seu baixo no Altitudes & Attitude é completamente diferente de como você soa no Megadeth.

Dave: A sonoridade que eu preciso no Megadeth jamais cairia bem no Altitudes & Attitude. Aqui eu preciso de um som muito mais orgânico.

Você diria que seu som no Megadeth é mais pesado? Ou mais distorcido?

Dave: Meu timbre é bem limpo e eu sempre preferi tocar assim. Não importa se estou tocando com palheta ou com os dedos, é assim que prefiro soar. Não sou o tipo de músico que gosta de um monte de efeitos no som. Esse não é meu estilo. No Megadeth tudo é envolto em alta performance e tem muita nitidez. Temos guitarras plugadas em Marshalls e um som bem robusto de bateria, então há um espaço bem próprio em que eu tenho que colocar o meu baixo.

A propósito, o som de bateria em *Get it Out* também é bastante diferente do Megadeth.

Dave: A bateria ficou bem orgânica. Você fica com a sensação de que está sentado na frente de Jeff Friedl quando nossa música toca. E era assim que queríamos que o disco soasse – como se o ouvinte estivesse na mesma sala em que estamos tocando.

O disco foi produzido por Jay Ruston (Stone Sour, Anthrax). Vocês o esco-

lheram pelo trabalho que ele fez com o Anthrax?

Dave: Frank conheceu Jay através do Anthrax – e Jay também é baixista! Só que ele é canhoto, então no estúdio havia vários instrumentos dele que se mostraram absolutamente inúteis pra mim e pra Frank... (risos) De todo modo, éramos três baixistas trabalhando juntos. Nós levamos o material para o estúdio, fizemos faixas guia com metrônomo no Pro Tools e Jeff gravou a bateria. Depois, cada um de nós registrou sua parte.

Então vocês não gravaram ao vivo, com todos tocando juntos no estúdio?

Dave: Bem no início chegamos a fazer alguns takes assim. Alguns deles ficaram no disco, mas a maior parte acabou recebendo overdubs – uma mudança no baixo, outra na guitarra ali...

E vocês convidaram Ace Frehley para gravar o solo na faixa *Late*. Você é fã do Kiss?

Dave: Ace foi um herói da minha infância e hoje é um bom amigo. Em *Late*, houve um momento em que nós demos uma parada, Frank, Jay e eu nos olhamos e Frank disse: 'Cara, sabe quem seria perfeito para gravar esse solo? Ace Frehley!' Nós respondemos juntos: 'Claro! Ele seria ótimo!' Aí, Jay falou: 'Eu tenho o número dele. Vou dar uma ligada pro Ace.' Ele topou e assim foi.

Vocês têm outro guitarrista convidado no disco.

Dave: Miki Black tocou uma parte desse solo, o que deu um contraponto interessante. Ela também gravou alguns backing vocals e, por ser mulher, incluiu algumas harmonias bem altas e limpas.

Quem mais?

Dave: Também chamamos Nita Strauss para tocar e ela encara todos os marmanjos! Ela gravou um tremendo solo! Teve Satchel, que eu já citei. Gus G tocou em *Here Again* e também teve Christian Martucci, do Stone Sour. Eu adoro guitarristas como Christian que não só sabem solar muito bem, mas também contribuem com bases e licks. Isso dá um outro brilho à música.

Christian também colaborou nos arranjos?

Dave: Era exatamente o que a gente precisava, alguém que tivesse o talento de acrescentar certos detalhes às músicas. Eu nem tenho palavras pra elogiar e agradecer o suficiente o que ele fez por nós. O ouvido apurado e a sensibilidade dele fizeram toda diferença.

Vocês têm planos de cair na estrada?

Dave: Sim! Vamos cumprir algumas datas nos EUA e depois partimos pra Europa fazer uns shows com Slash.

Quem está na banda?

Dave: Conforme a tour vai andando, a banda vai mudando (risos). Claro que eu e Frank estamos nela, e quando estivermos na costa leste dos EUA vamos ter Bumblefoot na guitarra e Christian Lawrence na bateria. No Shiprocked Cruise iremos com Bumblefoot e John Tempesta na bateria. Já na Europa teremos Joe Babiak na bateria e Andrea Martongelli na guitarra, que me foi apresentado por Kiko Loureiro.

Vocês pretendem abrir shows do Megadeth?

Dave: Não, isso não deve acontecer...

Era uma brincadeira... Você sabe se Dave Mustaine ouviu a música de vocês?

Dave: Não, acho que ele não chegou a ouvir. Para ser franco, nós separamos bem as coisas e no momento estamos 100% concentrados no novo disco do Megadeth.

NO THRASH METAL, A MAIOR PARTE DAS MÚSICAS É ESCRITA A PARTIR DE UM RIFF. (...) É UMA TÉCNICA MUITO ESPECÍFICA. E ACREDITO QUE FRANK E EU, POR ASSIM DIZER, NOS LIBERAMOS DESSA FÓRMULA

Em que pé está o trabalho com o novo disco?

Dave: Ficamos boa parte do ano passado compondo. Nós resgatamos alguns riffs e ideias que estavam guardados desde que fizemos *Dystopia* (2016). Então, em 2018 cada um de nós ficou resgatando esse material e tendo ideias novas. Agora estamos na fase de cada um registrar suas partes e partir para a gravação do disco.

Vai ser o segundo disco com Kiko Loureiro e Scott Adler?

Dave: O segundo com Kiko e o primeiro com Dirk Verbeuren na bateria.

Para terminar, algumas perguntas pessoais: qual instrumento você não sabe tocar mas gostaria?

Dave: Hmm, provavelmente ukulele.

Qual o primeiro disco que você comprou?

Dave: *Not Fragile*, do Bachman-Turner Overdrive. Ótima banda.

Qual música você gostaria de ter composto?

Dave: *Shout It Out Loud*, do Kiss.

Se você tivesse a oportunidade de ter uma aula de baixo com qualquer baixista, quem escolheria?

Dave: Stanley Clarke.

Você chegou a conhecê-lo?

Dave: Não, nunca nos encontramos. Estivemos juntos num evento da Bass Player Magazine, mas não tive oportunidade de conversar com ele. Ele parecia estar muito ocupado, tinha um monte de gente em volta dele o tempo todo. Mas é um dos meus favoritos. *School Days* (1976) é uma das minhas maiores inspirações, eu ouvi direto esse disco durante a tour de *Peace Sells... but Who's Buying?* (1986) até porque Chris Poland (guitarra) também era um grande fã dele.

Stanley Clarke não parece ser o tipo de baixista que interessaria a você.

Dave: Mas eu fui muito influenciado por seu timbre e seu estilo quando começamos a fazer *So Far, So Good... So What!*

Você pode montar uma banda dos sonhos para tocar. Quem faria parte dela?

Dave: Hmm, provavelmente eu e Slash. Baterista? Steven Adler. Ia ser divertido tocar com ele. E Rob Halford.

Tecladista?

Dave: Sim, estou pensando em alguém. Já sei: Ken Hensley, do Uriah Heep.

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

Miami/Ft Lauderdale, FL – Cozumel, Mexico
January 7 – 11, 2020

Get Ready for #ROUNDX

THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com
Tel.: +1 305 777 4878

GUERREIROS DO SUBMUNDO

MITOLOGIA NÓRDICA, MÚSICA ÉPICA E ATMOSFERAS OBSCURAS NO NOVO ÁLBUM DA BANDA FAROESA

POR VALTEMIR AMLER

Em 2013, o Týr, principal nome da cena metálica das Ilhas Faroe lançou *Valkyrja*, um álbum que trazia uma temática ainda muito voltada para a tradição nórdica, mas que se diferia de seus antecessores por conta de temas mais otimistas e, digamos, felizes. O tempo passou e, cerca de seis anos depois, a banda retorna com *Hel*, um trabalho que, conforme o nome indica, é mais denso, pesado e obscuro do que o seu antecessor. Segundo o líder, vocalista e guitarrista Heri Joensen, o resultado foi planejado e era o intuito desde o princípio. E, convenhamos, o grupo conseguiu entregar o que se propunha, mesmo com as transformações na formação, as turnês, e tudo o que aconteceu neste período. Em um álbum que não apresenta uma única temática, mas uma atmosfera interligada em todas as composições, o Týr voltou a atingir o seu auge, e Joensen nos ofereceu os pormenores de como todo esse processo aconteceu.

O Týr acaba de lançar o novo álbum, *Hel*. Bem, o último de vocês ganhou o título *Valkyrja* (2013), e *Hel* é meio que o outro lado da moeda. Existe uma conexão entre os dois álbuns?

Heri Joensen: Eu diria que não existe uma conexão direta entre a temática dos dois álbuns, mas, de alguma maneira, a temática de *Valkyrja* foi uma grande influência para o que fizemos em *Hel*. Quer dizer, não é que a história continue aqui ou algo assim, mas nós queríamos uma que fosse menos alegre do que aquela que apresentamos em nosso trabalho anterior. Como você disse, é o outro lado da moeda. Então, essa seria a única conexão direta entre os dois discos, quando falamos unicamente deles. Porém, se analisarmos sob um campo maior, existem algumas conexões com o que o Týr é enquanto banda. Existe sempre esta conexão lírica com o passado e as lendas nórdicas, e, na música, nós também sempre buscamos um ponto de conexão com a tradição musical de nossos antepassados. Resumidamente, não existe uma conexão estreita entre os álbuns, mas existe algo que os conecta, que liga a tudo aquilo que fazemos sob o nome Týr.

O título *Hel* pode assumir diferentes sentidos e proporções na tradição nórdica. Então, eu estava pensando, qual foi o intuito principal de vocês ao darem este nome para o novo álbum?

Heri: Bem, nos reunimos para discutir isso. Acho que fazia um ano ou um ano e meio apenas que tínhamos lançado *Valkyrja*, e começamos a olhar as possibilidades que tínhamos para nomear o nosso próximo álbum, e, assim, acabamos decidindo por *Hel*. Como você sabe, *Hel* é uma deusa nórdica, uma figura feminina extremamente poderosa. Como tínhamos a representação de uma valquíria no álbum anterior, pensamos em ter este contraste no novo álbum, queríamos que Hel aparecesse na capa de nosso novo álbum. Como você pode ver, isso acabou não acontecendo (risos). A deusa não aparece na capa de *Hel*, o que era o nosso plano original. Mantivemos o título, de qualquer modo.

Então *Hel*, que aparece no título, se refere à deusa e não ao mundo de mesmo nome?

Heri: Na verdade, conforme fomos avançando na ideia para este álbum, as coisas foram tomando proporções muito maiores, então eu diria que são ambas as coisas. Para este álbum, *Hel* é indistinguível, é a deusa, mas também é o mundo que ela governa.

Certo, mas como vocês criaram a parte lírica? Existem canções que versam especificamente sobre uma ou outra coisa, ou não há uma conexão tão exata com aquilo que aparece no título?

Heri: Essa é uma coisa curiosa para se perceber. Se você olhar com bastante atenção para o conjunto todo das letras, perceberá que 'Hel' não é mencionado nas músicas. Isso acontece porque não existe uma história sendo contada nas letras, algo que fizemos no anterior, mas que não repetimos. 'Hel' é mais como uma atmosfera que cerca todos os tópicos que abordamos: um sentimento, uma vibração, por assim dizer. A deusa Hel não aparece na nossa capa, como disse antes,

Attila Vörös, Tadeusz Rieckmann, Heri Joensen e Gunnar Thomsen: visão sombria do submundo nórdico em *Hel*

mas o mundo Hel está lá retratado, com muitos dos seus elementos, personagens na capa, e essa é a única referência mais direta que fazemos. Desculpe, eu também usei a palavra no título de uma canção, *Gates To Hel*, mas neste caso também se refere ao mundo e não à deusa.

E musicalmente, como se desenvolveu o processo que culminou em *Hel*?

Heri: Acho que a primeira ideia que tive foi para *Garmr*, a quarta música do álbum (N.R: ele hesita por alguns segundos). Na verdade, acho que as primeiras ideias que eu trabalhei neste novo álbum foram as baladas: *Ragnars Kvæði* e *Álvur Kongur*. Sim, é isso mesmo... A primeira ideia que tive foi para o refrão de *Álvur Kongur*, que é a música que encerra o disco.

Ela é a música mais longa deste novo álbum, inclusive.

Heri: Sim, a mais longa, e também aquela em que nos esforçamos para trazer a ideia de algo épico com mais força. Ela foi a primeira ideia, e pelo que me lembro, foi algo que veio até minha mente longos anos atrás.

Isso é interessante, pois eu jamais diria que esta seria a primeira composição do disco, pois musicalmente é bem diferente das demais.

Heri: Realmente, a composição em si é bem diferente das demais. O arranjo das melodias e harmonias do refrão foi a primeira coisa que eu realmente fiz, e confesso que naquele momento, ao arranjar o refrão, aquilo não me deu muitas pistas sobre a direção que a música seguiria, o que é estranho, por assim dizer. Nós fomos fazendo os demais arranjos ao longo do tempo, foi um processo longo, em que fomos transformando aquela música em algo mais pesado, mais épico, mais climático, mais obscuro... E esse foi o clima que começamos a buscar para as demais canções que foram surgindo ao longo do processo. Na verdade, esse é o trabalho que eu e Gunnar (Thomsen, baixista) estivemos desenvolvendo ao longo dos dois últimos anos. Então, você percebeu muito bem, o conceito musical de *Hel* estava absolutamente em aberto quando trabalhei aquela primeira ideia que tive para o álbum.

Acabou sendo um processo de composição bastante longo, concorda?

Heri: Sim, não posso discordar, mas também precisamos lembrar que houve outras coisas nesse tempo que interromperam o processo. Não é como se tivéssemos dedicado todo este tempo exclusivamente para a criação das músicas. Bem, você sabe como funciona, pois quando está um longo tempo sem lançar um álbum, você ainda precisa pagar as suas contas, então você sai para turnês, essas coisas. Depois, ainda tem o tempo de gravação, a mixagem, todas essas coisas. Pois é, foi um tempo bem longo, mas espero que nossos fãs estejam tão satisfeitos quanto nós, pois *Hel* finalmente está aí.

Isto soou meio ameaçador, sabe?

Heri: (rindo muito) Não, não Hel a deusa, o nosso novo álbum finalmente está aí, nada de caos por enquanto (risos).

Bom, pelo que disse antes, vocês não costumam compor quando estão na estrada, certo?

Heri: Não, na verdade gostamos de ter algumas ideias quando estamos em turnê. Sendo sincero com você, desta vez eu até gravei algumas coisas enquanto estávamos em turnê. Eu gravei algumas linhas de baixo, gravei alguns solos, quer dizer, uma boa parte desse novo álbum foi composta na estrada, alguns anos atrás, quando fizemos uma turnê pelos Estados Unidos com o Children Of Bodom. O que quis dizer é que é tudo uma questão de circunstâncias. Se eu encontrar o momento certo, a circunstância certa, pode ter certeza que eu vou aproveitar para escrever novas músicas. Mas, o caso é que nem sempre isso acontece quando existem outras distrações, outras coisas que exigem a sua atenção e interrompem o que você está fazendo.

HEL
METAL BLADE - IMP

Interessante isso. Então, como funcionaram as gravações?

Heri: Desta vez tomamos toda a responsabilidade para nós mesmos, e gravamos todos os instrumentos no nosso próprio estúdio. Tudo, exceto a bateria, claro. Bem, eu gravei os vocais, guitarra e baixo, Terji (Skibenæs, ex-guitarrista) gravou suas próprias linhas de guitarra, e a bateria, o que posso dizer? Sabe, há muitos anos, nós nos preocupávamos com a coisa de encontrar um estúdio, o que poderiam nos oferecer, essas coisas de sempre. Então, um dia encontramos Jacob Hansen, e nunca mais nos preocupamos com isso, fazemos tudo com ele desde então (risos). A bateria foi gravada no Hansen Studio (DIN), e então mandamos todo o restante do material para ele mixar. Ele é incrível, e nunca sequer consideramos uma segunda opção.

Menos estresse, e mais resultado, certo?

Heri: Sim, exatamente! Sabe, eu não gosto muito de trabalhar em estúdio, pode ser muito estressante, rola muita pressão. Mas acho que encontramos o nosso jeito ideal, para garantir um bom resultado sem nos esgotar demais, e isso é algo muito importante, pois depois do álbum estar lançado, todo o processo recomeça, nunca é um final. Pelo menos é assim que vejo as coisas. Então, nós esperem, Brasil, pois em breve estaremos aí para levar 'Hel' até vocês (risos).

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO
ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIROROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW

Motörhead: primeira passagem pelo Brasil não foi exatamente tranquila...

LEMMY: A PRIMEIRA VEZ

É inevitável quando fazemos uma edição como esta que você tem em mãos que comecemos a nos lembrar do que vivemos na época retratada no especial. 1989 foi meu último ano na revista Metal (ela encerraria atividades ainda naquele ano), mas ainda houve tempo para uma cobertura que eu considero mais que especial: a vinda do Motörhead ao Brasil, quando falei com Lemmy pela primeira vez (estive com ele em outras duas oportunidades depois disso). Praticamente colei na banda durante sua estada por aqui. Que foi pra lá de atribulada...

No primeiro show, no dia 11 de março, um sábado, o equipamento demorou a chegar ao Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, e o atraso foi monumental – Vodu e Viper fizeram longos sets de abertura. Mesmo com o som funcionando de forma sofrível, o set foi até o fim. No dia seguinte, porém, não teve jeito. Algum problema que ninguém conseguiu explicar deixou tudo ainda pior, fazendo com que o quarteto (era a fase com Phil Campbell e Würzel nas guitarras) saísse de cena após poucas músicas. Foi agendada outra apresentação para oito dias depois, dessa vez na extinta casa Projeto SP.

E nesse dia, 20 de março, finalmente consegui entrevistar Lemmy, poucas horas antes do show – e debaixo de considerável pressão do tour manager da banda: "Você tem dez minutos. Só dez minutos!" Vamos falar sério: a figura do homem intimidava. Grandalhão, nada de sorrisos, pra completar interrompeu sua leitura para me atender. Colocou o livro aberto na mesa, capa para cima pra não perder a página. Deu pra ver o que estava lendo: "Jaws", que inspirou Spielberg a fazer o aterrorizante filme "Tubarão". Nada mais sintomático.

A entrevista transcorreu sem maiores problemas, com Philthy "Animal" Taylor também respondendo algumas perguntas e brincando bastante. Já Lemmy, depois de dizer que curtia Beethoven, Abba, MC5 e Eddie Cochran, arrematou: "Não importa a categorização, mas se você gosta do que ouve. Tanto faz o estilo, ou você gosta de uma banda ou não gosta."

O show não passou sem problemas de som – em vários momentos sumia tudo, ficavam só voz e baixo –, o que fez com que fosse abreviado. Mas deu pra Lemmy & Cia. mandarem o recado.

Pensam que os problemas acabaram? No dia seguinte, em Cumbica, banda pronta pra embarcar e o piloto de um avião cargueiro errou a pista e dizimou uma favela que existia ali nas proximidades. Resultado: horas e mais horas de espera até liberarem o aeroporto.

Ainda bem que o Motörhead não se deixou levar pela primeira impressão e voltou várias vezes ao Brasil...

BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL
LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR

1989 FOI REALMENTE LOUCO OU EU É QUE FUI?

Dos 48 anos que tenho já vivi muitos anos estranhos na música. 1989 certamente é um dos mais estranhos. Se não for o mais. Explico o porquê. Parece bocó definir que era o final dos anos alucinados, incríveis, cafonas e maravilhosos anos 1980 e ainda não sabíamos o que viria atrás da porta de 1990 que se aproximava.

Bom, se soubéssemos que na virada, logo em março, o caçador de marajás Fernando Collor de Mello faria aquela lambança, provavelmente metade de nossas famílias teriam buscado asilo fora e estaríamos debatendo em espanhol ou inglês. Mas estou divagando e volto ao que interessa, à música.

Logo na virada de 1990 tivemos o segundo Hollywood Rock e em abril tivemos um Beatle pela primeira vez no país, Paul no Maracanã. Abrimos de vez as portas para as turnês internacionais. Mas o caminho até isso é que foi estranho.

Vínhamos de uma onda pop extrema. Não tinha ainda MTV (que só estreou no final de 90), a onda do rock brasileiro tinha passado, obviamente não tinha música sob demanda da internet e restava a rádio, que era dominada pelo pop em primeiro, segundo, terceiro e até o nonagésimo lugar. Como era o que tinha, acabávamos consumindo. Mesmo involuntariamente. Tanto que dei uma pesquisada nos hits do ano e sei cantar (ou assobiar a melodia) de praticamente todos os sucessos. Richard Marx, Milli Vanilli, Madonna, Simply Red, B52's, Phil Collins, Kaoma, Debbie Gibson, Tears for Fears e o ícone Technotronic com *Pump up the Jam*, que virou 'popero' no Brasil.

Hoje não faço a menor ideia quando me falam do grupo sertanejo ou funk mais tocado do momento. Ou por outra, faço a mesma cara que meu pai fazia quando eu falava do Celtic Frost. Só que os dois exemplos não formam analogia, pois estão em opostos extremos.

Piorou a música ou piorou o pop? Pela lista de discos de rock desse ano eu diria (e é uma opinião pessoal) que o rock progrediu. Mesmo.

Acho que minhas grandes descobertas em 1989 foram Skid Row e Faith no More. Ouvia o *Brain Drain*, do Ramones. Os grandes shows do ano a que fui foram Metallica e Motörhead. Nessa toada, lembro de ter ido aos shows do A-Ha (que lotava estádios aqui e tocou no então Parque Antarctica) e da Legião Urbana, no mesmo estádio palmeirense. E era o que se tinha.

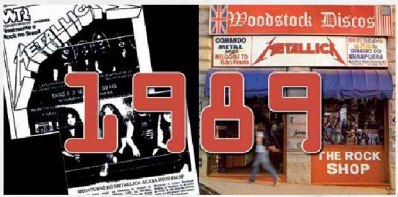
Quem gostava de música foi forçado a quebrar estigmas a fórceps. Admito que desse remédio amargo passei a aceitar mais o pop. Até tinha disco do Rick Astley. Algo inimaginável uns anos antes. Aí fica a pergunta: estranho foi 1989 ou eu?

A LOOK AT METAL

POR CLAUDIO VICENTIN
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR DA REVISTA ROADIE CREW

CAMPO DE BATALHA

POR RICARDO BATALHA
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE DA REVISTA ROADIE CREW



DÉCADA DE MUITAS DESCOBERTAS

Ver o show do Queen no Brasil, em 1981, pela TV foi o começo de tudo. Depois teve Kiss em 1983, mas eu também não estava no show. Pude ver a montagem do palco através do ginásio de esportes do São Paulo F.C., em um jogo do Banespa, time de futebol de salão que eu atuava, contra o meu tricolor paulista. Então, vem janeiro de 1985 e a primeira edição do Rock In Rio. Nesse momento, não só eu, mas toda uma geração passou a escutar heavy metal com dedicação total.

Eu escutava muito Queen, Iron Maiden, Aerosmith, Queensrÿche, Van Halen, Def Leppard, Motörhead, Kiss, Judas Priest, AC/DC, Accept, King Diamond, Black Sabbath, Helloween, Whitesnake, Dio, Led Zeppelin, Supertramp, Rush, Pink Floyd etc.

Mas o ponto é que certo domingo, escutando o programa de rádio Sessão Rockambole pela 97FM, comandado pelo radialista Beto Peninha, o "Capitão de Aço", logo na introdução ele solta o riff de *Seek & Destroy*, do Metallica. O impacto foi enorme e eu poderia escutar aquele riff por horas, sem parar. A música acabou, mas onde eu poderia escutar aquilo de novo? Apenas esperando o próximo domingo.

A partir daquele momento entrei de cabeça no thrash metal. Mas nunca deixando de escutar de tudo dentro do metal. Aliás, essa é uma característica que mantenho até hoje. Mas o thrash metal me abraçou. Exodus, Anthrax, Overkill, Megadeth, Nuclear Assault, Destruction, Testament, Sepultura, Death Angel, Korzus, Taurus, Slayer e o Metallica.

Chega 1989 e o Metallica, então, desembarca Brasil. Os shows realizados em 6 e 7 de outubro estão muito vivos na minha memória... Cada momento: antes, durante e depois. Recordo-me de acordar naquele dia com muita ansiedade, contanto os minutos para, logo de manhã, encontrar os amigos e rumarmos para o Ginásio do Ibirapuera.

Fiquei na fila por horas e, então, a banda chegou em um micro-ônibus. Saí da fila e corri para ver se conseguia chegar perto dos músicos para uma foto, um autógrafo. Rapidamente, a banda desapareceu na mesma velocidade que o meu lugar na fila. Mesmo assim, lá estava eu próximo da grade assim que a banda começou a executar *Blackened* e todos os outros hinos que faziam parte do set.

Então, nesse período de 1981, com o Queen, ao final de 1989, com o Metallica, posso dizer que foi a fase das descobertas gerais, incluindo a música, claro. Afinal, até o pop nos anos 80 era avassalador. E você? Qual a sua década no metal onde tudo começou? Anos 70, 90, 2000?... Qual o show mais marcante? Envie suas experiências para colocarmos na seção Roadie Mail.

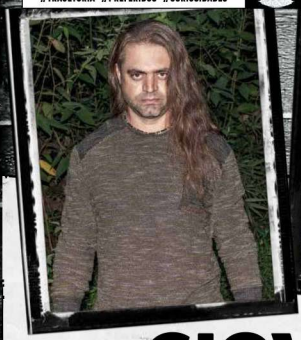
AH, 1989...

Já comentei nesta coluna que a primeira credencial de imprensa que coloquei no pescoço foi justamente em 1989, no show do Motörhead, no Ibirapuera (SP). Pois bem, o tema deste especial serve tanto para reviver memórias como para mostrar às novas gerações o que tivemos de bom (e ruim) no passado. Mas, então, acabei me lembrando de um leitor que certa vez reclamou (e muito), dizendo que não gosta disso porque deixamos de dar espaço para coisas novas com nossos especiais. Discordo (e muito). Não por acaso, muitos destes são recordes de vendagem da ROADIE CREW.

Cada um vê de uma forma, mas é impossível deixar de falar sobre um ano tão frutífero. Tanto é verdade que muitos álbuns acabaram ficando de fora entre os 89 comentados. Realmente deu dó não comentar alguns que, além da memória afetiva, são, de fato, marcantes. Mas não é fácil fazer um panorama geral tendo que englobar estilos variados, para um período tão fértil.

É curioso constatar que escuto sempre várias músicas extraídas destes discos que ficaram de fora, sejam clássicos ou lados B, C ou D. É tanta coisa legal que ficaria chato listar todas. Ainda assim, não é difícil me pegar escutando *Paris Calling* do Shark Island; *Shot Gun Sally*, do Cats In Boots; *Back to You*, do Cry Wolf; ou os discos repletos de groove do Electric Boys ou de Dan Reed Network. E relembrar o clipe de *Bang*, dos russos do Gorky Park, então? Isso porque nem entrarei em detalhes sobre *Nosferatu* (Helstar), os primeiros do XYZ, Phantom Blue e Dangerous Toys, além de *Save Yourself*, do McAuley Schenker Group. Este último, então, quase furei de tanto ouvir, porque curto bastante esta fase do 'guitar hero' alemão. Ah, tem *Dirty, But Well Dressed*, do Beau Nasty, que saiu em vinil no Brasil.

Por uma triste coincidência, a seção Eternal Idols destaca Paul Raymond, ex-UFO e MSG, que, em 1989, estreou solo com *Under the Rising Sun*. São tantas coisas que precisaríamos de duas edições para falar sobre 1989. Não estou aqui dando uma de Airton Diniz na carta do editor. É mais uma constatação e um desabafo de quem viveu plenamente os anos 1980 e curtiu 1989 como se não houvesse amanhã. Faz parte da história e é legal resgatar. Espero que sintam isto lendo esta edição. Ao leitor que vai reclamar, paciência. Será que ele sabe que, entre esta lista dos não comentados, estão discos que marcam a estreia de nomes como Blaze Bayley, James LaBrie e Richie Kotzen, além de bandas como Stratovarius, Meshuggah e até Nirvana? Rock tem história. Vamos celebrá-la!



GIOVANI GOMES

(TUATHA DE DANANN)

POR CLAUDIO VICENTIN

Primeiro disco que você comprou:
"*Scondrel Days* - A-Ha)."

Melhor disco de Heavy Metal:
"*Heaven and Hell* - Black Sabbath."

Último disco que comprou:
"*Nheengatu* - Titãs."

Disco que mudou sua vida:
"*Gothic* - Paradise Lost."

Disco que mais ouviu na vida:
"*Powerslave* - Iron Maiden."

Melhor capa de disco:
"*Arise* - Sepultura."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Qualquer um dos Engenheiros do Hawaii".

Disco que gostaria de ter gravado:
"...*And Justice for All* - Metallica."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Essa é a mais difícil... Sonho ou realidade? Iron Maiden, Helloween, AC/DC e Paradise Lost. Nacional seria Torture Squad, Nervosa, Aneurose e Ventania."

Música que gostaria de ter composto:
"*Orgasmatron* - Motörhead."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Physical Graffiti* - Led Zeppelin."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Keeper of the Seven Keys: Part II* - Helloween."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Icon* - Paradise Lost."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Burn the Sun* - ARK."

Música que mais gosta de tocar:
"*Rhymes Against Humanity* - Tuatha de Danann."

Música que melhor define sua carreira:
"*It's A Long Way to the Top (If You Wanna Rock 'n' Roll)* - AC/DC."

Três hinos do Rock/Metal para você:
"*Painkiller* (Judas Priest), *Flight of Icarus* (Maiden) e *Helter Skelter* (Beatles)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que. Afinal, ela é horrível e você sabe disso.
"*O Amor e o Poder*, da cantora Rosana... Como uma deusa..."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música sua?
"Jethro Tull."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Megadeth, daí já fazia uma dobradinha brazuca com o Kiko Loureiro."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"*Building a Ruin* - Skyclad."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Lenine."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Anathema."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Bateria."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Depende do dia. Hoje foi flashback com *Three Imaginary Boys*, do The Cure."

Além de Rock e Metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Blues, música tradicional irlandesa, MPB, folk tipo Neil Young, sambinha tipo Bezerra... Sou bem eclético, mas minha vida é rock'n'roll."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Astronauta."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Estava em São João del Rey numa ruazinha caminhando com uma amiga. Chegou um policial de moto tipo enquadrando a gente mesmo, tirou o capacete e disse... 'Tá perdido Tuatha, qual a boa?' (risos)."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"...malho o Bolsonaro."

Site:
www.tuathadedanann.art.br
facebook.com/tuathadedanannofficial

NOVO ÁLBUM DO

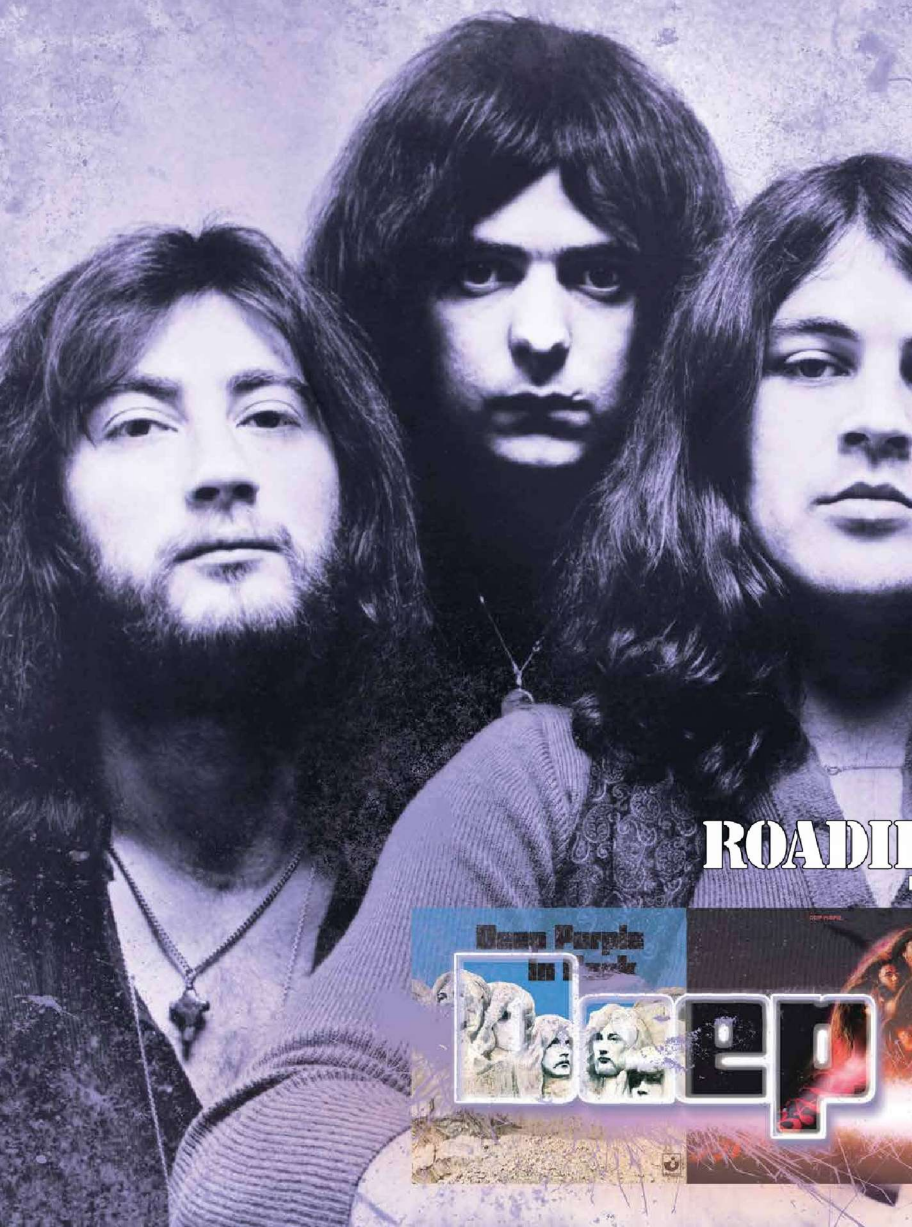
AMON AMARTH

BERSERKER

DISPONÍVEL DIA 3 DE MAIO
EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS!

SONY MUSIC

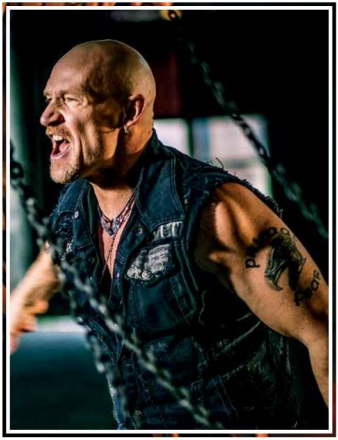
Listen on Apple Music | Spotify | DEEZER


ROADI
Deep Purple
in Rock
ep

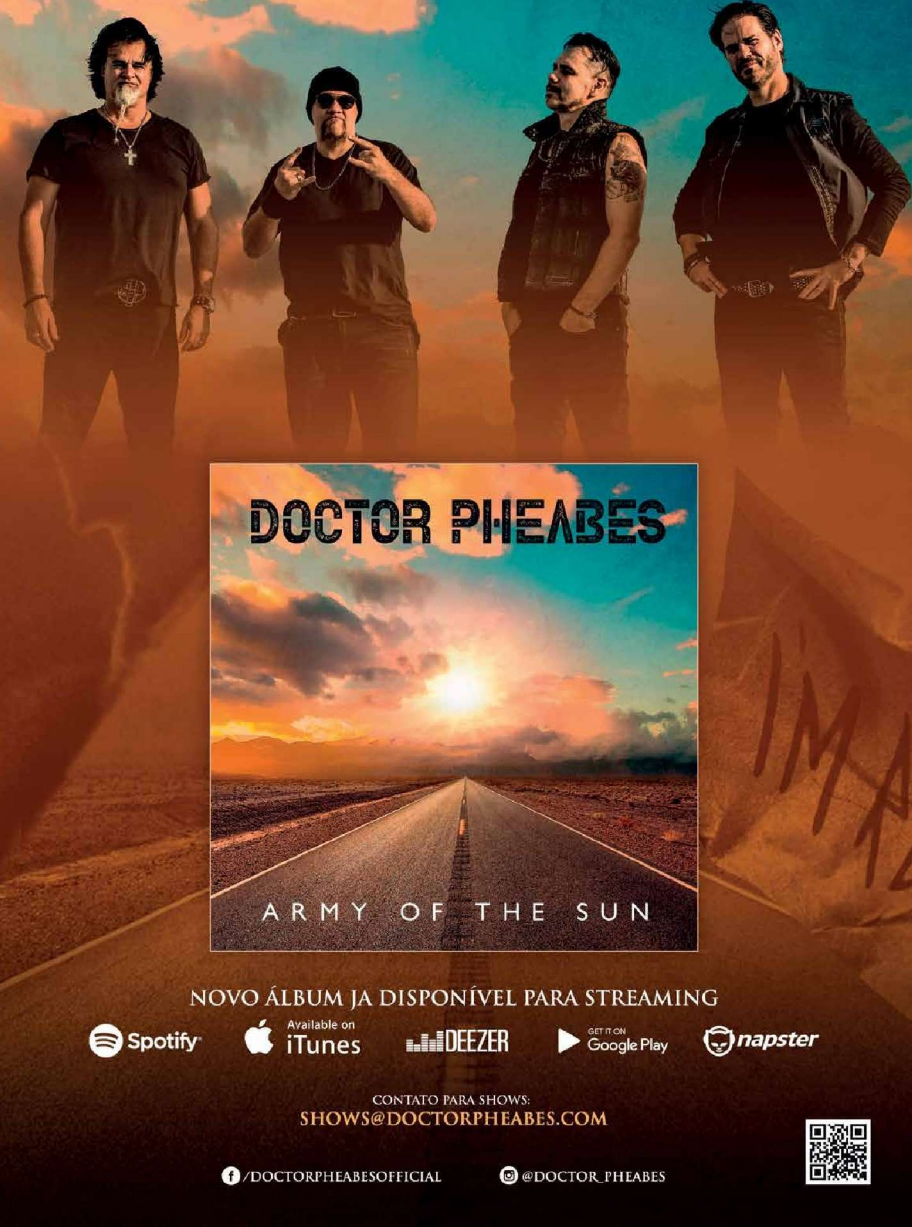
E CREW
Heavy Metal & Classic Rock
DEEP PURPLE
Deep Purple
Purple

primal fear

DEVIL'S GROUND



ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock


DOCTOR PHEABES
ARMY OF THE SUN
NOVO ÁLBUM JA DISPONÍVEL PARA STREAMING
Spotify
Available on iTunes
DEEZER
GET IT ON Google Play
napster
CONTATO PARA SHOWS:
SHOWS@DOCTORPHEABES.COM
/DOCTORPHEABESOFFICIAL
@DOCTOR_PHEABES